



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS MATEMÁTICAS DA NATUREZA
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**



**“AS REPRESENTAÇÕES IDEAIS DE UM TERRITÓRIO”: DINÂMICA ECONÔMICA E
POLÍTICA, AGENTES E A PRODUÇÃO DE SENTIDOS NA APROPRIAÇÃO
TERRITORIAL DA BAIXADA FLUMINENSE PÓS 1990.**

TESE

DOCTORADO EM GEOGRAFIA

ANDRÉ SANTOS DA ROCHA

Área de Concentração: Gestão e Organização do Espaço.

Rio de Janeiro

Março/ 2014

FICHA CATALOGRÁFICA

R672 ROCHA, André Santos da.
“As representações ideais de um território”: dinâmica econômica e política, agentes e a produção de sentidos na apropriação territorial da Baixada Fluminense / André Santos da Rocha, 2014
242 f.: il.

Tese (Doutorado em Geografia) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Geociências
PPGG, Rio de Janeiro, 2014.

Orientador: Ana Maria Lima Daou

1. Baixada Fluminense. 2 Território. 3 Representação. 4 Campos de Poder. Dinâmica Econômica e Política.– Teses.

I. DAOU, Ana Maria Lima (Orient.). II.
Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto geociências
Programa de Pós-graduação em Geografia. III. Título.

CDD:910:01

André Santos da Rocha

**“As representações ideais de um território”: dinâmica econômica e política,
agentes e a produção de sentidos na apropriação territorial da Baixada
Fluminense pós 1990.**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Geociências – CCMN, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Ciências (Geografia)

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Maria Lima Daou.

Rio de Janeiro
2014

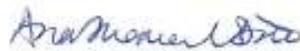
FOLHA DA APROVAÇÃO

André Santos da Rocha

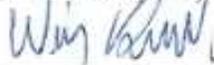
“As representações ideais de um território”: dinâmica econômica e política, agentes e a produção de sentidos na apropriação territorial da Baixada Fluminense pós 1990.

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Geociências – CCMN, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Ciências (Geografia)

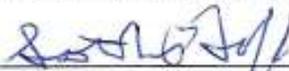
Aprovada em: 28 103 12014



Prof. Ana Maria Lima Daou, Dr.ª, PPGG-UFRJ – Orientadora.



Prof. William Ribeiro da Silva, Dr., PPGG-UFRJ



Prof. Scott William Hooft, Dr., PPGG-UFRJ



Prof. Marcos Aurélio Saquet, Dr., UNIOESTE/ PPGG-UNESP.



Prof.ª Alessandra Siqueira Barreto, Dr.ª, UFF

E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria.

(1 Coríntios 13:2)

Dedicatória

Ao Deus soberano, por tudo!

À minha esposa Jezieli, que com seu olhar, amor, paciência, e incentivo pude completar e redigi esta tese,

À Baixada Fluminense, pela constante inspiração!

Agradecimentos

A construção desta etapa é fruto da força, amor, paciência, carinho e amizade de pessoas que não podem deixar se serem lembradas. Por isso, agradeço:

Ao Deus, soberano criador, por possibilitar minha existência e me dar as condições necessárias para conclusão desta etapa.

À minha família, por todo o carinho durante esses anos. Em especial agradecimento a minha esposa Jezieli a quem devo em parte este título - a minha candidatura ao doutorado partiu de seu incentivo. Aos meus pais, Noé e Maria do Carmo, pela formação e incentivo aos estudos. Agradeço ao apoio dos meus sogros, Jeziel e Julia, e do meu irmão Cleber. Também, a gentileza da minha tia Deise e ao Dã que ajudaram na tradução de textos em inglês durante toda a tese, e na revisão final do Abstract.

À minha orientadora, Ana Maria Lima Daou, por acreditar nesta pesquisa, pela orientação, indicação de textos, questionamentos e leitura crítica deste material que ajudou a aprimorá-lo. Sem dúvida esse período ao seu lado me ajudou a crescer profissionalmente e intelectualmente. Aprendi muito com a Senhora, espero continuar aprendendo!

Ao programa de Pós-Graduação e em Geografia da UFRJ, bem como a Capes e ao CNPQ pela ajuda financeira, na realização dos trabalhos de campo, participação em congressos e eventos científicos, que possibilitaram a apresentação parcial de resultados. Essas etapas me proporcionaram o contato materiais de pesquisa e com colegas de diferentes partes do Brasil e da América Latina, que puderam enriquecer este trabalho com os diálogos feitos durante os eventos que participei.

Aos professores do PPGG/UFRJ, que em sua luta diária fazem deste programa de pós um dos mais qualificados do Brasil e no Mundo. Teço especiais agradecimentos ao professor Roberto Lobato Corrêa que muito contribuiu com esta pesquisa a partir de sugestão de leituras e indicações metodológicas, feitas ainda no primeiro ano do curso - suas palavras perduraram até as últimas páginas desta tese!

Aos professores Willian Ribeiro da Silva (UFRJ/PPGG) e Alessandra Siqueira Barreto (UFF), pela importante participação na Banca de qualificação. Suas contribuições foram decisivas para os escritos finais bem como no aprimoramento da abordagem que se apresenta aqui. À Alessandra, faço o elogio direto pela brilhante tese que produziu sobre Baixada, material com que dialoguei na construção desta pesquisa.

Ao professor Marcos Aurélio Saquet, que gentilmente fez indicações bibliográficas e cedeu-me materiais que ajudaram o corpo teórico deste trabalho. Suas sugestões foram norteadoras para as questões aqui propostas.

Aos colegas da UFRRJ, pelo apoio incentivo. Estes estão sempre na luta da construção do curso de geografia naquela instituição. Faço aqui um agradecimento especial aos colegas Regina Cohen Barros, Andrews José de Lucena, Maurilio Botelho, Guilherme Ribeiro e Lirian Melchior e Gustavo Mota, Jader dos Santos (agora professor da UFC), e Leandro Dias de Oliveira. A este último, faço agradecimentos sinceros, por ter se tornado um grande interlocutor nas pesquisas, em especial na temática da reestruturação territorial-produtiva que experimenta atualmente a Baixada. Não posso deixar de agradecer também aos alunos do curso de Geografia que dialogaram comigo durante as aulas em que apresentamos insistentemente as ideias sobre a Baixada. Em especial, agradeço ao Jefferson de Oliveira Vinco, além de ouvir muito sobre a Baixada, se prontificou a ajudar na transcrição de umas das entrevistas que seguem no anexo da tese.

Às Chefias do Departamento de Geociências e do Instituto de Agronomia e ao Programa Institucional de Capacitação Docente e Técnico-Administrativo da UFRuralRJ, que permitiram que continuasse minha formação em nível de Doutorado.

Aos amigos que atuam na História da Baixada Fluminense, sempre foram importantes referências do conhecimento desta área. Agradeço aqui, especialmente à Tânia Amaro do Instituto Histórico de Caxias, Nielson Bezerra e Marluvia Santos da APPH-CLIO (Associação de Professores e Pesquisadores da História da Baixada Fluminense). Também não poderia deixar de agradecer ao amigo José Claudio Alves (UFRRJ), que é sem dúvida uma das maiores referências em Baixada Fluminense.

Aos amigos Margaria Santana de Carvalho de Santana, Alex Lamonica Magalhães e Sidney Cardoso Santos Filho que trabalharam comigo, concomitante a tese, na elaboração do *Alma(naque) da Baixada*. Muitas de nossas discussões estão presentes implicitamente e explicitamente nesta tese. Ao amigo Sidney, mais uma vez agradeço pelas leituras críticas, indicações empíricas para as atividades de campo, muitas constam neste material, e diversas outras sugestões que permitem-nos construir “geografias” neste espaço periférico.

Ao Subsecretário de Governo de Belford Roxo, Márcio e a Secretária Executiva do CISBAF Rosângela Bello pelas entrevistas concedidas. Também agradeço à coordenação Regional I da FIRJAN que gentilmente cederam os materiais que oram são utilizados nesta tese.

Enfim, são poucas as palavras e limitadas as linhas para tecer agradecimentos a todos, peço sinceras desculpas aqueles que, sem querer, esqueci de mencionar. Sendo assim, agradeço a todos que indiretamente e diretamente ajudaram na construção deste trabalho, seja com palavras de incentivo, cessões de materiais, ou que me fizeram perguntas sobre a Baixada. Saibam: todos vocês me ajudaram na construção desta pesquisa.

LISTA DE FIGURAS

Figura A	Mapa com destaque para os municípios da Baixada Fluminense n contexto da região metropolitana do Rio de Janeiro.	24
Figura 1.1	Imagem da Baixada Fluminense sob a perspectiva geomorfológica.	35
Figura 1.2	Reportagem sobre intervenções na Baixada Fluminense nos anos de 1940.	38
Figura 1.3	Mapa da Localização da Baixada Fluminense na Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro – Brasil.	45
Figura 2.1	Mapa da Baixada Fluminense Antes das Emancipações pós 1990.	87
Figura 2.2	Mapa da Baixada Fluminense após as emancipações dos anos e 1990.	87
Figura 2.3	Mapa com Destaque para Municípios que receberam intervenções dos programas Baixada Viva/Nova Baixada	91
Figura 2.4	Fotografias presentes na difusão das ações do programa Nova Baixada em 2007. Destaque para as transformações na paisagem.	111
Figura 2.5.	Imagem com área da intervenção do projeto Iguazu	113
Figura 2.6-	Outdoor como propaganda do Governo do Estado: “Baixada – mais de 110 km de vias e rodovias asfaltadas”.	116
Figura 2.7	Busdoor como propaganda do Governo do Estado: “Baixada mais saúde para você e sua família”	116
Figura 2.8	Proposta da Transbaixada contida em material de campanha de Sergio Cabral para governador no ano de 2010.	118
Figura 2.9	Projetos de segurança para a Baixada contida em material de campanha de Sergio Cabral para governador no ano de 2010.	120
Figura 3.1	Mapa da localização das principais áreas industriais na Baixada Fluminense instaladas entre 1940 e 1980	129
Figura 3.2	Mapa do Posicionamento Logístico da Baixada Fluminense com destaque para as grandes vias de circulação	132
Figura 3.3	Propaganda da Spoleto com ênfase no pertencimento a Baixada.	136
Figura 3.4	Adesivo colocado em Carro no estacionamento de shopping da Baixada.	137
Figura 3.5	Propaganda do shopping Grande Rio com referência a Baixada	137
Figura 3.6	Slides 9 e 10 da divulgação do empreendimento Premier Flat, em Queimados com destaque para as potencialidades econômicas do município no contexto da Baixada	144
Figura 3.7	Folder de divulgação de empreendimento em Nova Iguaçu, Baixada Fluminense com destaque para o crescimento da região	146

Figura 3.8	Material de divulgação de empreendimentos na Baixada Fluminense com o indicativo “pra morar ou pra investir o melhor está aqui”	147
Figura 3.9	Material de Divulgação do Diamond Flat da Rossi, com destaque para a Baixada Fluminense e as empresas localizadas na região	148
Figura 3.10	Fotografia da propaganda da Best Western no empreendimento da Rossi Multi em Duque de Caxias	150
Figura 3.11	Perspectiva do Empreendimento Rossi Multi, com localização do prédio administrado pela Best Western a direita	151
Figura 3.12	- Slide 7 da divulgação do empreendimento Supreme Dutra. Texto expositivo que remete a localização e seu desenvolvimento econômico	152
Figura 3.13	– Slide 8 da divulgação do empreendimento Supreme Dutra. Destaque para o Arco Metropolitano e a logística da região	153
Figura 3.14	Slide 10 da divulgação do empreendimento Supreme Dutra. Destaque para localização do empreendimento e dos principais entroncamentos logísticos	153
Figura 3.15	Apresentação da área do empreendimento Fusion Work Live da Joao Fortes Engenharia em Itaguaí	157
Figura 3.16	Mapa da representação territorial da Baixada a partir da abrangência de ações das Regionais da FIRJAN.	162
Figura 3.17	Imagem difundida pela FIRJAN com espacialidade da redução com transportes destacando alguns municípios da Baixada Fluminense.	166
Figura 3.18	Mapa Impacto do custo com transportes com a implantação do Arco Metropolitano no Estado do Rio de Janeiro.	167
Figura 3.19	Imagem difundida pela FIRJAN com espacialização das estruturas logísticas na Baixada Fluminense	168
Figura 3.20	Imagem difundida pela FIRJAN apontando terrenos vazios em torno do arco metropolitano com destaques para municípios da Baixada	169
Figura 3.21	Anúncio de Galpão logístico nas proximidades do Parque Industrial de Queimados	172
Figura 3.22	Centro Logístico - PROLOGIC - da CCP – Cyrela Commercial Properties. Localizado no Km 198 Sentido RJ da BR 116 (Via Dutra	172
Figura 3.23	Imagem difundida pela FIRJAN que informa a área para chegada de fornecedores da cadeia produtiva e instalações de indústria e estocagem	174

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Comparativos do funcionamento do Campo Político e Campo Econômico que atua sobre e na Baixada Fluminense	74
Quadro 2	Distribuição do Voto de Luiz Lindberg Farias - eleição de 2010 (PT/Cargo de Senador).	101
Quadro 3	Comparativo do Percentual de votos válidos obtidos em municípios da Baixada na candidatura de Sergio Cabral ao Governo Estadual nas eleições de 2006 e 2010.	122
Quadro 4	Principais Empreendimentos do Segmento Hoteleiro, Residencial e Salas Comerciais e suas Incorporadoras na Baixada	143
Quadro 5	Quadro Síntese das propostas e intenções do Sistema FIRJAN no Documento “Visões de Futuro”.	175

LISTA DE ABREVIATURAS

BGARJ	Bolsa de Gêneros alimentícios do Rio de Janeiro.
CEPERJ	Centro Estadual de Estatísticas, e formação de Servidores Públicos do Rio de Janeiro.
CIERJ	Centro Industrial do Estado Do Rio de Janeiro.
CISBAF.	Consórcio Intermunicipal de Saúde da Baixada Fluminense.
COMPERJ	Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro.
IEL	Instituto Elvaldo Lodi.
FIRJAN	Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro.
FNM	Fabrica Nacional de Motores.
FUNDREM	Fundação para o Desenvolvimento da Região Metropolitana do Rio de Janeiro.
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDHM	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal.
PBV	Programa Baixada Viva
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento.
PSB	Partido Socialista Brasileiro.
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira.
PT	Partido dos Trabalhadores
PMBD	Partido do Movimento Democrático Brasileiro.
REDUC	Refinaria de Petróleo de Duque de Caxias.
SEDEBREM	Secretaria de Desenvolvimento da Baixada Fluminense e Região Metropolitana.
SESI	Serviço Social da Indústria.
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial.
TRE-RJ	Tribunal Regional Eleitoral do Rio de Janeiro.
TSE	Tribunal Superior Eleitoral.

RESUMO.

ROCHA, André Santos da. **“As representações ideias de um território”**: dinâmica econômica e política, agentes e a produção de sentidos na apropriação territorial da Baixada Fluminense pós 1990. TESE (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

Neste trabalho apresentamos as questões que envolvem a produção de novos sentidos para Baixada Fluminense que estão diretamente relacionadas com sua apropriação territorial. Conhecida como uma área marcada pela pobreza, miséria e violências social, têm experimentado transformações profundas diante de novas dinâmicas econômicas e políticas que emergem após os anos de 1990. Ao seu turno, a Baixada Fluminense passou a estar presente nos discursos de agentes do campo econômico e do campo político. Esses agentes difundem novas representações, atreladas as noções de desenvolvimento, progresso, e mudança social, que servem como estratégias na legitimidade de apropriação do território, assegurando “*territórios de produção e consumo*” e “*territórios eleitorais*”. Assim, a Baixada espelha uma “*representação ideal de um território*”. O território é entendido como uma categoria central e interpretando sua multidimensionalidade, que envolve a construção material e imaterial, por isso entendemos que as representações fazem parte da produção social e política dos territórios, por indicar as estratégias de apropriação dos agentes que compõem os diferentes campos de poder. Por isso, aponta-se a necessidade da desnaturalização da Baixada Fluminense, para entendê-la como uma categoria social/espacial que é apropriada por estes agentes na difusão de novos sentidos.

Palavras Chaves: Baixada Fluminense, Território, Representação, Campos de Poder, Dinâmica Econômica e Política.

ABSTRACT

ROCHA, André Santos da. **“As representações ideias de um território”: dinâmicas econômica e política, agentes e a produção de sentidos na apropriação territorial da Baixada Fluminense pós 1990.** TESE (Doutorado em Geografia). Programa de pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

In this research we introduce the issues that surround the production of new meanings to Baixada Fluminense that are directly related with its territorial appropriation. Known as an area marked by poverty, misery and social violence, it has been facing deep changes toward new economics, political dynamics that emerge after 1990. On the other hand, Baixada Fluminense now present in speeches by agents of economic and political field. These agents diffuse new representation linked to notions of development, progress and social changes (transformations), serving as strategies in the legitimacy of territorial appropriation, ensuring “territories of production and consumption” and “electoral territory”. This way Baixada reflects an ideal territory representation. The territory is understood as a central category and interpreting its multidimensionality, which involves the material immaterial construction, for this reason we understand that the representations are part of the social and political construction of territories, through indicating the strategies of appropriation of agents that comprise the different fields of power. Therefore it aims the necessity to denaturalize Baixada Fluminense, to grasp it as a social / spacial category that’s appropriate for these agents in the diffusion of new meanings.

Key Words: Baixada Fluminense, Territory, Representation, Field of Power, Economic and political dynamics.

RESUMEN

ROCHA, André Santos da. **“As representações ideias de um território”**: **dinâmica econômica e política, agentes e a produção de sentidos na apropriação territorial da Baixada Fluminense pós 1990**. TESE (Doutorado em Geografia). Programa de pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

En este trabajo presentamos los temas que involucran la producción de nuevos sentidos para la Baixada Fluminense que están directamente relacionados con su apropiación territorial. Conocida como una zona marcada por la pobreza, la miséria y la violencia social, ha experimentado profundos cambios frente a las nuevas dinámicas económicas y políticas que emergen después de los años 1990. Por su parte, la Baixada Fluminense ahora hace presente en los discursos de los agentes del campo económico e del campo político. Estos agentes difunden nuevas representaciones vinculadas a las nociones de desarrollo, progreso, y cambio social, que sirven como estrategias en la legitimidad de la apropiación del territorio, asegurando “territorios de producción y consumo” y “territorios electorales”. Por lo tanto, la Baixada Fluminense refleja una “representación ideal de un territorio”. El territorio es una categoría central y interpretado en su multidimensionalidad, que involucra su construcción material y inmaterial, por esto creemos que las representaciones hacen parte de la producción social y política de los territorios, por indicar las estrategias de apropiación de los agentes que componen los diferentes campos de poder. Así, apunta a la necesidad de desnaturalización de la Baixada Fluminense, para entenderla como una categoría social/espacial que es apropiada por los agentes en la difusión de nuevos sentidos.

Palabras claves: Baixada Fluminense, territorio, representación, campos de poder, dinámica económica y política.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	19
CAPÍTULO I - A BAIXADA FLUMINENSE – O TERRITÓRIO E SUA REPRESENTAÇÃO.....	31
1.1 PRESSUPOSTOS PARA PENSAR A BAIXADA FLUMINENSE COMO UMA CATEGORIA ANALÍTICA.....	32
1.1.1 <i>A desnaturalização da Baixada.....</i>	<i>33</i>
1.1.2 <i>A Representação Hegemônica – Baixada Fluminense como representação do urbano metropolitano fluminense.....</i>	<i>44</i>
1.2 A GEOGRAFIA POLÍTICA DAS REPRESENTAÇÕES – A PRODUÇÃO DE SENTIDOS E O TERRITÓRIO NA BAIXADA.....	50
1.2.1. <i>As Representações como uma moeda Fiduciária dos agentes na produção do território.....</i>	<i>52</i>
1.2.2. <i>Território como Materialidade e Representação – opções de uma metodologia.....</i>	<i>58</i>
1.3 A NOÇÃO DE CAMPO DE PODER – APRESENTAÇÃO DO CAMPO POLÍTICO E DO COMPO ECONÔMICO.....	65
CAPÍTULO 2 – DINÂMICAS POLÍTICAS, AGENTES E SUAS REPRESENTAÇÕES PARA BAIXADA.....	78
2.1 – TERRITÓRIO E NEGOCIAÇÕES POLÍTICAS – A BAIXADA, UM TERRITÓRIO “IDEAL” NA VIDA POLÍTICA FLUMINENSE.....	81
2.2. ASSOCIAÇÃO DE PREFEITOS, ARTICULAÇÕES LOCAIS E O PROBLEMA DE SUA REPRESENTAÇÃO - DA GEOGRAFIA DO VOTO AOS PLEITOS INSTTUCIONAIS DO CISBAF.....	94

2.2.1. <i>A Geografia política do Voto na Eleição de Lindberg Farias para o Senado – Um exemplo.....</i>	100
2.2.2. <i>A CISBAF como espelho da Associação de Prefeitos - desenhando novos sentidos para a Baixada?</i>	103
2.3. O GOVERNO ESTADUAL COMO UM IMPORTANTE AGENTE PRODUTOR DE SENTIDOS PARA A BAIXADA.	109
2.3.1. A “Gestão Cabral” - Os sentidos para a Baixada e seus efeitos na cartografia Eleitoral.....	115
CAPÍTULO 3 – AS DINÂMICAS ECONÔMICAS, AGENTES E SUAS REPRESENTAÇÕES PARA A BAIXADA.....	124
3.1. A REESTRUTURAÇÃO ECONÔMICA DA METRÓPOLE E SEUS SENTIDOS PARA A BAIXADA – NOVAS REPRESENTAÇÕES IDEAIS DE TERRITÓRIOS DE PRODUÇÃO E DE CONSUMO”	125
3.2. O MERCADO IMOBILIÁRIO - PRODUZINDO NOVOS SENTIDOS PARA A BAIXADA.	139
3.3. O SISTEMA FIRJAN COMO REPRESENTAÇÃO DO CAPITAL INDUSTRIAL – OS SENTIDOS DE PROGRESSO PARA A BAIXADA.....	159
<i>CONSIDERAÇÕES FINAIS: “Novos Sentidos da Baixada Fluminense – Pra quem serve?.....</i>	<i>180</i>
REFERÊNCIAS.....	189
ANEXO.....	204

APRESENTAÇÃO

O pensamento é como águia que só alcança voo nos espaços vazios do desconhecido. Pensar é voar sobre o que não se sabe. Não existe nada mais fatal do que o ensino das respostas certas(...) As respostas nos permite andar sobre terra firme. Mas as perguntas nos permitem entrar pelo mar desconhecido.

(Rubem Alves. *Pensar*. In *Conversas sobre educação*, 2003, p.56)

Iniciamos esta tese, com esta epígrafe por acreditar que ela nasceu do encontro de muitas respostas. Embora, busque-se apontar respostas, esse trabalho, é fruto de inquietações que surgiram ao longo de mais de 10 anos de pesquisa sobre a Baixada Fluminense, que permeou toda minha formação em Geografia e minhas experiências vividas num espaço que se tornou o próprio objeto de pesquisa.

Uma de tantas inquietações era entender algo, ainda não tão claro desde à época de minha graduação – talvez até o início do Doutorado, relacionado ao uso pelo senso comum da noção de Baixada Fluminense, como algo “tão natural”. Era clara a evidência de que não havia correspondência entre o nome e seus limites fisiográficos. Esse termo, atualmente adjetivado remete a uma representação hegemônica¹ de pobreza, miséria e violência, que se espacializava, caracterizando, então a área na qual nasci, moro, trabalho e, atualmente, pesquiso (parte da porção central e oeste da periferia urbana metropolitana fluminense).

¹ É importante salientar que partimos do pressuposto de que não há uma representação, mas várias representações. Tais ideias estão contidas na obra de Henri Lefebvre (2006) intitulada *la presencia y la ausencia – contribucion a la teoria de las representaciones*. Neste sentido, lembramos que o que se verifica sobre a área em questão é a existência de outras representações que não possuem a mesma *força* que a apresentada. Também é importante que escolhamos o termo “Hegemônica”, quase em uma alegoria da ideia de Cultura Hegemônica trabalhada por Raymond Willians calcado por uma concepção de Gramsciana, onde a cultura hegemônica é aquela que persiste e sobressai sobre as demais, pensando aí uma relação de rivalidade entre culturas de poder. Assim, a palavra hegemônica é traduzida como aquela que conseguiu maior legitimidade de representação diante das correspondências das práticas materiais e imateriais na produção territorial da Baixada.

Durante muito tempo isso me incomodou – porque as pessoas não veem um problema nisso? O que essa naturalização esconde? O que se escondia sob a ideia de Baixada Fluminense?

A segunda inquietação, que é concomitante a primeira, foi pensar de que forma, no campo da ciência geográfica, eu poderia entender essa questão e, especialmente, indicar quais seriam as consequências atuais disto. Que conceitos? Como operacionalizar um estudo que contemple algo tão imbricado no fazer cotidiano, social, político e econômico fluminense?

Somadas às inquietações internas, soavam alguns fatos. Por exemplo: diferentes agentes afirmavam a Baixada Fluminense como algo distinto, qualificando-as, por outra esta área não era concebida como entidade regional legitimada por um órgão, sendo concebida por vezes como parte da região metropolitana do Rio de Janeiro. Ou sejam eram diversificados os usos e apropriações do termo.

Algo curioso, que poderia acrescentar, foi ao perceber, em muitos trabalhos, que tentavam falar sobre determinado fenômeno na Baixada Fluminense, traziam capítulos que indicavam seus “limites”, “definições”, “conceituações”. Mesmo que o objetivo principal não fosse discutir os seus limites, definições e conceituações. A Baixada aparecia como algo nebuloso, escorregadio, de difícil compreensão, como, por exemplo, de seus limites espaciais tão falados nas partes iniciais de muitos textos, que são importantes referências para compreender essa área.

Pensando, em minha trajetória de pesquisa, foi ainda durante o curso de Mestrado (2007-2009) na Universidade Federal Fluminense - UFF, que procurei entender a dificuldade e a insistência em pensar onde iniciava e onde terminava a Baixada Fluminense. Na ocasião considerei apropriada a ideia de que os limites estavam diretamente associados ao conceito Território. A concepção de território que emergia após os anos de 1990 apontava artifícios importantes no trato de questões que escapavam, diante da multidimensionalidade deles (HAESBAERT, 2004; SAQUET, 2007). Por exemplo: dos agentes que produzem o território, questão para além da figura do Estado; da lógica de entendimento - O que vai do zonal aos territórios em rede; e da filiação imbricada da dimensão material e imaterial que compõe o território. Face a estas questões, a noção de representações foi incorporada para pensar o imaterial e o material na composição do território.

Naquele estudo, percebi que um dos problemas centrados na imprecisão dos limites territoriais da Baixada Fluminense estava no estatuto de sua representação. Em especial aquela dita hegemônica, que fazia com que a imagem da Baixada fosse associada diretamente aos Municípios, por correspondência. Quando essa imagem trazia prejuízos às práticas econômicas e projeções políticas de alguns deles, logo tentavam se desfiliar da Baixada, lançando mão de *trunfos de legitimidade territorial*. Essa noção corresponde a capacidade de operacionalizar correspondências materiais (posição, topografia, paisagens, etc) e imateriais (invenção de tradição, práticas culturais, histórias) que permitem aos municípios se incluir em outras composições. Construindo uma *Geopolítica da Inclusão-Exclusão*. Ou seja, ora estavam na Baixada, ora estavam em outra região (ou bloco territorial).²

Todavia, aquele estudo ainda deixava lacunas quanto aos novos sentidos que emergiam após os anos de 1990 quando percebia a emergência de novos significados atribuídos à noção de Baixada. Notava que havia “ares” de “progresso”, “desenvolvimento”, “crescimento econômico” que se “naturalizavam” em discursos de agentes diversos. Fui percebendo que a Baixada ganhava conotações de diferenciação qualificada no que tange sua produção material e imaterial, que escondiam algo.

Tanto para Guy Di Meó (2001) quanto para Henri Lefebvre (1974) a “qualificação” de espaços, referenda um engendramento social que permeia práticas e representações. A qualificação empregada à Baixada Fluminense construída em sua produção territorial ao longo do século XX serviu para consolidá-la no imaginário e nos discursos dos diferentes agentes no contexto do estado do Rio de Janeiro.

Durante os anos de 1990, uma série de eventos marcaram a Baixada: fragmentação e emergências de novos municípios, criação de articulações regionais de cunho político eleitoral, novas institucionalidades, aumento de fluxos de investimentos públicos e privados, demandas oriundas da reestruturação-territorial produtiva. Contextualizadas em dinâmicas econômicas e políticas que reificavam cada vez mais a existência desta área como um fenômeno singular.

² Como exemplo, mencionamos na dissertação de mestrado os casos de Itaguaí, Paracambi e Guapimirim, que por possuir proximidades (trunfos de legitimidade territorial) que legitimavam a inserção, respectivamente na costa verde, região do vale do café e da Serra Verde imperial. A maior parte da justificativa buscavam da desfiliação da Baixada ocorria para não prejudicar as práticas econômicas do turismo.

Minhas inquietações afloravam novamente: o que se esconde sob o termo Baixada? O que está e jogo, nessa naturalização? da Baixada? Como operacionalizar um estudo em geografia que contemple algo tão imbricado no fazer do cotidiano social, político e econômico fluminense?

Todavia, durante uma reunião de orientação, quando falávamos dessas inquietações uma pergunta da Ana Maria Daou foi fundamental para o direcionamento deste trabalho: “Se a Baixada não é legalmente reconhecida, em que outros “mapas”³ ela ganha significado? Como o melhor é fazer perguntas e não dar respostas, fui instigado a pensar nisto e buscar elementos para apontar de fato que é no campo econômico e no campo político que a Baixada é colocada como centro do “mapa”.

No anseio de encontrar respostas para essas questões percebi a importância da análise dos estudos territoriais a partir do binômio território-representação. A produção territorial se coloca de forma híbrida-multidimensional (SAQUET,2011), envolvendo elementos tanto de base material quanto imaterial. Desse modo, não poderia aferir apenas no cerne dos estudos geográficos as explicações e a operacionalização deste estudo que passava, indubitavelmente pela desnaturalização da Baixada e o que ela esconderia – as lógicas particulares de apropriação material e imaterial.

Por isso, a geografia que se apresenta nos escritos desta tese é, de fato, um conhecimento feito no limiar de sua fronteira⁴ com as ciências sociais que se desenhou na tentativa de aferir a seguinte tese: a Baixada Fluminense se constitui como uma representação “ideal” de um território e tem seus sentidos (re) construídos após 1990 a partir das dinâmicas políticas e econômicas em curso e do jogo de interesses de agentes que cercam sua apropriação.

Está no cerne do desdobramento desta pesquisa a produção território e de sua apropriação a partir da produção de sentidos contido nas diferentes representações. Por isso, foram importantes as reflexões sobre a operacionalização do território, com leituras importantes

³ Oportunamente, nos permitimos colocar entre aspas o termo mapa, pois o sentido que ganha não é o de bases cartográficas, mas de pautas de visões, projetos e plataformas discursivas.

⁴ Esse pensamento de fronteira que é comentado por Guilherme Ribeiro (2013), em “*geografia, fronteira do mundo*” aponta a necessidade de um olhar para dentro da construção epistemológica da ciência e de redescoberta de seus limites, como fundadores de visões de mundo. Muitos desses limites estão no limiar com as demais ciências.

de Claude Raffestin, Rogério Haesbaert e Marcos Aurélio Saquet, entre outros. E também um maior aporte de geógrafos que tratam as representações como forma de apreensão de fenômenos geográficos como Antony Bailly, Jean Paul Volle, Yves André, Jean Paul Guerín. Sobre a Baixada Fluminense não poderíamos deixar de mencionar os clássicos da geografia fluminense: Alberto Lamego, Pedro Pinchas Geiger, Maria Segada Soares e, o mais o contemporâneo Manoel Ricardo Simões.

Todavia, seguindo um pensamento de *fronteira*, não se poderá negar a forte influência de uma gama de autores não geógrafos que com suas contribuições no campo da sociologia e antropologia, ajudaram a construir, aportes para a investigação proposta neste trabalho. Quanto à desnaturalização da Baixada, os escritos de Ana Lucia Enne (2002) Alessandra Barreto(2006) e de José Claudio Alves (1998) foram importantes referências para considerar a Baixada como uma categoria social/espacial. Do mesmo modo as contribuições de Henri Lefebvre (2006), Michel De Certeau (2010) e, especialmente, de Pierre Bourdieu (2007;1983) foram primordiais para sustentar argumentos teóricos-metodológicos. Deste último, trazemos a noção de *campos de poder*, que serviu como elemento norteador para mapear as ações e representações dos agentes que estão inseridos no campo econômico e no campo político na Baixada Fluminense.

Foi considerado prioritário o entendimento da atuação dos seguintes agentes: Campo político – Associação de prefeitos da Baixada e o Governo Estadual; Campo Econômico: os Agentes do Mercado Imobiliário (em especial as Grande Incorporadoras) e o Sistema FIRJAN. A escolha destes agentes se deu diante da posição que eles ocupam dentro dos seus respectivos campos de poder e por possuir maior capacidade de difusão de representação.

É necessário sinalizar que estaremos trabalhando com o que Manoel Simões (2012) Chama de “Baixada ampliada”, que corresponde aos municípios oriundos da fragmentação territorial de Nova Iguaçu e do extinto município de Estrela (Belford Roxo, Duque de Caxias, Japeri, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, Queimados e São João de Meriti), mais os municípios de Magé, Guapimirim, Seropédica, Itaguaí e Paracambi (ver figura 1). A escolha desses municípios deve-se ao recorte político de intervenção utilizado pelo governo de estado e pela composição da associação de prefeitos da Baixada.

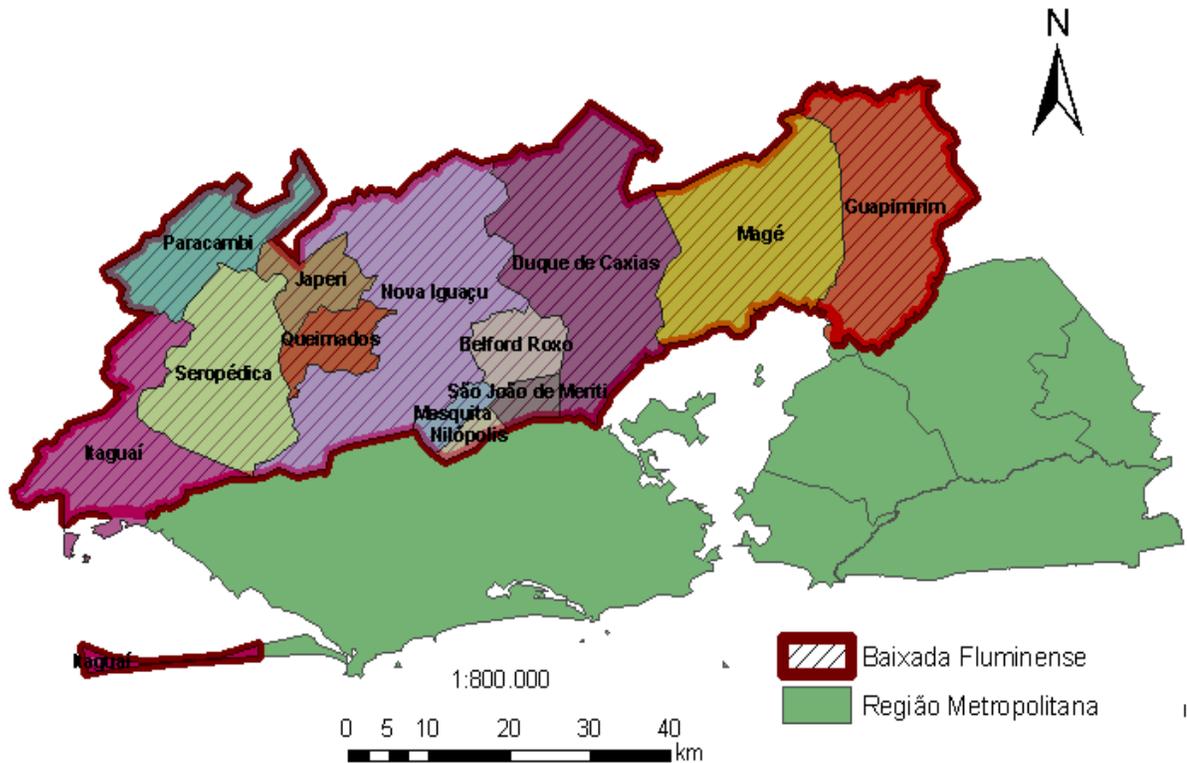


Figura A – Mapa com destaque para os municípios da Baixada Fluminense n contexto da região metropolitana do Rio de Janeiro. (org. autor)

É importante afirmar que a escolha do recorte espacial em tela não desconstrói a ideia de trabalhar a Baixada como uma categoria social, mas nos permitiu metodologicamente operar com uma abrangência de pesquisa com entrevistas e da coleta de materiais diversos difundidos por agentes que atuam nesta área. Neste sentido, foram analisados, materiais de divulgação eleitoral ou comercial (*outdoor*, *busdoor*, folders, cartilhas) dos agentes atuantes nos campos político e econômicos. Também foram analisados discursos veiculados em reportagens, e referências à Baixada na imprensa escrita e em suas diferentes mídias (em especial na mídia impressa e em seu formato *on-line*) que envolvam os agentes ou dinâmicas em curso. A análise do material foi feita considerando cinco parâmetros por nós sistematizados com base na releitura dos trabalhos sobre representações de Bailly (1995), Gumuchian (1991), Lefebvre (2006), Moscovici (1984) e Jodelet (1989); Gil Filho (2005):

[a] quem fala - corresponde ao mapeamento dos agentes que promovem as representações; [b] como fala - relaciona-se aos meios utilizados para promover as representações e os sentidos empregados; [c] em que sentido fala - trata-se do sentido da

representação; de que forma se fala?; [d] de onde fala - esse revela a posição de onde se fala, entendendo-a numa relação de poder, “lugar de enunciação”; e [e] força, difusão e intensidade da representação – corresponde a parâmetros dimensionais que as representações possuem, que de certo modo, estão relacionadas aos outros parâmetros.

Concomitantemente à análise do material produzido pelos agentes destacados anteriormente, também mapeamos informações em entrevistas abertas concedidas pelos prefeitos, durante os eventos públicos, e pelo subsecretário de governo de Belford Roxo e a Secretaria Executiva do CISBAF.

Destacamos que as entrevistas realizadas se deram no modelo “formal e informal”. Este foi um dos grandes desafios enfrentados, no decorrer da pesquisa em decorrência das vicissitudes do campo político marcado por um lado, pelo calendário eleitoral de 2012, bem como pela recomposição das prefeituras no início de 2013 e por outro pela especificidade da estrutura política restritiva quanto ao acesso as informações⁵.

As entrevistas, no modelo formal, são àquelas estruturadas e que compõem os anexos desta tese. Delas foram extraídas questões pensadas para identificar ações sobre a associação de prefeitos e da CISBAF, sendo consideradas como registros. Destacadamente feitas com a Subsecretária executiva do CISBAF e com o Subsecretário de Governo de Belford Roxo⁶.

Aquela que chamamos de “informais” se referem a falas rápidas, coletadas com prefeitos e representantes de prefeituras durante os eventos organizados sobre o futuro da Baixada, intitulado “visões de Futuro”, ocorridos em agosto e outubro de 2011, que se mostram importantes dados uma vez que estavam dispostos em um lugar de enunciação entre os pares (campo político) e defronte a agentes do campo econômico (FIRJAN) [vide anexos sobre estrutura dos eventos].

⁵ Exemplo que na tentativa de agendamento das entrevistas ou mesmo em incursões diretas, por várias vezes, fomos perguntados se era da parte do ministério público federal ou de algum Jornal.

⁶ Depois de inúmeras tentativas de realizar entrevistas formais com vários prefeitos, fomos redirecionados a este por intermédio, respectivamente do prefeito de Nova Iguaçu, Nelson Bourmier e de Belford Roxo, Denis Dauttman.

No que tange as dinâmicas econômicas e políticas foram utilizados dados e informações do IBGE, CEPERJ, TRE-RJ, TSE, FIRJAN, CISBAF, PNUD, bem como foram analisados documentos e planos de ação dos agentes políticos e econômicos. Ainda no que tange ao entendimento destas novas dinâmicas, as referências bibliográficas foram importantes na identificação de eventos que consolidam o contexto dos anos de 1990 como marco na difusão de novos sentidos e das dinâmicas econômicas e políticas em curso.

Diante do exposto, para não faltar às perguntas, o texto que se segue, está estruturado para responder as seguintes questão e sub-questões:

Questão central:

- Em que medida as dinâmicas políticas e econômicas que marcam a Baixada após os anos de 1990, somadas às representações produzidas pelos agentes que compõem esses *campos de poder*, revelam a produção e apropriação de novos “Sentidos” para a Baixada, delineando-a como um território que possui uma representação ideal?

Sub-questões:

- De que forma esses “novos sentidos” influenciam lógicas de produção e apropriação material e imaterial da Baixada?
- Até que ponto essas questões colocam a “Baixada” como um trunfo que ganha projeções, em escala regional, no Estado do Rio de Janeiro?
- De que forma a produção de sentidos dos agentes do campo econômico e do campo político se imbricam na apropriação da “Baixada”?

Para contemplar às questões norteadoras o trabalho está estruturado em três capítulos e mais as considerações finais.

No capítulo 1, que tem como título “*Baixada Fluminense: território e sua representação em questão*”, apresentamos a concepção de Baixada Fluminense, demonstrando a necessidade de

desnaturalizá-la. Ao fazermos um recorte sobre sua produção territorial demonstramos como a Baixada Fluminense, de recorte fisiográfico passa a denominar porções oeste da periferia urbana da metrópole fluminense. Isso está associado na construção da representação hegemônica da Baixada que é concomitante à incorporação da porção oeste da Baía de Guanabara na expansão urbana da metrópole fluminense. Outrossim, indicamos em concordância com autores que trataram da temática da Baixada Fluminense (ENNE, 2002; ALVEZ, 1998) que devemos considerar o papel de diferentes agentes: entres eles a mídia, as elites locais e os governos como importantes difusores da representação de violência para a região.

Ainda neste capítulo, são destacadas as filiações teóricas que sustentam o binômio território-representação, fazendo uma apresentação sobre sua possibilidade de operacionalização. Este capítulo reporta as bases constituintes na noção de território mencionando uma gama de autores entre eles Claude Raffestin, Rogério Haesbaert, Marcos Aurélio Saquet, Guy Di Meo entre outros. Também é resgatada a importância da contribuição de Claude Raffestin no que tange a concepção da representação como moeda fiduciária. Indicamos que a produção de representações está diretamente imbricada numa geografia política, que, por isso, deve ser analisada dando ênfase às estratégias de apropriação por parte dos agentes que compõem o campo de poder, onde a produção de sentidos é uma destas formas de apropriação imaterial. Essa noção também é discutida nesta parte da tese e se dá no resgate das contribuições de Pierre Bourdieu, onde é possível apresentar os campos de poder que concorrem na Baixada Fluminense, bem como apresentar a os sentidos que são produzidas pelos agentes que se situam no campo econômico e no campo político, assim como as propriedades e interesses que regem seu funcionamento.

Os capítulos 2 e 3 foram concebidos, tendo em vista o levantamento e a compreensão dos marcos que nos anos de 1990 promovem a produção de novos sentidos para a Baixada. Buscamos ainda, apresentar, de forma mais minuciosa, o funcionamento dos campos de poder e das estratégias destes agentes no campo político e no campo econômico.

O capítulo 2, intitulado “*Dinâmicas Políticas, agentes e suas representações para a Baixada*”, tem o propósito de apresentar como a Baixada é transformada em território a partir da articulação política por parte dos agentes que compõem esse campo. São elencados “eventos” no

campo político que evidenciam os marcos temporais propostos. São eles: as emancipações municipais e os associativismos políticos entre os políticos locais e o governo estadual.

Também é mostrado como a propriedade dos campos de poder, o “capital específico” - que remete a fama e prestígio -, está relacionada à apropriação material e imaterial da Baixada. As ações que ligam personagens políticos e o território, permitem ver como ela, enquanto uma categoria social, é agenciada e é transformada em território afim de contribuir com as estratégias políticas, servindo como territórios do voto, que é exemplificada tanto a partir dos votos para Senador de Lindberg Farias quanto para Governador de Sergio Cabral Filho, ambas durante as eleições de 2010. Essa *geografia dos votos* é a materialização de como as estratégias de tentativa de filiação e da alimentação de sentimentos “pró” Baixada propuseram como ganhos de recurso de uma região geopoliticamente importante no contexto eleitoral do Rio de Janeiro - por representar cerca de 36% do eleitorado do Estado.

A Baixada Fluminense se revela tão importante que atualmente alimenta possibilidades de novas institucionalidades, como é exemplificada na criação do CISBAF – visto aqui como espelho da associação de prefeitos da Baixada. Hoje esse consórcio, que se compõe a partir de reivindicações sobre a representação de um “território-representação” de uma “região da Baixada”, tem capacidade de influenciar na seletividade espacial das políticas públicas na área da saúde. Ao seu turno, o Governo Estadual como importante agente produtor de território, coaduna na construção de novo sentidos para a Baixada construindo políticas setorializadas e específicas, além de fomentar e participar da criação de infraestruturas que viabilizariam as novas dinâmicas econômicas. Destaca-se, a execução de projetos como o Nova Baixada, Projeto Iguaçu e o Arco Metropolitano. Este último vem se tornando um importante vetor de transformações territoriais e também é apropriado pelos agentes do campo econômico.

Já o capítulo 3, intitulado “*Dinâmicas Políticas, agentes e suas representações para a Baixada*”, busca, por sua vez, os elementos que agregam os novos sentidos da Baixada Fluminense que é substanciado pela reestruturação territorial-produtiva que experimenta a metrópole fluminense e fundamenta novos indicadores econômicos para região, e, também, a ação dos agentes que estimulam a difusão de novas representações para a Baixada ao aproveitar os rumos do progresso e do desenvolvimento influenciando diretamente sobre a base material e

imaterial do território. Neste ensejo, são apresentadas como esses “novos sentidos” são difundidos com maior força pelos agentes do mercado imobiliário – a partir das empresas atuantes no setor; e por agentes do capital industrial - representados aqui pela FIRJAN. Neste capítulo, ainda são aproveitadas as referências de geógrafos franceses que destacam a relação entre geografia econômica e representação, tais como Jean Paul Volle, Yves André e Jean Paul Guerin, evidenciam, com bastante clareza, que as estratégias de propaganda e marketing utilizam as referências territoriais para legitimar um *marketing territorial* e garantir, o que chamamos de consolidação de *territórios de produção e consumo*.

Esses territórios de produção e de consumo se consolidam na adoção de medidas mais duras que imputam lógicas outras na apropriação material do território. Elaboração de planos, seminários, propostas e barganhas econômicas estão entre as estratégias de pleito na consolidação deste território. Ao seu turno, o Estado na figura dos municípios e do governo estadual, necessitam rever leis orgânicas municipais, o zoneamento urbano e revisão de planos diretores, a fim de permitir a construção deste tipo de território.

Outrossim, destacamos especialmente as ações do mercado imobiliário atuante na Baixada Fluminense, difundindo essa novas representações arraigadas na ideia de fomentar uma rede hoteleira capaz de se sustentar em torno do turismo de negócios. A ideia ganha tamanha força que grupos internacionais estão associados aos investimentos da região, trazendo selos “mundiais, tais como o *Mercurie* do grupo *Accord*; *Best Western*, e os selos *Confort Inn* e *Quality Inn* da *Choices Hotels*, que é administrado no Brasil pela *Atlântica Hotels*. É importante destacar que além da difusão de propagandas em diferentes mídias, a simples forma de investimento na região, alimenta as bases desta nova representação. Pois o mercado imobiliário vende espaço e sua representação.

A fim de dar conta do capital industrial, importante agente no campo econômico, são apresentadas as ações que o Sistema FIRJAN desenvolve no que tange as perspectivas de desenvolvimento regional. Este agente, propaga suas representações por meio de estudos, pesquisas, planejamento de ações e seminários que discutem o desenvolvimento da Baixada. São destacados os seminários “Visões de Futuro” realizados durante o ano de 2011, que apresentavam alternativas de aproveitamento da “marcha do progresso” que se desenha diante do

posicionamento logístico ímpar em que se situa a Baixada, em especial diante da instalação do Arco Metropolitano. São taxativas as menções concernentes à ocupação de áreas para as novas indústrias que se instalarão na região, sendo uma condição necessária para esse agente o “controle dos territórios”, frente “à ocupação desordenada”. Esse controle é o que viabilizaria pensar os *territórios de produção* que se consolidaram frente à uma nova geografia da indústria que se desenha diante de um cinturão químico-farmacêutico-petrolífero.

Por fim, nas considerações finais, que trazem como subtítulo “*Os novos sentidos da baixada – a quem serve?*” traçamos o balanço das ações desenvolvidas em ambos os campos de poder, destacando que a Baixada Fluminense se mostra como uma grande interseção de interesses. Apresentamos que os novos sentidos nucleados pelo progresso e o desenvolvimento são, na realidade, estratégias que permitem tais agentes legitimar a criação de seus territórios. A rebote, mostramos que a dita representação hegemônica não conseguiu ser suprimida e que muitas tensões ainda estão presentes na base material territorial da Baixada.

Entendemos que esta organização foi fundamental para podermos nos aproximar com mais propriedade das estratégias destes agentes que têm no *lócus* da produção de novos sentidos da Baixada, sua estratégia de transformá-la em uma representação “ideal” de um território, e assim apropriar-se de sua dimensão material e imaterial.

Ainda, sinalizamos que diante da análise de representação utilizamos muitas “representações” que foram produzidas pelas agentes em análise e retiradas das fontes de pesquisa. Muitas destas buscam representar a partir de usos de mapas e imagens de satélite a Baixada Fluminense. Por isso, destaca-se que a qualidade gráfica ou o uso de técnicas de produção de mapas não são consideradas como elementos primazes da análise, mas sim os sentidos indicados por essas “representações” em seus respectivos contextos.

CAPÍTULO 1 – BAIXADA FLUMINENSE: O TERRITÓRIO E SUA REPRESENTAÇÃO.

O presente capítulo tem por objetivo apresentar a concepção da Baixada Fluminense que norteia a análise desta tese de doutorado, pensando-a a partir do binômio território - representação. A construção deste capítulo é fruto da confluência do resgate teórico e bibliográfico da temática sobre território e representação, e dos apontamentos metodológicos construídos para entender a apropriação e a produção de novos sentidos para a Baixada. É destacado o mapeamento dos agentes envolvidos e a delimitação dos respectivos campos de poder: político e econômico. Por seu turno, apontamos como um dos eixos centrais desta tese que a Baixada se constitui como uma representação “ideal” de um território que tem seus sentidos redefinidos, de acordo com as intencionalidades dos agentes que fazem parte dos campos de poder econômico e político. A expressão “representação de um território ideal” serve para sintetizar a ideia de que os sentidos criados sobre um território tentam na realidade idealizar uma superfície de ação. A tensão posta sobre legitimidade da representação e dos sentidos sobre Baixada, nos levam a pensá-la como um território em que sua idealização (os sentidos para a Baixada) justifica práticas e ações dos diferentes grupos sobre essa área.

Ainda entende-se que os sentidos construídos para a Baixada estão condicionados às práticas dos agentes que atuam nestes campos, sendo utilizada como estratégia para legitimar a apropriação desta área e consolidar suas teias de poder.

A Baixada é entendida aqui como parte integrante material e representacional do urbano metropolitano fluminense, que se diferencia de outras partes da região metropolitana a partir da conjunção: a) das práticas dos agentes locais; b) das ações e projetos do Estado na figura dos governos estadual e federal; e c) de sua história territorial e da estrutura do tecido urbano que propiciou em sua construção e apropriação de sua representação.

Apontaremos neste capítulo a necessidade da desnaturalização da ideia de Baixada Fluminense para entendê-la como uma categoria social, por percebermos que esta concepção abre precedentes para analisá-la como uma categoria espacial que guarda expressões das relações de poder entre campo econômico e político. O subcapítulo que preenche essa discussão é fruto de

uma revisão bibliográfica sobre o entendimento da geografia regional desta Baixada Fluminense onde identificamos como o termo é utilizado, muitas vezes de forma “natural” no sentido de existência inquestionável no sentido material [a natureza delimitando-a] e simbólico [fruto do imaginário e do cotidiano da metrópole fluminense]. Indicamos que a interpretação desta como um “processo” permite-nos construí-la de modo operacional para mapear a tessitura de poder que permeiam sua produção territorial em seus múltiplos sentidos.

1.1. PRESSUPOSTOS PARA PENSAR A BAIXADA FLUMINENSE.

Muitas são as interpretações e definições de Baixada Fluminense. Grande parte destas surgem pelo fato de seus atuais limites geográficos não corresponderem ao de seu topônimo.

O termo baixada fluminense associa-se a uma dimensão material, posta pela acepção fortemente “geográfica”. Contudo, foram sendo associados ao termo, ao longo século XX, adjetivos sociais, difundidos em diferentes escalas da vida política e social (ENNE, 2002; BARRETO, 2006), que conduziram a constituição de um campo simbólico de poder na Baixada (ROCHA, 2010). Esses adjetivos, inseridos no contexto da evolução espaço-temporal da metrópole fluminense, guiaram olhares sobre esta área, que é classificada comumente como pobre, violenta, lugar de miséria etc. Esse conjunto de adjetivos compõe a representação hegemônica da Baixada Fluminense (ROCHA, 2009)

Os sentidos desses adjetivos são delimitadores de sua espacialidade. E, de forma oportuna, revelam as tensões que envolvem sua legitimidade e escondem, ao mesmo tempo, os miúdos detalhes que de sua estruturação, que, afirmamos se tratar de uma combinação da construção do território e de sua representação.

Como exemplo da questão levantada podemos mencionar a citação de José Claudio Souza Alvez (2003, p.15)

“Quando no dia 30 de agosto de 1993, a favela de Vigário Geral expunha ao mundo os 21 mortos da maior chacina cometida pela Polícia Militar no

Rio de Janeiro, uma deputada federal lamentou, no rádio, a tragédia ocorrida naquela favela da ‘Baixada Fluminense’ (sic!). Assim, o bairro, que na verdade pertence ao subúrbio carioca, foi incorporado à Baixada”.

Ao apresentar esse trecho, o autor informa os problemas definidores da Baixada Fluminense atrelados à ocorrência de atos de violência. Sendo assim, os limites desta Baixada se tornariam flexíveis a medida que um novo fato de violência tornasse a acontecer

Todavia, para entender o binômio território-representação na estruturação da “Baixada”, percebemos ser necessário buscar sua desnaturalização, na tentativa de ultrapassar o caminho que recai nas revisões das “definições e limites da Baixada Fluminense”.

1.1.1. A DESNATURALIZAÇÃO DA BAIXADA.

NADA É IMPOSSÍVEL DE MUDAR

Bertolt Brecht

Desconfiai do mais trivial, na aparência do singelo. E examinai, sobretudo, o que parece habitual. Suplicamos expressamente: **Nunca digam: Isso é natural !**

(Tradução livre e adaptação do texto do coro inicial da peça de teatro “A exceção e a regra” de Bertolt Brecht.) Prólogo de A exceção e a regra. In Teatro Completo. Vol. 4. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

A desnaturalização envolve um procedimento metodológico importantíssimo no campo das ciências humanas, em especial para análises das pesquisas em Geografia. Desnaturalizar preconiza a necessidade de revogar as condições que cristalizaram determinadas formas que se mostram em dimensões culturais, políticas, econômicas e espaciais, que criam, na maioria das vezes, uma bruma cinza que impede visualizar tensões e redes de poder que circundam tais

questões⁷. A Baixada Fluminense, entendida aqui como forma e conteúdo – território e representação, também necessita ser revisitada e desnaturalizada. Pois os sentidos atribuídos a essa área convergem para uma geografia política própria, todavia, pouco visível diante da superposição de significados constituídas em torno de sua naturalização.

Na necessidade de compreender as tessituras de poder que se constroem em torno da Baixada Fluminense, pensamos ser de suma importância promover sua desnaturalização, que deve ser entendida num duplo sentido: [a] ir para além do entendimento dos domínios naturais presentes em suas definições; e [b] ultrapassar a sua naturalização social pautada em sua representação hegemônica.

O primeiro propósito busca pensar a definição dos limites da Baixada Fluminense para além da orientação dos domínios naturais ou fisiográficos, em que a seus limites estariam alicerçados nas altimetria, hidrografia e no clima. Ou seja, deixar de pensar a Baixada como um fato a ser identificado tal como o entendimento de uma “região natural” (HAESBAERT, 2010).

O entendimento da baixada a partir das características fisiográfica foi recorrente nos trabalhos elaborados por Hildebrando de Góes (1934), Pedro Pinchas Geiger e Ruth Santos (1954) e Renato da Silveira Mendes (1948). Embora adotando modelos de delimitação a partir dos aspectos da geomorfológicos os referidos autores fazem análises sistemáticas para compreender os processos que desencadeavam transformações espaciais. Podemos mencionar a tese de Renato da Silveira Mendes (1948), intitulada “Paisagens Culturais da Baixada Fluminense” e o trabalho de Pedro Geiger & Ruth Santos (1954), por destacarem o papel da ocupação humana no intenso processo de transformação da paisagem litorânea fluminense. Todavia, atribuem um “limite ampliado” para a Baixada Fluminense, maior que o entendimento atual pressupõe pois a região fisiográfica se estende para além dos limites que circunscrevem a Baixada Fluminenses na acepção mais recente [ver figura 1.1].

⁷ Edgar Lander (2000) no texto “Ciências Sociais: Saberes Coloniais e Eurocêtricos”, destaca um posicionamento onde exige-se uma desnaturalização das próprias bases e concepções da ciências, que muitas vezes se materializam em formas-conteúdo.



Figura 1.1 – Imagem da formação da Baixada Fluminense sob a perspectiva geomorfológica. Fonte Embrapa, adaptada pelo autor (2009).

Para os autores citados, a área da Baixada Fluminense iniciaria em Campos dos Goitacazes e se estenderia até o município de Mangaratiba. Nesse estudos era comum a regionalização desta grande baixada natural em quatro partes: Baixada de Campos, Baixada de Araruama, Baixada da Guanabara e Baixada de Sepetiba (SILVERA MENDES, 1948; GEIGER e SANTOS, 1956; GOES, 1938).

É importante contextualizar elementos contidos nas obras produzidas sobre a Baixada Fluminense até os anos de 1960, e mostrar como esta área era caracterizada, delimitada e entendida. A saber:

[i] o entendimento da Baixada Fluminense partia prioritariamente de uma definição clara: os limites existentes entre a serra e o mar (LAMEGO, 1948) - embora apresentem grandes contribuições aos estudos regionais fluminenses, tais obras ajudaram a cristalizar, em certo sentido, uma Baixada Fluminense calçado em dimensões e limites ambientais por tomarem,

em sua maior parte, os limites naturais das bacias hidrográficas como bases do suporte territorial de suas análises. Isso pode ser identificado, na própria compartimentação desta baixada, que subdividia-se em quatro áreas postas a partir de bacias de drenagem

[ii] o enfoque sobre uma estrutura rural/agrária e sua fase de declínio – podemos mencionar que os trabalhos de Pedro Pinchas Geiger e Renato da Silveira Mendes e Mario Gryspam destacam-se nesta perspectiva. Esses trabalhos foram elaborados entre as décadas de 1940 e 1950 momentos em que ainda se percebia uma forte ligação da economia agrária em várias localidades desta Baixada Fluminense [ampliada naturalmente]. Alguns estudos elaborados neste período também direcionaram suas análises ao declínio da produção agrícola e sobre a explosão de loteamentos que chegaria a algumas áreas;

[iii] o saneamento ambiental como uma questão - Entre o final do século XIX e início do XX, abordagens e estudos sobre Baixada perpassava a uma concepção estruturante comum. Ao ser entendida como produto de uma formação geomorfológica, fruto natureza que deveriam ser vencidos, os estudos sobre a Baixada Fluminense estavam atrelados as políticas de intervenção territorial em torno do saneamento ambiental (GOES, 1934). Os estudos de intervenções no saneamento ambiental que datam do século XIX (FADEL, 2006), incluíam também o combate às moléstias, inundações que assolariam vilas e freguesias da região (SOUZA, 2006).

Se pensarmos que o estatuto da produção intelectual sobre a Baixada pôde, de alguma forma, estabelecer nexos relacionados à sua “naturalização” – quanto a correspondência de seus limites e forma -, do mesmo modo as intervenções na área do saneamento foram importantes políticas de significado que contribuíram para consolidá-la na pauta de ação dos governos. Os problemas relativos à sua “geografia” - área baixa e recortada por rios e potencializadas pelas chuvas -, acabaram incorporadas à temática do planejamento e do saneamento ambiental, cooperaram na consolidação de uma representação singular.

A criação dos projetos de intervenção na Baixada da Guanabara havia sido prevista antes da década de 1930 – período de instalação da “Diretoria de Saneamento da Baixada Fluminense, vinculada ao ministério de Viação e Obras Públicas” (FADEL, 2010, p.7). Antes mesmo dos relatórios orientados pelo engenheiro Hildebrando de Góes que estava à frente da

referida diretoria; as informações contidas no Relatório do Ministério de Viação e Obras Públicas de 1911 (p.476) já apontavam a necessidade de dragagem e ampliações e limpeza de canais e cursos de rios na *baixada do Rio de Janeiro*. Assim, os projetos em torno do saneamento ambiental constituídos no primeiro quarto do século XX, também ajudaram a delinear “limites discursivos e práticos” para a Baixada e as intervenções propostas, ao privilegiar a subárea conhecida como Baixada da Guanabara, fomentaram a “contração da extensão” do que chamamos de Baixada Fluminense, de modo que gradativamente, o termo Baixada Fluminense passou a ser relacionado à esta subárea, a *Baixada do Rio de Janeiro* que é o que conhecemos como a Baixada da Guanabara.

Em torno desta área se consolidou essa representação, que relacionada aos projetos de saneamento, fez da Baixada da Guanabara uma Sinédoque geográfica⁸, ao passo que representava “toda a Baixada Fluminense”, dada a importância das intervenções feitas ali.

É oportuno destacar que as práticas das intervenções se revelam como bases materiais que sustentam a representação das inundações na Baixada Fluminense que, como asseveramos, cooperou para a concepção do “encolhimento territorial dos limites desta Baixada de contornos geomorfológicos à Baixada da Guanabara”.

Para exemplificar isto, uma reportagem de jornal de 1946 [ver figura 1.2] destaca notadamente as transformações na Baixada Fluminense, todavia descrevendo as imediações da Baixada da Guanabara.

⁸ O termo sinédoque vem do grego *synedoché*, que significa compreensão. É entendida como uma figura de linguagem que traz a noção da explicação da parte pelo todo, ou de referência de uma ação de grande importância, que representaria uma proporção maior. A sinédoque geográfica é empregada aqui em alusão a mudança no nome empregado para designar a Baixada da Guanabara, onde usualmente se torna a Baixada Fluminense. Tendo o sentido do que ocorre numa dada área corresponde ao trecho maior.

Como vem se transformando a Baixada Fluminense UM LINDO PANORAMA DE SEIS MIL KI- LOMETROS QUADRADOS

Com a aproximação do calor, o Rio volta suas vistas para o alto da serra, em busca das cidades de verão, entre as quaes Petropolis occupa lugar de destaque.

A Directoria de Saneamento da Baixada Fluminense, na sua faina de dar á capital da Republica terras que serão o celeiro do seu abastecimento, vem fazendo obras de grande vulto, que não encontram paralelo dentro do paiz. Logo depois de attingir a Barreira, onde funciona o posto de Fiscalização da Policia, o viajante aprecia de um e outro lado da rodovia, as novas áreas de terreno ganhas ao mar com o endicamento do rio Merity. O panorama se transmudou por completo. A extensa área, medindo 6 milhões de kilometros quadrados, que era antes o charco, de côr escura e lodacenta, apresenta-se agora livre das aguas do mar, constituindo o primeiro "polder" da America do Sul.

Mais adiante, depois de passar pelo municipio de onde se observa um ambiente de progresso, livre como está da malaria que assolava intensamente aquella localidade fluminense, encontram-se as pequenas valas, Italiaia e Centenario, alcançando-se depois o rio Sarapuhy.

A Directoria de Saneamento da Baixada Fluminense transformou o antigo correjo em um largo canal de 15 metros, que alcança hoje a Linha Auxiliar, a 11 kilometros da rodovia. Com os outros e innumerados trechos, já colonizados e cultivados, com os diques que defendem as terras ribeirinhas dos rios Iguassú e Pilar, entre a rodovia Rio-Petropolis e a E. F. Leopoldina Railway, os serviços da Baixada Fluminense completaram o panorama que se descortina no trecho da serra.

Figura 1.2 - Reportagem sobre intervenções na Baixada Fluminense nos anos de 1940.

Fonte: O Imparcial, Rio de Janeiro, 11 de janeiro de 1946. (p.2) [Biblioteca Nacional. Disponível

em: <http://memoria.bn.br/>]

As intervenções destacadas no jornal *O imparcial*, mostram uma representação aonde a intervenção no campo do saneamento viria revelar um “lindo Panorama”, tanto no que tange a vitória do homem sobre as condições ambientais, como na eficácia do poder público e constituir ações em prol do progresso. A Baixada da Guanabara passa ser denominada como uma condição mais ampla [a Baixada Fluminense] antes “o charco, de cor escura e lamacenta” se tornaria uma espacialidade legítima, onde as intervenções e projetos se fazem pertinentes, tanto pelas demandas territoriais que constituiriam a passagem do século XIX para o século XX quanto pelo estatuto político das intervenções nessa área, que sedimentaria essa “Baixada” no plano das políticas territoriais, estaduais e federais que viriam a auxiliar a “naturalização regional da Baixada”. No presente, as propostas de intervenção territorial que vem promovendo uma “nova” Baixada tem com ponto fulcral as políticas de saneamento. Desde os Anos de 1990, em diferentes governos, as propostas de dragagens de rios acompanhadas de políticas de minimização de inundações e enchentes se tornaria verdadeiras políticas territoriais de grande significado político⁹.

Ana Lucia Enne (2013, p.10), neste mesmo tom, destaca que as marcas de sua rede fluvial se mostram presentes em inúmeros discursos, onde ao mesmo tempo representam um passado de glória e consequências de um processo de abandono. Características que promovem as enchentes e inundações como ilustrações personificadas desta Baixada.

Ao seu turno, o segundo sentido da desnaturalização, que é complementar a primeira, direciona-nos a entender a Baixada para além de sua representação hegemônica e das categorias que a cercam.

Exige-se interpretá-la como categoria social imbuída de conflito. Pensar seus sentidos e sua produção, é pensar uma trama de negociação (CERTEAU, 2009), onde a representação hegemônica de violência e miséria social é apenas uma das muitas representações e sentidos construídos sobre a Baixada. E também as categorias geográficas que são comumente relacionadas a ela.

Neste sentido, concordamos com Ana Lucia Enne (2013, p. 15) que afirma que:

⁹ A questão será tratada mais detalhadamente no capítulo 2

É preciso desnaturalizar as ideias de região, território, lugar e espaço, que comumente aparecem relacionadas com a Baixada Fluminense, para perceber como através de fluxos constantes esses conceitos vêm sendo apropriados e reconstruídos.

Embora a autora apresente no corpo de sua tese uma revisão da história destes conceitos, inclusive resgatando produções recentes no campo da geografia, as análises contidas em sua tese (ENNE, 2002) como também no artigo mais recente (Ibidem 2013, p.14) estão centradas na categoria de lugar, entendida como “a concepção fundamental a ser pensada”. Outrossim, Ana Lucia Enne traz uma importante contribuição para repensar como o uso dos termos de categoria espaciais estão anexadas como suportes de legitimidade nos discursos e que, por vezes, permitem observar as tessituras sociais e de poder que se projetam no campo social.

Assim, para Enne (2013) revisitar e desnaturalizar esses conceitos se traveste em entender a Baixada como uma categoria social. Contudo, entendemos que essa Baixada se prefigura também como uma categoria espacial. Sendo observado no *lócus* central desta tese, como uma representação ideal de um território, posto pelas disputas de legitimidades de suas representações e na apropriação e produção de seus sentidos. Sentidos que devem ser entendidos para além de uma “uni-vocalidade”, posta em sua representação hegemônica. Pois ela é “multivocal e conflitante, *lócus* nítido de relação de apropriação do significado e evocação de um poder de fala” (ENNE, 2013, p.15)

A ideia de que a Baixada é uma “entidade” que assombra o imaginário social fluminense, conhecida e reconhecida pelos que vivem na metrópole fluminense, e que por isso é dada como um fato inquestionável, submergido apenas como um espaço periférico e desestruturado, local de moradia para pessoas de baixa renda, reifica sua existência. Ela é um “*fato*”, porém não problematizado, pois se esconde, por vezes, numa uni-vocalidade.

A Baixada como “*fato*”, está centrada em sua escala espacial de domínios naturais, mas também sociais e econômicos e necessita ser pensada como um “artifício e artefato”, que resgate

uma noção estratégica, que permite descortinar as tessituras de poder¹⁰. No corpo desta tese, é endereçada à sua apropriação que garante a consolidação de “*territórios de produção e consumo*”, bem como de “*territórios eleitorais*” política. Por isso, em sua desnaturalização a Baixada deve ser entendida como uma categoria social que tenciona dimensões territoriais, políticas e sociais.

Afortunadamente, alguns trabalhos no campo das ciências sociais que emergem após os anos de 1990 têm promovido o entendimento pormenorizado sobre a Baixada, ao entendê-la como uma categoria social.

A tese de José Claudio Alves (1998), tese grande repercussão no campo acadêmico sobre a Baixada, por trazer no cerne de sua discussão a temática da violência na estruturação da própria Baixada. Fortemente influenciado por geógrafos como Mike Davis, em textos posteriores (ALVES, 1999) ele vai apontar que a condição de periferia metropolitana somada a práticas grupos locais potencializaram o estigma de violência, que na maioria dos casos foi um importante elemento definidor de seus limites espaciais. Desse modo, o referido autor em seu trabalho desnaturaliza a Baixada, ao entendê-la como *locus* de apropriação a partir da prática da violência.¹¹

Neste direcionamento a tese de Ana Lucia Enne (2002) revela um importante avanço sobre o tema. Enne classificou a Baixada como *uma categoria polissêmica*, onde sua construção é aberta a novas interpretações, que deve ser entendida mediante as posturas e intenções do enunciador. Para a referida autora a “polissemia estaria ligada ao deslocamento, a ruptura dos

¹⁰ O jogo de traduzir a ideia de “fato” para “artifício” e “artefato” no contexto da Baixada remete-se uma analogia a proposta de Haesbaert (2010) de trazer como categorias operativas àquelas centradas numa escala regional – aqui resgatada por sua dimensão espacial nítida. O prefixo “arte” das palavras artifício e artefato “vem do latim *ars* que significa talento, saber e fazer” (HAESBAERT, *ibidem*, p.111). O prefixo em questão propõe pensarmos a palavra “artefato” como produto social, “o que é feito com arte”, que se produz a partir de algo.

¹¹ Destaca-se ainda a importância da obra de José Claudio Alves, o fato de ser atualmente o autor mais citado em escritos sobre a Baixada Fluminense, mesmo que o trabalho não trate diretamente da violência e da Baixada Fluminense todo – por exemplo remetendo a história da escravidão ou de um bairro específico.

processos de significação” (ibdem, p.31) onde são possíveis muitos significados em torno da expressão Baixada.

A referida autora pensa a construção de sua tese em torno da imagem que a mídia construiu sobre a Baixada e no estatuto da memória e das redes sociais como objeto central. É importante frisar que a referida tese é um marco, à medida que apresenta uma (des) naturalização da Baixada, buscando pensá-la como um constructo social. Embora a tese se mostre importante nos estudos sobre Baixada, a autora não privilegiou as dinâmicas políticas e econômicas em curso, deixando uma lacuna na reflexão desta polissemia que se abre após os anos de 1990.

Neste mesmo direcionamento, a tese de Alessandra Siqueira Barreto (2006) ao buscar entender as faces e as fases da Política na Baixada, rascunha a questão espacial, contudo seu trabalho reporta-se a entender como as personalidades políticas moldariam este espaço aos seus sabores e intenções.

A autora analisa a trajetória política de três personagens da Baixada (Jorge Gama, Lindberg Farias e José Camilo dos Santos – o Zito) traduzindo as tessituras e discursos de suas práticas políticas. Contudo, a referida autora não explora as questões de cunho territorial na Baixada, que são frutos dos sentidos políticos e das dinâmicas econômicas em curso. No entanto, isso pode ser entendido na medida em que uma pesquisa necessita manter seus cortes espaciais, temporais e temáticos.

No caso do referido trabalho, autora avança na abordagem temática ao pensar o discurso da política como uma voz desta polivocalidade que (re) produz a Baixada. Esse avanço ocorre porque Alessandra Barreto provoca empiricamente a proposta de Ana Lucia Enne de uma polissemia, atribuindo ao campo da política a visibilidade das interpretações sobre a Baixada que, inclusive, alimenta ou alimentou as notícias jornalísticas que construíram a imagem de violência na Baixada já comentada por Alves (2003).

Em um artigo, Barreto (2009, p.19) é categórica em afirmar que “o campo da política na Baixada Fluminense não pode, de modo algum, ser entendido à parte das representações sobre o lugar”. Para a referida autora, os discursos de políticos locais, de certo modo, produzem e

reinventam uma Baixada que é plataforma de práticas e representações, desenhada nos períodos eleitorais entre “festas” e “guerras” (BARRETO, 2007).

As duas últimas teses citadas concorrem no sentido de pensarmos a Baixada como categoria social, deixando de pensá-la como *fato*. Contudo as duas abordagens deixam lacunas por não pensar a relação dialética entre o material e o imaterial na construção territorial desta Baixada.

No que tange a uma abordagem recente sobre as práticas materiais na Baixada, ganha destaque a contribuição da tese doutorado em geografia de Manoel Ricardo Simões (2007), em que defende a construção da Baixada a partir da produção do espaço dando ênfase as emancipações municipais e busca definir a mesma a partir de uma história político-territorial.

A contribuição de Simões (2007) é importante, uma vez que encaminha algumas questões sobre a representatividade política que esses municípios ganham após 1990. Porém, o referido autor não aponta o papel das instituições e organizações da produção e reprodução desta Baixada, bem como do estatuto de sua representação na composição territorial.

Neste caso, cabe mencionar nossa dissertação de mestrado (2009), onde buscamos entender como as representações influenciavam no número de municípios que iriam compor a Baixada Fluminense e como se estabelecia uma *geopolítica da inclusão – exclusão* em torno da representação hegemônica da Baixada, que se vincula ao redor da violência e da pobreza. No referido trabalho, nos limitamos a pensar apenas os embates sobre a composição territorial, não discutindo as dinâmicas econômicas e políticas em curso que desenharam projetos de poder sobre essa área. Onde a Baixada se torna artefato, um “dispositivo” de representação territorial de poder.

A presente tese busca ampliar o debate, tentando agregar as dimensões materiais e imateriais da produção territorial. As questões de apropriação e produção de imagens e sentidos sobre a Baixada e o mapeamento dos agentes e das expressões e dinâmicas territoriais que se desencadearam após os anos de 1990 corroborando para a ideia de que esta “Baixada não é natural”. Além disto, mostrar os efeitos destas representações no que diz respeito às políticas

públicas e discursos sobre a área na consolidação de “territórios de produção e consumo” e “territórios eleitorais”

A Baixada Fluminense, como categoria social, deve ser entendida como parte da realidade urbana do Rio de Janeiro. É neste contexto de sua incorporação ao urbano que a representação, que chamamos hegemônica, se consolidou e cristalizou-se no imaginário popular. Entender como a representação hegemônica está ligada à sua condição de realidade urbana, preconiza uma etapa importante para entender o jogo político e econômico que circunda a produção de sentidos para a Baixada na contemporaneidade.

1.1.2 A REPRESENTAÇÃO HEGEMÔNICA - BAIXADA FLUMINENSE COMO REPRESENTAÇÃO DO URBANO METROPOLITANO FLUMINENSE.

É importante destacar que a representação hegemônica comumente aceita, que relaciona a Baixada às ideias de miséria, pobreza e violência social, serve como pivô de impasses territoriais além de legitimar o *status quo* no cenário político regional, alimenta dialeticamente outras demandas recentes no campo econômico.

Como apontamos (ROCHA, 2009; 2013) embora exista uma infinidade de representações territoriais, com inclusão e exclusão de municípios, optamos, diante do material levantado e da abrangência espacial da atuação dos agentes selecionados para análise, utilizar composição da Baixada composta por 13 municípios [Ver figura 1.3]¹².

¹² O referido mapa traz como referência aos treze municípios da Baixada Fluminense refere-se àqueles que hoje são aceitos pela Subsecretaria da Baixada Fluminense (Governo Estadual) e da Associação de Prefeitos da Baixada. A saber: Nova Iguaçu, Queimados, Japeri, Paracambi, Belford Roxo, Mesquita, Nilópolis, São João de Meriti, Duque de Caxias, Magé, Guapimirim, Itaguaí e Seropédica.

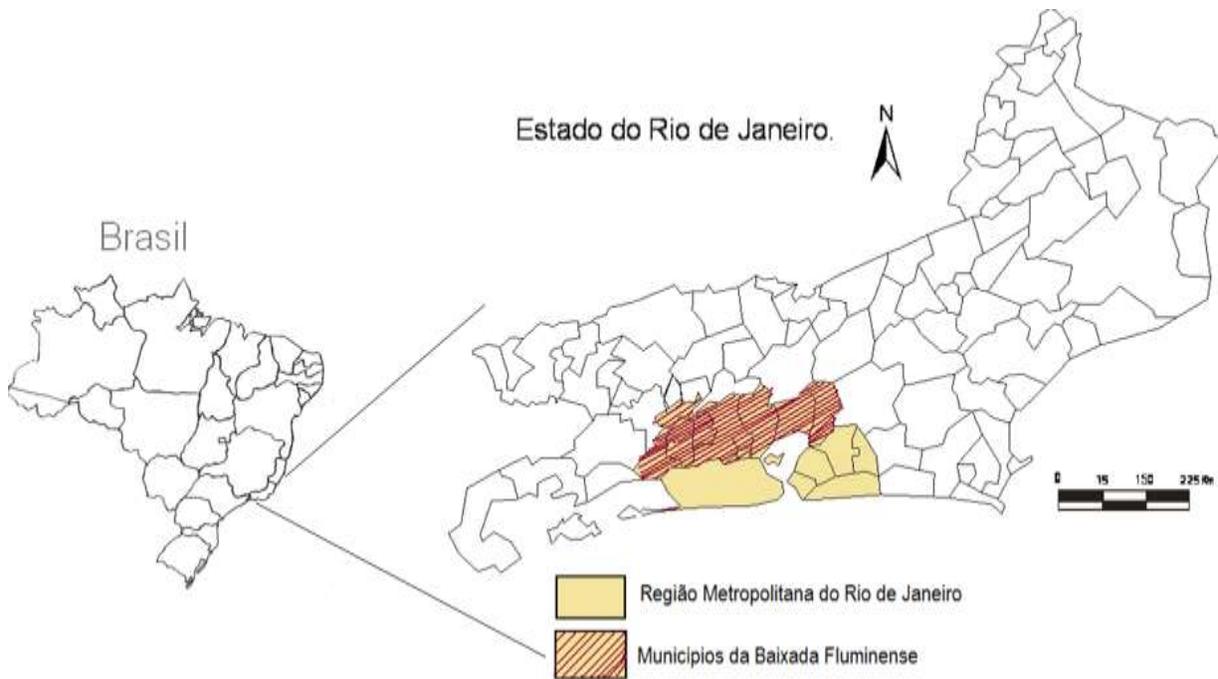


Figura 1.3 – Mapa da Localização da Baixada Fluminense na Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro - Brasil. (organizado pelo autor)

Os municípios destacados que compõem a Baixada Fluminense no mapa além de parte integrante da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, Brasil, são nomeados por Simões (2011, p.27) como a “Baixada Ampliada” por incluir além dos municípios oriundos do núcleo central aqueles que têm a possibilidade de desvincular-se da representação hegemônica da Baixada. Neste sentido destacamos que a ideia de um “núcleo central” para os municípios da Baixada se relacionam também a sua história territorial, em especial aqueles que tiveram origem na fragmentação dos antigos municípios de Iguassu e Estrela [Nova Iguaçu, Duque de Caxias, Belford Roxo, Mesquita, Nilópolis, São João de Meriti, Japeri, Queimados e parte de Magé]. Os municípios de Paracambi, Seropédica, Itaguaí e Guapimirim configuram os municípios que compõem a Baixada Fluminense, fazendo parte da concepção ampliada destacada por Simões (2011, p.27).

Todavia, todos os municípios destacados fazem parte da porção central e oeste da Baía de Guanabara que foram incorporados em maior e menor grau pela célula urbana do Rio de Janeiro

ao longo dos anos de 1940-1960¹³ o que aponta um dado importante para pensar a Baixada Fluminense como uma categoria, seja social, política, e espacial, pois o entendimento e construção de sua representação hegemônica, em dimensões espaciais, está associado à condição de periferia do urbano metropolitano fluminense.

Essa mesma representação que se consolidou ao longo da segunda metade do século XX, é fruto de elementos oriundos da conjugação da produção territorial da urbanidade da metrópole, na qual essa Baixada está inclusa; e das práticas políticas dos grupos sociais em âmbito local (municípios) e regional (Estado).

Como primeiro elemento desta conjugação, podemos mencionar a incorporação desta área à lógica urbana na condição de periferia. Segundo Segada Soares (1962), essa incorporação é associada à expansão de vias de transporte, em especial, as ferrovias e rodovias que acabaram por induzir a expansão urbana em direção à porção oeste do recôncavo da Guanabara. Entretanto, Simões (2007) sinaliza que o tecido urbano, nesta área, não decorre apenas da fixação destas vias de circulação, mas também de uma ocupação embrionária, vinculada às concentrações populacionais em torno das atividades econômicas locais.

Ainda sobre este elemento, Maurício de Abreu (2006) destaca que por conta de modificações no uso do solo na cidade do Rio de Janeiro, sua periferia direta, acabaria por sofrer alterações que forçaria a ocupação territorial desta área para habitação popular e, após os anos de 1950, de uma “nova” atividade fabril.

Ainda, decorrentes do declínio das atividades agrícolas, entre 1930-1950, esta área passaria a ser incorporada ao urbano fluminense por intermédio dos loteamentos. Sobre este assunto, Pedro Pinchas Geiger e Ruth Santos (1954) destacam que esses loteamentos foram “símbolos” da mudança para uma paisagem urbana na Baixada Fluminense.

O segundo elemento é fruto daquilo que chamamos de “desestruturação urbana”. Utilizamos este termo para mencionar o passo que fomentou a incorporação destas áreas na

¹³ Sobre este assunto sugerimos a leitura dos textos de Pedro Pinchas Geiger (1950) Maria Therezinha de Segada Soares(1962) e Maurício de Abreu (2006) que tratam de forma minuciosa o processo de expansão urbana da metrópole fluminense, do espraiamento e incorporação do tecido urbano neste contexto espacial.

condição de periferia (ALVES, 1999). Essa noção se consolidou no imaginário do urbano fluminense, repercutindo, inclusive, nas literaturas acadêmicas de geógrafos que trabalham a temática do urbano no Brasil. Para exemplificar, usamos as palavras de Roberto Lobato Corrêa (2001, p. 160-161) quando descreve algumas características gerais da periferia da metrópole e acaba usando o substantivo “Baixada” como sinônimo de periferia:

A periferia da metrópole é o lugar de existência e reprodução de parcela ponderável das camadas populares. No caso da metrópole carioca, esta periferia é conhecida, sobretudo como a Baixada Fluminense (...) residir nela impõe horas e horas perdidas no trânsito em transportes públicos sempre cheios e mal conservados (...) A periferia é o resultado da justaposição de numerosos loteamentos, que acabam formando um mosaico irregular, cujo conteúdo em termos de equipamentos de consumo coletivo é extremamente precário(...) transparece nas ruas sem calçamento, na precária iluminação e na inexistência de redes de escoamento de águas pluviais e de esgoto. A precariedade ou falta de postos de saúde, hospitais, escolas, policiamento e praças arborizadas é regra geral(...) (Grifo nosso)

Para esta área, que se constitui como fruto da expansão urbana do Rio de Janeiro, são postos como características: [a] a “ausência” de infraestrutura e equipamentos urbanos que destituiu grande parte do território da seguridade plena dos direitos no urbano; e [b] o espaço de reprodução de camadas populares - pautado na divisão territorial do trabalho, esta área serviria de habitação para maior parte da mão de obra que trabalharia na metrópole fluminense.

Sobre esta questão, Lirian Melchior (2011) reafirma a condição da Baixada nesta divisão territorial do trabalho, onde, ainda hoje, ela se mostra como local de moradia de grande parte dos trabalhadores da capital que enfrentam condições extremas, posto pelo maior tempo que levam para chegar ao trabalho, questão que alimenta, ainda, a representação hegemônica desta Baixada. Neste sentido, Em reportagem do Jornal O Dia de 24/07/2012 destacam os dados do IBGE - CENSO 2010 – que apontam alguns municípios da Baixada Fluminense como aqueles em que os

moradores perdem mais tempo de deslocamento entre os locais de trabalho e suas moradias. Entre eles estão o município de Japeri (1º lugar), seguido por Queimados (4º lugar), Nova Iguaçu (7º), Belford Roxo (14º) e Magé (18º)¹⁴.

No tocante a difusão das representações da desestruturação urbana da Baixada, a mídia teve um papel fundamental (ENNE, 2002). Temas como a violência, a falta de infraestrutura urbana associada às enchentes e a escassez de recursos se multiplicaram em jornais e revistas de circulação no âmbito do estado do Rio de Janeiro e do Brasil. A marca de região empobrecida, percebida pelo forte movimento pendular de seus habitantes, em especial, daqueles imigrantes nordestinos, somam-se a representação desta área.

Para alguns historiadores locais como Marluvia de Souza Santos (2002) a Baixada adquiriria uma condição de “*periferia da periferia*” tendo em vista a precariedade da “desestruturação urbana” que se mostrava diferente do próprio subúrbio carioca.

O terceiro elemento que pode ser pensado, consiste na prática de reprodução do poder local. Para José Claudio Alves (2003) essa se tornou evidente através da violência. Violência que não deve ser interpretada apenas como as execuções sumárias, mas como o terror simbólico e coercitivo que “determinados grupos” desempenhavam na localidade. Violência velada, que acompanhou durante muito tempo a vida política da Baixada (BARRETO, 2009).

Tal perspectiva, que possui, então, uma dimensão histórica, obteve tanta evidência que um de seus municípios, Belford Roxo, esteve entre as cidades mais violentas do mundo durante os anos 1980. Ana Lucia Enne (2002) destaca que a generalização desta imagem foi comum nos noticiários que tratavam a Baixada como “*espectro da violência*”. Alguns títulos de reportagens de jornais revelam isto: “*Baixada, debate da criminalidade*”¹⁵, “*Baixada, em 6 meses: 198 homicídios, 136 misteriosos*”¹⁶, “*Baixada tenta mudar a imagem violenta*”¹⁷ “*Comissão de*

¹⁴ Para maiores detalhes ver a reportagem completa do Jornal O DIA, disponível em <http://odia.ig.com.br/portal/rio/%C3%A9-no-rio-que-se-perde-mais-tempo-at%C3%A9-o-trabalho-1.435212>. Data do acesso: 12/02/2013.

¹⁵ Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 14/04/1980

¹⁶ Jornal do Brasil, Rio de Janeiro. 18/06/1975

¹⁷ Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 03/09/1984

*Justiça e Paz pede a ministro medidas contra crime na Baixada*¹⁸ “*Os mitos da Baixada Fluminense*”¹⁹, os quais reforçam o imaginário da violência.

Exemplificando um caso recente, em 2005, ocorreu na Baixada Fluminense mais um cenário desta violência, uma chacina que obteve uma repercussão internacional²⁰, fato que contribui para solidificação, em outras escalas da representação dita hegemônica.

A conjugação destes elementos culminou com a construção de uma “Baixada Fluminense” distinta daquela que originou seu nome. Hoje associada a uma representação hegemônica de pobreza urbana, miséria, violência social, é comumente personificada e reificada em discursos políticos cuja sua menção permite um (re)arranjo de poder. Todavia, emergem novos discursos, novos sentidos, que contrapõem a representação hegemônica e situam a Baixada numa perspectiva outra.

Por isso, olhar a Baixada como uma categoria social e espacial, inserida num contexto urbano, e ainda, ao percebermos as dinâmicas políticas e econômicas que se desenham no entorno de seus sentidos, produzindo-os, permite asseverar, que nesta dinâmica, a categoria Baixada é transformada em uma representação territorial de poder. Logo, lócus de uma geografia política, onde práticas e representações permitem a apropriação deste território no urbano metropolitano fluminense e que criam um problema territorial sobre o uso ou negação desta representação hegemônica.

¹⁸ Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 31/03/1978

¹⁹ Jornal O Globo, Rio de Janeiro, 21/04/1979

²⁰ “Caderno especial sobre a chacina na Baixada Fluminense”, Jornal EXTRA, 02/04/2005.

1.2 A GEOGRAFIA POLÍTICA DAS REPRESENTAÇÕES – A PRODUÇÃO DE SENTIDOS E O TERRITÓRIO NA BAIXADA.

Ao recorrermos ao eixo central desta tese, percebemos que as questões que associadas às novas dinâmicas econômicas e políticas na construção de sentidos para a Baixada Fluminense, incidem diretamente sobre uma questão territorial que envolve disputas sobre a legitimidade de seus “limites” (simbólicos ou materiais) e demandas sobre as formas de apropriação desta área, demonstrando uma geografia política própria.

A geografia política, que é um subcampo da Geografia Humana, pode ser entendida como:

A subdivision of human geography analysing ways in which politics and conflict create spaces and places and, in turn, are themselves partially determined by the existence and nature of geographical entities”.
(GREGORY et all, 2009 p.549)²¹

Nomear uma geografia política das representações induz a pensarmos como o ato político incutido na difusão de representações está associado na criação deste espaço conhecido como Baixada Fluminense, que é transformado num território em função dos interesses em sua apropriação.

Essa apropriação se faz no conjunto de representações e nos conjuntos das práticas. Os sentidos difundidos nas representações “escondem desejos” dos agentes, intenções para o seu fazer material. Para Pierre Bourdieu (2010) o domínio do simbólico carrega dimensões de poder. O poder exercido pode operar espacialmente, quando suas projeções se fazem para esta. Assumimos aqui que produção de sentidos sobre a Baixada Fluminense se faz como um ato político, pois constrói a partir dela uma imagem desejada de um território.

²¹ Tradução livre: subdivisão da geografia humana que analisa o modos através dos quais a política e conflitos criam espaços e lugares e, por sua vez, são eles mesmos, parcialmente determinados pela existência e natureza de entidades geográficas”.

Pensado a operacionalização sobre as questões metodológicas desta tese, o binômio território-representação é assaz importante. Pois entende-se que a representação faz parte da construção direta do território (RAFFESTIN, 1993). Na dimensão prática da construção do território está o seu sentido político, que deve ser entendido em sua apropriação – que se faz como o exercício explícito de poder, que é capaz de construir limites e impor regras de uso.

Por isso, entendemos que as representações e os sentidos contidos em sua difusão, se fazem como ideias políticas quando elas indicam a projeção de uma “legítima” apropriação do território. Assim, o discurso, a imagem, as propagandas, assumidas como representações contidas de sentido, se traduzem como ideias políticas. Por isso, concordamos com Iná Elias de Castro (2008, p.17), para quem as “ideias políticas e acadêmicas sobre as relações da Geografia com a política e Vice-versa” são partes inerentes à Geografia Política.

Desse modo, a reprodução dos sentidos, se vistos pela ótica da apropriação e do controle, travestem a construção do território (RAFFESTIN, 2010), logo, de uma geografia política. Contudo, é importante esclarecer isto a respeito da “Baixada Fluminense”.

Um primeiro ponto reside na noção de que embora a “Baixada” seja socialmente reconhecida, ela não existe enquanto órgão de planejamento e gestão oficial por parte dos governos estadual e federal, estando “esse território fora do mapa”. Isto coloca em debate (deste) os limites territoriais desta área até sua legitimidade. O segundo ponto, que é complementar ao primeiro, está na ideia de que nos últimos 20 anos, esse território ganha espaço de representação em outros “mapas”. Ela ganha intensidade representacional no campo da política (BARRETO, 2006) e notoriedade no cenário econômico (SIMÕES, 2007; OLIVEIRA, 2006), o que coloca agentes políticos e econômicos a possibilidade de discursar, representar e apropriar esta área.

Os jogos de representação, nos induzem a pensar em duas questões: *quem representa; e como representa?* Tais questionamentos ajudam a decodificar essa geografia política da representação, por induzir, além das leituras dos novos sentidos e imagens para a Baixada, permitir visualizar os agentes envolvidos nesta produção representacional, que reafirma uma lógica de apropriação deste território. Por isso o território e a representações necessitam ser pensadas como categorias fundamentais que atravessam as questões levantadas nesta tese.

1.2.1 AS REPRESENTAÇÕES COMO UMA MOEDA FIDUCIÁRIA DOS AGENTES NA PRODUÇÃO DO TERRITÓRIO.

O estudo sobre as representações abre um importante caminho investigativo no que tange as avaliações das intencionalidades dos agentes que atuam na produção territorial. Diferente do que possa parecer, elas não devem ser julgadas como uma simplificação do real, ou seu “espelhamento”, nem entender que elas são de parte *cultural*, por isso quase que inquestionáveis²².

Segundo Henri Lefebvre (2006), o trato sobre as representações atravessa inúmeras obras no campo filosófico e das ciências sociais, que vai, por exemplo, de Kant à Marx. Conforme destacamos em nossa dissertação de mestrado (ROCHA, 2009), e em outros textos²³, as representações são parte da produção social, por isso são travestidas de um estatuto político, que deve ser avaliado. Longe de tentar tratar da história da “aplicação das representações” que vai das representações coletivas em Émile Durkheim, a teoria das representações sociais, presentes na psicologia social de Serge Moscovici e Denise Jodelet, aponta-se a necessidade de pensar como operacionalizar a noção de representações como subsídios de uma análise geográfica, em especial sobre as intencionalidades dos agentes na apropriação do território.

A ideia de representação sempre esteve no cerne de suas discussões e produções da ciência geográfica, desde sua sistematização nos final do século XIX. Porém, sem discussões teóricas muitas profundas, a “representação” esteve associada a práticas de geógrafos contidas na

²² Sobre isto sugerimos a crítica feita por Don Mitchell (2008) ao problema do tratamento da questão da Cultura. Para o autor se torna necessário questionar “não a cultura em si”, mas a “*ideia de cultura*”. Isso indica que os elementos que muitas vezes, tratados como produtos, ideias e concepções culturais (o que inclui representações sobre algo) não seja questionado, residindo aí o problema, que esconde as relações de poder incutida na produção social das representações.

²³ Destacamos o texto “*Algumas considerações sobre espaço e representação: subsídios para uma análise geográfica*”, que apresentamos no I congresso Brasileiro de Organização do Espaço, Rio Claro- SP (2010). No referido trabalho destacamos a sistematização possível para a análise das representações com base na releitura de autores que será apresentado no corpo da presente tese.

“representação cartográfica”, nas “meta-narrativas do mundo”, e na tentativa de “descrições das coisas e dos lugares” (KIMBLE, 2005).

James Duncan & David Ley (1993) apontam, pelo menos, quatro direcionamentos nos quais a representação circundaram as análises geográficas. A primeira, relacionada com a simples observação do mundo, na qual a contemplação da paisagem poderia oferecer a representação fiel das coisas, observa-se aí forte influência do romantismo e do empirismo sobretudo na geografia do século XIX.

O segundo direcionamento, consolidado sobre uma base positivista, tem seu enfoque carregado na descrição e na classificação. A representação é vista como uma redução da realidade – sobretudo legitimada pelo domínio sensorial, em especial a visão. Já o terceiro direcionamento ganha uma perspectiva sobre o pós-modernismo. A representação é vista como meta-narrativas, questionando a construção do pesquisador e do objeto, vistas sempre em uma construção epistemológica e sempre colocadas diante de um relativismo radical. Esta abordagem é mais contemporânea e tece uma crítica radical às duas primeiras abordagens.

No quarto e último, os estudos da representação são associados a uma perspectiva relacional de base hermenêutica ou interpretativa. As representações são consideradas como parte integrante da cultura, das formas de conhecimento imbuídas de valores simbólicos que só podem ser entendidas em seus respectivos contextos espaciais e históricos.

No entanto, percebemos que Duncan (1993) não teve a preocupação de buscar uma definição para representações, por mais que sinalize a importância delas na compreensão de fenômenos culturais impregnados na dimensão espacial. Todavia, quando escreve o texto *The city as text: The Politics of Landscape Interpretation in the Kandyan Kingdom*, deixa claro como a dimensão espacial (a partir da paisagem) relaciona-se com distintos significados e representações, pensado aí as estratégias discursivas²⁴.

Na tentativa de viabilizar uma operacionalização do estudo das representações na geografia propomos partir, dentre as muitas definições para o termo, da noção proposta por

²⁴ Neste mesmo caso poderíamos citar os trabalhos de Cosgrove & Daniels (1988) e Cosgrove (1993).

Antoni Bailly. Para ele as representações são entendidas “como criações individuais ou sociais de esquemas do real espacial no contexto de uma ideologia” (BAILLY, (b), 1995, p.27). Aqui reside um ponto fulcral.

Se são criações sociais, elas partem de um constante jogo de interpretação da vida social que não pairam no “consenso” das construções coletivas de Durkheim²⁵, mas também das criações individuais, que no “contrato simbólico” do cotidianos são constantemente recriadas (BOURDIEU, 2010; CERTEU, 2009). Neste sentido, corroboram as interpretações lefebrianas (1983, p. 24) que destacam que as representações não se distinguem em verdadeiras ou falsas, mas num tencionamento que se posicionam segundo aqueles que as produzem. Neste caso, é sugerido pensar se elas são:

“estáveis ou móveis, reativas ou superáveis, em alegorias – figuras redundantes e repetitivas, tópicos – e em estereótipos incorporados de uma maneira sólida em espaços e instituições”²⁶

Se as representações são criadas no jogo das relações sociais, elas estão enquadradas no tempo e no espaço, indicando fundamentos de interpretações nas quais as representações residem. Neste sentido, há uma conjuntura na qual as representações emergem para atender demandas específicas.

Um ponto importante que é resgatado por Henri Lefebvre (idem, p. 37) refere-se ao papel de mediação que a representação assume. Esta é a mesma noção trazida por Claude Raffestin

²⁵ Para Émile Durkheim, as representações coletivas se assemelham aos fatos sociais. Expressaria uma espécie de consenso [ou verdade original de um grupo]. Para os autores que tratam da Teoria das Representações (MOSCOVICI 1984, JODELET 2001) o problema desta afirmação reside na ideia de que percebe-se outros horizontes e tensões na produção das representações, destacando que Durkheim desconsiderando a capacidade individual em sua interpretação de produção. Embora seja questionados pelos referidos autores, Marcio Oliveira (2012) destaca que as estruturas da representações coletivas estão presentes e guiado as “representações sociais” de Serge Moscovici.

²⁶ Tradução livre, estando no original da seguinte forma “*sino en estables y móviles, en reactivas y superables, en alegorías –figuras redundantes y repetitivas, tópicos – y en estereotipos incorporados de manera sólida en espacios e instituciones* (LEFEBVRE, 2006, p. 27 [1983, p.24]).

(2007, p.8), que indica que essa função permite ter uma consciência parcial da realidade. Portanto, indicando os sentidos e significado das coisas no mundo.

Neste mesmo tom, a teoria das representações discutidas no âmbito da psicologia social, aponta como uma primeira noção básica, entendê-las como “formas de conhecimento do mundo” (MOSCOVICI, 2001; JODELET, 2001). Essas formas de conhecimento, enquanto mediação, tal como referenciadas por Lefebvre e Raffestin, acabam sendo expressas de diferentes modos. Seja por meio da linguagem, propaganda, folders, as artes (pintura, cinema, literatura), imagens mentais, ou mesmo pelas obras materiais (por exemplo, na produção da paisagem²⁷), e na construção do território, sendo, então possível uma análise geográfica a partir das representações.

Neste sentido, a proposta de Stuart Hall (1997) pode ser interessante, para aproximarmos o debate. O referido autor destaca que há três modelos de análise das representações. O primeiro seria o Reflexivo, pairaria na noção de que as representações seriam captadas pela simples análise sensorial e sua interpretação se encontraria nas formas materiais ou “imagens”, ou seja, o próprio objeto refletiria a representação.

Na segunda perspectiva, a intencionalista, o autor aponta que a interpretação das representações não estariam nas formas, mas nas intenções de *quem* as produziu, assim bastaria observar os produtores das representações para entendê-las. Aqui reside um item interessante. Pois permite passear pelas intenções dos agentes que produzem as representações. E, por último a perspectiva construtivista, onde a interpretação das representações estaria na via de mão dupla entre sujeito e objeto, que seriam impregnadas no contexto da vida, isso significa que as outras perspectivas não são válidas, mas complementares.

Em forma de síntese, é possível indicar que para uma análise geográfica (ou espacial), o estatuto da representação, permite visualizar, então, pelos menos, três movimentos:

²⁷ Destacamos aqui um ponto de interseção onde para muitos autores a analisam da paisagem enquanto uma grande carga simbólica, enquanto representação e mediação. Nesse sentido ver os trabalhos de James Duncan (2000), Denis Cosgrove (2002), Augustin Berque (2000)

[a] *ela representa algo ou alguém* - no que tange as coisas que “estão no mundo”, e por que não dizer a própria experiência de mundo. Isto inclui destacar o espaço como uma construção social e coletiva²⁸ cuja representação ou “pré-noção” faz parte de sua forja;

[b] *ela semantiza e atribui significado* – neste quesito do sentido o significado da representação é reafirmado. Pois ela serve, entre outras coisas, para distinção. A compreensão espacial do mundo está posta em uma constante divisão, onde distinguimos pela diferença²⁹. Esta distinção é oportuna para situar os limites de uma ação, pois sinaliza o agente que pode “conduzir” a constituição de seu significado, logo da intenção que este tem com a espacialidade desejada.

[c] *ela é contextualizada na conjuntura social* – a representação de algo e sua significação só tem validade se pensada na conjuntura que permeia sua construção, seja na avaliação das intenções dos agentes, seja no valor que esta representação possui no contexto social de sua produção.

Aqui, direcionamos ao estatuto político que as representações possuem, sobretudo na capacidade de avaliar as intencionalidades dos agentes na conjuntura da qual são forjadas, que legitimam a apropriação do território.

O valor da semantização / significação possui um peso fundamental na compreensão dos sentidos. Esses sentidos para Hugo Mari (2008, p.33) estão contidos em três lugares privilegiados: o sistema, a história e o sujeito. O sistema pode ser entendido como o conjunto representacional contextualizado, que incide sobre imagens, textos, posições do texto, que

²⁸ Acreditamos que embora esse debate já esteja bem consolidado, há diferentes autores que apontam esse direcionamento da composição e produção do espaço como uma construção social e coletiva. Neste sentido sugerimos as leituras de Milton Santos (2002), Doreen Massey, (2008), Henri Lefebvre (1972), Ruy Moreira (2007), Durval Muniz de Albuquerque Junior (2001; 2007).

²⁹ Pierre Bourdieu em seu livro *O poder Simbólico* (2010), discute em seu quarto capítulo a temática entre regionalização e representação, mostrando que a forma como se representa um espaço, a partir dos recorte regionais (marcados por sua singularidade) é uma forma de exercer o poder sobre o espaço

alteram e indicam o sentido³⁰. A história corresponde à conjuntura onde o sentido se faz significativo, no contexto do sistema que foi produzido. Por último, para o referido autor, o sujeito possui um lugar central na avaliação dos sentidos, pois ele atua ora diretamente em sua produção ou em sua interpretação. Essa abordagem sobre os sentidos aproxima-se bastante da noção de Claude Raffestin (2005, p. 45-47) indica na construção da Visão de Mundo, que passa pelo sujeito, sua contextualização histórica e cultural. O que permite entender como se decodificam a “imagem de mundo”.

Embora exista uma análise no âmbito da semiologia e da linguística na análise dos sentidos contidas em textos, pensamos aqui nos sentidos incutidos nas representações, ampliando o debate e a análise de materiais para o que se apresenta com forma de mediação e significação.

Desse modo, concordamos com Claude Raffestin para quem uma representação [incluímos aqui a produção de sentidos] pode ser entendida, então como uma moeda fiduciária. Para ele “Não é porque o valor atual de uma representação é fraco que seu valor futuro o será.” (RAFFESTIN, 2007, p.9).

Associar a representação, e os sentidos nela contidos, a uma moeda fiduciária reside no fato de que esta não possui um “valor” intrínseco, ou seja, não pode ser mensurado por si, pois não possui uma correspondência direta sólida. O valor de uma moeda fiduciária está contido na “confiança” de quem a emite, logo está relacionado ao agente emissor. Todavia, enquanto moeda fiduciária, esse seu valor é também condicionado as possibilidades de correspondências. Neste sentido, Raffestin (idem, p.9) sublinha que “quanto mais forte for a probabilidade de encontrar correspondências atuais, mais o valor atual da representação é elevado”.

Há uma importante consideração que se faz pertinente para o teor desta análise. A produção de sentidos contido na difusão de representações sobre a Baixada Fluminense pós anos de 1990, ganha ares duplos: de um lado há um resgate constante de sua representação hegemônica, que inclui os sentidos de miséria, pobreza e violência social; de outro há uma

³⁰ É importante destacar que embora o Hugo Mari a obra enfatize a análise de textos, fazemos a interseção com o tema mais amplo pois situamos os sentidos como parte da representação, que ganha aqui um escopo interpretativo mais amplo e denso (LEFEVBRE, 2006)

“nova” representação que indica sentidos de progresso, desenvolvimento, riqueza social e histórico. Qual deles seria mais preponderante? E de que forma esses sentidos servem aos agentes que os emitem?

Ambos os sentidos propagados para a Baixada Fluminense, acabam possuindo na atualidade suas relativas correspondências. O estatuto político das representações necessita ser contextualizado pelos agentes que o produz, que atua na busca da legitimação de uma apropriação do território. Este é o ponto central que permite transformar, a partir da produção de sentidos na difusão de representações, a Baixada como uma representação ideal de um território.

1.2.2 TERRITÓRIO COMO MATERIALIDADE E REPRESENTAÇÃO – OPÇÕES DE UMA METODOLOGIA.

O território é um dos conceitos mais caros à ciência geográfica, juntamente com os conceitos de espaço, lugar, paisagem e região constituem em conceitos-chaves para análise dos processos espaciais (CASTRO et all, 1995).

A afinidade temática do conceito de território com a abordagem geográfica consiste na essência guardada em sua genealogia³¹, onde a importância deste conceito não reside apenas em sua ligação histórica com a geografia e/ou na mutação de suas interpretações ao longo do tempo, mas na forma de operacionalizar e entender os processos espaciais.

No que tange as interpretações na análise do território, são destacados por Marcos Saquet (2007;2011) e Rogério Haesbaert (2004), três perspectivas: a) perspectiva absoluta - onde o território é considerado o *Boden*, solo, chão, espaço do poder do Estado, em síntese é destacada como uma porção materializada – próximo da concepção ratzeliana; b) perspectiva relativa - onde o território é fruto de uma relação estabelecida no campo das forças imateriais e suas

³¹ O termo genealogia é apreendido da mesma forma como Raffestin (2005, p.66) pensa a "Genealogia del Paesaggio", onde indica como uma perspectiva que não trava o conceito em sua história, mas indica uma construção e uma emergência progressiva de suas potencialidades analíticas.

estruturação acontece não necessariamente pela via material, mas no conjunto de ações simbólicas (SACK, 1986); e c) perspectiva relacional – esta é a abordagem mais contemporânea e alimenta o olhar para o território em uma via de mão dupla, entendendo-o por uma construção que permeia a materialidade e uma imaterialidade (RAFFESTIN, 1993).

A amplitude das abordagens sobre o território evoca a necessidade de operacionalizá-lo, de forma que dê conta da multiplicidade que constitui os diferentes espaços e tempos. A perspectiva relacional, inaugurada nos estudos de Claude Raffestin necessita ser alargada de modo que se permita constituir uma análise ampla, o que Marcos Saquet (2011, p.6) aponta como sendo ao mesmo tempo: “híbrida-multidimensional, histórica-transtemporal e relacional trans-multiescalar”.

Se por um lado é audacioso atribuir ao território uma noção alargada para entender as formas de apropriação do espaço, por outro é oportuno, por provocar uma inflexão na tentativa de visualizar as formas que permeiam sua construção.

Pensando nesta relação, é que guardamos o território como um conceito central em nossa análise para interpretar as estratégias e formas de apropriação por diferentes agentes e a produção de novos sentidos para a Baixada Fluminense, uma vez que indicamos aqui que a produção de sentidos [representações] são estratégias para sua apropriação. Ao direcionar nosso olhar para a capacidade analítica do conceito de território, observamos que são elencados posicionamentos distintos nas diferentes abordagens sobre o mesmo. Contudo, elementos centrais permeiam seu conteúdo. Entre eles pode-se destacar:

[a] Relações de poder e seu exercício – em uma das definições comumente aceitas para a conceituação do território, Marcelo Lopes de Souza aponta que este pode ser entendido como um “espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder” (SOUZA, 1995, p.78 – *Grifo nosso*). É importante ressaltar que não é o “poder” que define o território, mas o seu “exercício” (SOUZA, 2009, p.62)³². Este exercício se revela como a

³² Sobre este assunto podemos mencionar Michel Foucault (1986) que afirma ser difícil a definição do termo poder. Neste mesmo sentido Claude Raffestin (1993) aponta que uma alternativa para operacionalização seria entendê-lo a

capacidade de operacionalizar os recursos materiais e simbólicos que possibilitam vislumbrar a possível delimitação de um espaço, e exercer o poder sobre ele. Capacidade esta, que está inserida em diferentes elementos da vida social, que envolvem práticas simbólicas e materiais (BOURDIEU, 2010; DE CERTEAU, 2009). Esse mesmo exercício permite entender a duração e legitimidade de um território.

[b] Delimitação – o estabelecimento de limites é um elemento central na constituição de territórios. Todo o território implica na delimitação que se revela como uma forma espacializada de controle na circunscrição que marcam os limites do exercício de um poder. Rogério Haesbaert (2004, p44) cita que a etimologia do termo território implica na ideia de “área de acesso controlado”, presente inclusive nas concepções de Robert Sack³³ (1986). Ao consolidar “limites” se estabelece uma diferença entre o que está contido e o que está fora do território. A delimitação de um território mostra, então, os limites de sua apropriação. Essa condição é expressa na construção de normas, sejam do campo jurídico ou do campo das relações tácitas, que permitem, inclusive, apontar a “flexibilidade dos limites de um território”.

[c] Apropriação e Controle – em consonância ao elemento da delimitação, este se faz como o explícito exercício do controle que permite o seu melhor uso. Segundo Raffestin (1993, p.144) o território se constitui, também, no controle e na sua apropriação (simbólica ou material) a partir da projeção de um trabalho, seja energia e informação. Neste sentido, Derek Gregory, Ron Johnston et all (2009, p. 746) em *The Dictionary of Humam Gography*, apresentam como dominante na atribuição do termo território o sentido político, como a área que se exerce o poder, domínio, sobre um espaço³⁴. A constituição do território e a criação de seus limites têm alicerces na perspectiva de

partir de seu exercício. Exercício este que Marcelo Lopes de Souza (2009) destaca como intrínseco tanto as dimensões econômica, política e cultural.

³³ É importante destacar que o referido autor embora trate da territorialidade humana, indica os caminhos desta na construção do território, que têm como uma de suas características a criação de limites.

³⁴ As ideias dos autores referendados podem ser percebidas no parágrafo que destacamos do original: “The dominant usage has always been either political, in the sense of necessarily involving the power to limit access to certain places or regions, or ethological, in the sense of the dominance exercised over a space by a given species or an individual organism” (GREGORY et all, 2009, p.746).

controle e de sua apropriação, ou seja, também ao uso que se faz deste território³⁵. Raffestin (2009, p.26) aponta que esta apropriação pode acontecer concretamente ou abstratamente, inclinando-nos a pensar que a representação de uma porção do espaço por um ator se constitui, também, como forma de apropriação. Logo, a representação pode ser um estágio na construção de um território.

Esse território, para Claude Raffestin (2005, p.55), é enraizado em um sistema de representações, tem nas confluências das dimensões materiais e imateriais um jogo intenso, onde torna-se turva a percepção das relações de poder que se complementam para legitimar a apropriação de uma dada parcela do espaço. Neste sentido, o território pode ser visto, também, como Representação (ROCHA, 2013)

As representações, ideologias, imagens e sentidos produzidos compõem esse domínio imaterial, simbólico. São produzidas por diferentes grupos e estão intimamente próximas da apropriação, intervenção e transformação das estruturas espaciais.

Essas estruturas são produzidas em práticas ou ações e por representação (LEFEBVRE, 2006). Para Michel de Certeau (2009) as representações são partes inerentes das práticas sociais e territorialidades, pois são capazes de significar, dar sentidos e mediatizar o conhecimento sobre as formas que compõem o mundo. Neste mesmo tom, Stuart Hall (2007) destaca que elas, as representações, carregam significado são significantes. Destarte, as representações não são puras, são imbuídas de ato político, pois elas “*representam*” uma voz, de quem fala com intencionalidade. Permitem o olhar sobre o que diferentes agentes dizem ou querem dizem.

Numa definição para as representações, Antoni Bailly (1995) destaca que elas poderiam ser entendidas como formas de conhecimento do mundo e das coisas que ele compõe. Diferentes autores que tratam da teoria das representações no campo da psicologia social, indicam uma

³⁵ Milton Santos e Maria Laura Silveira (2008, p.19) destacam que “Por território entende-se geralmente a extensão apropriada e usada”. É importante afirmar que no livro em destaque os autores chamam à atenção a categoria de “território usado”, destacado por eles como sinônimo de espaço geográfico, contudo, apontam o uso do termo por permitir um enriquecimento da teoria, por se tratar de “uma proposta empirizável” (p.20).

nucleação teórica muito próxima. Ainda, é interessante destacar, que as representações assumem também uma forma significadora, mediadora e demonstradora. Sobre esta última forma, entendemos como a mais pertinente no tocante a produção de sentidos para a apropriação do território, sendo quase sua base constituinte.

Ao sedimentarmos nossa análise sobre uma interpretação relacional do território (SAQUET, 2011) as ordens do campo simbólico assumem também uma fundamental importância para entender sua constituição. Neste sentido, a representação como parte do mundo simbólico (BOURDIEU, 2010) poderia compor o quadro de variáveis que deveriam ser consideradas numa análise ampliada sobre o território. Neste sentido Álvaro Luiz Heidrich (2013, p.55) complementa, que “pode-se compreender que as representações estão no centro do entrelace entre cultura e território”, que permite a apreensão de seus significados e sentidos.

Se a representação possui funções de nomear, mediatizar, significar e, em especial, demonstrar [ou indicar] intenções, pensamos que as representações, imagens e sentidos produzidos são elementos, mesmo inclusos num plano discursivo, que ajudam a construir o território, quando estas são diretamente associadas com o simples desejo de possuí-lo.

Neste sentido, concordamos com Claude Raffestin, para quem a própria produção da representação seria uma forma de apropriação, logo de construção de um território:

Produzir uma representação do espaço já é uma apropriação, uma empresa, um controle portanto, mesmo se isso permanecer nos limites de um conhecimento. Qualquer projeto no espaço que é expresso por uma representação revela a imagem desejada de um território, de um local de relações. (RAFFESTIN, 1993, p.144 [*grifo nosso*])

Com base nesta apresentação, asseveramos que a importância do território como ferramenta analítica se constitui em sua capacidade de operacionalizar a apreensão de projetos, representações, formas de apropriação, delimitação, materializações e simbolizações de relações de poder a partir de questionamentos sobre a ordem espacial do mundo. Essa “viagem em torno

do território” (BONNEMAISON, 2002) é, sobretudo, uma alternativa para entender as tessituras de poder, que se expressam a partir de malhas, redes e nós, mas também em suas representações.

Como entender as tessituras que envolvem projetos ora conflitantes, ora “harmônicos” sobre um determinado espaço, em especial, sobre a Baixada Fluminense? Que elementos estão por trás da difusão de imagens, sentidos, ideias sobre esse lugar, que ora aparece como lócus do descaso e da violência, ora como zona de prosperidade e rota de investimentos?

Neste sentido, que apontamos a necessidade de pensar o território em sua representação sobre a ordem espacial. Ordem esta que se revela como o fio condutor possível para pensar a instrumentalização de uma pesquisa em Geografia (GOMES, 2007). Por isso, entendemos como oportuna, a necessidade de mencionar que o posicionamento teórico sobre essa abordagem relacional do território se tornou metodológico.

Isso se faz pertinente ao mapeamento dos grupos que serão destacados nos “Campos de Poder”. Tal opção advém da leitura que Guy Di Meó (2002, p.8) faz acerca da capacidade dos grupos sociais agenciarem territórios. Para ele todos os grupos sociais/agentes seriam produtores de territórios, entretanto, alguns teriam “maior força” ou legitimidade para exercê-lo. Logo, difundi-lo e apropriá-lo

Como a análise das representações necessita passar, pelo menos, pela leitura de três perguntas norteadoras: *quem representa? Como representa? Para que representa?* O entendimento teórico-metodológico explicitado anteriormente é extremamente útil, uma vez que permite pensar um quadro sistemático onde a interpretação do jogo de construção do território não se torna escorregadia, sobretudo pela dificuldade de entender as imbricações de interesses que cercam a produção de sentidos.

Nesta tese, faz-se a escolha de pensar os agentes hegemônicos, aqueles que detêm maior força para difundir suas representações nas diferentes mídias e dispõem de determinada credibilidade em seus respectivos domínios práticos, postos pela posição que ocupam e função que desempenham num determinado campo de poder.

No caso específico da Baixada Fluminense, sobretudo da produção de sentidos que se desenrolam após os anos de 1990, percebemos o importante papel que desempenham o domínio da política [como relação governamental] e da economia [como sentido de agregação de valor à produção e ao consumo]. Mais do que pensar em domínios para entender a produção de sentidos, abre-se a necessidade de visualizar a formação dos campos de poder que eles circunscrevem. Que é um importante passo metodológico para entender a relação entre a produção de sentidos como suporte da apropriação do território.

1.3 A NOÇÃO DE CAMPO DE PODER – APRESENTAÇÃO DO CAMPO POLÍTICO E DO CAMPO ECONÔMICO.

A produção territorial da área que conhecemos como Baixada Fluminense passou por transformações sensíveis nos últimos anos. Para analisar a “travessia” onde a produção de sentido para a Baixada é tomada como uma estratégia que revela uma geografia política entre os diferentes agentes envolvidos em sua forja, optamos por entender como esses agentes operam em seus respectivos campos de poder.

A análise sobre o papel dos agentes são pontos fundamentais na compreensão do exercício de poder que constrói o território. Neste sentido, Claude Raffestin (1993, p.17), destaca que “uma verdadeira geografia só pode ser uma geografia do poder ou dos poderes”, esse poder, que é exercido por um “ator-sintagmático” (agente), envolve desde o “Estado ao indivíduo, passando por todas as organizações pequenas ou grandes” (idem, p.152). Há uma concordância com Guy Di Meó (2002), informando que, em maior ou menor grau, a atuação do agente é fundamental, pois, a partir de suas ações, projeções e interesses, o território começa a ganhar suas feições. Mas como identificá-los? Como entender seus propósitos?

A noção de campo em Pierre Bourdieu é evocada aqui como categoria operativa e organizativa para entender a produção de sentidos difundidos pelos atores sintagmáticos [agentes] que atuam na produção de sentidos na Baixada Fluminense.

Em seu livro *Campo de poder, campo intelectual*, Pierre Bourdieu (1983) destaca que o espaço social se compõe de diferentes campos: social, político, econômica, intelectual, artístico, etc. Esses campos são marcados por limites, códigos de conduta e propósitos que permitem diferenciar quem está ou não dentro de um *campo*. Para Denise Maria Lima (2010, p.15), o campo em Bourdieu, é entendido como um “espaço de práticas específicas, relativamente

autônomo dotado de uma história própria”. O campo tende a orientar as ações dos agentes situando-os num jogo³⁶ que define o campo.

Todavia, para aprofundarmos a análise sobre a noção de campo e operacionalizá-la no estudo sobre a produção de sentidos para a Baixada Fluminense, é importante esclarecer que há uma discussão a respeito da fundamentação de uma teoria geral dos campos, que está longe de ser fechada³⁷. Logo, necessita ser revisitada diante das inúmeras possibilidades analíticas que esta permite.

Segundo Miguel Ângelo Montagner e Maria Inês Montagner (2011) para muitos autores o campo não é tratado como um “conceito”, por vezes adjetivado como um domínio “simbólico e cultural” (idem, 2011 p.258). Sua origem, advém dos estudos sociológicos de Bourdieu sobre o entendimento das formas de organização dos grupos sociais, seja no conjunto acadêmico (campo intelectual) das artes (música, pintura, etc) e outros. Neste sentido, destacamos as palavras de Montagner e Montagner (2011, p. 259) para quem:

“a gênese do conceito de campo pode ser pensada como o resultado de uma necessidade de situar os agentes portadores de um *habitus* dentro do espaço no qual esse mesmo *habitus* havia sido engendrado sob o pecado original da dominação e que, para tanto, pressupôs um arcabouço estável no qual essa dominação se reproduziria”.

³⁶ A noção de jogo é constantemente reportada por Bourdieu para fazer alegoria à ideia de um conjunto tácito de regras onde cada ator sintagmático, ou agente, necessita saber e respeitar numa posição hierarquizada. Por isso, o que define o campo, além do interesse imanente ao grupo, são as lutas concorrenciais dentro do próprio campo.

³⁷ É interessante destacar que Miguel Ângelo Montagner e Maria Inês Montagner revistam a teoria geral dos campos. Eles explicitam que embora Bourdieu não tenha produzido um “manual” [livro para concepção e metodologia dos estudos sobre os campos] ele indicou uma “teoria geral” mesmo que “não pretenciosa” ou de “médio alcance” que poderia dar conta de inúmeras questões empíricas. Todavia, para além de tentar fundamentar uma “teoria geral dos campos” a partir do estudo de caso, aqui optamos em entender “as propriedades” organizativas dos campos. Termo que o próprio Autor utiliza nos Livros “*O Poder Simbólico*” e “*Campos de Poder, Campo Intelectual*”

Palavras como disputas, posições dos agentes, capital³⁸, estão presentes na sistematização desta “Teoria geral dos Campos” de Bourdieu, cuja influência Weberiana³⁹ em sua compreensão é posta. Inclusive presente em uma passagem de sua obra:

“(…)ao reinterpretar numa perspectiva relacional a análise de weber, que aplicava à religião um certo número de conceitos retirados da economia (como concorrência, monopólio, oferta, procura, etc.), me achei de repente no meio de propriedades gerais, válidas nos diferentes campos(…)” (BOURDIEU, 2010, p.68). [*Grifo nosso*]

A compreensão da diferenciação interna dos agentes é um ponto fundamental, que incute a discussão do funcionamento das regras de um campo, possível na análise de suas propriedades. Neste caso, faz necessário pensarmos algumas noções ou propriedades para a ideia de campo que corroboram na análise de atores-sintagmáticos [agentes].

Em primeiro lugar, segundo Bourdieu (1983, p.120) um campo se diferencia de outro “entre outras formas, definindo aquilo que está em jogo e os interesses específicos, que são irreduzíveis ao que se encontra em jogo em outros campos”⁴⁰. Há nisto uma primeira propriedade associada análise dos campos: interesses de ação dos campos e dos agentes. Esse interesse circunscreve o campo e o delimita, e, além disso, indica os elementos que se fazem *sine qua non* na estrutura de um campo.

Sobre isto, é importante esclarecer uma segunda propriedade do campo: “cada campo possui uma quantidade de interesses fundamentais comuns” (BOURDIEU, 1983, p.121). Os “interesses que são comuns” dão a tônica daqueles “interesses específicos”, ou seja, os pleitos e

³⁸ A noção de capital aqui é tratada para além do dinheiro, inclui o ganho político, econômico e de prestígio que envolve as disputas num campo. No livro “O poder Simbólico”, Pierre Bourdieu (2010, p.69) chega a pontar a noção de *capital específico*, que relaciona-se com a reputação de um nome. Esta noção, retomaremos mais adiante, em especial no capítulo 2.

³⁹ A respeito disso há em diferentes partes Bourdieu chega a citar uma releitura da análise de Weber

⁴⁰ Tradução livre, do original: “(...)se define entre otras formas, definiendo aquello que está en juego, y los intereses específicos, que son irreductibles a lo que se encuentra en juego en otros campos(…)”

intenções dos agentes sintagmáticos são, na maioria das vezes, consonantes ao campo a que pertencem.

Sobre esta propriedade Denise Maria de Oliveira Lima (2010, p.14) ainda complementa que a interpretação de um autor ou de uma obra, não se revela nele em si, mas nos anseios oriundos do campo ao qual pertence. Logo, os sentidos contidos nas representações se espelham não apenas no autor [ator sintagmático] mas, também, no grupo ao qual este ator pertence. Isto nos indica, de pronto, um caminho possível na análise dos sentidos e das formas de apropriação dos agentes sobre a Baixada Fluminense, todavia veremos isso mais adiante.

Outra propriedade de funcionamento do campo está em entendê-lo como uma estrutura hierarquizada em constante disputa (por capital simbólico ou poder interno). Nas palavras de Pierre Bourdieu (idem, p.119)

“Os campos se apresentam para a apreensão sincrônica como espaços estruturados de posições (ou de postos) cujas propriedades dependem de sua posição em ditos espaços podem ser analisados de forma independente das características de seus ocupantes (em parte determinados por elas)”⁴¹

A posição dos agentes é condicionada à estrutura do campo, a legitimidade de suas falas está à mercê da posição que ocupam dentro do campo. Ao posicionar um ator-sintagmático no campo de poder, temos a necessidade de entender que suas obras (ações materiais e difusão de sentidos) estão intimamente ligadas às necessidades de afirmação dentro do campo de poder que se inserem. Esse posicionamento incute em saber *onde* se posicionam as falas que legitimam determinado ator e agentes dentro deste campo. Ainda, se estamos falando de campo de poder, não podemos deixar de considerar que este é imbuído de conflito. Logo, no âmbito do campo haverá divergências quanto às proposições das obras.

⁴¹ Tradução livre, do original: “*Los campos se presentan para la aprehensión sincrónica como espacios estructurados de posiciones (o de puestos) cuyas propiedades dependen de su posición en dichos espacios y pueden analizarse en forma independiente de las características de sus ocupantes (en parte determinados por ella)*”

Há ainda um elemento que consideramos para pensar a noção de campo de poder, que se relaciona a ideia de que existem fatos que podem convergir interesses entre dois ou mais campos. O referido caso da Baixada Fluminense, exemplifica isto. Uma vez que há diferentes Campos de Poder, com pleitos ora distintos ora similares, no que tange a apropriação do território nesta dita Baixada Fluminense, daí a tensão produzida na legitimidade destes novos sentidos presentes nas inúmeras representações para essa área.

No que se refere a opção metodológica para análise do papel dos agentes, em seus respectivos campos de poder, optamos aqui por pensar que a conjuntura após os anos de 1990 abre caminhos para produção de “novos sentidos” para a Baixada, ratificada, em especial no que denominamos campo político e no campo econômico.

Conforme reportamos anteriormente, pensar a Baixada Fluminense, enquanto categoria social, que é instrumentalizada e transformada em um território, permite-nos inferir o referido marco temporal diante da conjugação de fatores que colocaram a Baixada, no “mapa”. Destacamos aqui a lembrança que embora a Baixada Fluminense não componha uma região de planejamento e gestão oficial desconsideradas, por exemplo, pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -, e pelo pela CEPERJ - Centro Estadual de Estatísticas, Pesquisas e formação de Servidores do Estado do Rio de Janeiro (antigo CIDE), ela ocuparia lugar central no “mapa” de ação de diferentes agentes no Campo político e no campo econômico.

Para Simões (2006) os anos de 1990 foram importantes por marcar o movimento das emancipações na Baixada. Para o referido autor esse fato foi primordial para aumentar a visibilidade política e econômica da região. Indicamos ainda, em consonância, as emancipações, o surgimento de algumas instituições e organizações⁴² que reforçam a representação de uma “Baixada” e que emergem neste mesmo período, reafirmando a importância deste marco temporal.

⁴² É salutar apontar que alguns autores chamam a atenção para o papel das instituições e das organizações nas delimitações de territórios (STORPER, 1997; AMIM; 1998) que muitas vezes têm como plataforma de sustentação as particularidades regionais e legitimam suas ações no reforço destas particularidades (PIRIES DO RIO & EGLER, 2003)

Ainda, Ana Lucia Enne (2013) destaca que no final dos anos de 1980 e início dos anos de 1990 surgem elementos que redirecionam os “significados para a Baixada”. Entre eles podemos citar: [1] o aparecimento de cadernos especiais em dois jornais de grande circulação - Jornal o Dia e o Globo - que trariam ‘outras visões’ para essa área, incluindo informações culturais, de economia e da vida social nos municípios partícipes da “Baixada”; e [2] pela conjugação de intervenções materiais que aproximariam, a “cidade do Rio” da “Baixada”, em especial com a construção da linha vermelha, que traria maior facilidade de deslocamento entre os dois pontos, inferindo sobre um dos aspectos que marcam a representação hegemônica da Baixada – “o lugar distante”.

Ainda neste sentido, novas dinâmicas territoriais emergem após anos de 1990, que destacam a importância da conjuntura política e econômica na construção de “novos sentidos”. Por exemplo, podemos citar:

- a) O aquecimento do mercado imobiliário em muitos municípios da Baixada, em especial em Nova Iguaçu e Duque de Caxias que promove construções de apartamentos com valores a partir de 200 mil reais, e alguns que ultrapassam a 800 mil reais (Simões, 2011) que tem induzido o aparecimento de novas formas-conteúdo em diversos municípios (ROCHA(b), 2011)⁴³;
- b) Crescimento Econômico considerável de alguns municípios somados a expansão do setor terciário e industrial nessa região por conta do potencial logístico que vem se desenhando com a criação do Arco-Metropolitano (RJ-109)⁴⁴, e de outras vias de circulação como a Transbaixada;
- c) Os planos e programas de urbanização específicos para a Baixada como o Nova Baixada e o Baixada Viva – somam-se aí o papel do Estado [seja na esfera de governo federal ou

⁴³ É importante mencionar as recentes menções que a mídia vem dando a Baixada Fluminense como um espaço de prosperidade. Neste sentido observar-se o comentário da Reportagem do jornal Valor Econômico de 29/03/2007 que cita que “a Baixada deixa de ser Baixada” com “Porte de condomínios da Barra da Tijuca, estilo nobre”

⁴⁴ Tais dados mereceram destaque em uma reportagem em jornal de grande circulação no Estado do Rio de Janeiro com o título: “Em expansão: estudo da Firjan revela um crescimento da indústria e do emprego na Baixada”, contida no caderno especial do Jornal O Dia de 1 de julho de 2007

estadual] na viabilização de estruturas logísticas que alimentam as demandas específicas no campo econômico;

- d) O acirramento das rivalidades sobre a cartografia eleitoral nessa área, que representa 36% do eleitorado do estado do Rio de Janeiro e caracteriza um ganho específico na plataforma política de sujeitos com pleitos no âmbito estadual ou local.

Em conjunto aos fatores mencionados, são associados ao surgimento de atores, agentes e organizações que se articulam em torno da Baixada Fluminense. Como exemplo das instituições e organizações, podemos citar: a) a Associação de Prefeitos da Baixada Fluminense, criada no início anos 1990; b) presença da FIRJAN com duas regionais na Baixada e promoção de debates sobre o desenvolvimento regional; c) ações do governo Estadual na constituição de uma secretaria específica para Baixada Fluminense; d) constituição de consórcios intermunicipais na Baixada como o CISBAF – Consórcio Intermunicipal de Saúde da Baixada Fluminense; e) Projeção de instituições de movimentos culturalistas e historicistas como o IPAHB e a APPH-CLIO que reforçam sua representação.

Esses são diferenciados por interesses específicos, ora conflituosos, ora complementares, se relacionam dentro da estrutura do Campo de poder. Embora exista a possibilidade da análise de inúmeros campos. Fazemos aqui a opção de analisar o papel do Campo Político e do Campo Econômico na produção de sentidos para a Baixada⁴⁵.

O Campo Político é constituído por agentes que atuam na garantia de territórios eleitorais e capital específico (prestígio, renome, manutenção de status político) diante de ações práticas e materiais para a Baixada Fluminense. Os agentes que compõem esse campo, são aqueles que atuam diretamente na dita “política profissional” (vereadores, prefeitos, deputados, etc). Como ponto de tentar agrupar esse campo, utilizamo-nos das propriedades de hierarquia e

⁴⁵ Destacamos aqui, em especial, a não escolha da análise sobre o Campo Cultural. Haja vista que, em parte, sua análise já foi contemplada no estudo da tese de Ana Lucia Enne (2002), na qual discute a partir da ideia de rede a composição e imbricações de duas das principais instituições de pesquisa sobre História da Baixada: IPAHB e APPH-CLIO. Destacamos também o estudo do universo musical na Baixada estudada na tese de Sandra Regina Soares da Costa (2006).

posição, que situam os agentes desse campo na posição de legitimidades de suas falas. Assim, tomamos como caminho a análise da esfera política institucionalizada, que inclui avaliar os sentidos produzidos pelos seguintes agentes:

[1] O *grupo de prefeitos da Baixada*, representados pela dita “Associação de prefeitos” que se materializa, entre outros modos pela CISBAF – Consórcio Intermunicipal de Saúde da Baixada Fluminense; e

[2] *Governo Estadual* – como suporte regional político que a partir de secretarias específicas redesenha ações para a Baixada, a figura do governo do estado pode se personificado também na figura do governador ou deputado.

O Campo Econômico configura-se como aquele que atua na garantia de territórios de consumo e de produção – seja na incorporação fundiária e imobiliária, seja na criação de condições para ações produtivas. A definição dos agentes que atuam neste campo e, por vezes, complexas, em especial, pela amplitude das ações que envolvem desde a produção até a comercialização, nas escalas do varejo e atacado. Todavia, pensando as mesmas propriedades dos campos de poder utilizadas na definição dos atores do campo político, no que se refere à hierarquia a posição, optamos por selecionar dois grupos, que embora atuem de formas distintas são co-participativos na produção de “novos sentidos” que indicam caminhos de prosperidade, empreendedorismo e lucratividades para a Baixada. No campo econômico definimos como agentes:

[a] *O capital Industrial* - este é representado pela atuação do *O Sistema FIRJAN* – Federação das Indústrias do estado do Rio de Janeiro-, que atua com proposições de desenvolvimento regional, a partir de eventos regionais, fóruns de debates específicos (indústria, desenvolvimento urbano, etc), acaba sendo uma entidade que “representa” os interesses do capital industrial para a Baixada Fluminense; e

[b] *Capital Imobiliário* – este conjunto de interesses específico, embora compreendido comumente como um importante promotor do espaço⁴⁶, não é personificado em apenas uma “empresa”, mas num conjunto de agentes, que destaca os interesses específicos no campo econômico. Desse modo, são tomadas como exemplo algumas empresas que divulgam seus empreendimentos na Baixada, a exemplo do grupo Rossi, Mercure – Rede Acoord e NEP S./A conjuntamente com a Atlantics Hotels.

A produção de sentidos por parte destes agentes - no campo econômico e político -, está diretamente associada à manutenção de “territórios” [“territórios de produção e consumo” e “territórios eleitorais”] que permitem a perpetuação destes agentes em suas especificidades quanto ao interesse comum dos campos de poder a qual pertencem.

Quando se indica uma representação *A* ou *B*, os agentes revelam suas estratégias de apropriação do território. Servindo os sentidos das representações difundidas por eles como uma moeda fiduciária. A produção material e imaterial do território da Baixada está associada a ação destes agentes. As obras e ações práticas acabam sendo legitimadas por essa representação como moeda fiduciária, que permite “jogar” ou “apostar” numa dada tendência política e econômica e corroborar “políticas de significado” em suas ações que travestem as intenções geopolíticas e geoeconômicas na apropriação do território na Baixada Fluminense.

No contexto dos campos de poder, identificação dos agentes é essencial. A análise das representações ganham um papel importante tanto para projeções no campo da geografia econômica (GUERIN, 1992) se revelando como importante recurso para analisar os projetos de poder de agentes econômicos e políticos (VOLLE, 1992) que expressam suas representações sobre o espaço como formas de projeção e tentativas de apropriação simbólica de uma espacialidade (ANDRE, 1992).

Para visualizar esta questão, construímos um quadro síntese [quadro 1], com base nas representações coletadas entre os anos de 2010-2013 que permite analisarmos de forma minuciosa a atuação e intenção dos agentes dos respectivos campos de poder.

⁴⁶ Sobre isto recomendamos a leituras de Roberto Lobato Corrêa (1993); Manuel Castells (2009); Jesus Leal Maldonado (2013)

Quadro 1- Comparativo do funcionamento do Campo Político e Campo Econômico que atua sobre e na Baixada Fluminense.

Campo – Interesse de ação do campo.	Quem Fala [Atores e agentes]	Posições da fala [legitimidade]	Sentido em que Fala	Como Fala: Meio, difusão e Intensidade
Político Garantia de territórios eleitorais e capital específico [prestígio] diante de ações para a Baixada Fluminense	Associação de Prefeitos da Baixada Fluminense	Prefeitos e representantes políticos locais - “de dentro”	Sentido Externo – Baixada apresentando uma coesão em torno dos graves problemas de ordem urbano e social (representação hegemônica), mas com grande vocação para o crescimento. Sentido Interno – Baixada não é tão homogênea, com diferentes especificidades.	Propagandas eleitorais, outdoors, falas em diferentes mídias. Maior intensidade em períodos eleitorais; Escala de difusão municípios da Baixada e Estado do RJ Formação de escalas de negociação em diferentes campos, com na saúde (CISBAF)
	Governo do Estado do Rio de Janeiro	Secretarias de Governos e gestão – “de Fora” Subsecretaria específica para a Baixada - “Forma híbrida”	Baixada como espaço singular distinto da região metropolitana – caráter homogêneo	Propagandas eleitorais, outdoors, falas em diferentes mídias. Políticas públicas específicas e direcionadas para a Baixada Maior intensidade em períodos eleitorais; Escala de difusão Municípios da Baixada e Região Metropolitana.
Econômico Garantia de territórios de consumo e de produção – seja na incorporação fundiária e imobiliária seja na criação de condições para ações produtivas.	FIRJAN – Capital Industrial	Empresas locais – “de dentro” Capital externo – “de fora”	Espaço de crescimento econômico de caráter homogêneo. Reivindica uma unidade de coesão sobre a esfera política Aponta para uma identidade regional	Seminários sobre desenvolvimento regional /local propagandas e depoimentos em diferentes mídias. Intensidade moderada/variando segundo novas propostas de investimento Difusão em escala estadual.
	Capital Imobiliário	Incorporadoras e construtoras – “de fora”	Região prospera com vocação para o crescimento, destacando especificidade de cidades como Nova Iguaçu, Duque de Caxias e Itaguaí.	Folders, reportagens e anúncios em jornais de grande circulação em diferentes mídias. Intensidade moderada/variando segundo novas propostas de investimento Difusão em jornais e outras mídias de circulação em escala estadual

(Organizado pelo Autor)

No que tange as representações que serviram de base para avaliação destaca-se o caráter qualitativo destas. Outrossim, aponta-se para a periodização onde estas representações aparecem, que embora a maioria dos materiais coletados remeta apenas ao conjunto de anos mais recentes [2005-2013], a difusão de representações feitas pelos agentes no campo político e no campo econômico são forjadas como parte de toda a conjuntura que se desenha bem antes, desde o início da década de 1990. Esta problemática sobre os marcos histórico e geográficos conjunturais, serão exploradas com mais detalhes nos capítulos 2 e 3.

Ao estudarmos as representações são analisados os sentidos utilizados pelos agentes e como eles são modificados de acordo com a posição da fala e para onde ela é direcionada. Outro ponto importante trata da força, difusão e intensidade. Tenta-se aqui mostrar em que circunstâncias as representações são produzidas, com que carga são difundidas e quais são os principais veículos de divulgação. Salientamos que há uma “espécie de tempo da representação” que acompanha “eventos”, no qual há um aumento na intensidade de divulgação das representações.

A síntese do campo político e do campo econômico apresentadas no quadro 1, destaca os respectivos agentes já citados e suas diferenciações.

No Campo Político marcado pela dita Associação dos prefeitos da Baixada e pelo governo Estadual, tem como espaços de difusão de suas representações as propagandas políticas contidas em Cadernos específicos de propaganda, *outdoors* e *busdoors*. Há ainda uma questão em que as falas desses se expressam em canais midiáticos, diante de “um evento” que envolve suas práticas, seja sobre uma questão de orçamento ou de planejamento de políticas públicas e intervenções. Um ponto que deve ser destacado sobre este campo se dá no direcionamento do sentido, pois há uma ambivalência concernente ao seu direcionamento. Em todos os agentes no campo político a representação hegemônica é resgatada como uma plataforma discursiva, de onde pode partir o direcionamento de suas intenções. Essa representação associada às miséria, pobreza e violência social é resgatada para afirmar as singularidades para o “externo” a Baixada, no sentido da busca de uma coesão regional e na afirmação de um “trunfo” nas disputas políticas.

Todavia, há internamente uma variação sobre esse sentido, que pode ser observada nas falas de representantes de governo em eventos sobre o desenvolvimento local regional⁴⁷.

No que se refere ao papel dos agentes, o caráter singular da secretaria da Baixada Fluminense, que embora corrobore para uma gestão externa à Baixada, sua composição interna é composta por personagens moradores ou com uma vida política relacionada a Baixada, essa secretaria assume uma forma “híbrida”, servindo muitas vezes como um instrumento de articulação política entre a escala local (municípios) com a regional (governo do estado). Todavia, sua representação para a Baixada busca reafirmá-la como um espaço singular, ainda marcado pela representação hegemônica, mas com possíveis vias de desenvolvimento, postas pelos investimentos de ordem federal e estadual.

No Campo Econômico, os agentes atuantes são aqueles responsáveis pela maior intensidade da difusão da ‘nova’ representação. Tendo como principal canal de difusão as propagandas em diferentes meios [jornais impressos, folhetos, outdoors, mídias digitais etc]. Abre-se a exceção neste quesito, concernente ao Sistema FIRJAN, que difunde suas representações a partir de eventos e estudos regionais, nas quais busca legitimidade para aferir possibilidades de crescimento econômico e desenvolvimento para a Baixada, viabilizando as ações do capital industrial.

A posição dos agentes neste campo é, de forma geral, “híbrida”, pois atuam tanto com vozes das elites econômicas locais, quanto das grandes corporações [como no caso dos promotores imobiliários]. É importante destacar que embora exista uma atuação de agentes imobiliários locais, não foi encontrado, de forma expressiva, a propagação de representações que tocassem nos sentidos para a Baixada, por isso as imagens e propagandas que serão destacadas no terceiro capítulo estão à privilegiar as grandes empresas no campo imobiliário.

A intensidade da representação é a mais diversificada, pois está condicionada ao aparecimento de novo empreendimento, onde se “justificam” propagandas sobre os próprios e a Baixada. Ainda o caráter singular da organização de eventos e projetos e estudos a FIRJAN

⁴⁷ Sobre esse evento destacamos aquele realizado no ano de 2011 pela FIRJAN que agregou uma mesa com os prefeitos e sub-prefeitos da Baixada, onde prefeitos e representantes deixaram claro a existência de uma diferenciação interna.

promovem a difusão de suas representações também num caráter esporádico, todavia, nos últimos três anos se intensificou por conta das questões levantadas com a real implementação, e possível finalização do Arco – Metropolitano Fluminense, na qual se propõe, de forma mais aberta, o direcionamento sobre o reordenamento territorial em prol da indústria.

É importante realçar que, embora o quadro não indique isto, há uma interseção entre os projetos desde agentes no que concerne ao uso efetivo do território na Baixada. Ao passo que aparecem discursos complementares, surgem também embates sobre a estrutura do uso do território. O que indica um conflito direto sobre o mesmo. Por isso, o uso das representações e difusão de sentidos para a Baixada servem como uma estratégia para construir um “território ideal” seja para suporte político com pleitos em votos e no prestígio institucional, seja na constituição de território de produção e consumo, imbricando uma redefinição material do uso de parte dos municípios da Baixada.

A constituição de “territórios de votos e prestígio institucional” e de “territórios de produção e consumo” serão destacados nos próximos capítulos. Embora estejam apresentados de formas separadas, para informar à miúdo o funcionamento dos agentes nas respectivas estruturas dos campos de poder, destacamos que estes dois campos não estão dissociados e operam ora em caráter ora harmônico ora conflitivo. Neste caso, asseverando a construção da Baixada como uma categorial social e espacial, objeto de disputas entre os agentes.

CAPÍTULO 2 – DINÂMICAS POLÍTICAS, AGENTES, E SUAS REPRESENTAÇÕES PARA BAIXADA.

O presente capítulo, consiste em apresentar a dinâmica política que marca a Baixada Fluminense, privilegiando o período após os anos de 1990. Consideramos o referido marco temporal como um “divisor de águas” para pensar o campo Político e a própria estruturação desta área, pois agrega entre outros fatores: o surgimento de novos municípios – as Emancipações; a formalização de políticas territoriais com nomenclaturas específicas para a Baixada Fluminense; e a difusão de representações e novos sentidos para a Baixada por parte de agentes que atuam no campo político.

Destacamos que para fins metodológicos serão elencados dois agentes no campo político. São eles:

[A] O governo do Estado – que atua tanto promovendo políticas públicas direcionadas a esta área, através de uma Subsecretaria destinada especificadamente à Baixada. Para referida análise do governo Estadual, serão enfatizadas a atuação específica do governo Cabral (2008-2014) analisando os impactos de suas propagandas eleitorais e seu impacto na geografia dos votos dos votos nos municípios da Baixada;

[B] A articulação política de Prefeitos da Baixada Fluminense – que se consolida com uma esfera de negociação em torno de problemas comuns aos municípios, no âmbito da chamada Associação de Prefeitos da Baixada, que mesmo não institucionalizada, tem reverberações em diferentes áreas. Para exemplificar essa articulação interna serão utilizadas a geografia dos votos para o Senado de 2010 que elegeram o “primeiro Senador da Baixada”⁴⁸ – Lindberg Farias; e as ações coletivas no campo da Saúde, por ser aquela que ganhou maior visibilidade tendo sido institucionalizadas através do Consórcio Intermunicipal de Saúde da Baixada Fluminense – CISBAF.

⁴⁸ Essa menção é auto-intitulada pelo próprio Lindberg em sua campanha eleitoral [ver anexo 19].

A escolha destes agentes decorreu do grau de importância e de seu prestígio e legitimidade no campo de poder político na Baixada Fluminense. Ainda é oportuno destacar que esses atuam ora de forma conjunta, ora de forma dissociada, e têm um papel importante na produção territorial (material e imaterial) desta Baixada, por conta das diretrizes que assumem diante da normatização do território.

As análises das representações no campo político foram construídas levando em consideração os sentidos apresentados por estes agentes no campo político onde são difundidos em suas estratégias de *marketing* político, através de *outdoors* e propagandas eleitorais, e outros meios de divulgação, que, de alguma forma, transmitem sentidos para Baixada em suas mensagens. Também são considerados os sentidos contidos nas falas de alguns personagens da vida política da Baixada, que se manifestam em lugares públicos, em especial em eventos regionais. Outrossim, são elencadas falas obtidas em “entrevistas formais e informais” por representantes institucionais, das quais as informais mencionaremos aqui, por elucidar grande parte da discussão que se apresentará.

Conforme já descrito na apresentação deste trabalho, as entrevistas chamadas “informais” se constituem através da coleta de informações junto a alguns prefeitos nos encontros em lugares públicos, durante eventos da Baixada Fluminense, e a maior parte delas durante a realização do Seminário Visões de Futuro que foi organizado pela FIRAJN no ano de 2011. As entrevistas formais foram realizadas no primeiro semestre de 2013, com o subsecretário de governo de Belford Roxo e com a Secretária executiva do CISBAF. Estes foram entrevistados por indicação, respectiva, dos prefeitos de Belford Roxo e Nova Iguaçu que diante de suas agendas de compromisso não puderam nos atender. Ainda de forma complementar, estes foram indicados porque poderiam contribuir com informações sobre a Associação de Prefeitos e sobre a CISBAF.

A construção deste capítulo ocorre de forma concomitante à análise dos materiais coletados (propagandas, *outdoors*, *busdoors*, matérias jornalísticas, “entrevistas”, etc.), ancorado ao resgate bibliográfico, além disso, foi importante a pesquisa dos documentos oficiais, e informações de órgãos como o TSE e ambos permitiram uma análise mais pormenorizada, capaz de consubstanciar os argumentos expostos na análise deste campo de poder.

Os sentidos produzidos no campo político se forjam nas ações da institucionalidade dos governos Municipais e Estaduais de exercerem e possibilitarem novas dinâmicas, tradutoras, na sua essência, de modificações da estrutura material, que em suma possibilita produção de um novo sentido para a Baixada bem como de sua apropriação. Nesse campo, está claramente desenhada a necessidade de reforçar tanto a “representação hegemônica de violência e pobreza”, para delinear diferentes políticas públicas e capitanear os seus recursos territoriais, quando alimentar com novos álibis os sentidos de progresso e mudança social.

2.1 TERRITÓRIO E NEGOCIAÇÕES POLÍTICAS – A BAIXADA COMO REPRESENTAÇÃO DE UM TERRITÓRIO IDEAL NA VIDA POLÍTICA FLUMINENSE.

O campo político é de fato aquele em que a Baixada Fluminense ganhou sua densidade ao longo do século XX. A virada dos anos de 1990 trouxe para essa área uma maior conotação neste campo, posto pela emergência de novos municípios na região, que agregaria a maior parte da população do estado do Rio de Janeiro e respectivamente delimitaria um importante território político-eleitoral.

Conforme destaca Davidvich (2000), a região metropolitana do Rio de Janeiro apresenta cerca de 75% da população do Estado. Situada na porção Central e Oeste da Baía de Guanabara, a Baixada Fluminense comporia atualmente, segundo a Subsecretaria Estadual de Governo da Baixada, 13 dos 21 municípios. Isto, por si, representaria um potencial agregador de quase 4 milhões de habitantes, que em termos eleitorais (dados do TSE) representaria quase 36% do eleitorado fluminense. Logo, se visto como um “bloco regional/territorial” poderia garantir as estratégias eleitorais dos políticos profissionais⁴⁹ no Rio de Janeiro. Esse coeficiente eleitoral, por exemplo, foi capaz de influenciar sensivelmente na geografia do voto para governador e senador e foi capaz de eleger 5 deputados federais e 13 deputados estaduais nas eleições de 2010.

Todavia, descortinar as ações dos agentes no campo político, em especial daqueles que atuam na Baixada Fluminense, é demasiado difícil. Seja por uma “teorização” que perante vias práticas desde agentes se mostram deslocadas, seja pela “informalidade” e inviabilidade, por vezes, de obter informações sólidas que permitam aferir sobre a temática, sobretudo posto pelo “submundo” da política na Baixada⁵⁰ (BARRETO, 2006)

⁴⁹ Utilizamos o termo em referência a trabalhos no campo das ciências humanas que utilizam-no para classificar aqueles que “vivem da política” (prefeitos, vereadores, deputados, etc). O uso aqui é feito para não confundir o leitor quanto a possibilidade de pensar os sujeitos como agentes no campo político, uma vez que a verdadeira política é feita no sentido da liberdade (ARENDDT, 2010), logo os indivíduos também seriam “políticos” - Ver por exemplo o trabalho de Linderval Augusto Monteiro (2007; 2007[b]).

⁵⁰ A cerca disto Alessandra Siqueira Barreto (2006) assim como outros autores deixam claro a forte relação do estrato da violência com a prática política na região.

No caminho de entender as ações dos agentes elencados no campo político, trouxemos para o escopo desta tese a noção de campo de poder, onde pudemos utilizar um atributo contido na “teoria geral dos campos”: a noção de “capital específico” (BOURDIEU, 2010, p.69). Este corresponde à ideia de que os agentes inseridos nos respectivos “campos” estariam “cotidianamente” numa disputa de posição onde o “prestígio” e a busca por uma reputação estariam em pauta.

No que tange à Baixada Fluminense, esse “capital específico” relaciona-se tanto à trajetória política profissional dos sujeitos, que o legitimam no ato da política profissional, quanto às relações de identificação direta com esta área – que servem como mediação - que viabilizaria ao próprio sujeito personificar a Baixada Fluminense. À exemplo, as teses de Alessandra Barreto (2006) - “Cartografia Política da Baixada Fluminense” -, e de Linderval Augusto Monteiro (2008) - “Retratos em movimento: Vida política, dinamismo popular e cidadania na Baixada Fluminense” -; são exemplares de como esse capital específico opera ao travestir a Baixada à vida política de algumas lideranças.

Como mencionado, a tese de Alessandra Barreto (2006) discute as trajetórias de três personagens da vida política da Baixada Fluminense (Jorge Gama, José Camilo dos Santos – ZITO, e Lindberg Farias) mostrando como, em maior e menor grau, a Baixada Fluminense é o locus central de ações e discursos destes políticos profissionais. No mesmo sentido, todavia explorando o que podemos chamar de “ativismo popular” Linderval Augusto Monteiro, destaca que as trajetórias de sujeitos políticos ganham significados diante da identificação de problemas que se relacionam a estrutura social e espacial das localidades onde vivem estes sujeitos - em diferentes bairros mais pobres, especialmente de Duque de Caxias e Belford Roxo.

O que há de comum nas duas teses que podemos articular com as linhas gerais deste escrito? Sem dúvida relacionam-se as práticas políticas que articulam as histórias e trajetórias de personagens políticos (fama, prestígio, vivência e representações que conferem o “Capital específico”) à construção da representação da Baixada Fluminense. Em suma, essa área construída como um território (enquanto prática e representação) é posto como o lócus. Assim, as estratégias de negociação política que conferem a esses sujeitos e agentes esse dito capital

específico, por sua vez, atribui de forma personificadora esse mesmo prestígio ou sentido à Baixada.

Logo, os sentidos da representação para a Baixada são, também, sentidos para esses “políticos”. Além de influenciar as estratégias e trajetórias destes, elas podem condicionar a uma geografia política própria, capaz de influenciar diretamente, por exemplo, a seletividade espacial das políticas públicas e a geografia eleitoral.

Neste sentido, a Baixada Fluminense se traveste em território. Sua enunciação, busca de sua legitimidade, e as disputas eleitorais em torno de suas potencialidades conferem a esta área uma visibilidade política. Após anos de 1990, essa visibilidade ganhou maior solidez, diante das confluências de *eventos* que propiciaram, tê-la como um mote de intervenção, a ser negociada politicamente.

No que tange a uma tese em geografia, a construção de uma análise sobre “Eventos” não descredencia a construção de uma periodização, pelo contrário, entendemos como um reforço ao marco temporal que propomos aqui. Para Milton Santos (2002, p.146), o evento pode ser entendido como um “vetor de possibilidades”, que é referenciado no tempo e no espaço. Os eventos tanto “dissolvem coisas” quanto também as criam. Deve-se ter a noção de que eles não se dão isoladamente (ibidem, p.149) e estão articulados espacial e temporalmente quase que em uma sucessão, podendo ter uma tipologia, duração, extensão e superposição.

Neste sentido, os eventos conferem interpretações da historicidade. Ratificando o que Claude Raffestin (2009, p.35) destaca que “existe uma historicidade do território material, também há uma da imaginação”. Os eventos, neste caso podem ser materializados (ser visíveis) ou podem ser concebidos no campo das representações e ideias. Neste sentido as articulações de ideias políticas⁵¹ podem ser entendidas como eventos.

Se tratando da interferência de um evento no campo político, aquele que envolve a dimensão jurídico-administrativa do território tem uma grande relevância. Para o presente estudo,

⁵¹ É importante destacar que há uma concordância em inúmeros autores que há uma geografia política latente no campo das ideias, que reverbera diretamente na construção do território (CASTRO, 2008; AGNEW; MICHEL; TOAL, 2008)

esse evento refere-se às Emancipações na Baixada Fluminense que é deflagrado no período pós anos 1990.

Neste sentido Manoel Ricardo Simões (2006, p. 6) é categórico em afirmar que entorno delas puderam se configurar novos “movimentos sociais e alianças políticas de construção de novas identidades territoriais”. Além disto:

“permitiram a subida ao poder de grupos políticos locais e o estabelecimento de novos projetos e arranjos econômicos nos municípios e uma nova composição de forças no jogo político da Baixada Fluminense e no Estado do Rio de Janeiro como um todo.” (ibdem, p.6)

No que tange ao evento das emancipações na Baixada Fluminense, o referido autor sublinha com maior destaque aquelas que ocorrem após o período de redemocratização do país, que está associado também à criação da nova constituição de 1988. Em especial, por que esta deu legalidade aos Estados para a criação de novos municípios, o que permitiu o surgimento de muitos outros por todo país. Segundo Fabricio Lima Tomio (2002, p.61-62) neste período se configurou no Brasil, um “novo ordenamento federativo”, que reescalou as estruturas de poder em níveis históricos no país.

Este é sem dúvida, um evento que irá interferir diretamente da estrutura política, “criando coisas e destituindo-as” (hierarquização de poder institucional no que tange ao arranjo tributário e fiscal, por exemplo) e neste sentido sustenta o nosso entendimento de um marco temporal, relacionado à conjuntura após os anos de 1990.

A Baixada Fluminense, que tem no campo político uma importante voz de legitimação e sustentação, teve diante das emancipações, no contexto dos anos de 1990, um marco importante, porque além de enquadrar-se na conjuntura política do Brasil, indicou a clara relação existente entre a criação de novos municípios e a delimitação de “territórios” entre as elites políticas/econômicas locais. Sobre isto, Simões (2006, p 134) destaca que:

A fragmentação do território em novas unidades é um processo que reflete o desenvolvimento histórico, econômico e político de uma sociedade e também é, em última instância, uma organização territorial do poder, que define “quem” manda até “onde”. Delimitar territórios significa demarcar área de atuação e influência de cada fração de classe dominante num determinado espaço, onde, por certo, ocorrerão os conflitos entre classes e frações de classe que coabitam dentro destes limites o que leva a novas delimitações e arranjos políticos. (SIMÕES, 2006, p. 134).

Somada as emancipações podemos citar as articulações em torno da representação da Baixada como um evento, que está diretamente ligado a uma amplitude regional/local. Trata-se de uma sucessão de iniciativas de articulação política que agregaria a essa área o status único na conjuntura da vida política fluminense construída em torno de sua representação.

É importante mencionar que Milton Santos ao destacar as tipologias de “eventos históricos que supõem a ação humana”, ressalta que “os eventos são também ideia e não apenas fatos” (SANTOS 2002, p.147-148). Isto, permite uma inflexão metodológica importante, que situa os agentes dos diferentes campos de poder, neste caso específico do campo político, na construção dos eventos. Estes, por sua vez, são capazes de criar novas condições históricas e geográficas para reproduções das relações de poder. Ou seja, são capazes de viabilizar a partir de suas estratégias, das mais singulares às mais gerais, as condições de suas reproduções nos diferentes campos.

A Baixada Fluminense, se constrói neste enredo, na confluência entre um fato (ato legal das emancipações) e um conjunto de ideias (das articulações e negociações políticas). Exemplificando a historicidade do território (RAFFESTIN, 2009). Essa confluência, permitiu ampliar as questões sobre a ambivalência de seus limites territoriais que ainda é recorrente frente as demandas de apropriação territorial - político eleitoral.

Assim, a Baixada se revela um território, por permitir-se agenciar por diferentes agentes atuantes em diferentes campos de poder, neste caso específico por aqueles que se desenham no campo político. A Baixada é delimitada, apropriada, diferenciada para potencializar seu uso.

Diante destes dois “eventos”, é importante correlacioná-los para compreender a seguinte questão: como a Baixada Fluminense ganha no campo político o estatuto de território?

Neste sentido, apontamos que em primeiro lugar o “evento” das emancipações modificou explicitamente a configuração territorial (feição ou limites municipais) que teve uma clara conotação da apropriação direta de um governo institucionalizado por parte das elites políticas locais (SIMÕES, 2006). A Baixada Fluminense, se pensada a partir de seu núcleo central - àqueles municípios oriundo de Nova Iguaçu⁵² e que não conseguem se destituir da representação hegemônica de Baixada Fluminense - antes das emancipações que decorreram da nova constituição de 1988, era composta pelos municípios de Nova Iguaçu⁵³, Duque de Caxias, São João de Meriti e Nilópolis. [Ver figura 2.1]

É importante destacar que neste período os municípios de Itaguaí e Paracambi e Magé já eram emancipados. Ainda, observa-se [figura 2.2] que após os anos de 1990, diante do efeito da nova constituição de 1988, novos municípios se forjaram. Da fragmentação de Nova Iguaçu originou-se Queimados, Japeri, Belford Roxo e Mesquita; de Itaguaí, originou-se Seropédica; e Magé deu origem à Guapimirim.

⁵² Conforme apontamos num recente artigo (ROCHA, 2013 [b]), há uma nucleação central que não conseguem se desvencilhar da representação hegemônica, que está muito próximo daqueles oriundos da antiga Vila de Iguassú e que foram incorporados como uma periferia da metrópole fluminense. São eles: Nova Iguaçu, Belford Roxo, Mesquita, Nilópolis, Duque de Caxias, São João de Meriti, Queimado e Japeri.

⁵³ Este que é considerado o município mãe da Baixada, que deu origem ao demais descritos neste parágrafo, foi desmembrado dos termos de Niterói em 1833 por decreto de 15 de janeiro. Iguassú teve sua sede mudada em 1891 para Maxomboba e em 1916 teve seu nome mudado para Nova Iguaçu. A criação do Município de Duque de Caxias ocorre em 1943 e o de São João de Meriti e Nilópolis no ano de 1947, sendo o primeiro desmembrado de Duque de Caxias (MAGALHÃES; ROCHA, SANTOS FILHO, SANTANA, 2013)

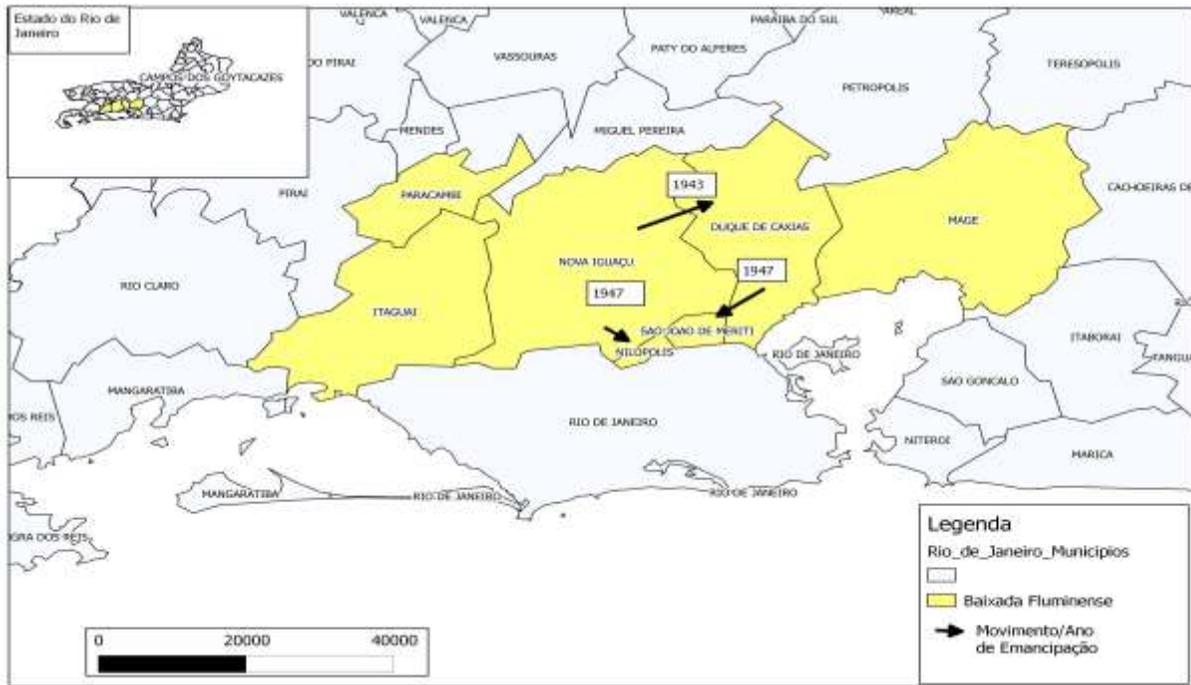


Figura 2.1 – Mapa da Baixada Fluminense Antes das Emancipações pós 1990. Elaborado pelo Autor.

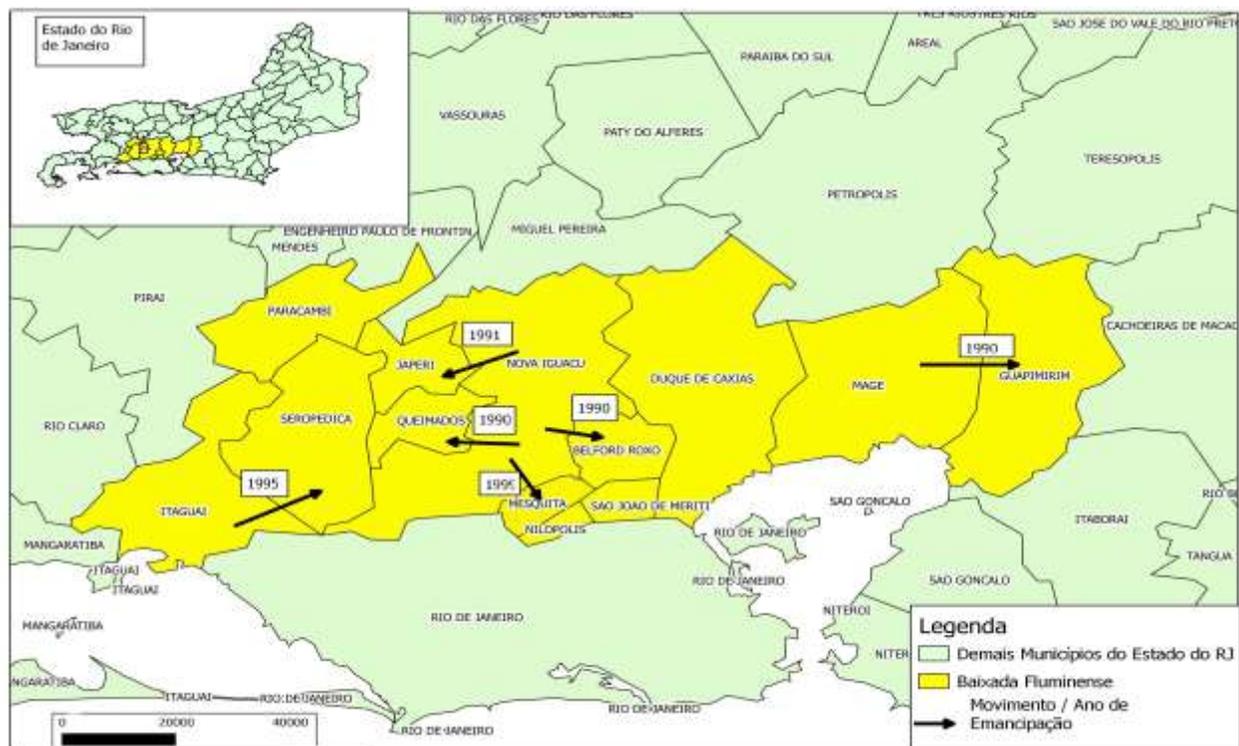


Figura 2.2 – mapa da Baixada Fluminense após as emancipações dos anos e 1990. Elaborado pelo Autor.

Assim, a nova geografia política daria origem, nos anos de 1990, a mais 6 municípios, agregando-se, então, à formação que conhecemos dos 13 municípios. Todavia, não podemos considerar que estes, conjuntamente, formavam uma “rede política” articulada.

Houve ainda, nos anos de 1990, indícios de uma articulação que corroborou em evocar sentimentos de pertencimento somados por interesses eleitorais, que marcaria a uma circunscrição da Baixada. A Baixada começaria a se mostrar como um território, oriundo de pleitos de negociações internas.

Neste sentido, resgatamos um trecho da tese de Alessandra Barreto, que ao entrevistar Jorge Gama, que foi uma importante figura política regional na década de 1990, indicava que as articulações deste político foram fundamentais para colocar essa a Baixada na “visibilidade política no plano estadual e até nacional”. Categoricamente, aos poucos, ela vai se revelando um dispositivo, que agenciado em sua representação, constitui-se como trunfo nos pleitos políticos, influenciando na seletividade espacial das políticas públicas.

Neste ensejo, a autora exemplifica uma das diversas tentativas de atrair obras de infraestrutura, a partir dos polos de universidades públicas para a região, como foi o caso da UFF nos anos 1990. Alessandra destaca uma fala de Jorge Gama em uma de suas “manobras em prol da Baixada”:

A Constituição consagrou em um dos seus artigos a obrigatoriedade de expansão das universidades pro interior. Aí que é que eu faço: ‘peraí, eu tenho um projeto para a sociedade iguaçuana na qual houve uma mobilização; há uma memória disso(...)Aí eu fui, conversei com o Romeu. E ele falou: ‘Nós temos interesse. Qual o município?’ Eu digo: ‘A região da Baixada Fluminense, mas com sede em Nova Iguaçu’. Ele até estranhou porque falou: ‘Mas Nova Iguaçu é do PDT, do Aluísio Gama’. Eu digo: ‘Sim, mas eu não vim reivindicar uma universidade para o PMDB, vim pelo município, seja PDT, qualquer partido serve’. Aí ele perguntou: ‘O prefeito de lá topa?’ Aí, eu liguei pro Aluísio Gama, na época, e digo: ‘Olha, Aluísio, está nos planos fazer uma parceria com a UFF pra botar

uma universidade em Nova Iguaçu? É possível?’ ‘É possível, claro que é!’
(BARRETO, 2006, p.117) [grifo nosso]

A articulação feita por Jorge Gama, não é solitária. Ainda nos anos de 1990 foram comuns o início de articulações internas relativas a dita “Associação de Prefeitos da Baixada”. Assim, começara a se articular os novos municípios que davam maior “pressão” a política interna no estado do Rio de Janeiro. Ao seu turno, por conta da formação da SEDEBREM⁵⁴– Secretaria de Desenvolvimento da Baixada e Região Metropolitana – alguns prefeitos já se articulavam politicamente, inclusive com pleitos diante do governo do estado.

Um exemplo desta articulação política, foi destacado numa reportagem *do Jornal do Brasil de 21 de junho de 1995*, que ao mencionar a morte do primeiro prefeito de Belford Roxo (Jorge Júlio da Costa Santos – o Joca), destacava que ele iria à uma reunião com o governador do estado, mais três prefeitos da Baixada. O exemplo da articulação política de Joca é singular. Segundo Linderval Augusto Monteiro (2007, p. 71) em uma nota explicativa de seu artigo, o autor destaca que Joca era considerado por muitos prefeitos o “governador da Baixada”, por presidir uma espécie de “Associação de prefeitos da Baixada e adjacências”.

A imagem desde personagem da histórica política da Baixada Fluminense elucida bem a propriedade associada na composição dos campos de poder. O capital específico que Joca adquiriu diante de sua trajetória o possibilitou articular elementos em torno de sua imagem. Ligando a representação da Baixada à sua própria forma de fazer política. Neste sentido, Segundo Linderval Augusto Monteiro (ibidem, p. 66) referenda:

(...)ele [o Joca] não somente junta em torno de si o apoio dos belford-
roxenses mas também a admiração da população de outros municípios da
Baixada Fluminense, o que fez com que seu estilo de governo passasse a ser
imitado por outros prefeitos dessa região(...) [palavra nossa]

⁵⁴ É importante destacar que a mesma SEDEBREM tinha como coordenador geral o então Deputado Nelson Bornier (atual prefeito de Nova Iguaçu)

A constituição de uma “imagem política regional” criava para a Baixada Fluminense uma personificação. Ao seu turno, o estreitamento de laços de prefeitos locais eram associados às políticas a nível de governo Estadual, que referendavam “representações” a partir da execução de política públicas, em especial aquelas associadas ao Saneamento (quase que como uma continuidade das que eram construídas no início do século XX.).

Neste sentido, entendemos que as articulações de ideias e promoções de políticas públicas relacionadas ao espaço da Baixada, também foram importantes “eventos”, na consolidação de uma “imagem regional” – distinguindo-a do restante da metrópole fluminense. São eles respectivamente os programas Baixada Viva e Nova Baixada

Para Hélio Silva (2010) estes dois programas poderiam ser entendidos como apenas um, por manter como principal objetivo o saneamento em áreas da Baixada Fluminense. Para o autor a mudança substancial foi apenas tratada em sua nomenclatura, no ano de 2001. Todavia no Decreto Estadual de nº 27.882 de 02 de Março de 2001 [anexo 17], promulgado no Governo de Antony Garotinho (1999-2002), além de modificar a nomenclatura do programa, também altera as estruturas de acompanhamento bem como a área de abrangência do programa, inserido a municipalidade de Mesquita [antes pertencente a Nova Iguaçu].

Segundo Hélio Silva (2010 p. 7) “Foi no Governo Marcelo Alencar (1995-1999) que se criou e se iniciou, em maio de 1995, a preparação do programa de urbanização integrada de bairros da Baixada Fluminense, denominado Programa Baixada Viva (PBV)”. O referido programa oriundo das demandas internas relativas ao saneamento básico, contou com o apoio financeiro do Banco Interamericano de Desenvolvimento – BIRD, tendo seu acordo firmado apenas em 1999, já no Governo Antony Garotinho. [Ver municípios Beneficiados na figura abaixo]

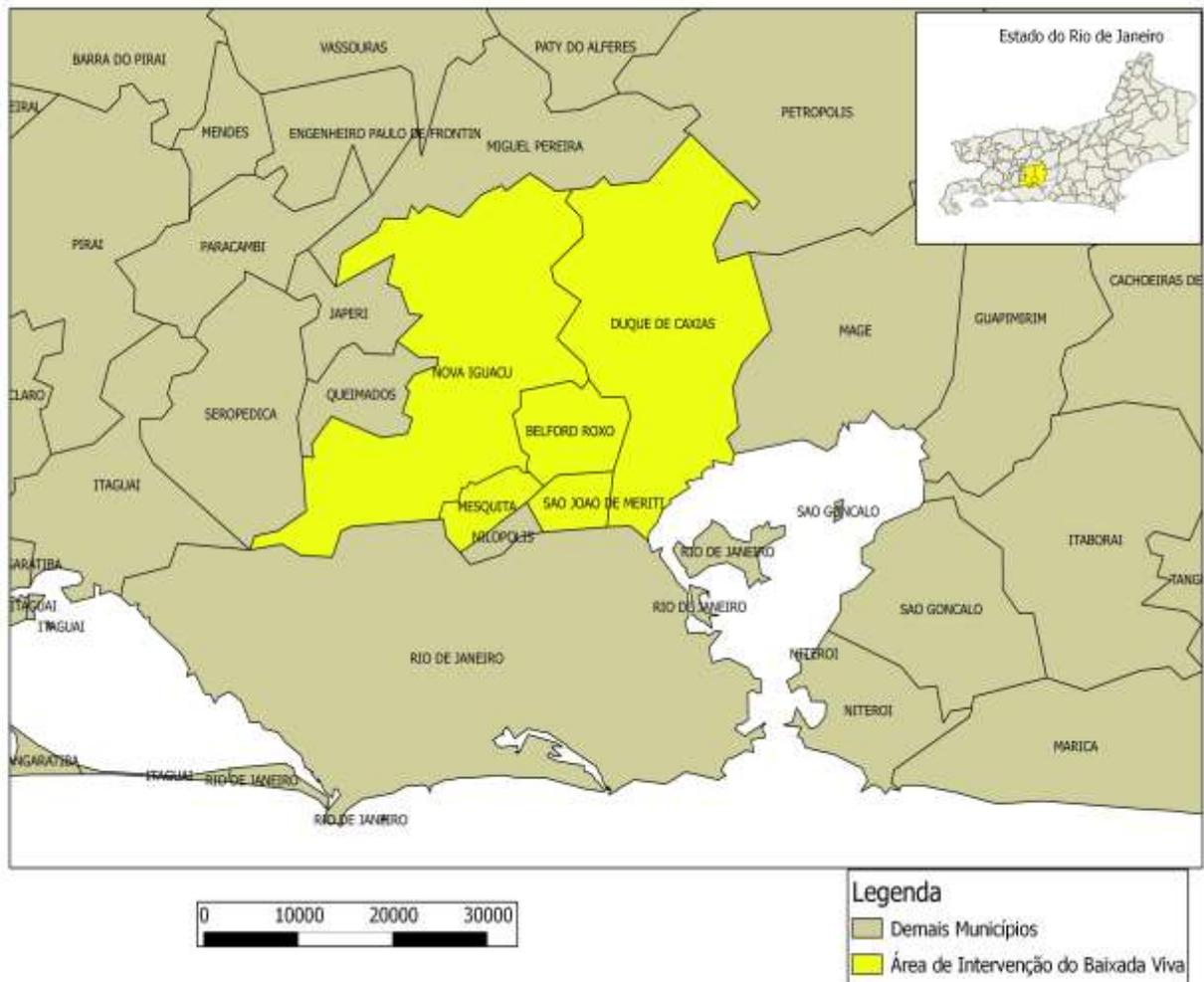


Figura 2.3. Mapa com Destaque para Municípios que receberam intervenções dos programas Baixada Viva/Nova Baixada. Organizado pelo Autor.

O elemento significativo para a questão de pensar que a Baixada como um território construído nos contextos da negociação política é que, ao representar essa área a partir do programa de governo, é possível identificar nova significação para ela. Os termos “Baixada Viva” – que remete a noções e movimento, mudanças -, e “Nova Baixada” – que entra em consonância com a ideia de mudança qualitativa substancial-, são, na realidade, formas de

substanciar “políticas de significado”⁵⁵ ao território da Baixada. Neste sentido o próprio Hélio Silva (2010, p.7) destaca que:

“Programa Nova Baixada (PNB). Não se trataria apenas de uma mudança de rótulo. Buscar-se-ia uma nova identidade e, a partir deste último Governo [Antony Garotinho], o programa teria merecido algumas alterações significativas de ordem social” [Palavra Nossa] [*grifo Nosso*].

Destarte, há por parte dos agentes políticos a necessidade de resignificar a Baixada para dar conta de suas encomendas eleitorais, no sentido de que poderiam angariar mais votos – recursos deste território. A questão central é que ao agenciar a Baixada Fluminense em torno de políticas exclusivas, com nomes e sentido próprios há uma delimitação e uma apropriação direta do território (RAFFESTIN, 1993, SAQUET, 2007, HAESBAERT, 2004).

A construção de sentidos para a Baixada Fluminense no campo político atravessa desde a perpetuação da representação hegemônica diante das similitudes entre o político e o regional (território) até um novo agenciamento das novas representações, que inclui em uma nova forma do fazer político - exemplificados em Lindberg Farias; - que trazem atrelados os sentidos de progresso e desenvolvimento, diante de novas “políticas de significado” que se desenham com a materialização nas estruturas territoriais da metrópole fluminense.

Do mesmo modo, a Baixada Fluminense como uma representação ideal de um território, ganha diferentes feições e sentidos no campo político. Identificar a “resiliência” da representação é uma forma de entender as estratégias dos agentes que compõem esse campo. Para isto, focaremos no levantamento das articulações internas (grupos de prefeitos) e do governo estadual para a Baixada. Na tentativa de avaliar concomitantemente a relação entre a produção de representações para essa área com a geografia eleitoral, enfatizaremos em especial as eleições de

⁵⁵ A noção de *Políticas de Significados* é apresentada por Geertz (1989), onde as representações e imagens são mobilizadas como estratégias para afirmação e legitimidade de uma prática. Que em nossa abordagem possui um reflexo territorial

2010, privilegiando os votos para senador (Lindbergh Farias) e Governador do Estado (Sergio Cabral).

Ainda, buscaremos expor que as ambições e ações de agentes neste campo constrói-se quase que conjuntamente às ações no campo econômico. Ora discordando, ora de forma complementar, assumindo novas demandas de representação, sobretudo por conta das execuções de política públicas, exemplificadas atualmente pela construção do Arco Metropolitano.

2.2. ASSOCIAÇÃO DE PREFEITOS, AS ARTICULAÇÕES LOCAIS E O PROBLEMA DE SUA REPRESENTAÇÃO - DA GEOGRAFIA DO VOTO AOS PLEITOS INSTITUCIONAIS DO CISBAF.

Ao discutir sobre as articulações políticas no âmbito restrito da Baixada Fluminense, esbarramos, num primeiro momento, com a escassez de fontes que poderiam dimensionar a existências de vínculos políticos e institucionais entre os prefeitos desta área. A entidade que é comumente destacada na mídia e pelos próprios políticos locais como foco, ou fonte, principal desta articulação é a dita Associação de Prefeitos.

É importante esclarecermos que a partir de uma investigação geral, percebemos que não há uma institucionalidade, um aparato legal, regimento ou coisa que o valha, que dê crédito existencial e confirme as articulações políticas deste grupo. Ainda, ocorre que o mesmo grupo de prefeitos não possui um consenso frente a seus reais propósitos, variando segundo a interpretação pessoal das lideranças municipais⁵⁶.

Tendo como fontes diretas as reportagens na mídia e em fontes bibliográficas, é possível apontar que essa Associação de Prefeitos, surge nos anos de anos de 1990 após emancipações municipais. Teve como visionário Jorge Gama (BARRETO, 2006), mas como primeiro presidente o ex-prefeito de Belford Roxo, Jorge Júlio Costa dos Santos (o Joca)⁵⁷ (MONTEIRO, 2007) e se articulou em torno no pleito da mudança da “realidade local”. Que inclui deixar para o passado as representações e o estigma da violência. Elemento circundante a vida política da Baixada (ALVEZ, 1998).

Exemplificando a noção da violência se estruturando como uma imagem mobilizadora da vida política na região, está o fato da menção em uma reportagem da Carta Capital de 25 de outubro de 2012, sub o título “Em menos de 30 anos, 72 políticos foram mortos no Brasil” ter como segunda chamada “Magé, no Rio, é a cidade campeã de violência política, com nove assassinatos

⁵⁶ Informações coletadas da presidente da CISBAF em maio de 2013 [ver anexo 18] que é concomitante as manifestações em fala de prefeitos durante o evento realizado em 2011 pela FIRJAN [ver anexos 4, 5 e 6].

⁵⁷ Tomamos como referência para afirmar tal questão a menção feita por Linderval monteiro (2007).

desde 1997” destacando que 14 mortes ocorreram no Rio, sendo que “boa parte na *violenta região da Baixada Fluminense*”⁵⁸[grifo nosso].

Ai reside um fato singular. A representação da Baixada vinculada a violência, miséria e pobreza (àquela que chamamos de representação hegemônica), traz atualmente constrangimentos na solidificação desta rede política de prefeitos. Ao passo que se percebem um movimento de “transformação da imagem da Baixada”. Entretanto, a representação hegemônica também é regatada como um trunfo na articulação política.

Como produtos de uma primeira leva da articulação política da Associação de prefeitos da Baixada na década de 1990 Podemos destacar:

- (a) a constituição de uma secretaria específica para a Baixada – SEDEBREM – segundo alguns foi, ao mesmo tempo, uma iniciativa de captar as demandas locais e garantir uma efetividade (ligação) no contexto da articulação política. Um bom exemplo foi o fato da “sede da Associação de prefeitos se localizar no mesmo lugar da extinta SEDEBREM⁵⁹ – Secretaria de Desenvolvimento da Baixada e região Metropolitana, que era localizada nas imediações da rodovia Presidente Dutra em Nova Iguaçu”⁶⁰; e
- (b) articulações para implantar o programa Baixada Viva/Programa Nova Baixada – que viu-se como um resultado de cooperação entre o governo estadual e municipais, em especial no que tange a elaboração dos projetos. (SILVA, 2010).

Todavia, o principal problema da articulação política local é a falta de institucionalidade da Associação de Prefeitos que esteve, por alguns momentos, “esvaziada”, em especial, entre os anos finais da década de 1999 e meados de 2005, onde cada prefeito encaminhava seus pleitos individualmente. Conforme destaca Rosangela Bello, secretaria executiva do CISBAF- Consórcio Intermunicipal de Saúde da Baixada Fluminense:

⁵⁸ Reportagem completa disponível em < <http://www.cartacapital.com.br/politica/em-menos-de-30-anos-72-politicos-foram-mortos-no-brasil>> data do acesso: 12/11/2013.

⁵⁹ A extinta secretaria teve sua extinção ratificada no Governo Sergio Cabral, através do Decreto Nº 44.483 de 22 de Novembro de 2013. Atualmente funciona uma Subsecretaria da Baixada ligada diretamente a Secretaria de Governo.

⁶⁰ Informação obtida em entrevista como a Secretária Executiva Rosangela Bello.

“, nos últimos seis anos ela ficou totalmente esvaziada. Esse ano eles[os prefeitos] têm como decisão reativar. Ela [Associação de Prefeitos] nem têm sede. Ela teve essa sede, em 2000, quando comecei a participar, era em São João, depois a sede dela foi aqui na Dutra, aonde funcionava a secretaria de governo de estado, aqui onde é agora essa concessionária da Ford.(...) e a associação foi esvaziada, nos últimos dois mandatos eles não tiveram uma forte presença regional, encaminhavam mais individualmente seus pleitos (...)” [palavra nossa].

No contexto em que a articulação regional é esvaziada, talvez por ausências de uma liderança de coesão regional, tem no ano de 2005 um parcial resgate com a chegada de Lindberg Farias na vida política da Baixada. Uma vez que o caráter “regional” é evocado novamente em suas campanhas eleitorais. E também nasce, aí, uma outra perspectiva para uma “nova representação da Baixada”.

Conforme destacou Alessandra Barreto (2006) a disputa eleitoral de 2004 para prefeitura de Nova Iguaçu, trouxe novos elementos para a política da região. Destacaríamos que se trata da difusão de uma “nova representação”, pois a candidatura de Lindberg Farias trouxe como parte de seu capital específico, vinculando a sua imagem às lutas sociais, a oportunidade de trazer o progresso e o desenvolvimento para a Baixada. Contrapondo-se ao que corriqueiramente era associado.

Notadamente, logo após sua eleição, Lindberg Farias, se torna uma “importante voz” na política fluminense. Usualmente ele buscava articular com os demais prefeitos, pleitos coletivos. Essa questão pode ser exemplificada, no debate em 2005 em torno da instalação da refinaria de petróleo no estado do Rio de Janeiro, hoje instalada em Itaboraí.

Em nome da “Associação de Prefeitos da Baixada” chegou-se a pleitear junto ao então presidente da república, Luis Inácio Lula da Silva, a instalação desta refinaria no município de Itaguaí. No referido encontro o então presidente da associação, Lindberg Farias, direcionou o discurso sobre a estrutura de representação para a Baixada, apontando-a como “a mais pobre do Estado”. No mesmo ensejo, articula em seu discurso as potencialidades produtivas que tal

investimento traria para essa área. Tal fato foi inclusive divulgado pela Agência Brasil em 28/11/2005:

Segundo os prefeitos, o município é o local mais viável para construção do empreendimento. De acordo com Lindberg, a briga é porque o secretário de Governo e Coordenação do Rio de Janeiro, Anthony Garotinho, quer que a refinaria seja construída em Campos, cidade que não faz parte da Baixada Fluminense.

"Todos os critérios conspiram para a construção da refinaria em Itaguaí. A obra vai gerar novos empregos e atender a uma população de cinco milhões de habitantes na Baixada, região mais pobre do estado", disse Lindberg. Construir a refinaria em Campos, acrescentou o prefeito, significa um investimento adicional de US\$ 542 milhões, verba que poderia ser utilizada para outros fins. "Eu não consigo entender as motivações para que essa refinaria não seja em Itaguaí". (ver reportagem no anexo 1) [grifo nosso].

O trecho citado é parte da reportagem e do discurso onde Lindberg Farias que discute a questão da instalação da refinaria e chega a deixar latente a composição territorial da Baixada, ao afirmar que “Campos, não faz parte da Baixada”. Isto destaca os limites que se revelam distintos da composição natural, sendo a Baixada dita pelo então prefeito de Nova Iguaçu, uma representação associada à singularidade urbana e à pobreza.

A representação de uma Baixada pobre foi o recurso pelo qual se projetou a plataforma de se propor uma mudança, na realidade, voltada para o desenvolvimento da região. Essa articulação discursiva, transforma a Baixada explicitamente num dispositivo, numa representação ideal de um território. Esta serve para barganhar e pleitear ações fruto da negociação política entre interesses externos oriundos do governo federal e estadual, e interno com demandas dos municípios.

Neste sentido, a representação de progresso e desenvolvimento começa a emergir no campo político, sobretudo, no pleito de Lindberg Farias. Há um “certo desconforto” diante da afirmação desta representação. Pois ao afirmar que a Baixada deve buscar o progresso, dialogicamente a referenda como uma área “pobre e miserável”. Este jogo de representações

coloca-se como um impasse para muitos prefeitos, uma vez que os sentidos construídos numa dada representação podem influenciar diretamente as demandas locais (ROCHA, 2009), sendo um grande impasse a articulação política. Ponto que também foi destacada pela Secretária executiva, Rosangela Bello do CISBAF como um entrave a articulação regional [vide anexo 18]. Ou seja, além da falta de institucionalidade a referência de “créditos políticos” são impasses na busca de uma união dos prefeitos da Baixada. Isto ficou ainda mais nítido durante a observação em campo, em especial durante os eventos realizados em 2011 sobre futuro da Baixada, organizados FIRJAN - Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro [ver anexos 4, 5 e 6]

Em eventos organizados por agentes do campo econômico [em especial a FIRJAN], na qual participamos na categoria de ouvinte, pudemos colher falas de prefeitos e representantes locais que versavam exatamente sobre a imagem da região. Denunciado as contradições frente os velhos e novos sentidos para a Baixada. Dentro deste grupo de municípios há na realidade posições e opiniões contrastantes. Embora o discurso externo, para fora da Baixada seja de uma coesão simbólica estruturada em torno de problemas, quando se pensa nas projeções política e econômica de cada município, as singularidades emergem, muitas vezes, negando a imagem de município da Baixada.

No referido seminário sobre o futuro da Baixada, entrevistamos o então prefeito de Mesquita, Arthur Messias, que demonstrou durante sua fala no evento, e em nossa breve entrevista, que existe a necessidade de explorarmos “a cultura e a identidade da Baixada, ainda marcada pela pobreza, mas que pode ser chave para nosso crescimento”. O referido prefeito mostrou-se, inclusive, um entusiasta da Associação de Prefeitos da Baixada Fluminense. As discussões sobre as demandas de desenvolvimento são vistas de forma otimista, todavia ainda resistente quanto aos interesses oriundos de agentes do campo econômico, sobretudo quando ressaltadas as dimensões sobre a normatização dos territórios⁶¹.

Em uma linha contra argumentativa, a então Prefeita de Nova Iguaçu, Sheila Gama, na pergunta que fizemos sobre a referida associação, expressou que “isso não serve para nada. - tá falido”. Acrescentando que “cada prefeito queria saber do seu”. Isto insinua claramente o

⁶¹ Sobre isto, iremos tratar com maiores detalhes no capítulo 3, que se refere as demandas de adaptação do território frente as novas dinâmicas econômicas em curso na Baixada.

esvaziamento, posto pelos problemas de filiação política que a Associação de prefeitos passa. Questão já anunciada durante a entrevista da Secretaria Executiva da CISBAF.

Ainda no campo das singularidades, o prefeito de Paracambi, Tarcísio Pessoa, mencionou várias vezes durante sua fala no referido encontro, que “Paracambi não era igual aos outros municípios da Baixada... os índices de violência e outros problemas não se aplicam”. Em sua fala, abre-se mais uma vez o problema relacionado a representação hegemônica da Baixada Fluminense, que insinua, com certa frequência, a ambivalência de sua composição territorial – que possibilita a entrada e saída de municípios, numa chamada geopolítica da Inclusão-exclusão (ROCHA, 2009).

Há um ponto a ser destacado aqui, no que tange a produção de sentidos para a Baixada. A relação umbilical existente entre os campos de poder tem suas interseções quando se pensa na apropriação territorial desta área.

Nos referidos eventos, a FIRJAN e os representantes de capitais industriais na região deixaram transparecer, em tom claro, que a Baixada necessitava deixar para trás a velha representação de miséria e assumir o seu “futuro próspero”. Para os agentes do campo econômico, isto reside exatamente no atendimento das demandas territoriais com revisão de planos diretores, concessão de incentivos fiscais de tributos, e provimento de infraestrutura básica. Além destes elementos que tocam, diretamente na ordem territorial, apontava a “necessidade de uma maior articulação política entre os prefeitos” (ver anexo 4).

Isto levantou questões importantes que situam o eixo central desta tese. A representação da Baixada é uma forma de legitimar a apropriação do território.

Se de um lado a velha representação significa reificar os marcos territoriais e eleitorais em nome de uma “violência” e da busca de “justificativas” para pleitos diversos, de outro a representação do progresso pode levantar para o campo político, uma nova dimensão: de um capital específico que se constrói no desejo de mudança, capitaneando novos nichos eleitorais, por exemplo.

Neste sentido, apresentaremos como um desdobramento geral deste subcapítulo, dois exemplos de como a articulação interna tanto do ponto de vista “associativo” na cartografia eleitoral quanto da articulação de pleitos no âmbito político e institucional se desenha atualmente. Mostrando, como os sentidos produzidos para a Baixada são utilizados como estratégias de apropriação do território, especialmente utilizando os sentidos de progresso e desenvolvimento como suportes.

2.2.1. A GEOGRAFIA POLÍTICA DO VOTO NA ELEIÇÃO DE LINDBERGH FARIAS PARA O SENADO EM 2010 - UM EXEMPLO.

Como foi destacado, quase como uma simbiose a filiação política de Lindbergh Farias à imagem da Baixada Fluminense, frente às novas demandas econômicas e sociais, conferiram um arranjo de poder singular. Ao ligar o capital específico deste político (sua reputação) à representação da Baixada, foram, também, concebidos os sentidos de luta pelo progresso e o desenvolvimento. Isto por sua vez, propiciou ao ex-prefeito de Nova Iguaçu articular uma teia interna que lhe proporcionou uma geografia do voto própria nas eleições de 2010 [ver quadro 2].

É importante destacar que “em uma situação ideal, a escolha eleitoral é a resposta dada pelos cidadãos a políticas públicas em todas as escalas territoriais” (CASTRO, 2008, p.159). A análise do voto e de sua distribuição espacial permite aferir, neste sentido, efeitos que envolvem: (a) aproximação que explica o voto num candidato de acordo com local de moradia ou vínculo social; (b) proteção ou filiação local – quando trata diretamente quando uma eleição é sensível a determinada área; (c) efeitos da campanha eleitoral – que permite discutir as estratégias eleitorais; e (d) efeito de vizinhança – que destaca as filiações partidárias em áreas próximas.

Quadro 2 – Distribuição do Voto de Luiz Lindberg Farias na eleição de 2010 (PT/Cargo de Senador).

Município	Total de votos válidos (votação nominal)	Percentual de votos Validos obtidos em 2010
Belford Roxo	121.824	29,543
Duque de Caxias	225.698	28,608
Guapimirim	14.240	30,665
Itaguaí	29.033	26,732
Japerí	25.220	28,887
Magé	68.451	31,041
Mesquita	41.948	24,215
Nilópolis	41.263	23,724
Nova Iguaçu	187.148	25,706
Paracambi	12.486	27,964
Queimados	36.142	27,600
São João de Meriti	130.412	27,801
Seropédica	19.364	28,519
Total de Votos	952.674	

Fonte: **TSE - Tribunal Superior Eleitoral.** Dados disponíveis em: <<http://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/eleicoes-2010/estatisticas>> Data do Acesso: 14/11/ 2013. (Organizado pelo Autor)

Em uma análise geral da geografia do voto para o Senado, destacamos que Lindberg Farias foi o Senador com maior número de votos no estado do Rio de Janeiro, com o somatório total de 4.213.749. Segundo dados do quadro 2, nas eleições para o Senado de 2010, o então prefeito de Nova Iguaçu conseguiu articular uma rede política que lhe permitiu conferir na maioria dos municípios da Baixada Fluminense a média de 25% à 30% dos votos, que corresponde ao número total de 952,674 mil votos nos treze municípios destacados do quadro.

No que tange aos elementos relacionados à geografia do voto, tanto os efeitos de proximidade quanto de vizinhança política fizeram-se presentes na articulação eleitoral deste candidato. Acreditamos que o elemento de *filiação e proteção local*, foi importante e decisivo, pois Lindberg Farias esteve ativamente ligando sua imagem a da Baixada Fluminense, articulando interesses e demandas específicas para o lugar.

Isto ficou evidente numa carta endereçada a uma moradora de Nova Iguaçu (ANEXO 19) em que Lindberg Farias, durante as eleições para Senador, dá explicações de sua gestão na prefeitura, e no bojo do escrito, justifica que necessita que Nova Iguaçu e a Baixada Fluminense necessitam dele:

Meu futuro político depende de Nova Iguaçu. Como Senador vou ter que trazer muitos recursos para cá. Preciso que Nova Iguaçu se transforme num exemplo para o Estado do Rio de Janeiro.

Nunca houve um Senador de Nova Iguaçu ou da Baixada Fluminense. Chegou a hora. Quero ser a sua voz, quero ser a voz da sua família no Senado. [grifo nosso]

A associação entre a personificação do político e a imagem territorial não é nova na Baixada Fluminense (BARRETO,2006; MONTEIRO, 2007; ALVEZ, 1998; SIMÕES, 2007). Todavia, em questões amplas à articulação de Lindberg apresenta-se como singular, por situar a Baixada Fluminense no seio de uma nova representação, conferindo-lhe o status de território, na potencialização de usos de seus recursos simbólicos e materiais na geografia dos votos.

Em uma dimensão geral, se somados os votos na Baixada Fluminense com aqueles ganhos na cidade do Rio de Janeiro (1.520.909), perceberemos que, juntos, correspondem a mais de 50 % do total de votos que ele obteve. Assim, esses números revelam a importância eleitoral da articulação e construção deste território, que num conjunto de 13 municípios mais a cidade do Rio de Janeiro, conseguem um coeficiente de votos mais elevado do que o restante dos 78 municípios do estado fluminense.

Entendemos que tanto a construção de sua imagem associada a “representações de progresso” para a Baixada, quanto a sua rede política no âmbito do Partido dos Trabalhadores, permitiram a Lindberg desfrutar de uma posição de prestígio diante dos dados das últimas eleições.

Todavia, como afirma Claude Raffestin(1993) a capacidade de operacionalizar o território, no sentido mais abrangente, confere ao agente a capacidade de uso direto dos recursos. A Baixada Fluminense como um território que é representado, possibilitou a articulação dos recursos eleitorais, se revelando como um ponto estratégico na geografia política do estado do Rio de Janeiro.

A geografia dos votos para o Senado em 2010, evidenciam, com clareza, como as estratégias de vinculação de representações da persona política permitem agenciar também o sentido territorial. Exemplo que sinaliza o quanto a articulação interna de Lindberg Farias proferiu significados territoriais à Baixada Fluminense, beneficiando-o quanto ao coeficiente eleitoral.

Embora Lindberg tenha se esforçado numa articulação da coesão interna, a dita Associação de Prefeitos não foi “institucionalizada”. Todavia, iniciativas de articulação, mesmo que de forma setorizada, existem como é o caso da CISBAF.

2.2.2. A CISBAF COMO ESPELHO DA ASSOCIAÇÃO DE PREFEITOS – DESENHANDO NOVOS SENTIDOS PARA A BAIXADA?

Conforme destacamos, a Associação de Prefeitos da Baixada não possui um caráter institucional. Entretanto, é usualmente mencionada nos diferentes meios as ações de sua articulação interna. Ao longo da construção desta tese, verificamos que é na área de Saúde que existe uma maior intensidade desta aproximação em torno de problemas comuns, sobre tudo por conta da estrutura do CISBAF – Consórcio Intermunicipal de Saúde da Baixada Fluminense.

Entendemos que o CISBAF pode ser interpretado como um desdobramento da Associação de Prefeitos da Baixada, que vem “dando certo” justamente por existir do ponto de vista jurídico e institucional. Segundo informações do Plano Diretor do CISBAF, pode-se afirmar que:

A Baixada Fluminense, deu passos neste sentido, mesmo antes dos consórcios supracitados, quando em 1995, assumiu um Termo de Compromisso entre os Governos dos Municípios da região, o Governo do Estado e o Governo Federal, que previa a organização da rede de serviços de saúde em torno do Hospital da Posse, em Nova Iguaçu. [grifo nosso]⁶².

Destaca-se que o termo de compromisso construído, é feito em nome da Baixada Fluminense, dando-lhe uma estrutura de coesão no que tange aos pleitos no segmento da saúde. Todavia, naquele momento a entidade não era assumida ainda na figura de um Consócio. Em uma investigação sobre os documentos oficiais disponibilizados, é somente em 2008 que é assinado um termo de compromisso que torna a articulação na área da Saúde, o CISBAF, numa entidade jurídica reconhecida. Neste sentido:

O CISBAF, passa a constituir-se como associação pública, com natureza autárquica e personalidade jurídica de direito público, em consonância com as disposições da Lei Federal nº 11.107/2005. [PROTOCOLO DE INTENÇÕES, 2008, P.2]⁶³

⁶² Fonte: Plano Diretor do CISBAF. Disponível em: < <http://www.cisbaf.org.br/o-conteudo-do-plano> > Data do Acesso: 17/06/2013.

⁶³ Esse protocolo também está disponível para consulta em < <http://www.cisbaf.org.br/images/pdfs/regulamentacao/Protocolo.doc> > data do Acesso: 17/06/2013.

Ainda segundo seu plano diretor, ela tem como objetivo “buscar alcançar compartilhamento de recursos de saúde em uma base territorial regional contribuindo para obter - se maior eficiência e eficácia do sistema de saúde “⁶⁴[grifo nosso].

O documento que compõem protocolos de intenções do CISBAF é datado de 2008, foi ratificado pelos então prefeitos, que conseqüentemente participariam junto com seus municípios desta “rede” de gestão da saúde. Neste documento também fica explicitado, a abrangência territorial do Consórcio, conforme destacado no artigo 6º do protocolo de intenções.

Art. 6º – O CISBAF é constituído pelos Municípios de **BELFORD ROXO, DUQUE DE CAXIAS, ITAGUAÍ, JAPERI, MAGÉ, MESQUITA, NILÓPOLIS, NOVA IGUAÇU, PARACAMBI, QUEIMADOS, SÃO JOÃO DE MERITI e SEROPÉDICA**, mediante ratificação do presente protocolo de intenções.

Neste artigo referendado, traz consigo um problema. Há apenas a menção de 12 municípios, estando o município de Guapimirim de fora deste agrupamento. Ao mesmo tempo, que revela um impasse da coesão quanto ao pertencimento à articulação política da Baixada, que muitas vezes incorpora Guapimirim, também destaca a ambivalência da composição territorial que está longe de ser única. Uma vez que já mencionamos que o município de Guapimirim faz movimentos de inserção territorial de outras áreas, como a Serra Verde Imperial. (ROCHA, 2013(b)).

Diante da institucionalidade que o CISBAF possui, e por ele agregar a maior parte dos municípios que comporiam a Associação de Prefeitos da Baixada, suas ações acabam, por vezes, transformando-se no espelho desta articulação política, que deve ser privilegiada diante de acordo formal e consubstanciado juridicamente.

⁶⁴ Fonte: Plano Diretor do CISBAF. Disponível em:< <http://www.cisbaf.org.br/o-conteudo-do-plano> > Data do Acesso: 17/06/2013.

Isto é reconhecido entre os prefeitos, os seus respectivos representantes, em especial, os secretários de saúde que possuem assento nos fóruns do CISBAF. A respeito deste reconhecimento, um exemplo é contido na fala do então Subsecretário de Governo de Belford Roxo, Marcelo [Anexo17] que, ao destacar a importância das articulações entre as prefeituras, referenda a implementação de consórcio como é o caso do CISBAF:

O interessante é o fortalecimento dos consórcios, o CISBAF precisa ser fortalecido, porque a gente tem a questão da saúde, o SAMU que é regulado pelo CISBAF e o atendimento na posse no hospital de Saracuruna. Acompanhando as necessidades de cada município. [grifo nosso]

Na construção da entrevista com subsecretário, que exaltou as iniciativas de aproximação, sublinha o caráter institucional que ganha este consórcio, destacando-o quando perguntamos sobre a atuação da prefeitura de Belford Roxo no contexto da Regional/territorial da Baixada.

Da mesma maneira a secretária executiva do CISBAF, Rosangela Bello, destaca que mesmo diante de divergências partidárias, quando pensadas as políticas de saúde, sempre privilegia as questões que cunho coletivo:

Eles [os prefeitos] mesmo tendo diferentes partidos, eu sempre vivi isso, na questão da saúde eles sempre se uniram. A gente foi mais de uma vez com todos os prefeitos à Brasília.(...) Num tem(...) tem um ano e pouco, pra conversar com o Ministro Padilha, todos os prefeitos da Baixada e o prefeito de Paracambi, Tarcísio, pra pedir três questões: pedir que o hospital de Queimados fosse concluído; pedir para melhorar o custeio da Posse e do Moacir do Carmo; e pedir para melhorar o custeio das UPA's.

Vislumbra-se na fala da secretária executiva do CISBAF, que há uma cooperação no que tange a proximidade e busca de objetivos comuns no campo da saúde para os municípios

participantes deste consórcio. Essas organizações em suas ações e discursos de seus representantes projetam sentidos de uma Baixada, pois buscam construir uma “Baixada melhor”. Ainda, permite visualizarmos como a representação Baixada, ganha força no campo político da negociação de repasse de verbas e na execução orçamentária de políticas públicas na área da saúde. Neste caso, é a representação do território da Baixada, enquanto negociação política, que orienta a espacialidade das políticas públicas.

A exemplo, o jornal o Dia de 05/06/2011 destaca que essa união entre as prefeituras é um fato novo, considerando a escala do estado do Rio de Janeiro. Ao intitular a reportagem “Ações conjuntas na Baixada” menciona que um novo conceito se articula nessa rede política, onde as prefeituras se juntam “*para acelerar o desenvolvimento, reivindicar, apoiar e criar projetos*” [grifo nosso] (ver Anexo 2). Como fato desta articulação e dinâmica de aproximação política, implicou como ganhos a conclusão do Hospital Geral de Queimados, equipagem de três hospitais regionais (Posse, Saracuruna e Moacir do Carmo) além de incremento na UPAs. Que além de ser citada, anteriormente, na entrevista com a secretária executiva do CISBAF como ganhos da articulação interna junto ao governo federal, foi difundida em reportagem de circulação local - Jornal Hoje de 13 de maio de 2011, sob o título “Ministério aprova projetos para a Baixada” (ANEXO 3)

Esses ganhos coletivos foram mencionados pelo prefeito de Queimados, Max Lemos, no seminário sobre desenvolvimento regional e perspectivas de futuro promovido pela Firjan, realizado no dia 15 de agosto de 2011, no SESI de Nova Iguaçu⁶⁵, onde o mesmo apontava que “a Baixada estava começando a viver o futuro”(Anexo 4).

Esse “futuro” tem fomentado ganhos políticos diante do prestígio que acompanha o capital específico, de agentes neste campo político. A Baixada ganha visibilidade em escala estadual e acaba incorporando às figuras dos prefeitos, responsabilidades em níveis estaduais.

⁶⁵ O referido seminário foi intitulado “Visões de Futuro”. O debate se estruturou em dois Blocos, sendo o primeiro com representantes comerciais e conselheiros da Firjan nas Baixada e o segundo com prefeitos de Nova Iguaçu, Mesquita, Nilópolis, Queimados, Japeri, Paracambi, Seropédica, Itaguaí, municípios que segundo a Firjan compõem a área da Baixada 1. Neste evento conseguimos extrair por meio de entrevistas com alguns prefeitos, suas representações sobre a Baixada e de seus respectivos municípios.

Como é o caso do atual prefeito de Queimados, Max Lemos, que foi reeleito e atualmente preside a Associação de prefeitos do Estado do Rio de Janeiro. Outro exemplo, substancial foi entrada do atual prefeito de Belford Roxo, Denis Dauttman, no cargo de “diretor de indústria e comércio”⁶⁶.

A partir das questões levantadas em torno da existência da Associação de prefeitos, percebemos que articulações no campo da saúde, são exemplares para discutir as negociações políticas que colocam a Baixada num lugar privilegiado. Ela é o trunfo, o território que é representado. E sua mudança, de sentido, pode contribuir para mudanças estruturais no contexto político-eleitoral no Estado do Rio de Janeiro. Todavia, essas articulações políticas, mudanças de seus sentidos passam também pela ação direta do governo do Estado, como um importante agente neste campo de poder.

⁶⁶ Informações presente em entrevista concedida pelo Subsecretário de Governo de Belford Roxo [anexo17]. Segundo ele “O prefeito focou muito nessa questão da indústria e comércio, pois é uma necessidade da Baixada como um todo, especificamente com Belford Roxo e a vinculação com Arco Metropolitano”

2.3. O GOVERNO ESTADUAL COMO UM IMPORTANTE AGENTE PRODUTOR DE SENTIDOS PARA A BAIXADA.

O Governo do estado é notadamente um importante produtor de sentidos para a Baixada Fluminense. Conforme já apresentado em tópicos anteriores, enquanto agente neste campo de poder, este possui uma posição de destaque, em especial, no que se refere a legitimidade da criação e implementações de políticas públicas específicas. Tais políticas quando endereçadas à Baixada Fluminense carregam consigo representações que influenciam diretamente na mudança da realidade social ou em sua perpetuação.

Ainda, a criação de secretarias de governo, órgãos de fomento e execução de projetos associados diretamente à Baixada Fluminense, estão na pauta do governo do Estado desde o início dos anos de 1990. Todavia se pensarmos que a antiga SEDEBREM – Secretaria de desenvolvimento da Baixada e região Metropolitana, é oriunda da também extinta FUNDREM - Fundação para o Desenvolvimento da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, perceberemos que o governo do estado privilegia esta área desde as décadas de 1970.⁶⁷ É claro, interpretando a Baixada como parte integrante da região metropolitana.

Atualmente o governo do estado do Rio de Janeiro estrutura-se com uma Subsecretaria de Estado da Baixada, que atua em duas unidades. Uma localizada em Nova Iguaçu e outra em Duque de Caxias. Esta subsecretaria está diretamente ligada ao Gabinete de Governo e é interpretada como um importante elo de comunicação entre as demandas da Baixada e o Governo do Estado.

No que tange ao papel do Estado, de forma mais geral, na organização territorial percebe-se que além de possuir o poder jurídico, é também fomentador de transformações econômicas (CORREA,1993). Nesta última década (anos 2000-2010), em especial, o governo estadual, a partir de uma série de ações, tem interferido diretamente na estrutura territorial da Baixada Fluminense (dos municípios da periferia urbana localizadas no oeste da Região metropolitana).

⁶⁷ A FUNDREM foi criada no governo de Floriano de Faria Lima pelo decreto estadual 18 de 15 de março de 1975.

Conforme discutimos no início deste capítulo, a implementação do projeto Baixada Viva no início dos anos de 1990, e sua continuidade com outra nomenclatura – Nova Baixada foi importantíssima na construção de um novo sentido para área em questão. Essa produção de sentido, serve como ação estratégica que privilegia condições de capitanear recursos, sobretudo o voto, nesta base territorial.

A percepção da Baixada Fluminense como um território ideal na vida política, é sedimentado também pelas articulações políticas em nível estadual. Por isso, frisamos que a política especializada em demandas para a Baixada se perpetuou mesmo com mudanças de governos, com formas partidárias diferentes: Marcello Alencar - PSDB (1995-1999); Antony Garotinho – PDT (1999-2003); Rosinha Garotinho - PSB (2003-2007); Sergio Cabral Filho - PMDB (2007 até dias atuais).

Permitindo uma análise mais contemporânea, do atual programa Nova Baixada, a gestão de Sérgio Cabral em 2007, faz uma apresentação das ações um informativo da Secretaria estadual de Obras de 05 de agosto de 2007. Anuncia os impactos do referido programa e anuncia que “o governo do estado está empenhado em melhorar a qualidade de vida dos moradores da Baixada Fluminense”. Esses impactos são representados diretamente a partir de fotos de algumas ruas que tiveram intervenção direta do programa.

Ao buscar representar a Baixada por este programa, o governo do estado está legitimando sua esfera de intervenção. Lembrando questões que discutimos no primeiro capítulo, a representação pode ser usada como uma moeda fiduciária pelos agentes (RAFFESTIN, 2007), todavia quando esta representação encontra correspondências com a realidade, a validade desta moeda se potencializa. A apresentação das obras, enquanto uma paisagem materializada que representa o sistema territorial (RAFFESTIN, 2005), traveste as políticas de significado que ao mesmo tempo: legitimam a existência da Baixada; e fornece crédito ao governo do estado como uma importante agente na mudança de sentidos desta área. [ver figuras 2.4].



Figura 2.4. Fotografias presentes na difusão das ações do programa Nova Baixada em 2007. Destaque para as transformações na paisagem. Fonte: Boletim da Secretaria de obras, ano I, n5 agosto, 2007(p.1).

É importante destacar, que no referido boletim, informações que anunciam as transformações em torno do programa Baixada Viva exaltam as ações como formas de representar uma nova realidade. Como exemplo, num subtítulo aparece a seguinte chamada:

“Transformação é o melhor sinônimo para o Programa”⁶⁸. O próprio secretário geral de Obras e atual pré-candidato ao cargo de governador anuncia na página três do referido informativo que “Esse programa é de suma importância para a recomposição da Baixada Fluminense”.

Salientamos que, por ter a capacidade de gerar infraestrutura, que confere a gestão estadual grande visibilidade, nos últimos anos o governo do estado tem “jogado” com o trunfo da representação da Baixada Fluminense na articulação de seus interesses. Ainda, como é capaz de dotar o território desta estrutura, o governo estadual, tem fomentado atualmente transformações diante da execução de dois outros projetos. A saber: (a) projeto Iguaçu – que trata de urbanização, dragagem e manutenção projetos de em diversos municípios na Baixada Fluminense, tentando minimizar os impactos decorrentes das grandes enchentes e inundações recorrentes em várias localidades e (b) Construção do Arco Metropolitano – que ligará o porto de Itaguaí até o COMPERJ, em Itaboraí. (Este último, exploraremos com mais detalhes no capítulo 3).

O próprio projeto Iguaçu que é citado em entrevista pelo subsecretário de governo de Belford Roxo, como um ganho local diante de uma articulação junto ao Governo do Estado:

O grande benefício que foi trazido por esse tipo de consórcio para Belford Roxo particularmente, e eu digo até para Baixada Fluminense foi o projeto Iguaçu, que é uma obra do governo federal em parceria com o governo estadual, que foi executado pelo INEA e supervisionado por todas as prefeituras que correspondem aos três maiores rios que passam pela Baixada Fluminense, que são os rios: Sarapuí, Botas e Iguaçu. [anexo17]:

Esse projeto Iguaçu, ainda está em execução, e só em sua primeira fase incorporou um orçamento de mais de 240 milhões de reais. Isto revela a grande influência da “geografia política” interna desta área na captação de recursos. A grande questão é pensar como uma política pública é transformada em uma informação, que agencia e representa uma concepção ideal de território e se mostra como uma estratégia na apropriação da Baixada Fluminense.

⁶⁸ Boletim da Secretaria de Obras do Estado do Rio de Janeiro. Ano I, nº 5, agosto de 2007. (p.2)

representar é uma forma delimitar território (RAFFESTIN, 1993) que pode ser apropriado de diferentes formas, inclusive permitindo a atuação e a reprodução de condições para ações de outras agentes de outros campos de poder.

A construção do Arco Metropolitano é um bom exemplo de como o governo do Estado vem atuando em prática e representação. Além de se beneficiar com a representação e prática de transformação do território, atraindo ganhos de prestígio quanto a execução de obras, permite com essa construção as condições para ação de agentes que atuam no campo econômico. Aponta-se que grande parte da nova dinâmica econômica que é proposta para Baixada Fluminense se articulam às potencialidades logísticas que o traçado deste Arco Metropolitano permitirá.

Ai reside um ponto de bifurcação de interesse entre agentes do campo político e agentes do campo econômico. Conforme destacamos anteriormente, durante a realização de seminários sobre o futuro da Baixada, agentes do campo econômico vislumbravam possibilidades de desenvolvimento para a Baixada, tomando como pressuposto os investimentos por parte do governo do Estado em demandas locais.

Em um destes eventos, o atual vice- governador e pré-candidato pelo PMBD, Luiz Pezão, menciona, que “Temos que aproveitar a oportunidade única que o Rio de Janeiro tem. Precisamos ter bons projetos, elaborar o que a Baixada precisa”. No evento em que participou, realizado no município de Duque de Caxias, o então subgovernador apontou a execução das obras do Arco Metropolitano, que tem sido uma das grandes potencialidades para pensar o futuro da Baixada [Anexo 6].

Esses exemplos trazidos demonstram o quanto o Estado, enquanto agente no campo político, produz novos sentidos para essa área, sobretudo marcado, como lembra bem Lefebvre (1972), na “prática e na representação” das políticas públicas que dão “ares de novidade a esta Baixada. Mas como essa representação indica a apropriação do território ao agente governo do estado? Os candidatos a governador também agenciam territórios do voto na Baixada?

No sentido de tentar destacar como uma estratégia se revela na produção de sentidos para a Baixada. Optamos por mostrar as representações difundidas pela atual gestão Sergio Cabral, e tentar relacionar com a geografia dos votos, evidenciando que a Baixada, enquanto uma representação ideal, é também utilizada em níveis eleitorais na escala do Estado Fluminense.

2.3.1. A “Gestão Cabral” - Os sentidos para a Baixada e seus efeitos na cartografia Eleitoral.

Conforme indicamos, a gestão de Sergio Cabral (2005-2009/2010-2014) embora oriunda de composições partidárias distintas, deu prosseguimento às políticas implementadas especificadamente para a Baixada Fluminense em governos anteriores. Os materiais utilizados que compõe aqueles coletados entre 2010-2013 exemplificam como a atual gestão vem representando essa área, diferenciando-a política e socialmente.

A exemplo, os materiais coletados em formato de propaganda política, conforme indicado na figura 2.6 e 2.7, correspondem às ações, que buscam, de alguma forma, sistematizar a ideia de que a Baixada é única e merece, por sua vez, políticas diferenciadas. Ou seja, indiferente de que as ações desencadeadas sejam em um determinado município, a tentativa é de transparecer ações no conjunto dos demais. Dessa forma, os anúncios e propagandas aplicam um sentido mais abrangente, legitimando uma ideia de Baixada, tendo em vista a construção e delimitação de territórios eleitorais.

Pode-se pensar que ao representar coletivamente, o governo estadual também está legitimando as articulações internas que buscam um caráter regionalista. Se pensarmos que em Pierre Bourdieu (1983) as ações materiais e difusão de sentidos estão intimamente ligadas as necessidades de afirmação dentro do campo de poder que se inserem, isso insinua que as ações e práticas do governo do estado não podem ignorar àquelas feitas na articulação interna da Baixada. Por isso, ao legitimá-la, corrobora para que além dele próprio, outros agentes se apropriem desta representação.



Figura 2.6- Outdoor como propaganda do Governo do Estado: “Baixada – mais de 110 km de vias e rodovias asfaltadas”. Foto do autor, 25/09/2011.



Figura 2.7 –Busdoor como propaganda do Governo do Estado: “Baixada mais saúde para você e sua família”. Foto do autor, 11/11/2011

As propagandas apontadas em outdoor e busdoor foram localizadas nos principais pontos de acesso aos municípios da Baixada e em suas vias de passagem. O outdoor da figura 2.6 estava localizado na Avenida Presidente Dutra, que é considerado um grande corredor de passagem entre os municípios de Nova Iguaçu, Mesquita, Belford Roxo, Japeri, Paracambi, Queimados e Seropédica.

Ainda outros outdoors serviam como estratégias discursivas da delimitação da Baixada. Grifando simbolicamente “limites deste território” ao posicionar essas propagandas entre os bairros de Penha, Parada de Lucas e Irajá no município do Rio de Janeiro, em especial nas bifurcações da Avenida Brasil com a Avenida Presidente Dutra e da Avenida Brasil com a Rodovia Washington Luiz - corredor que dá acesso aos municípios de Duque de Caxias, Magé e Guapimirim.

As difusões destas representações objetivavam, além da divulgação de ações específicas [consolidar as políticas de governo] estar diretamente associada àquelas pessoas que vivem na Baixada e aos habitantes do seu entorno.

Esses meios de representação servem de estratégias que permitem delimitar a existência de uma área distinta. Mesmo estando os municípios da Baixada envoltos numa grande conurbação com a cidade do Rio de Janeiro, onde não se distinguem visualmente suas diferenças na paisagem urbana, tem seus limites definidos em paisagens (COSGROVE, 1993) e seus campos territoriais simbólicos (TURCO, 1992).

Ainda, como exemplo das estratégias de campanhas eleitorais, o atual governador do estado do Rio de Janeiro, Sergio Cabral, em maio de 2010 elabora uma cartilha de planos e ações para uma “Região” da Baixada. As figuras 2.8 e 2.9 fazem parte das propostas e planos contidos nessa cartilha para, onde direcionam discursos para uma Baixada, construído um sentido de progresso e desenvolvimento, tendo em vista os investimentos na área de segurança e na malha viária com a proposta da Transbaixada.

Máquinas na pista

Uma série de obras e ações vai mudar o transporte na Baixada. Sérgio Cabral vai entregar à população 30 novos trens com ar-condicionado, que já foram comprados, e reformar os antigos, beneficiando 4 milhões de pessoas na região. Os ônibus também vão melhorar. Haverá licitação de seis linhas para ligar a Baixada à Barra da Tijuca.

Obras importantes vão desafogar o trânsito. A principal delas é a Transbaixada, uma via expressa às margens do Rio Sarapuí. Vai cortar oito municípios da região. Na primeira fase, passa por Nilópolis, Mesquita,

Belford Roxo, Duque de Caxias e São João de Meriti. E a Via Light, que hoje liga Nova Iguaçu à Pavuna, vai chegar à Avenida Brasil.

Além disso, a construção do viaduto Nilópolis-Mesquita e a duplicação da Avenida Presidente Kennedy, em Duque de Caxias vão encurtar distâncias.

Cabral tirou do papel as obras do Arco Metropolitano, depois de 30 anos. A rodovia contorna a Região Metropolitana, aliviando o tráfego. É mais desenvolvimento para a Baixada.



Saiba mais sobre Transportes:
www.sergiocabral15.com.br



Transbaixada: rodovia às margens do Rio Sarapuí vai ligar os municípios da Baixada

O QUE VEM POR AÍ

Construir a Transbaixada, rodovia às margens do Rio Sarapuí, ligando 8 cidades. Na primeira fase, corta os municípios de Nilópolis, Mesquita, Belford Roxo, Duque de Caxias e São João de Meriti, beneficiando 4 milhões de pessoas

Mais 90 novos trens com ar-condicionado

6 novas linhas de ônibus para ligação com a Barra

A ligação da Via Light com a Avenida Brasil vai ser executada

Figura 2.8 – Proposta da Transbaixada contida em material de campanha de Sérgio Cabral para governador no ano de 2010. Maio de 2010

É importante sinalizarmos que as obras da Transbaixada estão conjugadas com as ações do Arco Metropolitano, que tem por meta reduzir o tempo de viagem em torno da área em questão. Estrutura que viabiliza ações e representações dos agentes no campo econômico.

A construção da Transbaixada, conforme ilustrado na figura 2.8 interligará 3 importantes vias de circulação (Avenida Brasil, Avenida Presidente Dutra e Rodovia Washington Luiz), possibilitando maior fluidez e evitar estrangulamentos no trânsito, tornado essa área mais competitiva mediante a sua posição logística, em especial se pensarmos que a construção do Arco Metropolitano interligará o porto de Itaguaí e perpassará também as vias em questão. É importante destacar que no plano de “visões de Futuro” do Sistema FIRJAN consta como uma das metas, que os agentes do campo político, necessitam alcançar para o “desenvolvimento da Baixada”, é a implementação do Transbaixada. Esse plano foi elaborado pelo Sistema FIRJAN dois anos depois (2012) da data de divulgação do material coletado na campanha de Sergio Cabral(2010). O que mostra uma certa complementariedade das ações entre os dois campo, não sendo então totalmente opostas e divergentes.

Transbaixada se consolidará como uma sub-rede viária de conexão para os municípios que não estão sendo diretamente cortados pelo Arco Metropolitano, mas que estarão conectados em formato de rede. A rede também é uma forma de expressão de poder (FOUCAULT, 1984; 1985) e sua base material, é base da produção de territórios.

Ainda, refletindo a complementariedade entre os campos, as ações de ampliação da Avenida Presidente Dutra (BR116) no trecho de São João de Meriti até Queimados e a ampliação da extensão da Via Light (ligando a Av. Brasil até Queimados) é também uma exigência atual da do Sistema FIRJAN. Essas ações já constavam no plano de metas do Governo Cabral. Pelo menos em suas manifestações eleitoreiras.

Pensando o exercício do controle material e simbólico do território (HAESBAERT, 2005), as propostas de ação da figura 2.9, revelam as estratégias voltadas para a representação de violência que marcou a Baixada Fluminense.

SEGURANÇA PÚBLICA

UPP Pacificação vai chegar à Baixada

As Unidades de Polícia Pacificadora, as UPPs, já libertaram 200 mil pessoas de comunidades da capital do domínio da violência. É uma realização inédita e vitoriosa no Brasil, levada adiante com a coragem de Sérgio Cabral de enfrentar o crime organizado. Deu certo na capital e agora será a vez da Baixada.



O QUE VEM POR AÍ
Cabral vai fazer mais pela Segurança

- 4 mil novos policiais para Baixada
- 50 novas viaturas
- UPPs vão chegar às principais cidades da Baixada
- 3 Delegacias do Mulher
- Conclusão do Programa Delegacia Legal, com 9 novas unidades na Baixada
- Centro de Comando e Controle: planejamento, inteligência e monitoramento da capital e região metropolitana num só lugar

Figura 2.9– Projetos de segurança para a Baixada contida em material de campanha de Sérgio Cabral para governador no ano de 2010. Maio de 2010.

O atual governador do estado propõe o modelo de segurança pública implantado na cidade do Rio de Janeiro nas mesmas bases para a Baixada, presumido que a prática da violência ocorre nos mesmos moldes que nas favelas cariocas, e reafirmando tais práticas como estruturantes simbólicos da Baixada.

Neste sentido, lembramos que José Claudio Alves (1998) destaca que as práticas da violência na Baixada não possuem as mesmas características daquelas da cidade do Rio de Janeiro. O referido autor ainda aponta que a estruturação de grupos de extermínio que marcaram a violência na Baixada durante as décadas de 1970 e 1980 tem uma íntima ligação com o poder político institucionalizado (na figura de vereadores, deputados e prefeitos eleitos). Neste sentido, a reprodução da violência na Baixada se revela também como uma faceta da prática política.

Todavia, a forma de representar uma solução direta para problemas na Baixada Fluminense, agregaria um valor simbólico substancial. Atribuindo capitais de prestígio dentro do campo político ao governo Sergio Cabral. Ao indicar uma política de segurança para uma área que popularmente foi conhecida como uma área “violenta”, é uma forma de resignificar o território.

Desse modo, a ideia de sistematizar “novos” sentidos para a Baixada, no campo da política, se expressa sempre em relação à representação hegemônica de violência e pobreza ou mesmo na busca de outras identidades concernentes a área em questão.

A proposta de ações materiais sobre esta área, organizadas em nível estadual, surge na mesma perspectiva com propostas de ações que produzam uma “Nova Baixada”, calcada no progresso econômico e social. Contudo, o discurso sobre a pobreza e a violência ainda são pontos de partida para as estratégias e práticas no campo da política e a delimitação da representação da Baixada como um território ideal.

A construção da imagem de uma “Baixada” e de ações sistematizadas na esfera de conjunto desses municípios, pensando as estratégias eleitorais e nas políticas de governo, externalizaram-se na territorialização do voto para Governador do Estado. (ver quadro 3)

Quadro 3 – Comparativo do Percentual de votos válidos obtidos em municípios da Baixada na candidatura de Sergio Cabral ao Governo Estadual nas eleições de 2006 e 2010.

Município	Percentual de votos válidos obtidos em 2006	Percentual de votos Validos obtidos em 2010
Belford Roxo	54,28	72,41
Duque de Caxias	46,26	74,45
Guapimirim	56,60	72,33
Itaguaí	57,19	63,53
Japerí	57,05	66,81
Magé	54,96	66,48
Mesquita	46,25	67,96
Nilópolis	44,88	68,52
Nova Iguaçu	50,31	65,18
Paracambi	50,45	69,46
Queimados	51,34	65,04
São João de Meriti	46,80	74,38
Seropédica	58,81	63,92

Organizado pelo Autor. Fontes: **TRE-RJ - Tribunal Regional Eleitoral do Rio de Janeiro**. Dados disponíveis em <<http://www.tre-rj.gov.br/>>. Data do acesso: 15/11/2011. **TSE - Tribunal Superior Eleitoral**. Dados disponíveis em <<http://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-antiores/eleicoes-2006/votacao-no-municipio-pais-2006>>. Data do acesso: 21/11/2011

Segundo dados do TRE-RJ e do TSE, o atual governador Sergio Cabral, passou a manter certa vantagem política conseguindo a média entre 65% e 70% dos votos nos municípios da Baixada em 2010. Na realidade, as eleições de 2010 expressaram um aumento entre 15% e 20% de votos a mais em alguns municípios em relação às eleições de 2006 (ver quadro 2).

Salientamos que, o referido candidato tenha alcançado percentuais maiores em outros municípios, em termos totais a Baixada Fluminense mais a cidade do Rio de Janeiro asseguraram mais de 60% de seus votos, o que revela a importância geopolítica da Baixada, na distribuição de votos. Da mesma forma, que a geografia dos votos condicionados a Lindberg Farias por conta das articulações internas, não se pode ignorar as articulações políticas de Sergio Cabral. Assim, é

importante salientar que não estão excluídas as associações políticas feitas entre o governador do estado do Rio de Janeiro com a campanha eleitoral da atual presidente da república, que para alguns analistas políticos, influenciou sensivelmente a opção de voto a governador no Estado do Rio de Janeiro.

Entretanto, não se pode excluir a da conta o direcionamento, por parte do governo do estado, de políticas e representações aos municípios em questão, o que consolidou seus resultados nas últimas eleições.

Desse modo, percebemos que as representações difundidas para a Baixada ao mesmo tempo que indicam novos sentidos de progresso e desenvolvimento, essa ação retornou a gestão de Sergio Cabral como um capital que pode ser utilizado durante as eleições de 2010. Por isso a Baixada Fluminense, enquanto um território, se revela importantíssimo na construção política do estado do Rio de Janeiro, daí produzir representações ideais de um território, é uma forma de assumir formas de apropriá-lo.

Tal como é feito no campo político, transformando em territórios do voto e do capital específico, essas representações também traduzem formas de apropriação por agentes no campo econômico.

CAPÍTULO 3 – DINÂMICAS ECONÔMICAS, AGENTES E SUAS REPRESENTAÇÕES PARA A BAIXADA.

O Presente capítulo tem como objetivo apresentar o contexto das transformações econômicas e territoriais na Baixada Fluminense, bem como discutir a ação dos agentes que atuam no campo econômico produzindo “novas representações” para essa área. Tanto as transformações espaciais quanto a produção destas representações, devem ser entendidas no âmbito da metrópole fluminense, que redimensionam novas formas espaciais de produção e consumo.

Asseveramos neste capítulo que os novos sentidos relacionados ao crescimento econômico e representações de uma nova periferia são construídos sistematicamente: [a] pela materialização de transformações espaciais em curso via reestruturação do capital no espaço metropolitano, que acaba incorporando novas áreas para produção e consumo; e, [b] pelas ações de diferentes agentes que se utilizam de representações diversas: propagandas, textos em jornais, dados e/ou estudos econômicos para suscitar e legitimar as transformações em curso e permitir suas lógicas de apropriação destes territórios.

Para fins metodológicos elencamos O Sistema FIRJAN e os promotores imobiliários como agentes no campo econômico, uma vez que têm projetado suas ações e representações sobre a Baixada e destacado sobre ela suas expressões, conduzindo, de forma sistemática a construção de um território como representação - cuja intencionalidade se radica na consolidação de espaços de produção e consumo. Além disto, são utilizados como base deste capítulo a pesquisa de campo, revisão bibliográfica, indicadores econômicos das instituições e as propagandas e materiais de divulgação [estes tidos como elementos das representações difundidas pelos referidos agentes] que estejam relacionadas aos municípios da Baixada Fluminense.

3.1 – A REESTRUTURAÇÃO ECONÔMICA DA METRÓPOLE E SEUS SENTIDOS PARA A BAIXADA – NOVAS REPRESENTAÇÕES IDEAIS DE TERRITÓRIOS DE PRODUÇÃO E DE CONSUMO.

O entendimento da lógica de reestruturação econômica na Baixada Fluminense às dinâmicas e agentes que conferem outros sentidos para essa área - que caminha de encontro à representação hegemônica que foi construída ao longo do século XX -, não pode ser feito sem considerar o contexto da evolução urbana da metrópole fluminense, nem certos comandos oriundos de mecanismo globais (SIMÕES, 2006), que impõem novas lógicas de produção e articulação produtiva.

Quando apontamos a ideia de reestruturação, temos a noção de que ela é expressa num contexto do capitalismo avançado, como base indutora de transformações sociais e territoriais em curso (SOJA, 1993). No caso específico da Baixada, revela-se como faceta das modificações no espaço metropolitano do estado do Rio de Janeiro. Sendo assim, as transformações territoriais nos municípios da Baixada não podem ser tratadas como um processo endógeno e restrito a esta área.

Discutir a reestruturação econômica e urbana na Baixada, implica necessariamente em pensar numa combinação contraditória de desconstrução e reconstrução no sentido de permanência e/ou desmoronamento que se traduz na afirmação de novos sentidos econômicos e sociais, que se manifesta espacialmente na consolidação de novas formas-conteúdos ou mesmo o aproveitamento de antigas estruturas (SANTOS 2002). Neste sentido, uma reestruturação preconiza a emergência de novos espaços de produção e de consumo (CARLOS, 2002), mas não necessariamente indicam mudanças na estrutura social vigente.

Quando referimos a consolidação de novos espaços de produção e consumo, ilustramos de forma geral e sintética, a possibilidade que traz tanto o surgimento de novas formas e novos conteúdos, que expressam a produção e o consumo de serviços que podem ser mais qualificados que os anteriormente oferecidos. Concordando com Ana Fani Alessandri Carlos (idem, p.174), o espaço de consumo refere-se “particularmente produtivo” tratando-o enquanto condição de “produção, distribuição, circulação, troca e consumo de mercadorias”.

Embora a autora cite na referida menção o espaço de consumo particularmente o “produtivo – aquele da fábrica” (ibidem), entendemos que este não se limita a esfera geográfica da “fábrica”, mas contempla um conjunto espacial que permite sua acumulação, que envolve, por exemplo, a criação de estruturas de circulação e consumo (HARVEY, 2006).

Entendemos, também, que no seio da reestruturação, há iminente indicação de novos “consumos do espaço”. Para a referida autora (idem, p.175) “cada vez mais se compram e vendem espaços para a reprodução da vida”. São questões que necessitam ser pensadas e associadas às ideias de valorização do uso do solo e sua venda, enquanto mercadoria com um valor agregado.

Esses novos espaços de “produção / consumo” e “consumo do espaço” constituem, na realidade, fruto da própria dinâmica do capital (HARVEY, 2006), mas também dos agentes que operam em práticas e representações na condução da produção destas formas-conteúdo (LEFEBVRE, 1973; CORREA, 1993), num movimento materializado e representado. Haveria então uma interseção entre esses espaços? Como atuariam na construção do “território ideal” no campo econômico?

Para responder esses questionamentos e essa conjuntura de mudanças ou de “reestruturação” para a “Baixada” é imprescindível retomar a lógica da divisão territorial do trabalho que se constrói na metrópole fluminense que situa a área de estudo neste contexto.

Como apresentado ainda no primeiro capítulo, aquilo que entendemos como Baixada Fluminense se consolidou como uma periferia da metrópole fluminense – localizado na porção oeste da Baía de Guanabara-, por isso, parte do imaginário urbano metropolitano.

Esta metrópole fluminense, que é a mais concentrada do Brasil (DAVIDOVICH, 2000), agregou no bojo de sua formação uma divisão territorial do trabalho⁶⁹, que implicava no alto teor de segregação entre o centro metropolitano e suas periferias. Estas periferias estiveram marcadas

⁶⁹ Entendemos como a divisão dos papéis produtivos e de consumo que os lugares possuem num dado contexto espaço-temporal. No caso específico, o entendimento da estrutura produtiva e de consumo na Baixada só pode ser interpretada no contexto da região metropolitana do Rio de Janeiro.

pelo uso e ocupação de moradias das massas trabalhadoras, muitas vezes, pela escassez de equipamentos urbanos (luz, esgoto, atividades, equipamentos culturais, etc).

A constante mobilidade interna destacava bem a condição da periferia, posta, por vezes, distante (espaço-temporal e economicamente). A construção de espaços de consumo, em especial de serviços mais especializados, também se concentrava, em maior densidade na área central da cidade do Rio de Janeiro, implicando ainda mais na distinção para com sua área periférica.

No tocante a essa estruturação urbana na metrópole Fluminense, Maurício Abreu (2006) destaca que, embora essa fosse concentradora, os anos de 1940 e 1980 já davam indicativos do espraiamento produtivo que emanava na instalação de indústrias em sua periferia direta. Todavia, esse período ainda foi ainda marcado por uma grande concentração das referências de espaço de consumo na metrópole⁷⁰.

No que se refere ao papel produtivo da Baixada especificamente aos anos de 1940, pensando aí, no contexto da segunda fase de industrialização no Brasil, ocorria a instalação de algumas indústrias na periferia da cidade do Rio de Janeiro. Reflexo da divisão territorial do trabalho que tomava a expansão urbana nesta metrópole. De um lado se revelava pela supervalorização do solo da área central, que se especializava na concentração de serviços ligados ao terciário superior; de outro, pela própria demanda da produção industrial por mais espaços e a um menor custo que fosse viável a sua instalação, o que levará a incorporar os espaços próximos, no referido caso a partes da porção oeste da baía da Guanabara – a Baixada Fluminense que nos referimos.

Oliveira e Rodrigues (2009) destacam algumas características dos projetos industriais que se desencadearam entre 1940 e 1980, que tinham como marca: [a] utilização de grandes espaços, [b] localização próxima a grandes vias de circulação, [c] forte presença do capital do Estado nos investimentos industriais bem como o início de investimentos do capital privado.

A dita porção oeste da Baía da Guanabara, conjugaria essas características no referido período. A possibilidade de ocupação de grandes espaços a preços baixos, somados ao

⁷⁰ Embora destaque-se que a emergência de novos espaços ou subespaço de consumo iniciem sua emersão nos anos de 1980, em especial com a instalação de shopping center em algumas partes da periferia fluminense.

espraiamento do tecido urbano, induzidos pelas vias de circulação implementadas até então, tais como - a Avenida Brasil (BR-101), Avenida Washington Luiz (BR-040) e Avenida Presidente Dutra (BR-116) -, serviram para posicionar estrategicamente a Baixada aos principais mercados consumidores do país e pontos de escoamento. Não obstante, o papel do Estado também foi fundamental para a “industrialização” em municípios da Baixada, viabilizando ou participando diretamente da instalação de áreas industriais, constituindo essas áreas como parte de espaço de produção no contexto fluminense. Neste quesito destacamos algumas indústrias que se instalaram na Baixada, obedecendo a essa conjuntura.

Como exemplo, podemos citar: as instalações do Complexo Químico da Bayer do Brasil, em Belford Roxo (1958) que contou com a própria participação de Getúlio Vargas em sua inauguração⁷¹; a Fábrica Nacional de Motores – FNM (1942) e a Refinaria de Duque de Caxias - REDUC (inaugurada em 1961) ambas no Município de Duque de Caxias – que contou com forte apoio do Estado; o Parque Industrial de Queimados (fundado em 1976) antigo distrito de Nova Iguaçu e atual município emancipado. [Ver figura 3.1]

De certo modo a visualização do mapa abaixo, que destaca a presença das indústrias na porção oeste da Baía de Guanabara, remete-se, de certa forma, a influência do núcleo metropolitano e ao posicionamento dos eixos de circulação citados. Destarte, concordamos com Floriano Godinho de Oliveira (2008, p.58 e 60) quando afirma que essas peculiaridades conferiram distinções entre as porções leste e oeste da região metropolitana⁷².

⁷¹ Sobre este tema sugerimos ver o texto de Maicon Sergio Mota Carvalho (2013) intitulado “Bayer e Belford Roxo: uma experiência industrial na Baixada Fluminense (1958-2008)

⁷² Sobre este assunto destacamos a menção do autor que se refere à ausência de eixos de integração (até a criação da ponte Rio –Niterói) conferiram um pequena expansão industrial na porção leste, sobretudo a partir da cidade de Niterói, em direção a São Gonçalo.

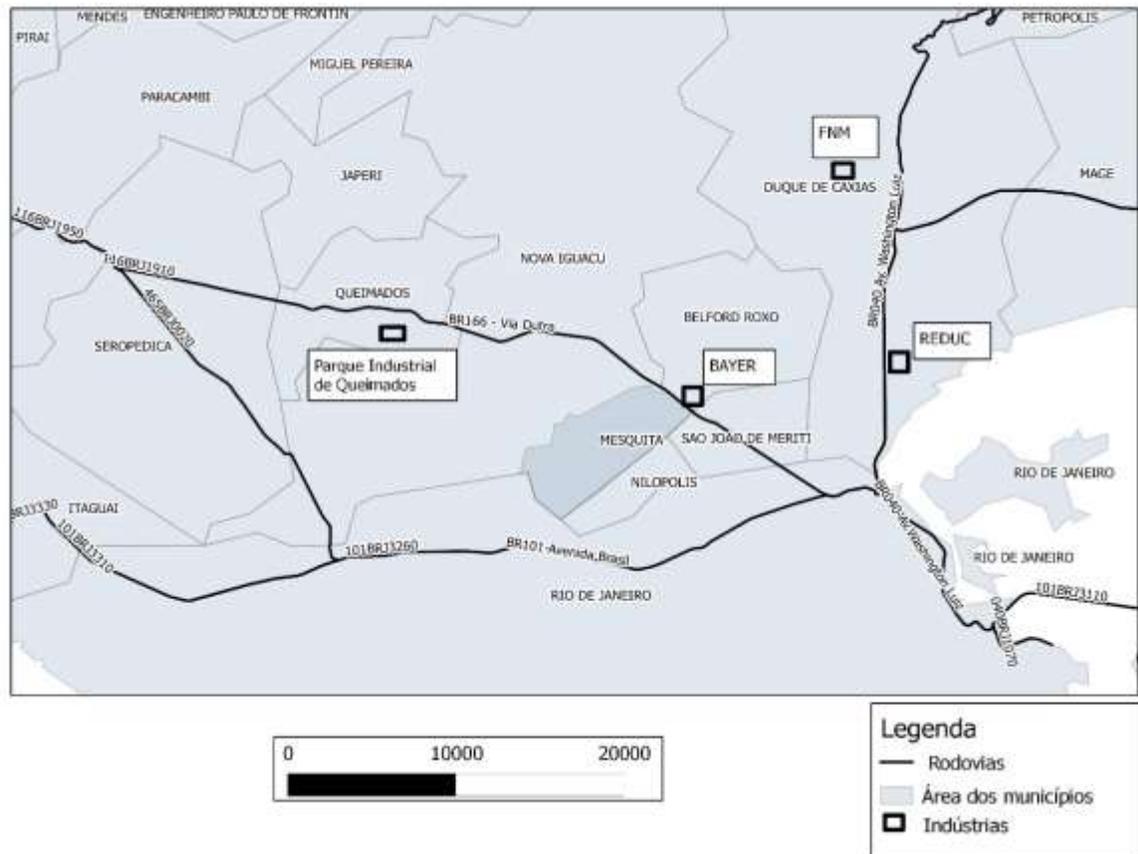


Figura 3.1 – Mapa da localização das principais áreas industriais na Baixada Fluminense instaladas entre 1940 e 1980. (Organizado pelo Autor).

Por isso, asseveramos que a Baixada Fluminense, enquanto uma periferia urbana localizada na porção oeste, percebe, com maior intensidade as mudanças econômicas e produtivas oriundas da metrópole e de seu núcleo central, que também se estruturam na constituição de novos espaços de consumo e “consumo do espaço”.

Assim nos anos de 1940 a Baixada se caracterizava como um “espaço de produção”, todavia tendia a ser interpretado - reificando sua representação enquanto periferia da metrópole, em especial frente aos indicadores sociais que marcavam seus municípios até o final dos anos de 1980 - pela classificação de “cidade-dormitório” postas por conta do forte movimento pendular.

Em contraposição a este período, Faber Pagnoto e Olga Becker (2012, p.6) destacam que ainda que seja experimentado hodiernamente, esse movimento pendular ocorre com menor intensidade - uma vez que parte da força de trabalho é absorvida pela dinâmica econômica em municípios como Nova Iguaçu e Duque de Caxias. Exemplificando a força econômica e produtiva que caracterizam os municípios da periferia, a que chamamos de Baixada Fluminense.

Neste mesmo tom, há um reposicionamento da Baixada Fluminense em representações difundidas por agentes deste campo econômico, fomentando um “novo” espaço de produção/consumo e de “consumo do espaço”, que se ampliam após anos de 1990.

Essas novas dinâmicas econômicas que substantivam as representações difundidas para a Baixada, também, tangenciam a noção das “novas periferias”. Embora não seja elemento central desta tese de doutorado – falar diretamente do posicionamento das novas periferias-, regatamos aqui a dissertação de Rosilaine Oliveira dos Santos (2007) que ao discutir as tendências interpretativas sobre as concepções contemporâneas das novas periferias, sublinha a partir do exemplo de Nova Iguaçu [na Baixada Fluminense], que essas “periferias” guardam contradições internas, sendo cada vez mais “heterógenas, complexas, fragmentadas”. Assim, embora exista uma visão que colocaria as “novas periferias” como espaço mais elitizados, não se pode ignorar todo o processo de formação territorial que é recheado de grandes contradições sócio econômicas. Ou seja, elas podem ser “requalificadas”, mas ainda guardam resquícios, indicativos das antigas periferias.

Desse modo, embora exista um maior fluxo de investimentos e um incremento no dinamismo econômico na Baixada após os anos de 1990, como uma “redescoberta” ou um espraiamento da valorização do uso e consumo do espaço em direção à periferia oeste da Baía de Guanabara - a Baixada Fluminense -, não se pode aferir que a representação de progresso seja unânime e se materializa uniformemente nos 13 municípios selecionados.

Ana Lucia Enne (2013, p.20), destaca que grande parte da “redescoberta” da Baixada ocorre no contexto dos anos de 1990 a 2000, que se daria pela conjugação de alguns fatores. Esses, chamaremos aqui, de predicados espaciais, são eles: [a] a abertura da linha vermelha – que aproximaria ou encurtaria a distância entre parte da Baixada Fluminense com o núcleo central metropolitano - ao passo que a Baixada não estaria “tão longe assim” reposicionando um

elemento que constituiria a representação hegemônica – “ideia de lugar distante”; [b] grande investimentos por parte dos governos estaduais que põem a Baixada em visibilidade – destaca-se desde as obras de infraestrutura, de saneamento até os grandes investimentos como o mais recente feito no Arco-Metropolitano; e [c] a inauguração de *shopping centers* em alguns municípios da Baixada –naquele período reduzido apenas 3: Top-Shopping, em Nova Iguaçu (1996), Shopping Grande Rio, em São João de Meriti (1995) e o Nilópolis Square, em Nilópolis (2000). Hoje espreado-se em diferentes municípios como Caxias Shopping, em Duque de Caxias (2008); Pátio Mix, em Itaguaí (2010); e Nova Belford Roxo, em Belford Roxo (2012); e Shopping Dutra (com previsão de conclusão em 2015) localizado em Mesquita⁷³

Sobre o primeiro e o segundo predicados, que optamos abordar conjuntamente se referem, em maior ou em menor grau, na forte atuação do Estado, que a partir de suas estruturas, proporcionam o reordenamento do território com seus investimentos. Que pode ser exemplificada na dinâmica logística, salientada na implantação da Linha Vermelha e, mais recentemente, pelo Arco Metropolitano (ver figura 3.2).

⁷³ Este é um empreendimento da Sá Cavalcanti, que atua nas construções de Shoppings e outros empreendimentos nos estados do Espírito Santo, Maranhão, Piauí, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Observa-se que desponta como o maior Shopping da Baixada Fluminense, destacando também em seu folder de divulgação, dados econômicos do público da “Baixada mostrando que 35% seria da classe A e B e 40 % da Classe C.

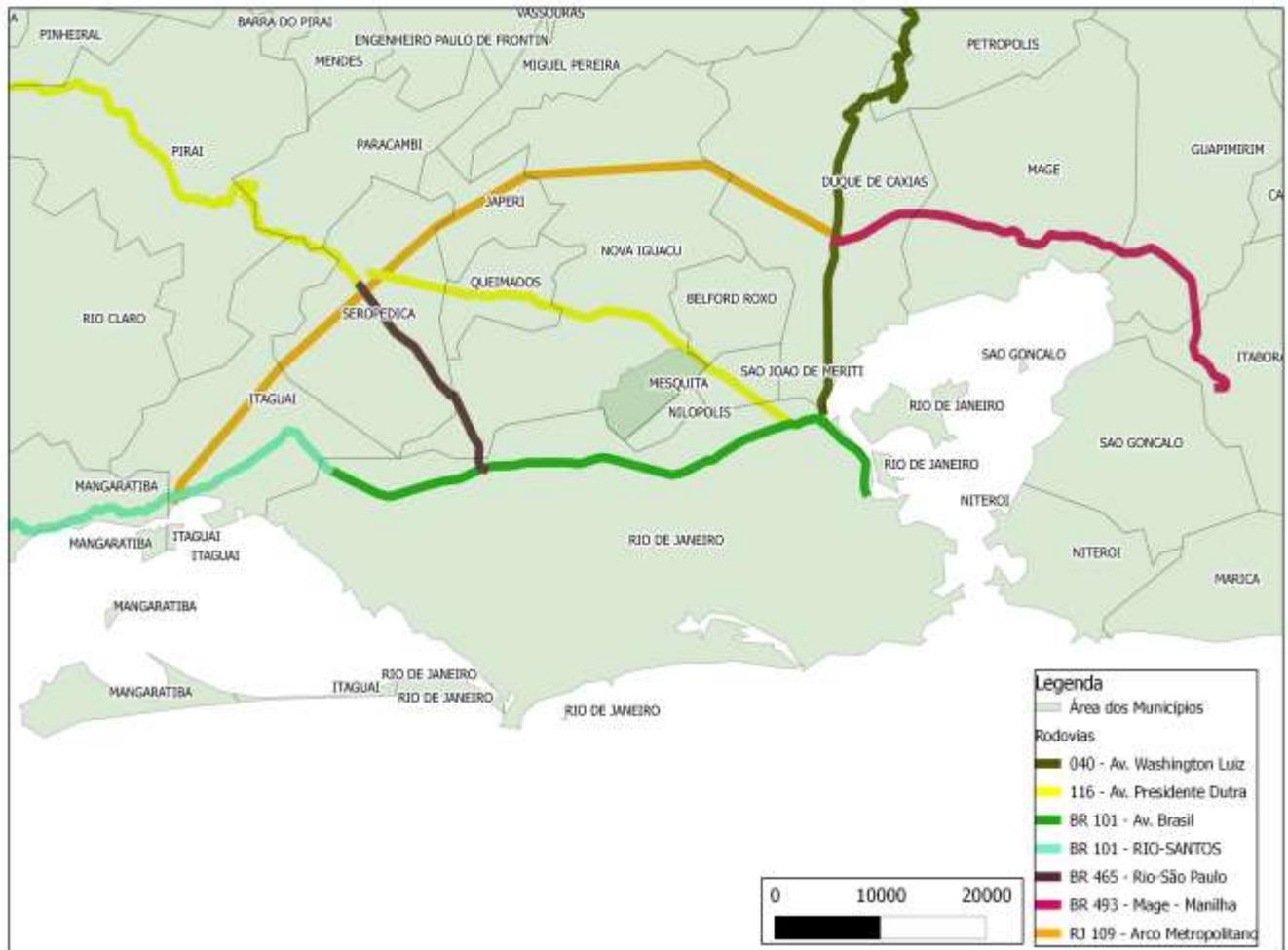


Figura 3.2 – Mapa do Posicionamento Logístico da Baixada Fluminense com destaque para as grandes vias de circulação. (Organizado pelo Autor).

No que tange dimensão temporal mais contemporânea o Arco-metropolitano tem fomentado uma “multidão de representações de progresso”⁷⁴, em especial porque se revela como uma espinha dorsal que tende a valorizar o solo e espraiar aos municípios novas demandas de uso de seus domínios, como, por exemplo, pela instalação de apart-hotéis e condomínios industriais. Neste sentido, Floriano Godinho de Oliveira (2011, p.13): destaca que:

⁷⁴ Destacamos de forma oportuna que mesmo em trabalhos acadêmicos há citações por parte da Firjan sobre as esperanças de desenvolvimento frente a instalação Arco-Metropolitano. Neste sentido indicamos ver o texto de Júlio Cesar Gomes Filho (2013), “*O arco rodoviário metropolitano como elemento de reestruturação do espaço fluminense*” e de Regina Celi (2013) “*Estado, território e reestruturação produtiva na metrópole fluminense*”.

Os efeitos na organização do território [*em virtude da instalação do Arco metropolitano*] já são sentidos, sobretudo, pela antecipação dos setores imobiliários que anunciam inúmeros lançamentos de prédios e condomínios fechados, acreditando no aumento da demanda gerado pelo conjunto dos empreendimentos. [*Palavra nossa*]

É salutar esclarecer que o traçado do Arco Metropolitano - RJ 109, ainda está em fase implementação⁷⁵, e contará com a conexão da BR-493 (Magé-Manilha) para interligar o COMPERJ – Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro, a parte leste da Região Metropolitana até o Porto de Itaguaí. Em conjugação com as outras vias já instaladas (BR-101, BR-040 e B-116) colocam em destaque a porção oeste da Baía de Guanabara, “maior parte dos municípios da Baixada”, para investimento que tendem a explorar a capacidade logística da metrópole fluminense. Baseado nesta singularidade logística, a representação do progresso como sentido para a Baixada serve de pressuposto para a criação de um território da produção e do consumo, pois incute diretamente repensar o reordenamento de alguns municípios (esta questão será melhor explorada oportunamente).

Sobre terceiro predicado, que destaca a inauguração de *shopping center*⁷⁶, necessitamos situar um posicionamento que reflete a estruturação, ao mesmo tempo, de novos espaços de consumo e consumos de espaço, para alguns autores, tendem a marcar essas “novas periferias” e, sobretudo, reflete a especulação sobre o valor do solo urbano.

A forma espacial *shopping center* é de fato um organizador da estrutura territorial. Silvana Maria Pintaudi (2002, p.154), exemplificando a partir do caso Paulista, destaca que “o

⁷⁵ Segundo nota no sítio virtual da Secretaria Estadual de Obras o projeto do Arco Metropolitano já conta “Com 78% do projeto executado, as intervenções têm foco, agora, na pavimentação. Além disso, mais de 70% das 157 chamadas obras de arte – 74 viadutos e pontes, 80 passagens e três passarelas – já estão prontos”. Disponível em: <<http://www.rj.gov.br/web/seobras/exibeconteudo?article-id=1798017>> Data do Acesso: 10/10/2013.

⁷⁶ “Os *shopping centers* são grandes equipamentos comerciais e de serviços, cuja produção, no espaço urbano, contempla, em geral, interesses fundiários e imobiliários relativos aos grandes empreendimentos, gerando impactos na estruturação do espaço urbano, o que varia segundo o porte do *shopping center* e das cidades”. (RIBEIRO, 2013, p. 2)

shopping center promoveu a valorização das áreas próximas”. Neste mesmo sentido, William da Silva Ribeiro (2013, p. 1) sublinha que “os *shopping centers* possuem papéis fundamentais, na medida em que formatam um padrão de valorização das terras urbanas e condicionam os eixos de expansão”.

Ao mesmo tempo, indica uma nova forma de espaço para o consumo, com suas especificidades, ela induz um novo valor agregado ao solo que fomenta mais transformações. Não queremos afirmar que emergência de *shopping centers* na Baixada é o principal indutor da valorização do solo nos municípios em que estão localizados, mas que representa um novo padrão de consumo e permite expandir também o consumo dos espaços, via “representação que se vende” na construção de uma identidade regional, espalhando seus territórios de consumo.

A conjugação destes elementos que incluem desde a valorização do uso do solo, o posicionamento logístico e as demandas produtivas na Baixada se expressaram em indicadores econômicos do PIB de seus municípios. Esses dados, também, servem como pressupostos para aferir uma “mudança” da realidade econômica nos municípios da Baixada Fluminense [ver anexo 7]. No ano de 2000 o IBGE apresentou três municípios desta área entre os cem maiores PIB's do país, com destaque para Duque de Caxias (6^a posição) - que em 2003 foi a terceira com maior exportação do Brasil -, Nova Iguaçu (54^a posição) e Belford Roxo (86^a posição).

De certa forma a apresentação deste dado revelou certa euforia, que somadas à demanda de investimentos e às ações de agentes no campo político, agregariam ainda mais “força representacional do progresso” à essa Baixada Fluminense⁷⁷. A economia e a representação se alinham nesta demanda. Onde se percebeu o uso de menções sobre a Baixada em diversas ações de agentes econômicos.

Não obstante, é importante salientar que a ligação entre economia, representação e espaço preconiza uma forma de apropriação e de legitimação de territórios-mercado, se pensarmos nas estratégias de manutenção desta, por partes dos agentes econômicos, na difusão de representações

⁷⁷ Como exemplo uma reportagem postada pela FECOMERCIO/SESC-SENAC, destaca como título “A Baixada Fluminense em Ritmo de Crescimento”. Neste há destaque para as características populacionais e econômicas que vem marcando a região. Disponível em < <http://www.fecomercio-rj.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=1826&tpl=printerview&sid=170>> Data do acesso: 25/11/2013.

associativas entre mercadorias ou empresa com uma identidade regional. A representação está associada ora a uma correspondência material ou uma indicação de ação. Neste sentido, Jean Paul Guérin (1992, p.13) indica que as “representações não existem e si mesmas, mas são construídas num conjunto ordenado de questões”, que dão a tônica de seus sentidos. As transformações econômicas, os fluxos de investimentos e, até mesmo, as perspectivas de desenvolvimento na Baixada, soam como correspondências para a difusão de representações, que alimentam esses novos sentidos.

Guerín (1992) ainda sublinha que, assistimos ao “desenvolvimento massivo” do papel das representações no contexto das dinâmicas espaciais através da economia. Uma vez que este pode servir ora de elemento motivador das estratégias comerciais, ora ser ele próprio o comercializado. Logo, o ato da venda coloca, também, o espaço com um atributo, a ser comercializado ou envolvido na construção de suas ambições. Por isto, se tornou comum o dito “Marketing Territorial”⁷⁸, que trata além da venda do território o uso de seus limites como garantidor de territórios de produção e de consumo.

No contexto as mudanças econômicas na Baixada Fluminense, servem como correspondências que sustentam as difusões de representações do “progresso” e do “desenvolvimento”.

Neste mesmo tom, Jean-Paul Volle (1992) faz a observação de que agentes econômicos utilizam as representações como forma de delimitação de espaço de poder, seus territórios. O referido autor aponta que discursos, imagens e outras representações empregadas em propagandas publicitárias são estratégias reveladoras de apropriação espacial, que delimita espaço de produção e de consumo.

As representações de algumas empresas instaladas na Baixada revelam como a produção de sentido de pertencimento serve como estratégia de captação de mercado consumidor

⁷⁸ Termo usado por Jean Paul Guerin (1992, p.16) para designar a estratégia de divulgação (propaganda) na forma como é vendido o território e seus atributos. Este Marketing Territorial é usado tanto por agentes do campo econômico como por entidades de caráter político e regional.

específico, logo na delimitação de territórios de produção e territórios de consumo. Mostrando como o resgate de uma representação, serve como “valor fiduciário”, aos propósitos da empresa.

A figura 3.3 exemplifica as estratégias da Spoleto, uma rede de estilo *fast-food* de comida italiana. Em suas lojas no mês de janeiro de 2011, focaram a ideia de pertencimento a Baixada como proposta de marketing na área em questão. A foto em tela foi retirada dentro da praça de alimentação do Shopping Grande Rio, localizado em São João de Meriti.



Figura 3.3 Propaganda da Spoleto com ênfase no pertencimento a Baixada.
Foto do autor, 15/01/2011.

A administração desse Shopping Center tem difundido, nos últimos anos, uma série de propagandas associativas a uma identidade regional para a Baixada Fluminense como pode ser visualizado nas figuras 3.4 e 3.5. Os sentidos atribuídos a uma Baixada, como expressos nas figuras abaixo, evocam um sentimento de pertencimento a uma história e uma geografia própria da Baixada.



Figura 3.4 - Adesivo colocado em Carro no estacionamento de shopping da Baixada. Foto do autor, 23/11/2010.



Figura 3.5 – Propaganda do shopping Grande Rio com referência a Baixada. Foto do autor, 11/01/2011.

A retomada de valores com atributos espaciais é composta como ação estratégica. A nucleação da representação, tal como indica Celso pereira de Sá (2002), permite indicarmos que a Baixada, nestas propagandas, se relaciona à: sentimentos “nobres”, sobretudo, no entorno da história social; pertencimento espacial e reconhecimento da diferença na metrópole – que permite identificar-se como consumidor (identidade regional do consumo); e a qualificação do serviço sobre os valores culturais – a história partilhada como estratégia.

Esses elementos são evidências das práticas de agentes econômicos, que de alguma forma, tomam como recurso o reforço a um sentimento de pertença e táticas de identificação com público consumidor para delimitação de seus territórios de produção e de consumo.

Como exemplo os materiais de divulgação do Shopping Grande Rio tomam como apelo uma identidade da Baixada. A própria estrutura interna do referido shopping, em especial os corredores para os banheiros, reforça essa identidade com fotos antigas de diferentes municípios da Baixada com slogans de “história de verdade” e “indicativos dos tempos de prosperidade”.

As representações de agentes no campo econômico servem como exemplificadores de que há uma dinâmica em curso que busca construir/ legitimar outros sentidos para a Baixada, diferentes da representação hegemônica de violência e miséria.

Entendemos que as dinâmicas econômicas que sustentam ou possuem correspondências a essas “novas representações”, ganham maior força e intensidade nas ações do setor industrial e no mercado imobiliário na Baixada. Assim os agentes envolvidos nestas dinâmicas são importantes contribuintes na difusão de uma “nova Baixada”, pautada no “progresso e na prosperidade”. Por isso, se torna necessário uma análise pormenorizada das representações e ações desenvolvidas pelos agentes indicados: Mercado Imobiliário e pela FIRJAN. Veremos, a seguir, que esses agentes revelam em suas práticas, as estratégias de produção de representações ideais para a Baixada – legitimando territórios de produção e consumo. Indicando, deste modo, a dinâmica deste campo de poder.

3.2 – O MERCADO IMOBILIÁRIO - PRODUZINDO NOVOS SENTIDOS PARA A BAIXADA.

Ao passo que presenciamos emergir novas dinâmicas econômicas na Baixada Fluminense, é quase inquestionável discutir o papel do mercado imobiliário no desenho desta área, que como agente a projeta com novos sentidos.

Concomitante aos discursos do empresariado industrial (como veremos a seguir) o “progresso” e “desenvolvimento” fazem parte da estrutura de representação difundida pelas empresas que compõem o mercado imobiliário. Remetemos aqui o mercado imobiliário como um agente, tratando-o como um conjunto complexo que envolve desde as incorporadoras, construtoras e imobiliárias que atuam diretamente com a especulação e venda do solo [via unidades construídas]. Assim, a análise não está apenas endereçada a uma empresa específica, mas no conjunto de empresas que usam em suas propagandas a venda direta e indireta da Baixada, com uma estratégia mercantil.

Atuação de empresas como agente no mercado imobiliário é também complexo, pois agrega desde grandes incorporadoras e administradoras nacionais e internacionais, quanto pequenas e médias empreiteiras locais, imobiliárias locais, e até mesmo proprietários fundiários.

Todavia para fins metodológicos, utilizamos dados e informações relativas ao mercado imobiliário disponibilizado em jornais de circulação no Estado do Rio de Janeiro, informações de órgão oficiais com Ademi - Associação de Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário do Rio de Janeiro, e as propagandas das grandes empresas, que coletamos entre 2010 e 2013 como forma de exemplificar o uso das representações e como elas influenciam na difusão de novos sentidos para a Baixada. A opção de escolher essas empresas “ditas externas” à Baixada, serve para ilustrar o olhar destas, para uma região que sempre teve as marcas de sua representação hegemônica, e que agora experimenta uma onda de investimentos. Outrossim, a escolha serve para mostrar com o marketing e a propaganda exploram a temática desenvolvimento econômico como um “justificador”, legitimador das vendas do espaço na Baixada.

De forma geral, entendemos que este conjunto complexo do mercado imobiliário atua na transformação do solo urbano em mercadoria (CORREA, 2001), e fomenta também transformações na paisagem urbana a partir da construção de edifícios e outros empreendimentos, que vendem além deste, o seu entorno. Os atributos espaciais.

A venda do espaço é também a venda de sua representação e dos benefícios que este pode oferecer. A recente expansão do mercado imobiliário na Baixada é associada tanto ao processo de qualificação relacionado à emergência de uma nova periferia⁷⁹ (SANTOS, 2007) quanto às possibilidades diante das dinâmicas econômicas no setor terciário e industrial que se abrem na região, e que ganhou maior força, sobretudo, após os anos de 2000.

Embora, exista uma crescente demanda de ações de incorporadores imobiliários em toda periferia fluminense, nas porções oeste da metrópole, destacam-se os investimentos e ações feitas em Nova Iguaçu, Duque de Caxias e Itaguaí. Os dois primeiros ganham destaque por se mostrarem como importantes centralidades no setor de serviços e no setor industrial na Baixada, o último é impulsionado pelas demandas do Porto de Itaguaí e pela construção do Arco Metropolitano.

Destarte, esses municípios têm requalificado suas áreas centrais produzindo novas formas-conteúdo, onde a estrutura econômica e social é parcialmente “requalificada”. Essa requalificação tem-se exemplificado nos empreendimentos imobiliários que se instalam em muitos municípios da Baixada, que em sua forma e função apontam novos sentidos.

Segundo dados da Associação pela Associação de Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário do Rio de Janeiro (Ademi) no período de 2010 a 2012, o município de Itaguaí e Nova Iguaçu foram, respectivamente, o segundo e o terceiro municípios como maior número de empreendimentos. O primeiro registrou 2.830 unidades residenciais e comerciais, enquanto o segundo na marca de 2.228 unidades. No que tange a expansão imobiliária em municípios da Baixada, na reportagem de 21 de abril de 2013, intitulada “explosão vertical também atingem

⁷⁹ É importante destacar que grande parte da venda do empreendimento localizado nos centros de nova Iguaçu e Duque de Caxias são inculcidos a venda dos serviços próximos com graus de sofisticções não vistos em outras áreas da Baixada. Neste sentido recomendamos ver (ROCHA, 2011b)

periferias e cidades do interior” divulgada pelo O *Globo.com*⁸⁰, são destacadas que “sete cidades da Baixada (Nova Iguaçu, Itaguaí, Belford Roxo, Duque de Caxias, Magé, Mesquita e Nilópolis) ganharam 9.042 empreendimentos”⁸¹

Esses empreendimentos instalados fomentam ao, mesmo tempo, a valorização do solo e a difusão de novas visões e sentidos para a Baixada. Destacamos que a representação hegemônica com nucleações na pobreza, miséria e violência descredencia o status de desenvolvimento. Por isso, identificamos que grande parte da venda de alguns destes empreendimentos tomam como atributo a prosperidade da Baixada Fluminense, colocando aquela outra representação em questão, [ou fora de questão!].

A exemplo, se torna salutar lembrar que a instalação desses empreendimentos, enquanto forma e representação, cria novos sentidos. Incutindo uma correspondência mediadora (RAFFESTIN, 2007; LEFEBVRE, 2006), que permite recriar uma nova representação para a Baixada. A forma, a estética e a organicidade destes novos empreendimentos são, também, formas de representar, uma nova Baixada, que se põe como uma “nova periferia”.

O Globo de 16/03/2008 no “Caderno Baixada” retrata a configuração e organicidade desses novos imóveis, que ocorrem, por exemplo, em Nova Iguaçu.

“O município de Nova Iguaçu, com 830 mil habitantes, receberá pelo menos três condomínios de alto padrão, grandes áreas de lazer e todo o sistema de segurança. A Gafisa, por exemplo, marca sua chegada na Baixada com um empreendimento de alto padrão em Nova Iguaçu. É o Acqua Residencial, todo projetado e idealizado com o conceito de lazer aquático, com uma grande área de piscina, proporcionando conforto, bem-estar e certo ar de férias aos moradores. Outro condomínio-clubes instalado em Nova Iguaçu é o Florae, do grupo RJZ Cyrela. Nele, boa parte da área de lazer ficará na cobertura com piscinas, sauna a vapor, bar na piscina, espelho d'água, fitness, ambiente de

⁸⁰ Reportagem completa Disponível em < <http://oglobo.globo.com/pais/explosao-vertical-tambem-atinge-periferia-cidades-do-interior-8178981> > data do Acesso: 17/07/2013.

⁸¹ Números foram informados pela Associação de Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário do Rio de Janeiro (Ademi).

repouso, churrasqueiras e forno de pizza. Há ainda brinquedoteca, quadra infantil e *lounge* externo. O Florae oferece 216 unidades com dois e três quartos e uma suíte. Os apartamentos terão de 64 a 80 metros quadrados. Detalhe: os moradores podem escolher se a cozinha será integrada à sala, estilo americana, ou fechada. A localização também é ótima, apenas oito minutos do shopping e da área comercial”.

A proposta de instalação destes novos empreendimentos, também despertou o comentário no jornal Valor Econômico, de 29/03/2007, que os coloca com “*Porte de condomínios da Barra da Tijuca, estilo nobre*”, onde o título da reportagem mostra a ideia de que a “*Baixada deixa de ser ‘Baixada’*”, fazendo alusão à representação de pobreza e miséria que foram marcas da Baixada e que por conta desses novos empreendimentos, perde tal representação e pode ser então comercializada, dando ao mercado uma possibilidade de transformar o solo urbano numa representação de mercadoria. Neste momento, vemos com clareza a construção do “consumo do espaço” da qual fala Ana Fani Alessandri Carlos (2002). A Baixada como progresso, possui um valor comercial!

Ação dos agentes do mercado Imobiliário, na produção de um novo sentido para a Baixada, implica na possibilidade estratégica da venda de espaços nos municípios. Na mesma direção, a prática material desses empreendimentos no mercado imobiliário produzem transformações materiais de valorização deste espaço, que cooperam na produção de novos sentidos para a Baixada. Aqui há uma correspondência entre o materializado (formas impressas no espaço) e o imaterial (as representações).

Para fins analíticos consideramos aqui na composição dos agentes do mercado imobiliário, analisar as representações incutidas na divulgação de alguns empreendimentos que aparecem na Quadro 4, onde consta a presença das grandes incorporadoras que atuam na Baixada, e que exploram a temática regional do desenvolvimento desta área como uma estratégia de “Marketing Territorial”.

Neste sentido, as propagandas utilizadas pelas grandes incorporadoras são formas pelas quais os agentes econômicos do mercado imobiliário produzem representações sobre o espaço (VOLLE, 1992) e demarcam seus territórios, produzindo representações ideais para a Baixada.

As representações difundidas servem aqui, como uma moeda fiduciária, tal como é destacada por Claude Raffestin (1997), pois fomentam valor, na venda de espaços na Baixada Fluminense, como uma forma de potencializar a comercialização de produtos, que no caso específico trata de unidades de construção seja residencial ou comercial. Pois a sua venda, atua no objetivo de atender a uma demanda específica, oriundo dos novos investimentos capitaneados pelas novas lógicas produtivas via arco metropolitano e dinamização de capitais industriais.

Quadro 4 – Principais Empreendimentos do Segmento Hoteleiro, Residencial e Salas Comerciais e suas Incorporadoras na Baixada.

Empreendimento [Tipo]	Município de instalação	Incorporadora/ Administradora	Ano de Lançamento
Via Office [Prédio - salas Comerciais]	Nova Iguaçu	ROSSI	2011
Rossi Diamond Flat [apart-hotel/ salas comerciais]			2010
Rossi Exclusive [Residencial]			2010
Rossi Multi Business	Duque de Caxias		2012
Best Western Multi Suítes [Apart-Hotel] /	Duque de Caxias	ROSSI/ Best Western	2012
Mercure – Nova Iguaçu	Nova Iguaçu	Rede Accord	2010
Supreme Dutra Comfort Hotel [Apart hotel]	São João de Meriti	NEP S./A./ Atlântica Hotels. [destaque para os selos Confort Inn e Quality Inn]	2011
Supreme Itaguaí Business Hotel [apart hotel]	Itaguaí		2011
Supreme Caxias Comfort Hotel [Lojas, Salas Comerciais e Suítes Hoteleiras]	Duque de Caxias		2011
Supreme Iguaçu	Nova Iguaçu		2012
Premier Flat [Apart-Hotel]	Queimados	Zoneng Engenharia	2013
Fusion work Live [complexo com Lojas, Salas Comerciais e Suítes Hoteleiras]	Itaguaí	João Fortes Engenharia / Promenade apart hotel	2013

Organizado pelo Autor. Fonte: Orion imobiliária, website das incorporadoras citadas.

Optamos destacar no referido quadro a grande quantidade de “apart-hotéis” e prédios comerciais. A menção deste tipo de empreendimento é feita, em detrimento a outros, por sua natureza que explora as “facilidades de investimento” que objetiva captar o grande volume de pessoas que circulará nestas localidades, por conta do dinamismo econômico que se desenha via consolidação do Arco Metropolitano. É oportuno destacar que todos os empreendimentos o citam como um elemento espacial potencializador a ser explorado pelo possível investidor.

Um bom exemplo pode ser tratado pelo empreendimento *Premier Flat*. Localizado no município de Queimados, esse é tratado, inclusive pelo governo municipal, como um “importante feito” que destaca o desenvolvimento da região. Uma posição singular, em relação aos outros empreendimentos, está no papel da prefeitura da divulgação deste apart-hotel, que só foi possível diante de uma revisão do plano diretor municipal, implicando radicalmente uma mudança na norma do território [ver anexo 9]. A representação do progresso, neste caso, incidiu sobre lógica material e legislativa no caso de Queimados, colocando em clara evidência a apropriação do território. Na figura abaixo, destacamos os slides 09 e 10 do material de divulgação do empreendimento.

Por que Investir em Queimados?

- ▶ Cidade que mas cresce na Baixada.
- ▶ Arco Metropolitano
- ▶ Criação do Maior Porto Seco da América Latina
- ▶ Queimados ganhará Polo Intermodal Ferroviário
- ▶ Mas de 40 industrias no Polo Industrial
- ▶ Próximo Ao Polo Industrial de Japeri
- ▶ Previsão de mais de R\$ 500milhões de recursos do governo do estado.

Perspectiva de Fachada



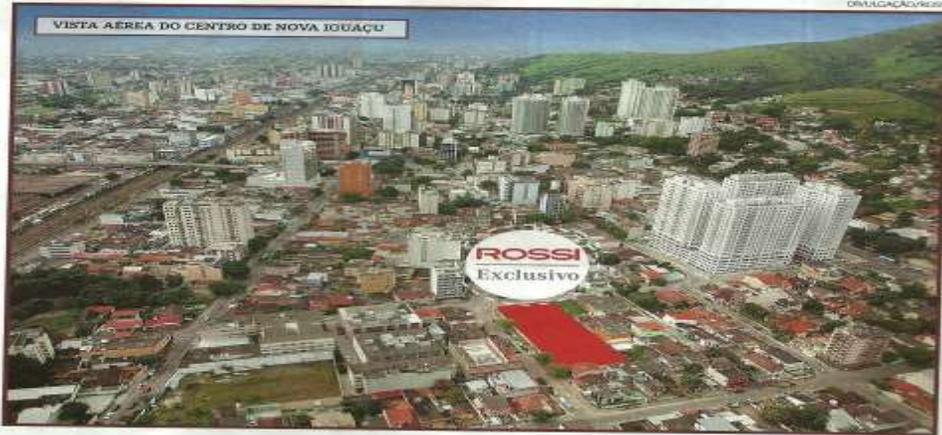
Figura 3.6 – Slides 9 e 10 da divulgação do empreendimento Premier Flat, em Queimados com destaque para as potencialidades econômicas do município no contexto da Baixada. (2013)

Nesta propaganda, na qual representam as estratégias comerciais, vende-se o município de Queimados no contexto da Baixada Fluminense. Dando ênfase à potencialidade do Arco Metropolitano e de questões produtivas relacionadas a unidades industriais como os polos industriais de Queimados e Japeri, a ampliação do maior terminal intermodal da América latina [contrato firmado pelo então prefeito junto ao governador do estado e a MRS Logística⁸²]

Neste mesmo tom, os empreendimentos construídos pela ROSSI na Baixada estão “envoltos” por novos sentidos e representações. A referida empresa consolidada em âmbito nacional atua em mais de 94 cidades e 20 estados do Brasil. Tem destinado suas ações para construções empresariais e residenciais de médio e alto padrão. E focou nos últimos quatro anos, além da cidade do Rio de Janeiro, investimentos em três municípios da região metropolitana: Nova Iguaçu, Duque de Caxias e Itaboraí. Destacando a natureza do desenvolvimento deste, frente a presença do Arco Metropolitano.

Como exemplo a figura 3.7 representa o destaque dado à Nova Iguaçu e à região de entorno como “grande importância econômica (...) uma das regiões mais atrativas para trabalhar e viver”. Nesta propaganda de divulgação destaca-se também a oportunidade de investir em uma área com proximidade a rodovia Presidente Dutra e ao Porto de Itaguaí. Lembrando, aí o potencial logístico produtivo da região, temática bastante explorada pela FIRJAN e o setor industrial.

⁸² Informação presente no slide 4 mesmo conjunto informativo sobre *Premier flat [ver anexo 10]*. A MRS logística é uma concessionária que monitora e controla a malha sudeste da rede ferroviária federal.



VISTA AÉREA DO CENTRO DE NOVA IGUAÇU

OMUNICAÇÃO/VEZES

Uma região em destaque

O município de Nova Iguaçu fica localizado em uma região de grande importância econômica e financeira para o Estado do Rio de Janeiro, a Região Metropolitana. Por causa do posicionamento geográfico, a cidade desempenha o papel de centro de negócios e comércio para municípios vizinhos. Com isso, hoje Nova Iguaçu é uma das regiões mais atrativas para trabalhar e viver. Dados da Prefeitura de Nova Iguaçu apontam que a cidade é a maior da Baixada em termos de extensão territorial, e a segunda em população, estimada em 830 mil habitantes pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

O PIB (Produto Interno Bruto), medido pelo IBGE em 2008, era de mais de R\$ 8 bilhões, o sexto do estado. A participação dos serviços de acordo com o Instituto é de 77,88%, seguindo pela indústria com 14,22%. São várias opções de co-

Rossi já lançou na região o Rossi Via Office e o Rossi Diamond Flat

mércio e de serviços como hospitais, teatros, cinemas, bibliotecas públicas, além do TopShopping, com 136 lojas variadas, cinema e praça de alimentação. Mais de um terço do território de Nova Iguaçu é composto por vegetação da Mata Atlântica, abri-

gando importantes áreas de preservação ambiental: Reserva Biológica do Tinguá, Parque Municipal, e Serra de Maxambomba (Serra de Madureira). A cidade oferece também 300 km de rodovias, sem contar com o fato de estar situada às margens da mais importante rodovia do País – a Presidente Dutra – que liga o Rio de Janeiro a São Paulo. Outro ponto positivo da localização é a proximidade com o Porto de Sepetiba. Vale destacar que a Rossi tem forte presença na região. A construtora já lançou o Rossi Via Office, com 198 salas comerciais e 19 lojas, e o Rossi Diamond Flat, empreendimento misto com 23 lojas e 156 apartamentos.

Figura 3.7 – Folder de divulgação de empreendimento em Nova Iguaçu, Baixada Fluminense com destaque para o crescimento da região. Fonte: ROSSI, 2010.

O título “Uma Região em Destaque” contida no informativo já é sugestivo a um novo sentido para a Baixada, que é acompanhada pela difusão de representações por outras empresas no setor imobiliário, como o destacado na propaganda da Órion Imobiliária (ver figura 3.8). Esta que é uma imobiliária local de Nova Iguaçu, sublinha os empreendimentos por ela comercializados, apontando os significados de desenvolvimento comercial e produtivo que são possíveis na Baixada, tendo como Nova Iguaçu a sua sinédoque.

Seja para morar,
seja para investir,
o melhor está aqui.

Utility Center

Metallum

Acqua

QUAMARINA

Crytal

Platinum

orionimobiliaria.com.br
Dr. Thibau, nº 80 / Loja 3

Tels.: (21) 2667-5750

ÓRION
IMOBILIÁRIA

Figura 3.8 – Material de divulgação de empreendimentos na Baixada Fluminense com o indicativo “pra morar ou pra investir o melhor está aqui”. Fonte: Órion Imobiliária, 2010.

Neste ensejo, a Rossi, fez uso de um mapa (figura 3.9) que representa a região metropolitana, destacando o uso dos atributos produtivos da Baixada, informando as principais empresas lotadas nos respectivos municípios [símbolos ligados por tracejado a sua localização] as vias de circulação [traçados em vermelho] para apresentar o empreendimento Diamond Flat. Assegurando o seu “Marketing territorial”, como subterfúgio de seu empreendimento.



Figura 3.9 – material de Divulgação do Diamond Flat da Rossi, com destaque para a Baixada Fluminense e as empresas localizadas na região. Fonte: ROSSI (2012)

Ainda exemplificando a partir das ações da Rossi, o empreendimento Rossi Multi em Duque de Caxias que foi difundido em diferentes canais midiáticos, acompanha a “venda do espaço regional da Baixada”. Destacamos aqui uma reportagem/propaganda contida na Revista da BGARJ – Bolsa de Gêneros alimentícios do Rio de Janeiro de junho/julho de 2012.

Além da apresentação do empreendimento, numa revista endereçada a empresários do ramo alimentício, destacando a oportunidade de negócios, a reportagem/propaganda utiliza as características de desenvolvimento econômico da Baixada Fluminense como elemento territorial acoplado ao empreendimento. A referida reportagem/propaganda destaca além da singularidade econômica de Duque de Caxias, em relação à produção petrolífera e a situação logística, o fluxo

de investimentos que serão destinados a Baixada Fluminense dizendo que esta área “deve receber entre 2011 e 2013, um investimento de R\$ 14, 5 bilhões” [Ver reportagem completa no Anexo 11].

Ainda agregando a questão de representação da Baixada, no site oficial da construtora há uma menção sobre a localidade do empreendimento que informa o seguinte:

Terreno localizado em um dos principais polos de desenvolvimento do Rio de Janeiro, REDUC, composto por 13 municípios e 3,3 milhões de habitantes na Baixada Fluminense. Rodovia de grande movimento, com fácil acesso ao Rio de Janeiro, próximos ao comércio local, hospitais e serviços, em frente ao Caxias Shopping, 10 minutos do aeroporto internacional, próximo da entrada da Linha Vermelha. A complexa malha rodoviária e ferroviária tornou a baixada fluminense num dos principais centros logísticos localizado entre o eixo Rio de Janeiro – Belo Horizonte. O Arco Metropolitano fará a ligação entre o Porto de Itaguaí, a Baixada Fluminense e o Polo Petroquímico em fase de construção em Itaboraí. A construção do Arco Metropolitano desobstruirá o trânsito na Av. Brasil facilitando o tráfego entre o Centro do Rio de Janeiro e a Baixada Fluminense.⁸³ [*grifo nosso*]

A referida menção destaca, oportunamente, mais uma vez, a menção logística da Baixada Fluminense. Nota-se aqui a representação do progresso incutido diretamente na venda das unidades construídas neste empreendimento, que têm como *lobby*, o desenvolvimento da Baixada Fluminense. A primeira parte do parágrafo destacado, insinua por sua vez, o descolamento da miséria que se contrapõe ao progresso, vendo a Baixada e o terreno onde será construído como o “polo de desenvolvimento”.

No que tange a questão da forma o referido empreendimento também agrega e produz seus sentidos, tendo uma gama de elementos que demonstram a múltipla funcionalidade de investimentos, que inclui desde um centro comercial – Rossi Multi Business -, com lojas térreas –

⁸³ Retiradas diretamente do site da Rossi, disponível em: <<http://www.rossiresidencial.com.br/imoveis-a-venda/rio-de-janeiro/duque-de-caxias/parque-duque/rossi-multi-business/280>> . Data do Acesso 17/11/2013.

Rossi Multi Mall -; até habitacional – Rossi Multi residencial -, e turística atendendo a questão hoteleira (turismo comercial) – Rossi Multi Hotel. Este último que será administrado pela rede hoteleira *Best Western* que atua em diferentes países. [ver figuras 3.10 e 3.11].

A recente atuação da empresa “global” Best Western, no setor hoteleiro na Baixada Fluminense, conjugada com ações de grupos nacionais, como o caso da Rossi, é caracterizado e impulsionado pela possibilidade de retorno financeiro diante das novas dinâmicas econômicas nesta área. O que em tese, justificaria uma demanda sobre novos investimentos, que caracterizariam a Baixada Fluminense como um “novo espaço produtivo” e rentável à dinâmica do capital na metrópole fluminense. Isto permite que as representações sejam difundidas, salientando sentidos diferentes daqueles que nucleiam a representação hegemônica.



Figura 3.10 – Fotografia da propaganda da Best Western no empreendimento da Rossi Multi em Duque de Caxias. (Fotografia do autor 14/11/2013).



Figura 3.11 – Perspectiva do Empreendimento Rossi Multi, com localização do prédio administrado pela Best Western a direita. Fonte Rossi (2013). Disponível em <http://www.rossiresidencial.com.br/imoveis-a-venda/rio-de-janeiro/duque-de-caxias/vila-sao-luis/best-western-multi-suites/581> > Acesso 20/11/2013.

Salientamos que ação de empresas “globais” no setor hoteleiro não se resume apenas a esta. Os três empreendimentos construídos pela NEP S/A [“empreendimentos Supreme”] nos municípios de Itaguaí, São João de Meriti e Duque de Caxias, contam com a participação da Empresa Atlântica Hotels, que usa o selo da *Comfort Inn* – sub-empresa que também é responsável pela administração de mais 2000 hotéis em diferentes partes do mundo. Segundo informações institucionais da *Atlântica Hotels*, a empresa atua no Brasil desde 1996 como “master franquidora” de *um grande grupo hoteleiro chamado Choice Hotels International* que administra além do selo *Comfort Inn*, também, outras 10 empresas⁸⁴.

Nas propagandas dos empreendimentos da “Supreme”, as representações sobre o crescimento econômico dos municípios da Baixada e os retornos financeiros destes investimentos estão sendo difundidos em todo o estado do Rio de Janeiro por parte de agentes imobiliários. A exemplo, a divulgação dos empreendimentos “Supreme”, em outdoors e propagandas em rádios e revistas, continha o seguinte *slogan*: “invista numa cidade com vocação para crescimento”. Essas

⁸⁴ Além da *Comfort Inn*, o referido grupo administra empresas como *Quality Inn*, *Comfort Suites*, *Clarion*, *Sleep Inn*, *Cambria Suites*, *Mainstay Suites*, *Suburban*, *Econo Lodge*, *Rodeway inn*, *Ascend Motel Collection*.

menções sobre os empreendimentos em Itaguaí, Nova Iguaçu, São João de Meriti (Supreme Dutra) e Duque de Caxias, são exemplos das representações e sentidos que cercam a expansão do mercado imobiliário na Baixada.

Essa dinâmica do mercado imobiliário representa, ao mesmo tempo, reflexo e condicionante das transformações materiais e imateriais em alguns municípios da Baixada, que por sua vez influenciam na difusão de novos sentidos para o coletivo “Baixada”, representações que servem de legitimadores para apropriações do território.

As representações da divulgação dos Empreendimentos da NEP. S/A e da Atlântica Hotels na Baixada Fluminense, conta com um suporte espacial específico. Em slides de divulgação dos empreendimentos, são utilizados mapas e imagens de satélites que destacam as potencialidades logísticas e explicações do investimento nestas áreas. Exemplificamos a partir das figuras 3.12; 3.13 e 3.14.



CONCEITO

SUPREME DUTRA BUSINESS HOTELS é um empreendimento imobiliário HOTELEIRO, na Rodovia Presidente DUTRA, localizado em uma região que remete ao que há de melhor em potencial econômico já consolidado, e o mais importante: “altamente deficitário em nosso segmento”.

As três estrelas representam as empresas precursoras neste segmento: NEP S.A, ATLANTICA HOTELS e BRASCOP, que juntas simbolizam transparência e liderança.

O complemento para o nome principal é Business Hotels, expressando ser um ótimo investimento.

Figura 3.12 - Slide 7 da divulgação do empreendimento Supreme Dutra. Texto expositivo que remete a localização e seu desenvolvimento econômico. Fonte NEP S/A. (2011)

INFORMAÇÕES IMPORTANTES

Arco Rodoviário

Rodovias Interligadas:

- Rio-Vitória (BR-101 Norte)
- Rio-Teresópolis (BR-116 Norte)
- Washington Luís (BR-040)
- **Via Dutra (BR-116 Sul)**
- BR-465
- Rio-Santos (BR-101)

O Arco Metropolitano redistribuirá riqueza e desenvolvimento como resultado de condições portuárias privilegiadas e do abastecimento de plástico, aço e outros componentes para a indústria de bens de consumo



O objetivo é desafogar o tráfego na Região Metropolitana e aumentar o movimento no Porto de Itaguaí

Figura 3.13 – Slide 8 da divulgação do empreendimento Supreme Dutra. Destaque para o Arco Metropolitano e a logística da região. Fonte: NEP S./A. (2011)



Figura 3.14 – Slide 10 da divulgação do empreendimento Supreme Dutra. Destaque para localização do empreendimento e dos principais entroncamentos logísticos. Fonte: NEP. S/A(2011)

Em análise destes materiais publicitários [ver completo em anexo 12], percebemos que o valor semântico do desenvolvimento aparece com destaque na figura 3.12. Ao afirmar que o empreendimento está “localizado em uma região que remete ao que há de melhor em potencial econômico já consolidado”, empresta significados a área que é exemplificada nos mapas e imagens de satélites presentes nas figuras 3.13 e 3.14

Reforçando a correspondência da representação e dos sentidos do progresso, os materiais de divulgação expostos destacam o potencial logístico da região, localizando o empreendimento (figura 3.14) e salientando dinâmicas logísticas no contexto regional. É importante destacar que o uso de “representações espaciais”, não só como sentidos, mas como linguagem (através de cartaz, imagens de satélite, mapas, etc) se tornam comuns no campo da publicidade.

Neste sentido, recorremos a Yves André (1992, p.154) quando sublinha que para muitos autores os materiais publicitários não são para uma análise da geografia, por suporem que não “sejam científicos”. Todavia, a análise não reside apenas nos métodos de produção das cartas, mas na potencialidade de avaliar ações de quem os promovem, e analisar tendências de “exploração das dinâmicas espaciais”. A publicidade que tomou as representações do espaço como um trunfo, atua como um elemento na estratégia das empresas, que são capazes de reafirmar as suas demandas no campo econômico. Seja na expansão ou na afirmação de seus territórios de consumo e produção.

As propagandas elaboradas pelas empresas do setor imobiliário exemplificam isto, pois as imagens e mapas temáticos destacados até aqui, não têm um valor (métrico ou cartográfico) mas intencional, contém as estratégias de poder, de legitimidade que permite uma análise e acompanhamento das ações dos atores que atuam neste campo. Neste sentido concordamos com Yves André (1992, p. 154) que destaca:

“pourtant les publicités faisant référence à l'espace constituent un matériel didactique particulièrement pertinent si l'on raisonne en termes de représentations spatiales. Une telle approche permet en effet de montrer qu'elles

sont une des composantes des processus de création et de transformation de l'espace” (ANDRE, 1992, p.154).”⁸⁵

A possibilidade de poder dizer sobre a prosperidade econômica da Baixada Fluminense, e demonstrar sua dimensão em anúncios e propagandas, servem para legitimar ações, em especial para esses agentes do campo econômico, direcionadas para a especulação, valorização e venda do solo. A propaganda usada pelo empreendimento “Supreme” da NEP S/A e da Atlântica Hotels, deve ser destacada, também, pela amplitude da divulgação de seus empreendimentos, que se deram em escala estadual. Por exemplo, a propaganda do “Supreme Iguaçu”, esse operado pela *Atlântica Hotels* com selo *Quality Inn*⁸⁶ teve divulgação na revista *Veja Rio* e nas Rádios FM [Band News e JB FM, entre outras]. As propagandas sempre estão acompanhadas das “singularidades econômicas” da região, que estão “acostumadas ao crescimento” [ver anexo 13].

Neste mesmo tom os investimentos do grupo Multinacional *Accor*, através de uma de suas redes hoteleiras - *Rede Mercure* - na Baixada Fluminense destaca as características econômicas que potencializaram a construção de seu mais novo empreendimento no Estado do Rio de Janeiro. Esse grupo multinacional é o líder mundial no ramo de hospedagens e tem na *Rede Mercure* a maior rede mundial do segmento *midscale*⁸⁷.

Segundo o Release de lançamento da empresa, divulgado em 19 de julho de 2012, o empreendimento *Mércure*, em Nova Iguaçu, foi o 63º da rede no país e o 66º da América Latina e recebeu um investimento de mais de 23 milhões. Destacando, a correspondência material, a representação que trata dos sentidos de desenvolvimento econômico e de crescimento atrelados a

⁸⁵ Tradução livre: “portanto as publicidades referentes ao espaço constituem um material didático particularmente pertinente, se pudermos raciocinar em termos de representações espaciais. Na verdade essa abordagem torna possível mostrar que eles são um dos componentes do processo de criação e transformação do espaço

⁸⁶ Lembramos que o Selo *Quality Inn* também pertence ao grupo *Choice Hotels International*, que é representada no Brasil pela administração da *Atlântica Hotels*.

⁸⁷ A *midscale* é o segmento, estabelecido pelo grupo *Acoord*, que busca atender a classe média, com padrão exigente de consumo com uma estadia sofisticada, outrossim, destina-se aqueles que estão em busca de negócio (turismo de negócios) que necessitam de uma boa hospedagem a um preço não tão elevado.

Baixada, fazem parte do núcleo central das representações que fizeram deste empreendimento algo real.

Para ilustrar retiramos uma frase do release que apresenta o empreendimento da rede Mercure, que destaca o seguinte:

“Nova Iguaçu, está inserida numa região de expressivo crescimento econômico, conseqüentemente, do turismo de negócios. A rede Mercure, chega à cidade como uma opção de alta qualidade, conforto e excelente atendimento, característicos da marca em todo o mundo, a todos os turistas de negócios e de lazer que vêm à região, afirma Patrick mendes, diretor de operações da marca Mercure para América Latina” (MERCURE- ver anexo 14) [Grifo nosso]

A Baixada Fluminense, que é a “região” onde está inserida Nova Iguaçu é semantizada como propensa ao crescimento econômico. A marca de afirmar tal questão perpassa a lógica de expansão do mercado desta empresa que busca sua consolidação para atender o seu público alvo, em especial, do turismo de negócios. Que tende a se expandir diante das novas dinâmicas econômicas que se consolidam diante da reestruturação econômica e produtiva da região metropolitana do Rio de Janeiro, via integração logística e ampliação das atividades químico-petrolíferas (OLIVEIRA, 2012), que dão maior destaque para a porção oeste da metrópole fluminense, toda a Baixada Fluminense a região satelizada pelo município de Itaguaí (OLIVEIRA; ROCHA, 2013).

Por fim, no ensejo de uso das potencialidades regionais para venda de imóveis, destacamos o empreendimento *Fusio work Live*, da João Fortes Engenharia. O mais novo empreendimento, se localiza no município de Itaguaí e apresenta, como os demais, as características econômicas e as potencialidades regionais⁸⁸.

⁸⁸Informações disponíveis em < <http://www.joaofortes.com.br/fusionitaguaí/>>.



Figura 3.15– apresentação da área do empreendimento Fusion Work Live da Joao Fortes Engenharia em Itaguaí, destaque para o contexto metropolitano. (2013)

Existe uma diferenciação desta propaganda que pensa um contexto regional mais amplo – região metropolitana e o contexto de transformações na cidade do Rio de Janeiro. Informando que “Itaguaí recebe o crescimento do Rio”. Todavia, a imagem de satélite usada na divulgação deste empreendimento [ver figura 3.15], ainda destaca alguns municípios da Baixada e o traçado do arco metropolitano.

A representação de Itaguaí no contexto metropolitano, apresentada por vezes como uma posição singular no contexto da Baixada, advém de tendência que não percebem este município como parte desta área (ROCHA, 2013; 2009). Contudo, seu posicionamento está dialogando constantemente com a região, por isso a apresentação busca contextualizá-la.

Esse anúncio que evidenciamos é proposital para mostrar que, embora se afirme uma legitimidade regional da Baixada no campo econômico, não necessariamente os municípios que o

compõem serão tratados igualmente. Ou seja, não significa que estes interpretaram a Baixada como os treze municípios que alocamos como análise. Demonstrando ainda mais a clareza da fluidez dos limites territoriais da Baixada em sua representação (ROCHA, 2009).

A nova dinâmica econômica que é baseada nos potenciais logístico e produtivo e nas emergências de novos serviços qualificados na Baixada está em contraposição àquela representação hegemônica. É interessante destacar que essa não aparece em nenhuma das representações analisadas, uma vez os sentidos contidos na pobreza, violência e descaso social poderiam “desacreditar” as propostas de investimentos.

Outrossim, a legitimidade destes investimentos impõe novas lógicas ao território, demonstrando o quanto a representação incide sobre a base material, tentando, está se tornar real. Exemplificada a partir de dois casos: o de Nova Iguaçu e Queimados. Estes municípios experimentaram revisão de seus planos diretores e da lei de uso do solo para poder dar conta da legalidade de novos empreendimentos.

A questão onde a representação serve de moeda fiduciária (RAFFESTIN, 1997), acompanha a especulação e valorização do solo urbano, onde os agentes imobiliários destacados reafirmam seus territórios. A Baixada do desenvolvimento econômico é território onde novos empreendimentos imobiliários podem surgir e com rápido retorno financeiro⁸⁹. O diálogo entre o território e sua representação, são claros e evidentes quando pensamos que a “representação do progresso” não reside apenas nos anúncios, mas ganham correspondências na materialização deste empreendimento nestes municípios.

De modo geral, a análise conjunta destes materiais de propaganda permite mostrar como são difundidas as novas representações da Baixada, que alicerçam em torno do “capital logístico” e do dinamismo industrial e produtivo que a região oferece. Que é a mesma base que fundamenta os discursos do capital industrial, representados pela FIRJAN, que além das demandas sobre novos “olhares para a Baixada” também impõe uma nova lógica de ordenamento do território.

⁸⁹ Vide os anúncios dos empreendimentos da NEP S./A., que em suas propagandas afirma a venda em poucos dias das unidades apresentadas, como no caso do Supreme Caxias, que vendeu todo empreendimento em apenas um único dia.

3.3 O SISTEMA FIRJAN COMO REPRESENTAÇÃO DO CAPITAL INDUSTRIAL – OS SENTIDOS DE PROGRESSO PARA A BAIXADA.

No contexto que marca a reestruturação econômica e urbana na metrópole fluminense, pensar o papel do capital industrial e de suas ações nas transformações territoriais é assaz importante. Como exposto, a conjuntura que propiciou a divisão territorial do trabalho na região Metropolitana do Rio de Janeiro dispôs para a Baixada uma posição impar no contexto produtivo industrial.

Tendo em vista as possibilidades metodológicas para análise da produção de novos sentidos para Baixada, optamos por escolher, no campo econômico, a FIRJAN – Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro – como uma entidade que “representaria” os interesses diretos deste capital industrial que, na realidade contemporânea da Baixada Fluminense, agregaria tanto o empresariado local quanto o capital produtivo externo - os “novos” investimentos na região.

Destacamos aqui, que a FIRJAN, atua no formato de organização que acopla outras entidades aliadas que se relacionam ao setor industrial, formando, assim, o chamado “Sistema FIRJAN” que:

“é constituído pela FIRJAN ,CIRJ, SESI, SENAI e IEL, é uma organização privada prestadora de serviços, cuja missão é promover a competitividade empresarial, a educação e a qualidade de vida do trabalhador e da sociedade, contribuindo para o desenvolvimento sustentável do estado do Rio de Janeiro”⁹⁰

⁹⁰ Informação cedida por telefone e e-mail por Elizabeth Bispo dos Santos Alves que é Gerente Regional da Representação Regional na Baixada Fluminense - Área I – FIRJAN. (06/06/2013)

Cada entidade que compõem o Sistema FIRJAN, possui uma atuação específica, mas que se aglutinam em ações coordenadas dentro deste sistema, em atividades que inserem desde a assessoria jurídica até a formação e qualificação profissional.

A CIERJ - Centro Industrial do Estado Do Rio de Janeiro é uma destas entidades. Esta atua como uma “associação” que viabiliza desenvolvimento dos negócios associados a entidade e possui atualmente mais 4000 empresas se destaca por ser uma das maiores entidades neste ramo no Brasil e na América do Sul⁹¹.

O SESI – Serviço Social da Indústria-, é a entidade criada em 1946 que destaca em sua plataforma de atuação as ações em torno da qualificação profissional e da ajuda ao trabalhador da indústria e a própria indústria, em especial no que tange a gestão socialmente responsável. Além de mantenedoras de unidades de ensino que tratam como principal foco o trabalhador para a indústria, traz ações de caráter social cultural que envolve: redes de bibliotecas, teatros e centros de atividades esportivas⁹². É importante destacar que a FIRJAN, tem suas sedes regionais na Baixada Fluminense \ localizadas em unidades do SESI, respectivamente nos municípios de Duque de Caxias e Nova Iguaçu.

O SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial-, no contexto do referido “Sistemas FIRJAN” possui duas missões: qualificação profissional para os trabalhadores da indústria e assessoria técnica e tecnológica às empresas conveniadas. Sendo parte dos estudos de ajuda técnica proposta pela FIRJAN às empresas localizadas na Baixada, ocorrem via SENAI.

Por último a IEL – Instituto Elvaldo Lodi, que também compõem o Sistema FIRJAN, atua como uma entidade destinada a fazer a mediação entre o empresariado e as unidades de ensino superior, viabilizando programas de treinamento e estágios, atuando então na formação e no aprimoramento técnico das empresas.

⁹¹ Informações disponíveis no site da FIRJAN. Em especial na seguinte página: < <http://www.firjan.org.br/data/pages/2C908CEC2938448E012956B2A69C66E5.htm> > Data de Acesso: 15/07/2013.

⁹² Informações da atuação em ação do SESI estão presente no site da FIRJAN e do próprio SESI.

De forma geral, o Sistema FIRJAN, que envolve as entidades discriminadas atuam conjuntamente na formação, desenvolvimento técnico e assessoria jurídica e comercial das empresas que são conveniadas à FIRJAN, que atualmente totalizam 9.805 empresas.

A FIRJAN, enquanto uma entidade que representa o capital industrial e o setor empresarial no estado do Rio de Janeiro subdivide-se em unidades regionais, onde propõem seu planejamento regional específico, todavia integrado a dimensão do Estado do Rio de Janeiro. Segundo a Gerente Regional da Representação Regional na Baixada Fluminense I, “as Representações Regionais da FIRJAN foram criadas com as atribuições de estender as ações do SISTEMA FIRJAN para os 91 municípios fora dos limites da capital”.⁹³

No que concerne à atuação da FIRJAN e de seu “Sistema” na Baixada Fluminense, se justifica em sua capacidade enquanto agente de produzir informações, que constituem como representações que enquadrariam “novos rumos econômicos”⁹⁴ para esta área. Assim, aponta-se que são utilizados para análise desta parte da tese os estudos econômicos, dossiês específicos, palestras sobre a Baixada Fluminense, e eventos que trazem à tona interesses diretos e indiretos deste capital industrial, que tem na FIRJAN seu porta-voz. Ou seja, será exposto o material produzido pela FIRJAN que traz como tônicas os novos investimentos na Baixada.

Um primeiro ponto que podemos destacar sobre atuação da FIRJAN, na questão territorial da Baixada Fluminense e pensar que esta representa uma composição territorial “mais alongada”, inserindo municípios distintos do que aparecem comumente. São eles: Paty de alferes, Mendes, Miguel Pereira e Mangaratiba (ROCHA, 2009). [Figura 3.16]

⁹³ Informação cedida por telefone e e-mail por Elizabeth Bispo dos Santos Alves que é Gerente Regional da Representação Regional na Baixada Fluminense - Área I – FIRJAN. (06/06/2013)

⁹⁴ Usamos de forma alegórica para ilustrar os eventos promovidos pelo Sistema FIRJAN para debater o “futuro promissor da região”.

Essa representação da composição territorial carrega consigo os “novos sentidos do progresso” para a Baixada, que aparece em 2007 num dos estudos realizados pela FIRJAN - Sondagem Econômica, relativo ao primeiro trimestre do referido ano. Neste a Baixada é apresentada como a área com maior crescimento na produção industrial no Estado do Rio de Janeiro. Em alusão a este fato a reportagem do Jornal o Dia de 1 de julho de 2007 destacou o “rumo de novas representações para a Baixada” em torno deste crescimento.

Na mesma reportagem surge a fala de um empresário local, Oscar Romão, que indicava o novo sentido de Baixada: “Hoje a região puxa o desenvolvimento econômico do estado”. Que é constantemente reafirmada pelo empresariado local, como em entrevista concedida pelo vice-presidente do grupo Embeleze ao Jornal O Extra em 2011 [ver anexo 7]. O destaque para a capacidade de produção industrial, o “enraizamento” sociocultural tem levado a referida empresa a pensar lógicas de expansão, mas dentro da própria Baixada.

Esse conjunto que envolve práticas e representações (LEFEBVRE, 1972) e incluem a prosperidade e o desenvolvimento como máximas, e que é transformado em território em sua apropriação e representação (ROCHA, 2013) é diametralmente oposto ao que constitui sua representação hegemônica – elemento cuja nucleação deve ser suprimida.

A difusão de representações em torno do “progresso”, na tentativa de barganhar novas formas de apropriação do território, busca descredenciar a representação hegemônica, Isto foi notório nas observações de campo, feitas durante os eventos realizados pela FIRJAN. A representação dita hegemônica era esvaziada, a fim de dar lugar a novos “ares” de progresso e desenvolvimento.⁹⁵

Neste sentido, é importante analisarmos como a FIRJAN, enquanto entidade, que representa o capital empresarial, justifica suas projeções e sentidos para o desenvolvimento econômico da Baixada, e mais, como isto está diretamente relacionado a um ajustamento das normas do território. Leia-se aqui o ajustamento como a intervenção direta na obrigatoriedade da revisão de planos

⁹⁵Evento que foi intitulado “*Visões de Futuro: Potencialidades e Desafios da Baixada Fluminense*” realizado em 12 de agosto de 2011 e outro 30 de outubro do mesmo ano, respectivamente nas sedes da FIRJAN de Nova Iguaçu e Duque de Caxias. Da qual participamos como Observador.

diretores, zoneamento urbano e outros documentos legais que incidem sobre o ordenamento territorial dos municípios.

Por isso, indicamos que além das “Sondagens Econômicas” – que correspondem a estudos sobre indicadores econômicos, por trimestre, a apresentação das interpretações destes dados; e estudos como o “Decisão Rio”⁹⁶, que analisou os indicadores de investimento e dinâmicas para o Estado do Rio de Janeiro-; os eventos regionais destinados a empresários e governantes locais na Baixada como importantes meios de difusão das representações pela FIRJAN. Destaca-se que esses eventos, nos quais são produzidas apresentações direcionadas, tornam-se importantes fontes de entendimento de como a FIRJAN indica representações ideais para a Baixada.

A exemplo, no evento “Visões de Futuro: Potencialidades e Desafios da Baixada Fluminense” realizado nos espaços físicos das sedes regionais da FIRJAN (Nova Iguaçu e Duque de Caxias), pudemos entender como se constrói os sentidos das representações.

Em primeiro lugar esse foi um evento ímpar, no que se refere à análise dos campos de poder, onde entendemos o que Pierre Bourdieu chama a atenção para interseção de interesses dos campos. A Baixada como uma representação de um território, é claramente “atravessada” pelos interesses do capital produtivo e das elites políticas locais [Ver anexo 4], por isso ela mesma é um ponto de interseção entre os dois campos. Posto pelo fato de que no primeiro encontro realizado em 15 de agosto de 2011 em Nova Iguaçu, que reuniu: o capital industrial, representado por presidentes e gestores de importantes indústrias locais, tais como Cesar Moreira, da USIMECA Indústria Mecânica S.A.; Marcelo Kaiuca, da Multibloco Indústria e Comércio de Artefatos de Concreto Ltda; Silvia Maria Coelho Lantimant, das Indústrias Granfino S.A.; e Daniel Fonseca de Jesus, da Niely do Brasil Industrial Ltda; e os líderes políticos municipais e gestores estaduais, como a então prefeita Sheila Chaves Gama de Souza (Nova Iguaçu), Alcir Fernando Martinazzo (Seropédica), Max Rodrigues Lemos (Queimados), Ivaldo Barbosa dos Santos (Japeri), Sérgio

⁹⁶ Decisão Rio corresponde a um documento que apresenta informações concernentes aos investimentos no Estado do Rio de Janeiro que envolve: grandes obras de infraestrutura por parte do Estado; os grandes investimentos do capital produtivo privado; e investimentos relativos aos grandes eventos esportivos no estado do Rio. Este documento está disponível em: <http://www.firjan.org.br/decisaoport/>.

Sessim (Nilópolis), Tarciso Pessoa (Paracambi) e Artur Messias da Silveira (Mesquita) e o Subsecretário de Urbanismo da Secretaria de Obras do governo do RJ, Vicente Loureiro.

Conforme destacado no site do grupo o Globo, G1, Objetivava-se debater o desenvolvimento local.

“Empresários e prefeitos de nove municípios da Baixada Fluminense participaram nesta segunda-feira (15) do encontro “Visões de Futuro: Potencialidades e Desafios da Baixada Fluminense”, em Nova Iguaçu. A série de debates visa discutir as visões de futuro do Rio de Janeiro, com exposição dos potenciais de desenvolvimento econômico de cada região” [Ver Anexo 5] (grifo nosso)

O enredo que marcou os eventos “visões de futuro” tratou de expor as demandas do capital produtivo para a Baixada. Destacando-se as potencialidades e usos “territoriais” possíveis dos espaços na Baixada. O sentido do progresso se justificava diante dos fluxos de investimento para região, onde se desenharia nitidamente uma “geografia da indústria associada à dinâmica química-petrolífera”, que seria possível diante de uma adequação das estruturas já existentes (áreas industriais com a REDUC) associadas em torno do potencial logístico e produtivo que se desenha atualmente diante da construção do Arco metropolitano, investimento oriundo da exploração do Pré-Sal com instalação da base da Petrobrás em Itaguaí, e investimentos do COMPERJ.

O capital Industrial tem nitidamente, a partir da FIRJAN, projetado seu “formato” ideal de uma Baixada Fluminense. Questão que fica clara na fala de Flávio Abreu, presidente da representação regional FIRJAN/CIERJ na Baixada II, quando reitera a importância dos eventos organizados pela entidade, ao afirmar que: “Foi uma Oportunidade para a indústria apresentar suas demandas e formatar propostas para desenvolver a Baixada Fluminense” (*Grifo nosso*)⁹⁷

É importante reportar aqui a ideia já tratada na primeira parte deste trabalho, onde o expressar de uma representação do espaço é uma forma de conceber um território ideal. Durante

⁹⁷ A fala foi destacada em uma entrevista no Carta da Industria Ano XIII, nº582, 2012. p.8. [Ver anexo 16]

os eventos que tratam do “desenvolvimento regional da Baixada” se projetaram slides em sequência que insinuavam e legitimavam a apropriação do território da Baixada.

Destacamos aqui um grupo de slides que sublinhava, que a lógica desenvolvimentista adviria das estruturas logísticas, as quais colocariam algumas áreas em vantagens comparativas, em especial municípios de Seropédica, Japeri, Nova Iguaçu e Paracambi. [Ver figuras 3.17 e 3.18]

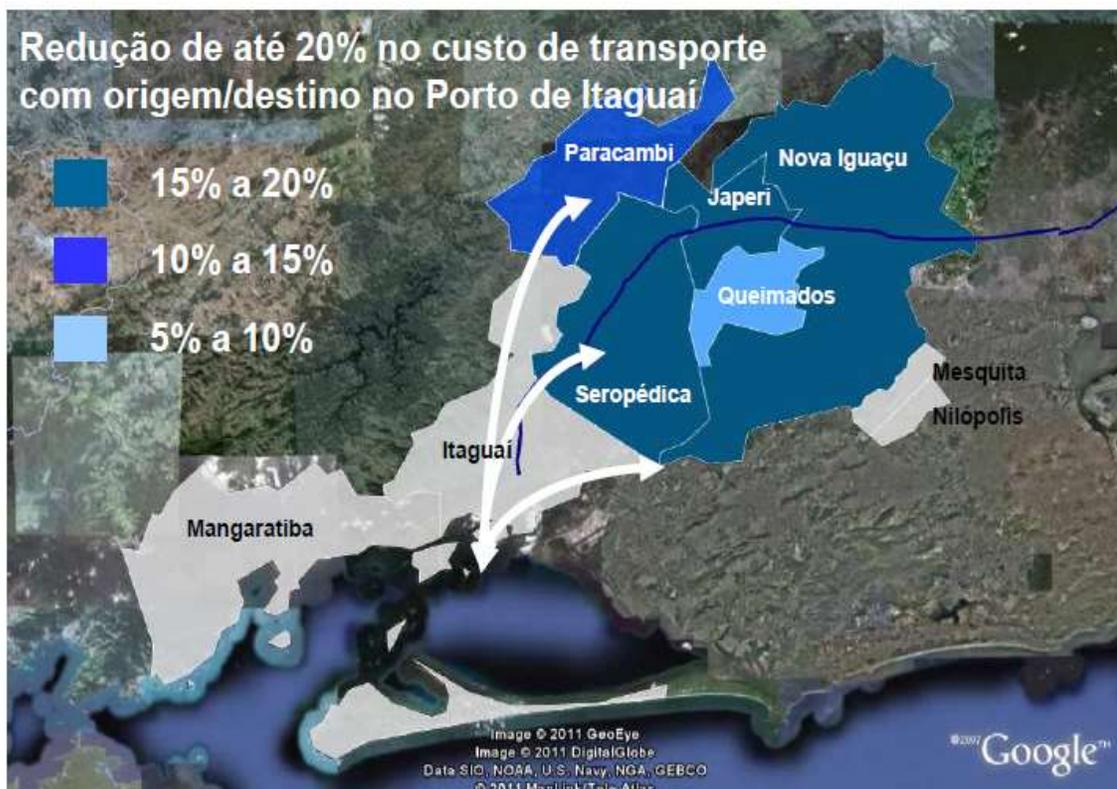


Figura 3.17 – Imagem difundida pela FIRJAN com espacialidade da redução com transportes destacando alguns municípios da Baixada Fluminense Fonte: FIRJAN (2008).

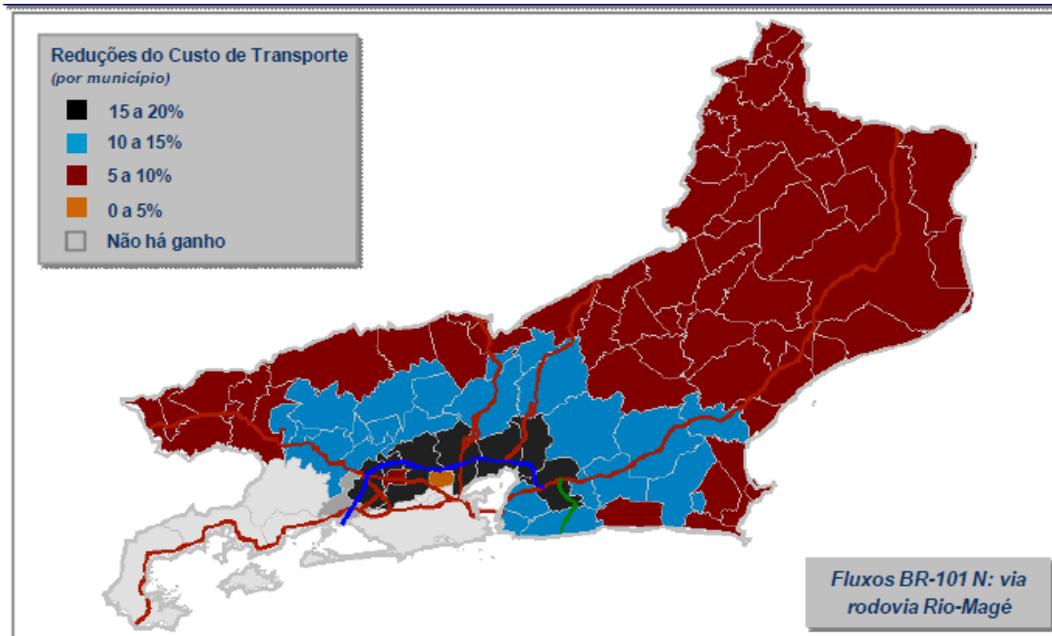


Figura 3.18 - Mapa Impacto do custo com transportes com a implantação do Arco Metropolitano no Estado do Rio de Janeiro. Fonte: FIRJAN, 2008, (p.22)

Segundo a avaliação dos impactos logísticos e socioeconômicos da implantação do Arco Metropolitano do Rio de Janeiro feita pela FIRJAN (2008) haveria a redução de aproximadamente 20% com o custo de transportes com origem e destino no Porto de Itaguaí, o que colocaria em vantagem competitiva os municípios próximos a estas estruturas logísticas, que no referido caso, destaca os municípios da Baixada Fluminense. Ganha destaque nestas representações, o uso claro de mapas para sistematizar a informações e justificá-las no formato que garante ao capital industrial a legitimidade no ato de “representar” a Baixada Fluminense.

Lembrando Michel De Certeau (2009) e Pierre Bourdieu (2010), a posição do enunciante é fundamental para interpretar os sentidos da fala. A legitimidade no campo econômico pela FIRJAN se alinha no papel que possui em representar o capital industrial e viabilizar a partir de “inúmeros estudos técnicos”, a possibilidade de “formatar” uma representação ideal para Baixada. Influindo um caráter claramente político frente ao ordenamento do território. Assim, concordamos com Antoine Bailly e Jean-Marie Muriot (1990) quando destacam a importância dupla de descortinar as representações, na medida em que o próprio uso de mapas, cartas e representações cartográficas, além de representar “modelizam” o espaço.

Ao ter o poder de legitimar informações e propor “representações espaciais para a Baixada”, dotadas de sentidos e informações que corroboram para a dimensão da reestruturação dos territórios via dinâmica logística, o Sistema FIRJAN, se coloca numa posição privilegiada neste campo de poder.

Lembramos ainda que as dinâmicas logísticas desempenham um papel fundamental da dinamização e desenvolvimento territorial (HARVEY, 2006). Na arte de representar podemos salientar que enquanto agente no campo econômico, a FIRJAN justifica a intervenção da Baixada a partir desta correspondência material, associadas a intervenção do Arco Metropolitano, que viabilizaria potencializar “novos usos do território.” Conforme destacado na figura 3.19.



Figura 3.19– Imagem difundida pela FIRJAN com especialização das estruturas logísticas na Baixada Fluminense. Fonte: FIRJAN, 2011 (p.4)

Essa figura corresponde a uma visão geral com destaque (embranquecida) para área de intervenção da Firjan – Baixada I. Oportunamente é oferecida uma visão geral do traçado do Arco Metropolitano e salientam-se as nomenclaturas em branco de estruturas que viabilizaram um porte da “arquitetura industrial químico-petrolífera”. Conforme Oliveira & Rocha (2013, p; 10-11), há todo um movimento de reestruturação da porção oeste da metrópole Fluminense que agregaria não somente a região da Baixada, mas também da microrregião que incluiria parte de Itaguaí e porção do extremo oeste da Cidade do Rio de Janeiro. Questão também afirmada por Floriano Godinho Oliveira (2011)

A representação de um mapa mais alargado onde é situada a Baixada Fluminense no contexto da metrópole, permite indicar que a FIRJAN tem como intenção “formatar” essa área para os projetos do capital industrial. Ordenando o território, em sua plataforma ideal. Construindo uma geografia política clara em suas projeções. Que pode ser evidenciada, por exemplo, na **Figura 3.20**



Figura 3.20 – Imagem difundida pela FIRJAN apontando terrenos vazios em torno do arco metropolitano com destaques para municípios da Baixada. Fonte: FIRJAN, 2011 (p. 6)

Essa representação, que também foi utilizada na apresentação dos eventos “visões de futuro”, além de atribuir um maior destaque a porção da Baixada I, traz um emblema significativo no Mapa: a menção “*Grande Quantidade de Terrenos Vazios Disponíveis*”. Este dizer serve como uma estratégia de esvaziar qualquer demanda de ocupação (trabalhadores, áreas de moradia, usos ecológicos, etc) nestas áreas que são “delimitadas” por um tracejado branco. O “tracejado” serve como um código de delimitação, indicando a “área vazia”. Isso delimita! E conforme destacamos no primeiro capítulo, se revela como uma maneira de circunscrever territórios.

Ainda a ação de delimitar e indicar um sentido de “área vazia”, está muitas vezes diametralmente oposto a interesses da população local⁹⁸ e pleitos das elites políticas e gestões municipais que se percebem, diante das “demandas do capital industrial”, necessitadas de revisitar as normas de seus territórios.

Destacamos aqui que após os eventos que corroboraram “apresentação da demanda do capital industrial” que idealizou/ representou a “Baixada Fluminense do progresso”, o Sistema FIRJAN, elaborou um documento que representava as demandas específicas para cada área de intervenção (Baixada I e II). Este documento disponibilizado somente em setembro de 2012, exatos doze meses após o início dos debates ocorridos, trouxe consigo, além do mesmo título dos eventos que orientaram sua elaboração⁹⁹, os direcionamentos de usos, planejamento e gestão para o território, no caso a própria Baixada Fluminense.

Neste estudo o Sistema FIRJAN destaca que está “elencando os principais motores de crescimento, as oportunidades e desafios no horizonte de 5 a 15 anos à frente”¹⁰⁰ (pensando aí até

⁹⁸ A exemplo um texto intitulado “Seropédica na Rota das Remoções” destaca-se as contínuas questões sobre desapropriação fundiária em torno das áreas próximas ao Arco-metropolitano, dando destaque para mais de 200 famílias no Bairro de Santa Sofia em Seropédica. [O referido texto foi publicado no Rural Semanal ano XX de 2-8/12/2013, p.2, de autoria de Maurílio Lima Botelho, Thiago Sardinha e Ana Caroline da Veiga]

⁹⁹ Os documentos se chamam, respectivamente: Visões de Futuro: Potencialidades e Desafios para o Estado do Rio de Janeiro – Baixada Fluminense – Área I, FIRJAN, Setembro de 2012; Visões de Futuro: Potencialidades e Desafios para o Estado do Rio de Janeiro – Baixada Fluminense – Área II, FIRJAN, Setembro de 2012.

¹⁰⁰ A referida destacada frase conta na página 3. Destaca-se que em ambos os documentos referenciados na nota anterior constam em suas páginas iniciais uma apresentação geral que serve para todos os outros elaborados especificadamente para cada região do Estado do Rio de Janeiro.

2025), demonstrando o papel de estruturas de planejamento. Isto atribui um posicionamento a este agente maior que a dos agentes imobiliários dentro do campo econômico no que concerne as ações e papéis sobre a Baixada Fluminense. Conforme destacado no referido estudo, o Sistema FIRJAN reafirma seu papel no campo econômico e ressalta a importância do documento que ela elaborou. Ao destacar que nele:

“foram preparadas propostas concretas para eliminar os gargalos identificados com apoio na análise de Planos Diretores Municipais, leis de zoneamento, de uso e parcelamento do solo, legislações ambientais, entre outros, além de estudos técnicos desenvolvidos pelo Sistema FIRJAN” [Documento Visões de Futuro” - FIRJAN, 2012, p.3]

Nos documentos propositivos sobre o “futuro da Baixada Fluminense”, é reificado a projeção econômica e populacional desta área que conta com cerca de 3,6 milhões de habitantes (Baixada I- 1,6 milhão e Baixada II – 2,1milhão), que em síntese agregaria um potencial consumidor e produtivo a ser explorado. O papel produtivo seria justificado pelo PIB – Produto Interno Bruto – com 54,8 bilhões que responderia por 15,5% do total do estado (Baixada I – 5,1%, Baixada II – 10,4%) e pelo potencial industrial que agregaria um somatório de 11,3 bilhões que responderia por 14,3% da produção industrial fluminense (Baixada I - 2,6%, Baixada II – 11,7%)¹⁰¹.

Em termos propositivos ao sistema de ocupação das “áreas vazias” destacadas pela FIRJAN em suas representações, estão inclusas a preparação do território com estruturas técnicas que viabilizariam a chegada de novas instalações industriais. Seja através de condomínios logísticos de estocagem e produção, seja ampliação de antigos parques ou áreas industriais. Esta questão já é possível visualizar ao longo do trajeto da rodovia BR116, no trecho entre Belford Roxo e Queimados. [ver figuras abaixo].

¹⁰¹ Dados informados nas páginas 4 do Documento “Visões de Futuro” elaborados para as áreas de atuação da FIRJAN na Regional Baixada I e Regional Baixada II.



Figura 3.21 – Anúncio de Galpão logístico nas proximidades do Parque Industrial de Queimados. Foto do autor (27/11/2013)



Figura 3.22– Centro Logístico - PROLOGIC - da CCP – Cyrela Commercial Properties. Localizado no Km 198 Sentido RJ da BR 116 (Via Dutra). Foto do autor (27/11/2013)

No que tange aos Condomínios Logísticos ou Condomínios Industriais, Lencione (2006, p. 185) destaca que :

“Os condomínios industriais significam uma forma particular e atual de organização da Indústria que introduz uma novidade na produção do espaço industrial. Em geral estão localizados no entorno das principais metrópoles, junto aos mais importantes eixos de circulação”

Os eixos de circulação, afirmados pelos agentes do campo econômico, que é posto pelo entroncamento de rodovias (BR101; BR116 e BR 040) com Arco Metropolitano são, hoje, espaços de instalações destes condomínios, que além da localização inauguram a dimensão da segurança, implantação de estrutura e, sobretudo, a nova condição jurídica que permite a exploração da fração ideal da terra - como propriedade condominial (LENCIONE, *ibidem*)

As afirmações do Sistema FIRJAN na atração de incentivos industriais para a região, vai ao encontro da nova estratégia da produção do espaço industrial, como se percebe com a instalação das unidades da CCP – Cyrela Commercial Properties, que já está iniciando sua instalação no município de Queimados (*vide afigura 3.22*) e da proposta de implantação de um novo Condomínio Logístico em Seropédica, que será localizado na BR-465 (antiga Rio-São Paulo) que liga a BR101 à BR116¹⁰². Concomitante ao investimento desta empresa, a representação utilizada pela FIRJAN em 2011 no evento já indicava essa tendência.

De modo Geral, ao fomentar as visões de futuro para a Baixada e ao representar cartograficamente essa área, a Firjan destaca sua “representação ideal de um território que necessita ser “formatado” para a dinamização do “capital industrial”. A representação do progresso surge como uma moeda fiduciária (RAFFESTIN, 1997), que permite a FIRJAN operacionalizar sua proposta que incide diretamente no ordenamento territorial para ambas as áreas de atuação (Área da Baixada I e II). [ver figura 3.23]

¹⁰² Informações presentes no site da CCP < <http://www.ccpsa.com.br/ccp/cl.php?pg=32>>.



Figura 3.23. Imagem difundida pela FIRJAN que informa a área para chegada de fornecedores da cadeia produtiva e instalações de indústria e estocagem. Fonte: FIRJAN, 2011, (p.9)

A difusão de representações é a estratégia na construção do território que permite ao Sistema FIRJAN desenhar para essa área uma nova cartografia fabril. O documento “visões de Futuro” disponibilizado em setembro de 2012, indica ações diretas ao poder público, que permitiriam o capital industrial, ordenar e “controlar” a gestão dos processos produtivos nesta Baixada [Ver quadro 5].

Quadro 5 – Quadro Síntese das propostas e intensões do Sistema FIRJAN no Documento “Visões de Futuro”.

Intervenção	Ações Propositivas	Potencial Benefício direto ao Sistema FIRJAN
Criação, Preservação e Adequação de Zonas Industriais	1. Criar um plano diretor estratégico capaz de ordenar a uso e ocupação do território. 2. preservar integralmente e legalmente áreas industriais 3. Adequar áreas com infraestrutura para expansão da atividade industrial e instalação de condomínios Industriais.	FIRJAN poderia participar da uma <u>entidade consorciada</u> para pensar a gestão territorial nesta área.
Adequação da Logística e Mobilidade Urbana	1. Garantir conexões adequadas entre as principais rodovias que cortam a região em especial com Arco-Metropolitano. 2. Viabilizar obras de conexão urbana dentro da Baixada e com as principais rodovias. Tais como: a construção do Anel rodoviário de Campos Elíseos (“Arquinho”); e o aumento da extensão da Via Light até Queimados; e Construção da Avenida Sapuí (“Transbaixada”) que ligará BR040 até parte da zona Oeste cortando municípios da Baixada. 3. Reabilitação, expansão e implantação de malha ferroviária, em especial do chamado Arco Ferroviário Metropolitano em bitola mista, ligando o ramal da Ferrovia Centro Atlântica (FCA) em Visconde de Itaboraí (Itaboraí) ao ramal da MRS em Ambaí (Nova Iguaçu). 4. viabilizar mecanismo que permitam melhorar a mobilidade urbana da população através da extensão de linhas férreas (ex. Ramal de Santa Cruz, RJ, até Itaguaí) e autopistas (Via Light).	Participação direta com estudos técnicos
Infraestrutura e Energia	1. Ampliar a carga disponível e modernizar e disponibilizar fornecimento de energia a novas áreas industriais. 2. Garantir o fornecimento de gás natural a longo do trajeto do Arco Metropolitano, em especial para indústrias que vierem a se instalar na localidade.	Garantir recursos básicos da produção as empresas e indústrias ligadas ao Sistema FIRJAN através do CIERJ na negociação com empresas concessionárias.
Habitação populacional e Saneamento	1. Controle direto das áreas de habitação populacional, impedido a ocupação de áreas industriais e de seu entorno 2. Criação de infraestrutura de tratamento de disponibilização de água, bem como de CTR's para tratamento de resíduos urbanos e industriais.	Viabilizar as demandas territoriais da Indústria via planejamento territorial na qual o Sistema FIRJAN participará.
Educação e Qualificação da mão de Obra	1. Qualificação e formação de mão de obra para atender a demanda profissional na área.	Expansão da Atuação do Sistema Firjan a partir do SESI E SENAI, RJ

(Organizado pelo Autor)

Um primeiro ponto que esclarece bem a noção de capacidade de controle do território, um elemento que define em parte sua apropriação direta de acordo com autores como Claude Raffestin, Rogério Haesbaert, entre outros (vide capítulo 1), está posto na proposta de criação de uma “entidade gestora” da qual o Sistema FIRJAN poderia fazer parte (estando claro seu direto interesse nisto!), que viabilizaria o ordenamento territorial na Baixada Fluminense, que perpassa na:

Criação de um Plano Diretor Integrado para os municípios da região que contemple os novos investimentos em andamento, seus desdobramentos e seus impactos. A partir de uma visão conjunta serão definidas as bases do novo zoneamento regional e a ocupação urbana e industrial, com especial atenção à criação de distritos ou condomínios industriais com infraestrutura adequada (FIRJAN, 2012, p. 5)

A criação de um plano Diretor integrado, permitiria controlar e influenciar diretamente na criação de áreas “ótimas” à produção industrial, bem como garantir os recursos necessários a reprodução do capital industrial na porção oeste da metrópole fluminense. Esse ordenamento territorial, proposto pela FIRJAN, posicionada num campo de poder econômico, só poderia ser pensado numa “espécie de acordo entre os campos econômico e político”. Daí a criação desta “entidade gestora”, que teria a legitimidade de elaborar esse planejamento territorial.

Por isso, segundo a FIRJAN no documento “visões de Futuro” sublinha (2012, p.5-6) que:

Esse plano deve ser construído em uma entidade ou consórcio intermunicipal com participação de representantes dos governos municipal e estadual e da sociedade organizada, de forma que a gestão dos projetos de interesse comum seja realizada mediante a aprovação de um órgão colegiado, legitimado por identidade política e jurídica reconhecidas. (Grifo Nosso)

A criação de um consócio para a Baixada Fluminense que pensaria um plano Diretor integrado permitiria ao Sistema FIRJAN assegurar diante das propostas para o território medidas e recursos necessários quanto à logística – mobilidade, energia e infraestrutura, controle territorial-produtivo (vide as especificidades do quadro 5) que permitiram assegurar os interesses diretos do capital industrial.

Assim, a representação de desenvolvimento e progresso para a Baixada Fluminense se revela uma forma de transformá-la em território nos rumos de sua apropriação via o discurso empregado pelo sistema FIRJAN. A criação de todas essas demandas, buscam assegurar a ideia central de sua proposta de pensar uma nova cartografia fabril.

Em ambos os documentos que indicam as potencialidades da área que correspondem às abrangências de suas unidades regionais (Baixada I e II), ela faz um direcionamento a algo que viabilizaria a formação do maior polo gás-químico e petrolífero do país¹⁰³. Informação constante também no documento “Visões de Futuro” elaborado pela própria FIRJAN (idem, p. 4)

A combinação “COMPERJ + Arco Metropolitano + REDUC + nova base offshore” terá potencial para transformar a Baixada Fluminense, em especial os municípios cortados pelo Arco Metropolitano, em um horizonte de 5 a 15 anos, no maior polo petroquímico e gás-químico do país, integrando as cadeias de exploração, refino e produção, inclusive de segunda, terceira e quarta gerações.

104

¹⁰³ Em 8 de agosto deste ano a FIRJAN elaborou uma apresentação dos resultados no auditório da Universidade UNIGRANRIO em Duque de Caxias, na qual estavam presentes além de prefeitos da Baixada, o vice-governador Eduardo “Pezão”. Neste evento, foi anunciado os investimentos de ampliação de infraestrutura logística da Via Light até a Avenida Brasil, que contaria com 533,2 milhões de reais. Oportunamente é destacado a importância deste investimento na consolidação do “Maior polo Gás-Químico e petrolífero do país”. Informações disponíveis pela FIRJAN em < <http://www.firjan.org.br/data/pages/2C908CEC3F86E51A01405FADFB430BCF.htm>> Acesso 27/12/2013.

¹⁰⁴ É importante destacar que embora os documentos elaborados para Baixada I e para Baixada II são complementares, este trecho foi retirado do segundo. A única diferença é que no Primeiro menciona especificadamente “BAIXADA I”, já o segundo obedece a menção ampliada para os demais Municípios da Baixada Fluminense.

É oportuno destacar que embora as ações e representações que o Sistema FIRJAN constrói para Baixada estejam alinhadas com interesses particulares de reprodução direta do capital industrial. Chamamos a atenção para o fato de que se desenha da porção oeste metropolitana, em nosso entendimento, a criação não de um polo destinado a produção e armazenamento do petróleo e seus derivados, mas de um *“Cinturão Químico-Petrolífero-farmacêutico”*¹⁰⁵.

A presença de investimentos de capitais privados e do Estado em incrementos industriais na Baixada - Como nos Investimentos da EBX em Itaguaí, investimentos estatais na ampliação da REDUC na estruturação do polo Petroquímico em Duque de Caxias e do Comperj em Itaboraí, e a instalação da base do Pré-Sal em Itaguaí, são indicativos desta possível composição de polo de produção (ROCHA & OLIVEIRA, 2012), dinâmica já salientada por OLIVEIRA (2011).

Pensamos ainda que dinâmica econômica somaria e incorporaria as antigas unidades industriais deste ramo como podemos pensar a Bayer, (localizada em Belford Roxo, está na região desde 1950), e que articulariam demandas produtivas no ramo químico-farmacêutico, e tratamento de seus derivados. Essa complementariedade, produtiva, poderia ser potencializada se pensarmos na integração da indústria Cosmética de Nova Iguaçu, que agrega, segundo a Associação Brasileira da Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos (ABIHPEC), cerca de 32 indústrias¹⁰⁶, configurando-se como a 2ª maior concentração deste tipo de indústria no país, perdendo apenas para Diadema, São Paulo.

Ainda, somadas as novas demandas de investimento oriundas das estruturas logísticas, condomínios industriais em áreas como Queimados e Seropédica se articulariam as bases produtivas que estariam entrelaçadas também ao fomento do ensino-pesquisa de formação em

¹⁰⁵ Importante ressaltar que apresentamos esses resultados numa avaliação maior da escala metropolitana, onde cunhamos o termo “Cinturão Industrial Metropolitano Fluminense do ramo Químico-Petroquímico” (OLIVEIRA: ROCHA, 2013, p.10), uma vez que o químico poderia englobar a indústria farmacêutica e de cosméticas, todavia, dada a especificação do tratamento desde último tipo de indústria optamos de acrescentar o termo farmacêutico.

¹⁰⁶ Entre as principais empresas podemos citar: Aroma do Campo, Embelezze, Hair Fly, Hidran, Lilás, Niely, Suissa, Tec Italy e Vita A.

nível técnico e superior¹⁰⁷ que permitiriam indicar num futuro próximo, numa estrutura em complementariedade, em torno do que chamamos de “*Cinturão Químico-Petrolífero-farmacêutico*”.

As Novas dinâmicas econômicas em curso da metrópole fluminense, fomentam de fato transformações territoriais. A Baixada Fluminense como parte da periferia urbana metropolitana está no seio destas mudanças, por isso sua “representação” é re-produzida constantemente pelos agentes que atuam no campo econômico. O exemplo das representações e indicações do Sistema FIRJAN para a dinâmica produtiva industrial atravessa os interesses de apropriação efetiva do território. Por isso, a representação do progresso e do desenvolvimento, as construções sistemáticas de eventos, planos de difusão de informação, servem como estratégias para construir um território ideal, na qual novos sentidos para a Baixada Fluminense se tornam oportunos para legitimar a apropriação e uso em torno dos interesses do capital industrial.

¹⁰⁷ Neste sentido mencionamos a presença e expansão de cursos técnicos do CEFET Nova Iguaçu e Itaguaí, os *campi* IFRJ Nilópolis, Paracambi, Duque de Caxias e Mesquita, e ainda as inúmeras unidades FAETEC localizadas em Duque de Caixas, Japeri, Magé, Mesquita, Nilópolis e Paracambi (ROCHA; Oliveira, 2012) e a expansão e criação de cursos de Química, Biotecnologia e Farmácia de em Universidade Federais e Institutos Federais na Baixada Fluminense.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: “NOVOS SENTIDOS DA BAIXADA FLUMIENSE” - PARA QUEM SERVE?

A desnaturalização de categorias sociais e a incorporação de abordagens que privilegiem as interfaces da dimensão multidimensional do território, como buscamos tratar nesta investigação, se mostrou rentável para os estudos geográfico e podem ampliar o entendimento das transformações que envolvem dinâmicas econômicas e políticas que engendram a produção do espaço.

A análise que foi proposta aqui, nos permite asseverar que a conjuntura constituída após os anos de 1990 abriram caminhos tanto no campo político como no campo econômico para a difusão de novas representações que atribuiriam novos sentidos à Baixada Fluminense. A difusão de sentidos relacionados ao progresso, pautados no desenvolvimento e nas melhorias das condições de vida, fizeram parte da base que sustentou as estratégias de agentes nos diferentes campos de poder.

Todavia, face a “explosão de representações”, que traduzem ressignificações da Baixada urge a pergunta: Porque tanta avidez na difusão deste tipo de representação? A quem serve?

Em primeiro lugar, ao apontar que aquilo que chamamos de Baixada Fluminense se constitui como uma categoria social/espacial nos permitiu ver que os sentidos construídos para ela, expressam na realidade, uma forma variada de representá-la. Essa abordagem possibilita a compreensão de que as novas representações da Baixada, a colocam numa posição ímpar, mais contemporânea, que busca superar e se legitimar diante da representação, que por várias décadas, se impôs hegemônica. Justamente aquela marcada pela pobreza, miséria e violência social. Como procuramos demonstrar em ambos os casos são concepções construídas e marcadas por interesses distintos. A imagem da Baixada que emerge na contemporaneidade, se atrela à nova dinâmica econômica local, regional e nacional. É portanto, expressão de que a Baixada Fluminense está na encruzilhada de interesses diversos e concorrentes em que diferentes agentes procuram impor

suas representações e legitimar suas ações, traduzidas em ganhos de capital político, social e financeiro.

Neste sentido, lembrarmos que a representação enquanto uma forma conhecimento do mundo, como diria Henri Lefebvre (2006), não é inocente. Ela guarda tensões e escondem intenções. A Baixada, ao ser agenciada por interesses diversos é concebida de forma a legitimar um “ideal”. Ou seja, sua representação associada ao progresso e desenvolvimento, na realidade, legitima, oportunamente, as ações e formas de apropriação direta da base territorial. Por isso, a ela se constitui como uma representação ideal de um território.

Essa representação ideal de um território justifica sua apropriação. A apropriação que pode ser entendida como um exercício de poder ocorre de forma material ou simbólica (RADICLIFFE, 1999; ALLEN, 1999) e varia de acordo com os agentes e o campo de poder em que este se insere. Desse modo, os agentes estão representando-a da forma que bem lhes convier. Justificam sua ação e capitaneiam os recursos presentes no território (RAFFESTIN, 1993)

Trazer para o debate nos estudos geográficos a noção de *Campo de Poder* de Pierre Bourdieu (1983;2007), foi fundamental para avaliarmos como essas estratégias, por vezes latentes, são produzidas. Há tensões e aproximações entre os agentes inseridos nestes campos.

No caso da produção de representações que indicam novos sentidos para a Baixada Fluminense, os agentes que operam nos campos econômico e político apresentam complementariedades, estabelecendo uma relação quase que umbilical. Isto contribui para uma explicação empírica na “teoria geral dos campos”, demonstrando suas interseções. Nesta tese, a Baixada como um território-representação foi essa interseção.

Embora apresentemos de forma compartimentada para detalhar suas estratégias e formas de representação, é importante indicar que eles estão imbricados na apropriação do território e na produção de novos sentidos para a Baixada.

A exemplo no campo político, dotado pela legitimidade da gestão do Estado, enquanto um ator produtor de territórios (FOUCAULT, 2008), o Governo Estadual e as articulações locais, oriundas o associativismo de prefeitos da Baixada, promovem a criação de “infraestruturas” que,

como política de significado, são operacionalizadas e tratadas como artifícios que construiriam uma “nova Baixada”. Entre as ações mais contemporâneas podemos citar a construção do Arco Metropolitano que, de forma unânime, é apresentado como uma alternativa ao desenvolvimento regional, posto pela posição singular na estrutura logísticas que a privilegiaria. Logo, a Baixada poderia vivenciar o tal “futuro”.

Neste mesmo enredo, os agentes que compõem o campo econômico de poder atuam ora na especulação fundiária e imobiliária, através de agentes do mercado imobiliário, e pelo capital industrial, que representado pelo sistema FIRJAN conotam para a Baixada as vicissitudes de “um futuro que já chegou”, a rebote da “reestruturação territorial-produtiva” que implica numa nova organização territorial do trabalho. Esta reestruturação é apontada, de forma consonante pelos agentes do Mercado Imobiliário e pelo Sistema FIRJAN, como oriundas das transformações que o Arco Metropolitano permitiria.

A sondagem sobre as transformações não são elucubrações destes agentes, pois diversos autores (OLIVEIRA, 2011; OLIVEIRA; ROCHA, 2013) indicam que muitas transformações estão ocorrendo mesmo não existindo por completo tal obra. E no que isso envolve a Baixada Fluminense? Como essa representação do progresso indicaria as tensões e transformações sobre o território?

Neste sentido, a ideia de Claude Raffestin (2007) para pensar a representação como uma moeda fiduciária, aproxima a possibilidades de analisar as interseções entres os campos de poder, pois elas guardam interesses diretos no que tange ao ordenamento territorial que ocorrerá. Ou seja, há hoje, conforme indicado durante esta tese (vide anexos) intensões concernentes aos usos de espaço em territórios na Baixada Fluminense. Logo, ao representá-los (seja como forma de propaganda eleitoral, ou como folders comerciais) indica-se a justificativa de apropriação direta dele. Quanto maior for o número de correspondências econômicas e políticas criadas, maior força e legitimidade terá essa moeda fiduciária.

Essa questão coloca a Baixada próxima do preâmbulo que as modificações da sociedade impõem à geografia política e econômica (MARTIN, 1996; SMITH, 1996), tendo no suporte as representações como uma forma de enunciar suas estratégias de poder.

Destarte, os impositivos do campo econômico são salientados para pensar a organicidade de territórios da produção e do consumo que, por suas novas representações, podem descredenciar certos territórios de negociação e do voto que se mascaram em torno da representação hegemônica. Outrossim, não se pode ignorar que os imperativos para acumulação produtiva, que se desenha em torno do Arco Metropolitano impõem lógicas de organização territorial que mexem diretamente com interesses desde agentes. De um lado o Sistema FIRJAN e o Mercado Imobiliário impõem novos usos ao território, indicando em seus projetos, a revisão de planos diretores, um novo zoneamento urbano, o controle direto do território para viabilizar a fluidez do capital. Este último que pode ser exemplificado na ideia da Firjan, escrito no documento “Visões de Futuro”, de evitar a ocupação das áreas indicadas por “ela como vazias” no entorno do Arco Metropolitano.

As propostas de “progresso” para a Baixada só têm viabilidade diante da ação coordenada com o poder público. Para agentes do campo econômico, há necessidade de um reconhecimento tácito e de ações conjuntas nas esferas das gestões municipais, para viabilizar as condições de futuro para a região.

Entre essas ações podemos destacar, conforme indicado pelo Sistema FIRJAN, a constituição de uma esfera de gestão de toda a área da Baixada, que trataria de questões que iriam das políticas integradas ao desenvolvimento social até aquelas ligadas diretamente ao ordenamento do território. Estas indicações que incidem diretamente no ordenamento do território revelam como diversos agentes influenciam nas questões que envolvem o desenvolvimento territorial (STORPER, 1997; AMIM, 1998)¹⁰⁸.

Por sua vez, agentes do campo político, que inseridos numa grande teia de articulações, se vêm “obrigados” a ceder as demandas dos empresários que pouco olham para o “social na Baixada” - como na fala de um de um dos representantes de Nilópolis no evento Visões e futuro organizado pela FIRJAN. E ainda são partícipes na instituição das estruturas que viabilizariam o

¹⁰⁸ O exemplo das estratégias por parte do poder público municipal a prefeitura de Queimados vem oferecendo isenções fiscais contínuas e uma redefinição de seu plano diretor para proporcionar a ocupação em torno da Avenida Presidente Dutra [BR-116].

desenvolvimento daquela região, como atualmente fazem as prefeituras locais nos pleitos políticos para viabilizar duas obras de rodovias solicitadas pelos agentes do campo econômico (Transbaixada e o “Arquinho”)

Ainda, os agentes do campo político, tentando fomentar e capitanear recurso políticos, buscam diferentes formas de viabilizar as demandas econômicas atuais, que possibilitem, ao mesmo tempo, acompanhar a “oportunidade de desenvolvimento” e se beneficiar, na figura do político, do capital específico que se agrega em nome do território –Baixada. Percebemos aqui o território-representação como personagem, age de forma a solidarizar problemas e ganhos.

Esse campo da política que sempre sublinhou a Baixada em seu mote articula elementos entre a representação de sujeitos políticos e o território.

Neste sentido, os exemplos da geografia dos votos de Lindberg Farias e de Sergio Cabral Filho nas eleições de 2010, exemplificam como a “representação” e fomento de um sentimento “pro” questões da Baixada, viabilizaram uma contagem de votos significativas em suas trajetórias individuais. Isto nos permite aferir que a Baixada Fluminense é um importante “entidade geopolítica”, na geografia eleitoral no estado do Rio de Janeiro.

Ainda, poderíamos acrescentar que as articulações locais em torno das questões da saúde, revelam a Baixada como território-representação, se transforma num trunfo que permite pleitear fundos e políticas públicas setorializados. Há aqui, uma clara evidência de que a representação pode influenciar diretamente na organização territorial, diante a orientação das políticas públicas.

Mas, diante de novos sentidos de progresso, se torna pertinente a seguinte reflexão: A Baixada Fluminense realmente mudou?

Em primeiro lugar, podemos categoricamente responder apontando que houve, na realidade, uma mudança seletiva na estrutura territorial dos municípios da Baixada Fluminense. Essa transformação acompanha as formas de desenvolvimento desigual, da produção capitalista do espaço (HARVEY, 2008). Logo, as áreas de riqueza e de incremento técnico são visíveis, todavia o aprofundamento de desigualdades é percebido nos mesmos níveis. Se de um lado há um crescimento da especulação imobiliária, sofisticação de alguns serviços, há também a

perpetuação de problemas congênitos relacionados ao aumento da violência urbana e as dinâmicas das enchentes que não cessam nos verões fluminenses.

Se de um lado os novos sentidos e representações se sustentam nos níveis do PIB de alguns municípios que chegaram a alcançar nos anos de 2000, entre os dez maiores do país (caso de Belford Roxo, Duque de Caxias e Nova Iguaçu), de outro logrou agruras em posições longínquas no que tange aos indicadores do IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal. Segundo os dados mais recentes do PNUD – Programa das Nações Unidas para o desenvolvimento -; vários municípios pioraram seus indicadores ao longo destes vinte anos, como foi o caso de Nova Iguaçu, Belford Roxo, Duque de Caxias, os mesmo que estavam nos anos 2000 entre os melhores PIB. Atualmente somente os municípios de Nilópolis (488ª posição) e Mesquita (850ª posição), figuram entre os 1000 melhores indicadores do país - o que está muito longe de se apresentar entre os melhores [ver dados completos no anexo 20].

Em segundo lugar, no mote que se justifica melhoria em nome do progresso, legitimam-se as práticas de desapropriação em torno do Arco Metropolitano, que envolvem diferentes comunidades na Baixada Fluminense. Bairros como Vila de Cava em Nova Iguaçu, Jardim Amapá em Belford Roxo, Santa Sophia em Seropédica são exemplos de locais que experimentam de forma mais dura “o progresso”. As formas de apropriação territorial na Baixada Fluminense, posto pela presença cada vez mais veemente de condomínios logísticos e industriais no entorno do traçado do Arco Metropolitano estruturam e geram novas questões para reflexão que contrastam com as remoções (ou melhor se afirmam nelas!).

Em terceiro lugar, novos sentidos se apoiam em projeções econômicas encontrando suas correspondências materiais, por isso não se pode afirmar que sejam falsas. Como diria Henri Lefebvre não há representações verdadeiras ou falsas há, disputas sobre a sua legitimidade, elas querem se fazer verdadeiras. Este caso, por exemplo, é evidente na requalificação de áreas urbanas, nas mudanças de formas-conteúdos de áreas “nobres” da Baixada. A elitização da área central de Nova Iguaçu apontada pelos estudos recentes de Manoel Simões (2011), é um exemplo visível.

Por conseguinte, os conteúdos de valorização econômica e política na região são associados ao “imaginário” cultural que mutuamente de alimentam, valorizando histórias e

culturas locais, conforme já destacada por Ana Lucia Enne (2002). Há um realinhamento no campo da política e da forma de fazê-la, tal como foi o exemplo de Lindberg Farias (BARRETO, 2006).

Essa questão mostra a Baixada Fluminense como uma categoria social que necessita ser desnaturalizada. Claramente as questões que envolvem um território multidimensional (SAQUET, 2012) se apresentam na imbricação das interseções dos diferentes campos (econômico, político, cultural, etc.) e pode ser interpretado a partir da análise do campo das representações. Ou seja, consideramos que as alterações nas representações da Baixada Fluminense aqui indicadas, não são sem efeitos sobre a vida social, sobre o espaço e suas dinâmicas. Logo tentar identificar como, por que e por quem a representação é produzida, traduz uma forma de mapear os fundamentos que permitem representar formas espaciais e as correspondentes estratégias de apropriação. No caso desta tese, se mostrou numa geografia política das representações.

A leitura sobre representação, como forma de conhecimento do mundo (BAILLY, 1995) foi importante para iniciar a desnaturalização da Baixada. Importante para, inclusive, “descortinar” categorias geográficas que, em muitos casos, apropriada semanticamente no cotidiano popular não nos permite ver além do casual. No plano da ciência geográfica, esta tese, esforçou em apontar a necessidade de destituir categorias (com o caso da região Baixada Fluminense tradicionalmente usada na historiografia) para reinterpretá-la como uma representação ideal de um território. Desse modo é possível pensar que existem muitas “baixadas” que necessitam ser desnaturalizadas em diferentes partes do mundo.

A operacionalização do binômio território-representação foi fundamental como uma forma de contribuir para os estudos territoriais. Ainda, no entendimento da apropriação dos territórios, como no exemplo estudado, se mostram, muitas vezes, de forma implícita. Trazer à tona as especificidades dos agentes inseridos nos respectivos campos de poder, elucida uma necessidade de aprofundamento de estudos na ciência geográfica – o tratamento sobre ação de agentes no campo das representações em geografia.

Lembrando aqui que para Claude Raffestin (1993) uma verdadeira geografia é uma geografia do(s) Pode(res). Esse poder que se exerce “sobre os outros” e “com os outros”

(ALLEN, 2008, p.96) é agenciado na negociação no contexto das relações sociais (FOUCAULT, 1985). Neste caso, a Baixada como a representação ideal de um território é o próprio trunfo em que se exerce esse poder. Se o ideal do “poder é jogar com os símbolos” (RAFFESTIN, ibidem, p.60), os sentidos dessa área em “jogo” servem para desenhar uma geografia própria, onde permite exercer o poder “com os outros” e “sobre os outros” e legitimar ações diretas na base material e imaterial do território.

A partir desta tese, se ratifica que o território em sua multidimensionalidade, abre perspectivas de estudos que discutam temas transversais a diferentes subáreas da ciência geográfica. Pensar a constituição de territórios políticos do voto aos territórios de produção e consumo, elucidam como as dimensões estão imbricadas na produção social, em seu horizonte espacial. Destarte, há uma clareza quanto a necessidade de se pensar a periodização, o corte temporal, que se expressa não com algo aleatória, mas concebido, como diria Milton Santos “numa sucessão de eventos”, que o caracteriza.

Neste sentido concordamos com Marco Aurélio Saquet (2011) quando afirma que entender a produção territorial perpassa pela compreensão de territorialidade e temporalidades, que se expressa e manifesta num contínuo processo. Os “eventos” longe de ser uma efemeridade são verdadeiras chaves na apreensão metodológica da produção territorial.

Desse modo longe de tentar fechar as possibilidades da operacionalização e frente às questões que urgem diante dos estudos territoriais, indicamos que há um campo fértil que agregaria novas agendas de pesquisas que envolvam o binômio território-representação e as ações dos agentes inscritos nos diferentes campos de poder diante das disputas territoriais em torno da apropriação do território-representação, que se expressam em diferentes escalas do local (como o caso da Baixada), ao nacional até o regional-Global.

Por fim, acreditamos que com esta tese, conseguimos responder uma pergunta que nos motivou muito ao longo desses anos, e ao mesmo tempo nos angustiava desde o início de nossos estudos sobre a Baixada Fluminense. Essas questões emerge, mesmo não tendo a intenção de aparecer, num trecho de reportagem que Merval Pereira, que ao entrevistar o sociólogo Alain

Touraine, sobre a recorrente ideia de “desfusão” do Rio de Janeiro¹⁰⁹ o mesmo lhe responde com outra indagação:

Em Ancara e Istambul, conversei com Alain Touraine [sociólogo] e perguntei o que ele achava da ideia de desfusão do Estado do Rio de Janeiro como maneira de encaminhar soluções para problemas como violência(...)Ele não sabia da discussão que se desenvolve no Rio, mas a primeira pergunta que fez foi: “e a Baixada Fluminense fica com quem?”, Quando lhe disse que o novo estado estava sendo planejado para abranger a mesma área do antigo Estado da Guanabara, Touraine sorriu e disse: “Se a divisão for para se livrar da Baixada Fluminense, sou contra” (adaptado de FERREIRA, Merval. *O Globo*. 20/04/2005 - Grifo Nosso)

Para Alain Touraine, a principal preocupação era a de que uma prática de fragmentação do estado do Rio de Janeiro, tornasse uma área conhecida, popularmente, por sua representação hegemônica - de pobreza, miséria e violência -, fosse literalmente deixada à mercê, potencializando sua segregação. A dúvida, patente deste sociólogo francês deixava claro os problemas relacionados a representação da Baixada e o quanto poderia interferir em questões territoriais.

Diante do exposto nesta tese, aferimos que hodiernamente, a questão se inverte, e o questionamento, de Alain Touraine muda o sentido. Diante da produção de novos sentidos para a Baixada Fluminense e das questões em torno da apropriação material e imaterial desta, não faltam argumentos de que realmente irão [agentes] apropriar-se dela.

As disputas nos diferentes campos expressão que a Baixada faz parte dos interesses que articulam a economia e política no contexto das dinâmicas sócio espaciais fluminenses, e é objeto de apropriação por diferentes agentes.

¹⁰⁹ A atual configuração territorial do Estado do Rio de Janeiro é resultado da fusão de dois estados que ocorrem em 1975: o Estado da Guanabara (atual cidade do rio de janeiro) com o Estado Fluminense.

REFERÊNCIAS

AGAMBEM, Giorgio. **Qu'est-ce que un dispositif?** Paris: Payot e rivage, 2007.

AGNEW, Jonh; MICHEL; Katharyne; TOAL, Gerard. **A companion to Political Geography.** Oxford: Blackweel Publishing, 2008.

ALLEN, Jonh. Power. In: AGNEW, Jonh; MICHEL; Katharyne; TOAL, Gerard. **A companion to Political Geography.** Oxford: Blackweel Publishing, 2008, p.95-108.

ALLEN, Jonh. Staptial assemblages of Power: from domination to empowerment. In. MASSEY, D.;ALLEN, J.;SARRE, P(ed's). **Human geography Today.** Cambridge: Blackwell, 1999. (p.194 - 218)

ALVES, José Claudio. **Dos barões ao Extermínio:** uma história de violência na Baixada Fluminense. Duque de Caxias: APPH CLIO, 2003.

_____. **Baixada Fluminense: A violência na Construção de uma Periferia.** Revista Ciências Humanas – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. **V.19/21, n01-2, p. 11-20, Jan-dez, 1999.**

_____. **Baixada Fluminense:** a violência na construção do Poder. Programa de Pós-Graduação em Sociologia/USP (Tese de Doutorado), 1998.

AMIN, A. **An institutionalist perspective on regional economic development.** Economic Research Group Seminar “Institutions and Governance”, London 1-22. 1998.

ANDRÉ, Yves. Ces publicités qui dissent l'espace: exemples d'utilisation didactique de la publicité. In: BAILLY, A.(dir). **Géographie Économique et Représentations.** Paris: Antropos,1995 (p.153-170)

ARENDDT, Hannah. **O que é política?** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

BAILLY, Antoine. Les représentations en géographie. In: BAILLY, A. et all (dir.) **Encyclopédie de géographie**. Paris: Economica, 1995.

BAILLY, Antoine. Géographie régionale et représentations. In BAYLLI; A. et all (org's). **Géographie régionale et représentations**. Paris: Anthropos, 1995(b) (p25-34)

BAILLY, Antoine; MARIOT, Jean-Marie. Introduction: représenter et modéliser l'espace. **Revue d'économie régionale et urbaine**, 1990, no. 2, p. 175-181.

BARRETO, Alessandra Siqueira. Nas margens da política: trajetória, narrativa e mediação na Baixada Fluminense(RJ/Brasil). **Cadernos de Pesquisa CDHIS (UFU)**. Ano 22, n.40, p.17-32, 1ªsem. 2009.

_____. Notícias de uma Guerra: estratégias, ameaças e orações. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre. Ano 13, n.27, p.183-212, jan-jun. 2007.

_____. **Cartografia Política: as faces e fases da política na Baixada Fluminense**. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional/UFRJ (Tese de Doutorado), 2006

BONNEMAISON, Joël. Viagem em torno do território. In: CORREA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny. **Geografia cultural: um século (3)**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002. p. 83-132

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

_____. **Campo de poder, campo intelectual**. Buenos Aires: Folios, 1983

CASTELLS, Manuel. **A questão Urbana**: Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

CASTRO. Iná Elias. **Geografia e Política**. Território, escalas de ação e instituições. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2008.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. O consumo do Espaço. In: CARLOS, A.F.A (org.). **Novos caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto, 2002. p.173-186.

CARVALHO, Maicon Sergio Mota. Bayer e Belford Roxo: uma experiência Industrial na Baixada Fluminense (1958-2008), In: GARCIA, G.; SALES, J.; SILVA, L. **Capítulos da História da Baixada Fluminense**. EDURJ, 2013, p.89-107.

COREA, Roberto L. **Trajetórias Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. **Espaço urbano**. São Paulo: Contexto, 1993.

COSGROVE, D. **The Palladian Landscape**. Geographical change its cultural representation. University Park: pennsylvania state University Press, 1993.

COSGROVE, D; DANIELS, S (ed's). **The iconography of landscape: essays on the symbolic representation, design and use of past environments**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

COSTA, Sandra Regina Soares da. **Universo sonoro popular: Um estudo da carreira de músico nas camadas populares**. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional/UFRJ (Tese de Doutorado), 2006.

DAVIDOVICH, Fany. Estado do Rio de Janeiro: Singularidade de um contexto territorial. **Revista Território**, LAGET-UFRJ, Ano V, nº9, pp 11-24. jul/dez, 2000.

DI MÉO, Guy. **Geographie Sociale et territoires**. Paris:Nathan, 2001

DUNCAN, J.; LEY, D.(ed's.). **Place, culture, representation**. London: Routledge, 1993.

DUNCAN, Jemes. Site of representation: place, time and the discourse of the other. In: DUNCAN, J.; LEY, David(ed's.). **Place, culture, representation**. London: Routledge,1993.

ENNE, Ana Lúcia Silva. A “redescoberta” da Baixada Fluminense: Reflexões sobre as construções narrativas midiáticas e as concepções acerca de um território físico e simbólico. **Pragmatizes – Revista Latino Americana de estudos em Cultura**, ano 3, nº 4, p. 6-27, março 2013.

_____. Em “busca de dias melhores”: cultura e política como práticas institucionais na Baixada Fluminense. **Rumores**, ed.12, nº6, nº2, p. 170-193, julho dezembro, 2012.

_____ **“Lugar, meu amigo, é minha Baixada”: Memória, representações sociais e identidades.** Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional/UFRJ (Tese de Doutorado), 2002.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território e população.** São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. **Vigiar e punir.** Petrópolis: Vozes, 1984.

FADEL, Simone. **História Ambiental e Baixada Fluminense. Uma aproximação a partir da relação entre engenheiros, meio ambiente e saneamento.** Revista Pilares da História. Ano 9, nº10, p.7-13, maio de 2010.

FADEL, Simone. **Meio ambiente, saneamento e Engenharia no período do Império à Primeira República: Fábio Hostílio de Moraes Rego e a Comissão federal de Saneamento da Baixada** (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em História Social, 2006. P.216.

GEIGER, Pedro, P. **Loteamento na Baixada da Guanabara.** Rio de Janeiro: IBGE, 1952

GEIGER, Pedro P. & MESQUITA, Myriam G.C. **Estudos rurais da Baixada Fluminense.** Rio de Janeiro: IBGE, 1956.

_____. & SANTOS, Ruth L. “Notas sobre a evolução da ocupação humana na Baixada Fluminense”. In: **Revista Brasileira de Geografia.** Ano XVI, n.º 03, julho- setembro de 1954. pp.291-313.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. Geografia Cultural: Estrutura e primado das representações. **Revista Espaço e Cultura**, Uerj, N°. 19-20, P. 51-59, Jan./dez, 2005.

GÓES, Hildebrando de Araújo. **Relatório Apresentado pelo Engenheiro Chefe da Comissão de Saneamento da Baixada Fluminense**. Rio de Janeiro: Ministério de Viação e Obras, 1934.

GOMES, Paulo Cesar. Um lugar para a geografia: contra o simples, o banal e o doutrinário. In: MENDONÇA, F.A; LOWER-SAHR, C. L.; SILVA, M. (org's) **Espaço e tempo: Complexidades e desafios do pensar e do fazer geográfico**. Curitiba: ADEMAN, 2009 (p.13-30)

GREGORY, Derek at all (ed.'s). **The dictionary of Human Geography**. 5ªed. West Sussex: Willey- Blackwell, 2009, p. 1052.

GUÉRIN, Jean-Paul. Représentation spatiales, Géographie Économique: À propos de quelques pistes recentes. In: BAILLY, A. (dir). **Géographie Économique et Représentations**. Paris: Antropos, 1995 (p.9-17)

GUMUCHIAN, Hervé. **Représentation et aménagement du territoire**. Paris: Antropos, 1991.

HALL, Stuart. **Representation** - Cultural representation and signifying practices. London: Sage Publication, 1997.

HAESBAERT, Rogério. **Regional – Global** - Dilemas da região e da regionalização na Geografia Contemporânea. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010

_____. **O mito da des-territorialização**: do “fim dos territórios a multiterritorialidade”. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HARVEY, David. **O novo imperialismo**. 3ªed. São Paulo: Loyola, 2009

_____. **A produção Capitalista do Espaço**. 2ª Ed. Annablume: São Paulo, 2006.

HEIDRICH, Alvaro Luiz. Território e cultura: Argumento para uma produção de sentido.in: HEIDRICH, A.L; COSTA; B. P.; PIRES, C.L.S (org's). **Maneiras de ler cultura**: geografia e cultura. Porto Alegre: Compasso, 2013, pp.52-61.

JODELET, Denise. (org.) **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001

JODELET, Denise. **Représentation sociales**: um domaine em expansion. In D Jodelet(ed), Les représentations sociales. Paris: Presses Universitaires de France, 1989.

KIMBLE, G. H. **A geografia na idade média**. 2ªed. Londrina: EDUEL, 2005.

LAMEGO, Alberto Ribeiro. **O homem e o Brejo. Rio de Janeiro**, 1940.

_____. **O homem e a Restinga**. Rio de Janeiro, 1946.

_____. **O homem e a Guanabara**. Rio de Janeiro, 1948.

_____. **O homem e a Serra. Rio de Janeiro**, 1950.

LEFEBVRE, Henri. **La production de l'espace**. Paris: Maspero,(1972); 1974.

_____. **La Presencia y La Ausencia. Contribucion a La teoria de las representaciones**. México: FCE, 2006 [1983].

LENCIONI, Sandra. Condomínios Industriais: um nicho dos negócios imobiliários In. **Negócios imobiliários e transformações sócio-territoriais em cidades latinoamericanas**. São Paulo: Paim, 2011, v., p. 185-198.

LIMA, Denise Maria de Oliveira. Campo de poder segundo Pierre Bourdieu. **Revista Cogito**, Salvador, nº. 11, p.14-19, out, 2010.

MAGALHÃES, A.; ROCHA, A.S.; SANTOS FILHO, S; SATANA, M. **Alma(naque) da Baixada!** Rio de Janeiro/Duque de Caxias: APPH-CLIO, 2013.

MALDONADO, Jesus Leal. Segregação social e mercados habitacionais nas grandes cidades. **Continents. Revista de Geografia do Departamento de Geociências da UFRRJ**. Ano 2, n.3, p. 73-97, 2013.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço. Uma nova política da espacialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MARI, Hugo. **Os lugares do Sentido.** Campinas/SP: Mercado das Letras, 2008.

MARQUES, Alexandre dos Santos. Baixada Fluminense: Da conceituação às problemáticas sociais contemporâneas. **Revista Pilares da História: Duque de Caxias e Baixada Fluminense.** Ano 4 – número 6. 2006.

MARTIN, Ron. Teoria econômica e Geografia Humana. In: GREGORY, Derek et all (org's). **Geografia Humana.** Sociedade, espaço e ciência social. Rio de Janeiro: Zahar, 1996. (p. 31-64)

MELCHIOR, Lirian. Migrações pendulares e reestruturação metropolitana do Rio de Janeiro. In **Anais do XII Simpósio de Geografia Urbana, 2011.** Disponível em: <http://xiisimpurb2011.com.br/app/web/arq/trabalhos/23e9220e50d1013991c26aec10a6d6d4.pdf>
> Data do Acesso, 23/08/2012.

MENDES, Renato da Silveira. **Paisagens culturais da Baixada Fluminense.** São Paulo: FFLCH/USP (Tese de Doutorado), 1948.

MITCHEL, DON. Não existe aquilo que chamamos de cultura: para uma reconceitualização da ideia de cultura em geografia. **Revista Espaço e Cultura, UERJ,** edição comemorativa, p. 81-101, 2008.

MONTAGNER, Miguel Ângelo; MONTAGNER, Maria Inês. A teoria geral dos campos de Pierre Bourdieu: uma leitura. **Revista Tempus acta de Saúde Coletiva.** v.5 nº 2, p.255-273, 2011.

MONTEIRO, Linderval Augusto. **Retratos em movimento: vida política, dinamismo popular e cidadania na Baixada Fluminense.** Programa de Pós-Graduação em História Social/ UFRJ. (Tese de Doutorado), 2007.

_____. Andando pelo vale da Sobra da morte: a trajetória política de Joca o primeiro prefeito de Belford Roxo. **Rev. Univ. Rura. Sér. Ciências Humanas**, V.29, n2, jul-dez, pp. 55-71, 2007(b).

MOSCOVICI, Serge. Das representações coletivas às representações Sociais. In: JODELET, D. (org.) **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001

_____. The phenomenon of social representations. In: FARR, R; MOSCOVICI, S. (org's) **Social Representation**. Cambridge: University Press, 1984, p.3-70.

OLIVEIRA, Floriano José Godinho de. Políticas e planos territoriais nas escalas metropolitanas e regionais: análise das mudanças no Rio de Janeiro. In.: **Anais do XIV encontro nacional da Anpur**, Rio de Janeiro, Anpur, 2011. Disponível em: <http://www.anpur.org.br/site/anais/ena14/ARQUIVOS/GT1--349-20110104125448.pdf>> data do Acesso: 30/10/2013.

_____. **Reestruturação Produtiva, território e poder no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Garamoud, 2008,

_____. Mudanças no espaço metropolitano: novas centralidades e dinâmicas espaciais na metrópole. In: Oliveira, F.J.G.; SILVA, C.A; FREIRE, D.G (Org's). **Metrópole: governo, sociedade e território**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

OLIVEIRA, Leandro dias; ROCHA, André Santos. Desenvolvimento, Reestruturação produtiva, e economia espacial: o processo de ordenamento territorial no oeste metropolitano fluminense. In. **Anais do XIII Simpósio de Geografia Urbana, Rio de Janeiro/UERJ**, 2013. Disponível em: < http://www.simpurb2013.com.br/wp-content/uploads/2013/11/GT13_Leandro.pdf> data doo acesso: 07/12/2013.

OLIVEIRA, Marcio de. O conceito de representações coletivas: uma trajetória da divisão do trabalho às formas elementares. **Debates do NER**. Porto Alegre, ano 13, n°22, p. 67-94, Jul./Dez., 2012.

OLIVEIRA, Alberto de; Rodrigues, Adriano O. Industrialização na periferia da Região Metropolitana do Rio de Janeiro: novos paradigmas para velhos problemas. **Semestre econômico**. Medelim. v.12, n.24, p.127-143, 2009. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=165013125007>. Data do acesso 11/07/2011

PAGANOTO, Faber; BECKER, Olga Maria. A emergência de novas centralidades na periferia da região metropolitana do rio de janeiro e a reorganização dos deslocamentos espaciais da população. **In: Anais do XVIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP**. Águas de Lindóia/SP, 2012. Disponível em: <[http://www.abep.nepo.unicamp.br/xviii/anais/files/POSTER\[116\]ABEP2012.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/xviii/anais/files/POSTER[116]ABEP2012.pdf)>. Data da Acesso 25/12/2013.

PINTAUDI, Silvana Maria, A cidade e as formas do Comércio. IN: CARLOS, A.F.A (org.). **Novos caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto, 2002. p.143-159.

PIRES DO RIO, G A e EGLER, C. A. “O novo mapa institucional: o papel das agências reguladoras na gestão do território”. **Anais do V Encontro Nacional de Pós-Graduação em Geografia**. CD Rom. Florianópolis, 2003.

RADCLIFFE, Sarah. Popular and State Discourses of power. In: MASSEY, D.; ALLEN, J.; SARRE, P(ed's). **Human geography Today**. Cambridge: Blackwell, 1999. (p.219-242)

RAFFESTIN, C. Uma concepção de território, territorialidade e paisagem. In: PEREIRA, S.P; COSTA, B.P; SOUZA, E.B.C(org's). **Teoria e práticas territoriais : análises espaço-temporais**. São Paulo: Expressão Popular, 2010. (p.13-23)

RAFFESTIN, Claude. A produção das estruturas territoriais e sua representação. In. SAQUET, Marcos Aurélio & SPOSITO, Eliseu Savério. **Territórios e territorialidades-** Teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão popular, 2009. (P.17-35)

RAFFESTIN, Claude. E se a representação fosse apenas a invenção da moeda fiduciária do real? **Revista Formação**, nº14, v.2, p.08-13, 2007.

_____. **Della Nostalgia del terriorio al desiderio di paesaggio**. Florença: Alinea, 2005.

_____. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RIBEIRO, Guilherme. **Geografia, fronteira do mundo**. (mimeo), 2013. 36p.

RIBEIRO, William da Silva. Reestruturação Urbana e Shopping Centers. Os nós dos nós da rede urbana. In: **Encontro de Geógrafos da América Latina**, 2013, Lima. 14 EGAL, 2013. v. 1. p. 1-20.

ROCHA, André Santos da. Território como representação. **Mercator** (Fortaleza. Online), v. 19, p. 139-153, 2013

_____. “Nós não temos nada a ver com a Baixada” - problemáticas de uma representação hegemônica na composição do território. **Recôncavo: Revista de História da UNIABEU**. Ano 3 Número 4, pp. 1-22 Janeiro – Julho, 2013.

_____. A representação “ideal” de um território: exemplificando a Baixada Fluminense. **Revista Pilares da História**. Ano 10, n.11, p. 20-30 maio de 2011.

_____. Espaço, economia e o Urbano: reflexões sobre a especulação imobiliária em Nova Iguaçu, RJ. **II Seminário nacional Espaço e Economia**. São Gonçalo/ UERJ, 2011(b) (p.1-15)

_____. Algumas considerações sobre espaço e representação: subsídios para uma análise geográfica. In: **I congresso Brasileiro sobre organização do Espaço**. UNESP: Rio Claro, 2010. (p.427-447)

_____. Baixada Fluminense: representações espaciais e disputas de legitimidades na composição territorial municipal. **Programa de Pós-Graduação em Geografia/UFF (Dissertação de Mestrado), 2009**.

SÁ, Celso Pereira de. **Núcleo Central das Representações Sociais**. 2ª ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002

_____. **Construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998

SACK, R. D. **Human Territoriality. Its Theory and History**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **Brasil – Território e sociedade no início do século XXI**. 12ªed. São Paulo:Record, 2008.

SANTOS, Milton. **A natureza do Espaço**. São Paulo: Edusp, 2002.

SANTOS, Roselaine Oliveira dos. **Discutindo as Periferias Metropolitanas: Um Enfoque na heterogeneização sócio-espacial no Município de Nova Iguaçu**. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós Graduação em Geografia, Rio de Janeiro, 2007.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Por uma Geografia das territorialidades e das temporalidades**. Uma concepção multidimensional voltada para cooperação e o desenvolvimento territorial. São Paulo: Outras expressões, 2011.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SAQUET, Marcos Aurélio; Sposito, Eliseu Savério (org's). **Território e Territorialidades**. Teorias, processos e conflitos. São Paulo: expressão popular, 2009.

SAQUET, Marcos Aurélio; SOUZA, Edson Belo Clemente. Leituras do conceito de território e de processos espaciais. São Paulo: expressão popular, 2009.

SILVA, Helio R. S. Técnico, o Político e o Morador. Bastidores e Cena Pública do Programa Nova Baixada. **Revista Periferia**. Revista de Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação da FEBF/UERJ. Vol.2, nº. 1, pp. 1- 27, 2010.

SMITH, Graham. Teoria Política e Geografia Humana. In: GREGORY, Derek et all (org's). **Geografia Humana**. Sociedade, espaço e ciência social. Rio de Janeiro: Zahar, 1996. (p.65-89)

SOJA, Eduard W. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

SOUZA, Marcelo Lopes. “Território” da divergência (e da Confusão): em torno das imprecisas fronteiras de um conceito fundamental. In: SAQUET, Marcos Aurélio; Sposito, Eliseu Savério (org's). **Território e Territorialidades**. Teorias, processos e conflitos. São Paulo: expressão popular, 2009, p.57-72.

_____. O território sobre o espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In.: CASTRO, Iná; CORRÊA, Roberto L.; GOMES, Paulo C. (Org's). **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SOUZA, Sonali Maria de. **Da Laranja ao Lote. Transformações Sociais em Nova Iguaçu. RJ** (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Antropologia do Museu Nacional, 1992.

SOUZA, Marlúcia Santos de. Impacto das Políticas Agrárias e de Saneamento na Baixada Fluminense. **Revista Pilares da História**. Ano 4, nº 6, p. 17-35, abril de 2006

_____. **Escavando o passado da cidade. A construção do poder político local em Duque de Caxias**. Dissertação de mestrado em História, UFF, 2002.

_____. Terras de muitas águas. Duque de Caxias: papelaria itatiaia, 1996.

SOARES, Maria Teresinha de Segada. “Nova Iguaçu: absorção de uma célula urbana pelo Grande Rio de Janeiro. In: **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro: IBGE, vol2, n24, 1962.

STORPER, M. **The regional world. Territorial development in a global economy**. New York: The Guilford Press, 338p. 1997.

SIMÕES, Manoel Ricardo. **A cidade Estilhaçada** – reestruturação econômica e emancipações municipais na Baixada Fluminense. Programa de Pós-Graduação em Geografia UFF. (tese de doutorado), 2006.

_____. **A cidade Estilhaçada** – reestruturação econômica e emancipações municipais na Baixada Fluminense. Mesquita: Entorno, 2007.

TOMIO, Fabricio Ricardo de Lima. A criação de municípios após constituição de 1988. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Vol. 17, nº. 48, p. 61-89, fevereiro, 2002.

TURCO, Angelo. **Geografie della complessita interpretando il Senegal.** Milano Unicopli,1985.

VOLLE, Jean Paul. À propôs d'une table ronde:acteur économiques, acteurs politiques et représentations spatiales. In: BAILLY, A.(dir). **Géographie Économique et Représentations.** Paris: Antropos,1995 (171-176)

Sites Consultados

ACCOOR - <http://www.accor.com/en/home-brasil.html>

CEPERJ – Centro de Pesquisas do Estado do Rio de Janeiro – www.ceperj.gov.rj.br

CISBAF – Consócio Intermunicipal de Saúde da Baixada Fluminense.

- www.cisbaf.org.br

CONFORT INN - <http://www.comfortinn.com/en/brand-info>

FIRJAN – Federação da Indústria do Estado do Rio de Janeiro. www.firjan.org.br

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. www.ibge.gov.br

JOÃO FORTES ENGENHARIA / FUSION -<http://www.joaofortes.com.br/fusionitaguai/>

ROSSI - <http://www.rossiresidencial.com.br/>

SESI – Serviço Social da Indústria..
<http://www.portaldaindustria.com.br/sesi/institucional/2012/03/1,1789/o-que-e-o-sesi.html>.

TSE- Tribunal Superior eleitoral. www.tse.gov.br

TRE-RJ – Tribunal Regional Eleitoral do Rio de Janeiro – www.tre-rj.gov.br

Documentos Analisados

Avaliação dos impactos logísticos e socioeconômicos da implantação do Arco Metropolitano do Rio de Janeiro. FIRJAN, 2008.

Boletim da Secretaria de Obras do Estado do Rio de Janeiro. Ano I, nº 5, agosto de 2007.

Decreto Estadual nº 27.882 de 02 de Março de 2001. Altera a denominação do programa Baixada Viva e os Artigos 2º, 3º e 4º do Decreto Nº 25.302 de 21 de maio de 1999, Com a redação introduzida pelo Decreto Nº 26.289, de 09 de maio de 2000.

Nota Técnica – Diretoria de desenvolvimento econômico / Gerência de estudos de Pesquisa. FIRJAN nº. 14, 5 de agosto, 2009.

Plano Diretor da CISBAF. Consórcio Intermunicipal de Saúde da Baixada Fluminense. Disponível em < <http://www.cisbaf.org.br/apresentacao> >. Data do Acesso: 17/ 06/2013.

PRADO, Cristiano. Apresentação “Visões de futuro” – Potencialidades e Desafios da região da Baixada Fluminense Área I. FIRJAN, 2011. (slide disponível em www.firjan.org.br)

Protocolo de Intenções de Intenções do Consórcio público Intermunicipal de Saúde da Região da Baixada Fluminense – CISBAF, Nova Iguaçu, 2008. Disponível em <<http://www.cisbaf.org.br/images/pdfs/regulamentacao/Protocolo.doc>>.

Retratos Regionais – Consolidado – Informações estratégicas para o desenvolvimento do estado do Rio de Janeiro. 4ªed. FIRJAN, 2011.

Retratos Regionais - Baixada I – Informações estratégicas para o desenvolvimento do estado do Rio de Janeiro. 4ªed. FIRJAN, 2011

Retratos Regionais – Baixada II – Informações estratégicas para o desenvolvimento do estado do Rio de Janeiro. 4ªed. FIRJAN, 2011

Sondagem Econômica Regional. FIRJAN, Julho de 2011

Sondagem Econômica Regional. FIRJAN, outubro de 2011

Visões de Futuro: Potencialidades e Desafios para o Estado do Rio de Janeiro – Baixada Fluminense – Área I, FIRJAN, Setembro de 2012.

Visões de Futuro: Potencialidades e Desafios para o Estado do Rio de Janeiro – Baixada Fluminense – Área II, FIRJAN, Setembro de 2012.

ANEXOS

ANEXO 1 - Reportagem da Agência Brasil - Prefeitos da Baixada Fluminense defendem em audiência com Lula construção de refinaria em Itaguaí

28/11/2005 - 15h55

Brasília, 28/11/2005 (Agência Brasil - ABr) - Prefeitos de municípios da Baixada Fluminense estão reunidos neste momento, no Palácio do Planalto, com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Antes de subir para a audiência, o prefeito de Nova Iguaçu e presidente da Associação de Prefeitos da Baixada Fluminense, Lindberg Farias, informou que eles vieram entregar ao presidente um parecer técnico defendendo a construção da refinaria petroquímica da Petrobras no município de Itaguaí (RJ).

Segundo os prefeitos, o município é o local mais viável para construção do empreendimento. De acordo com Lindberg, a briga é porque o secretário de Governo e Coordenação do Rio de Janeiro, Anthony Garotinho, quer que a refinaria seja construída em Campos, cidade que não faz parte da Baixada Fluminense.

"Todos os critérios conspiram para a construção da refinaria em Itaguaí. A obra vai gerar novos empregos e atender a uma população de cinco milhões de habitantes na Baixada, região mais pobre do estado", disse Lindberg. Construir a refinaria em Campos, acrescentou o prefeito, significa um investimento adicional de US\$ 542 milhões, verba que poderia ser utilizada para outros fins. "Eu não consigo entender as motivações para que essa refinaria não seja em Itaguaí".

Lindberg informou que o presidente Lula deverá anunciar, no encontro com os prefeitos, a liberação de R\$ 40 milhões, em dezembro deste ano, para a retomada das obras do Hospital de Queimados, município também localizado na Baixada. Desse total, R\$ 30 milhões devem ser destinados à construção do hospital, e R\$ 10 milhões, à compra de equipamentos.

"Retomar a obra desse hospital é uma questão de urgência, pois vai resolver grande parte dos problemas de saúde da Baixada e do próprio Rio", afirmou o prefeito de Nova Iguaçu. A obra da unidade de emergência de Queimados, que está embargada há muitos anos, é prioridade para a região, que tem apenas dois hospitais funcionando em condições adequadas, destacou Lindberg.

Indagado se na audiência com o presidente também seria tratada da construção do Arco Rodoviário na Baixada, Lindberg disse que a questão está, no momento, sob responsabilidade do governo estadual. "Agora a bola está com o governo do estado. Estamos esperando o projeto executivo da obra e o licenciamento ambiental, que é do governo do estado", explicou.

O Arco Rodoviário, realizado em parceria com o governo federal, cruzará a maior parte dos municípios da Baixada Fluminense, aliviando o tráfego da Avenida Brasil e da Ponte Rio-Niterói.

Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2005-11-28/prefeitos-da-baixada-fluminense-defendem-em-audiencia-com-lula-construcao-de-refinaria-em-itaguaui>. Data do acesso 26/11/2011

(grifo nosso)

ANEXO 2 – Reportagem do Jornal o Dia sobre ações conjuntas entre Prefeitos na Baixada.

Ações conjuntas na Baixada

Novo conceito: municípios se unem para acelerar desenvolvimento, reivindicar apoio e criar projetos. A ideia já deu resultados nas áreas de cultura e saúde

POR HELVIO LESSA
05/06/2011

Rio - A união foi a estratégia encontrada pelas 13 prefeituras da Baixada Fluminense para a conquista de investimentos e melhorias comuns aos cerca de 3,7 milhões de moradores da região. Na área de Saúde, por exemplo, os prefeitos formaram um bloco para buscar recursos federais, a fim de terminar as obras do Hospital de Queimados e reduzir a carência de leitos para internação. Enquanto a verba está em negociação, ações integradas são criadas para melhorar o atendimento, através do Consórcio Intermunicipal de Saúde da Baixada Fluminense (Cisbaf), um sistema de regulação do atendimento hospitalar. Na área cultural, secretários se uniram para desenvolver projetos. Criaram o Fórum de Secretários da Baixada, de incentivo à Cultura.



Max Lemos, Ivaldo dos Santos, Sheila Gama, Tarciso Pessoa e Alcides Rolim: prefeitos se reúnem periodicamente para discutir melhorias na região | Foto: Alessandro Costa / Agência O Dia

Prefeitos conseguiram a aprovação dos três projetos no Ministério da Saúde: conclusão das obras do Hospital Regional de Queimados, ampliação e equipagem dos três hospitais regionais (Posse, Saracuruna e Moacyr do Carmo) e incremento das UPAs.

Prefeito de Belford Roxo e presidente do Cisbaf, Alcides Rolim esclarece que uma meta é suprir a carência na região de unidades de emergência, além de reforçar a atenção básica, com mais hospitais de referência. O prefeito de Queimados, Max Lemos, ressalta a união. "É primeira vez que municípios se juntam".

Já Sheila Gama, de Nova Iguaçu, destaca a reestruturação dos hospitais e a criação de unidades regionais para desafogar o Hospital da Posse, unidade referência. Tarciso Pessoa, de Paracambi, chama a atenção para a necessidade de mudanças na região. "O País cresce e temos que acompanhar", justifica. Para o prefeito de Japeri, Ivaldo dos Santos, o Timor, a união deve atrair empresas e gerar empregos.

Incremento à cultura

Um dos principais projetos do Fórum de Secretários para incrementar a cultura é a criação de um espaço multicultural. "A região não tem teatros, museus ou bibliotecas federais e estaduais. É importante, então, investirmos em ações comuns. Planejamos um espaço multicultural em São João de Meriti, devido à facilidade de acesso", contou o secretário de Cultura de Nilópolis, Augusto Vargas, presidente interino do grupo. Na última reunião sobre o assunto, participaram os secretários Gutemberg Cardoso, de Caxias, Márcia Braga, de Mesquita, e Silvia Regina de Andrade, de Nova Iguaçu. Vargas destaca as iniciativas individuais, como o Museu da Baixada, que será construído em Nilópolis.

Disponível

em: http://odia.ig.com.br/portal/60anos/html/2011/6/acoes_conjuntas_na_baixada_168868.html. Data do Acesso 05/12/2011.

ANEXO 3 – Reportagem do Jornal Hoje de 13/05/2011 sobre conquistas do Cisbaf junto ao Ministério da Saúde.

Quarta-feira, 13/05/2011

BAIXADA / GERAL

Jornal de Hoje - 3

Ministério aprova projetos para Baixada

Foto: Divulgação



O Ministério da Saúde aprovou vários projetos apresentados nesta pela manhã, em Brasília, pelos prefeitos da Baixada Fluminense que não beneficiaram a região. O governo federal garantiu recursos para a construção do Hospital Regional de Quatroras, para além da ampliação e equiparação de três hospitais existentes (Povo, Saramira e Museu do Cariri) e reconstrução de estruturas de atendimento das UPAs (Unidades de Pronto Atendimento). Além dos prefeitos, participaram também do encontro os deputados federais Sérgio Sestini, Elián Ruffin e Leonardo Pimenta, o deputado estadual Cristiano Assis, diversos secretários municipais de Saúde, e a secretária estadual de Saúde, e a secretária municipal de Saúde de Cascavel, Intermunicipal de Saúde da Baixada Fluminense, Rosângela Bello.

O prefeito de Belford Roxo e presidente do Cisbaf, Alcides Rolim Filho, saiu satisfeito com o resultado do encontro. "O encontro foi muito positivo e conseguimos nos colocar à disposição para apresentar questões da região. O governo federal vai considerar esse encontro em três pontos principais: projetos de expansão de serviços, projetos de construção (atendimento ao gestante), a construção do Hospital de Quatroras e o serviço de urgência e emergência. Mais uma vez a região se fez bem representada com a atuação dos prefeitos, através do Cisbaf", declarou.

Para a liberação dos recursos necessários, o Ministério da Saúde selecionou o detalhamento dos projetos, que será feito em reunião no dia de amanhã, com data ainda a ser definida, com a participação do governo estadual. O governo federal selecionou que a região também apresente, através do Cisbaf, projetos para algumas áreas consideradas prioritárias para a presidente Dilma, como: clínica de trauma, atenção básica, atendimento às gestantes, urgência e emergência e combate ao álcool e drogas, especialmente, o crack.

Segundo o prefeito de São João de Meriti e vice-presidente do Cisbaf, Sandro Muro, a Ministra da Saúde mostrou que a melhoria da saúde passa pela união dos poderes, através do encontro. Durante o encontro, os prefeitos também discutiram assuntos específicos das suas localidades.

O Hospital Regional de Quatroras será uma das prioridades, assim como os hospitais de Povo e Saramira.

ANEXO 4 - FIRJAN discute futuro da Baixada Fluminense com empresários e políticos



Fotos Mazé Mixo

Qual o futuro da Baixada Fluminense? Quais os possíveis ou prováveis caminhos que a região deverá seguir para alcançar o desenvolvimento econômico e social? Essas foram as questões debatidas, no dia 15 de agosto, com técnicos, empresários e políticos, no evento **“Visões de Futuro: Potencialidades e Desafios da Baixada Fluminense”**, realizado na Representação da FIRJAN em Nova Iguaçu.

“Centro dos interesses e dos investimentos, o estado do Rio voltou a ser sinônimo de desenvolvimento e de geração de emprego e renda. Grandes empreendimentos na área de Logística e Infraestrutura escolheram nosso estado como porto seguro. Entre os projetos, destacam-se a CSA, em Santa Cruz; o Porto do Açú, em São João da Barra; o Comperj, em Itaboraí; e o próprio Porto de Itaguaí, onde a Marinha constrói o seu primeiro submarino nuclear. Por isso, a realização do seminário, que pretende dar início ao planejamento do futuro da Baixada”, disse o Presidente da Representação da FIRJAN em Nova Iguaçu, **Carlos Erane de Aguiar**.



Carlos Erane de Aguiar, presidente da Representação da FIRJAN em Nova Iguaçu, participa do Seminário

Em formato de talk show, mediado pelo jornalista **Guto Abranches**, o futuro dos municípios de Nova Iguaçu, Mangaratiba, Itaguaí, Seropédica, Queimados, Japeri, Nilópolis, Paracambi e Mesquita foi discutido por empresários, que falaram sobre como podem aproveitar as potencialidades e superar os desafios; e por prefeitos, que puderam apontar o que pode ser feito para garantir um futuro promissor para a região.

O debate foi motivado pela [apresentação](#) do Gerente de Competitividade Industrial e Investimentos do Sistema FIRJAN, **Cristiano Prado**, que apontou as possibilidades de desenvolvimento no período de 5 a 15 anos à frente e quais os principais projetos em desenvolvimento. “O Arco Metropolitano, mesmo que sofra atraso, estará pronto em 2015/2016. Esse é um dos principais motores da região”, ressaltou Cristiano Prado.

Ele comentou que o crescimento econômico, muito forte em Nova Iguaçu, Mesquita e Nilópolis, será direcionado para outras regiões. “Esse crescimento vai se irradiar pelo entorno do Arco Metropolitano, que tem 44 km² de terrenos disponíveis para receber novos investimentos”, disse Cristiano, acrescentando a chegada de novas empresas e centros de distribuição na região. “A construção da base de exploração do pré-sal da Petrobras, em Itaguaí, também muda radicalmente a realidade da Baixada Fluminense”, adiantou.

Seminário reúne prefeitos e empresários da região

O seminário teve a participação dos prefeitos **Sheila Chaves Gama de Souza** (Nova Iguaçu), **Alcir Fernando Martinazzo** (Seropédica), **Max Rodrigues Lemos** (Queimados), **Ivaldo Barbosa dos Santos** (Japeri), **Sérgio Sessim** (Nilópolis), **Tarciso Pessoa** (Paracambi) e **Artur Messias da Silveira** (Mesquita), além do Subsecretário de Urbanismo da Secretaria de Obras do governo do RJ, **Vicente Loureiro**.

Também participaram das discussões os empresários **Cesar Moreira**, da USIMECA Indústria Mecânica S.A.; **Marcelo Kaiuca**, da Multibloco Indústria e Comércio de Artefatos de Concreto Ltda; **Silvia Maria Coelho Lantimant**, das Indústrias Granfino S.A.; e **Daniel Fonseca de Jesus**, da Niely do Brasil Industrial Ltda.

Este foi o primeiro de uma série de seminários que serão realizados em todas as regiões do Estado, com a exposição dos potenciais de desenvolvimento econômico de cada uma delas. O próximo evento acontece em setembro e tratará do futuro dos demais municípios da Baixada Fluminense.

Disponível em:

<http://www.firjan.org.br/data/pages/2C908CEC30E85C950131CF55EA7A11AE.htm>

data do acesso 28/11/2011

ANEXO 5 – Notícia do G1 sobre debate entorno do Futuro da Baixada entre prefeitos e a Firjan.

Prefeitos discutem futuro do RJ em seminário na Baixada Fluminense

Ideia é mostrar que toda a história de sucesso precisa de planejamento. Baixada é uma das áreas consideradas com maior potencial de crescimento.

Do RJTV



Empresários e prefeitos de nove municípios da Baixada Fluminense participaram nesta segunda-feira (15) do encontro “Visões de Futuro: Potencialidades e Desafios da Baixada Fluminense”, em Nova Iguaçu. A série de debates visa discutir as visões de futuro do **Rio de Janeiro**, com exposição dos potenciais de desenvolvimento econômico de cada região.

A Baixada é uma das áreas consideradas com maior potencial de crescimento.

Os debates serão promovidos durante o ano pela Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan). Este foi apenas o primeiro seminário promovido pelo sistema Firjan para discutir as oportunidades do futuro. Novos encontros vão ser realizados em outras áreas do estado. A ideia é mostrar que toda a história de sucesso precisa de planejamento.

A Baixada tem um potencial enorme e vai ser um grande participante desse futuro do Rio de Janeiro"

**Cristiano
gerente**

Prado

“A Baixada tem um potencial enorme e vai ser um grande participante desse futuro do Rio de Janeiro. A gente vai ver novas empresas chegando, novas casas sendo construídas, pressão por novas rodovias. Mas, também uma série de desafios, que inclui a questão de água, a questão de saneamento, a mobilidade urbana. Tudo isso pode, precisa ser tratado desde já”, disse Cristiano Prado Barbosa, gerente de competitividade da Firjan.

Os empresários interessados em participar dos ciclos de palestras devem se inscrever antecipadamente pelo telefone 0800 023 1231.

Momento

promissor

Durante o encontro, uma pergunta direcionou as discussões: “O que pode ser feito no presente para preparar essa região para o futuro?”. Os empresários e as autoridades municipais têm consciência de que o momento é promissor.

A Petrobras, por exemplo, estuda uma nova base de exploração do pré-sal em Itaguaí. A Marinha já está construindo um estaleiro de submarinos na região. Já o porto de Itaguaí, em breve, terá capacidade de receber mais carga.

Além disso, o Arco Metropolitano, que vai ligar o porto ao Complexo Petroquímico de Itaboraí, deve ficar pronto no fim do ano que vem, e vai facilitar o transporte de mercadorias.

Os empresários que queiram saber das potencialidades favoráveis em cada regiões podem consultar **no site do Portal Empresarial**.

Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2011/08/prefeitos-discutem-futuro-do-rj-em-seminario-na-baixada-fluminense.html> data do acesso 28/11/2011

ANEXO 6 – Seminário Visões de Futuros realizado em 3 de outubro de 2011 em Duque de Caxias.

FIRJAN debate desafios da Baixada Fluminense para futuro promissor

Os desafios que precisam ser superados para que a Baixada Fluminense alcance um futuro promissor foram debatidos nesta segunda-feira, dia 3 de outubro, no **Sistema FIRJAN** em Duque de Caxias.

O seminário “**Visões de Futuro: Potencialidades e Desafios da Baixada Fluminense**” reuniu **250 pessoas** entre técnicos do Sistema FIRJAN, empresários e autoridades municipais e estaduais.



Fotos Antonio Batalha

“O Rio de Janeiro vive um momento de grandes investimentos. Então, olhamos o futuro para agir no presente. A Baixada concentra R\$ 42 bilhões do PIB do estado, trata-se de uma região com grandes potencialidades. O ponto de partida da discussão se dá pelo Arco Metropolitano, o Comperj e o Porto de Itaguaí. Estes empreendimentos trarão muitos benefícios à região, mas também, desafios”, afirmou Silvio Carvalho, presidente da Representação Regional da FIRJAN em Duque de Caxias.

De acordo com o vice-governador do estado, Luiz Fernando Pezão, este é um bom momento para se planejar. “Temos que aproveitar a oportunidade única que o Rio de Janeiro tem. Precisamos ter bons projetos, elaborar o que a Baixada precisa. O momento que o estado vive, e principalmente a região metropolitana, é único. Dados da própria FIRJAN mostram que o estado vai receber R\$ 181 bilhões de investimentos”, disse Pezão.

Unidos em prol do crescimento da região

Em formato de talk show, mediado pelo jornalista Guto Abranches, o futuro dos municípios de Duque de Caxias, Belford Roxo, São João de Meriti, Magé, Guapimirim, Paty do Alferes e Miguel Pereira foi discutido por empresários, que falaram sobre como podem aproveitar as potencialidades e superar os desafios. Por sua vez, os gestores municipais apontaram o que pode ser feito para garantir um futuro promissor para a região.



O seminário teve a participação dos prefeitos Alcides Rolim (Belford Roxo), José Camilo Zito (Duque de Caxias) e Nestor Vidal (Magé); do vice-prefeito de Guapimirim, Marco Aurélio Dias; e do secretário de Cultura de Paty do Alferes, Nacim Elmor. Foram debatidas questões como qualificação de mão de obra, deficiência no abastecimento de água, tratamento de esgoto e incentivos para atrair empresas para a Baixada.

Representando o empresariado da região, estavam Silvio Carvalho, da Carvalhão Transportes; Élon Rodrigues, da Essencis; Flávio Abreu, da Bayer; e Ricardo Lafraia, da Reduc, que levantaram questões que afetam o crescimento.



O debate foi estimulado pela apresentação do Gerente de Competitividade Industrial e Investimentos do Sistema FIRJAN, Cristiano Prado, que apontou as possibilidades de desenvolvimento da região em um cenário próximo de 5 a 15 anos. Ele ainda situou quais são os principais projetos em andamento.

Este seminário foi o segundo de uma série que será realizada em todas as regiões do estado, com a exposição dos potenciais de desenvolvimento econômico de cada local. O primeiro ocorreu em Nova Iguaçu e tratou dos outros municípios da Baixada. O próximo evento acontece no dia 7 de novembro, em Campos.

Fonte: FIRJAN. **Disponível em** <http://www.firjan.org.br/data/pages/2C908CEC3286DF680132CBA07F2C15AB.htm> **em**
de Acesso: 27/01/2012. **data**

ANEXO 7 – “A Baixada Mudou Muito” – Entrevista do Jornal o Extra com Presidente da Embelezer.

ENTREVISTA

JOMAR BELTRAME VICE-PRESIDENTE DA EMBELLEZE

'A Baixada mudou muito'

Empresário fala sobre a importância da região e anuncia planos para 2012

■ CÍNTIA CRUZ

cintia.cruz@extra.inf.br

Fundada há 42 anos, a partir da ideia de se criar um produto para tratar e alisar os cabelos, a Embeleze hoje é uma das principais empresas do ramo no Brasil. Por ano, mais de 100 milhões de unidades são produzidas na fábrica, em Nova Iguaçu. O bom momento está levando a diretoria a pensar na possibilidade de uma expansão. Mas nada de sair da Baixada. Segundo o vice-presidente da empresa, Jomar Beltrame Fernandes, o segundo endereço poderá ser o Distrito Industrial de Queimados.

— **Qual a principal característica da Embeleze?**

— Hoje os países periféricos têm as grandes empresas do mundo. Isso é o que acontece com a Embeleze. Ela saiu da periferia, surgiu na Baixada e mesmo com os percalços do caminho vi-

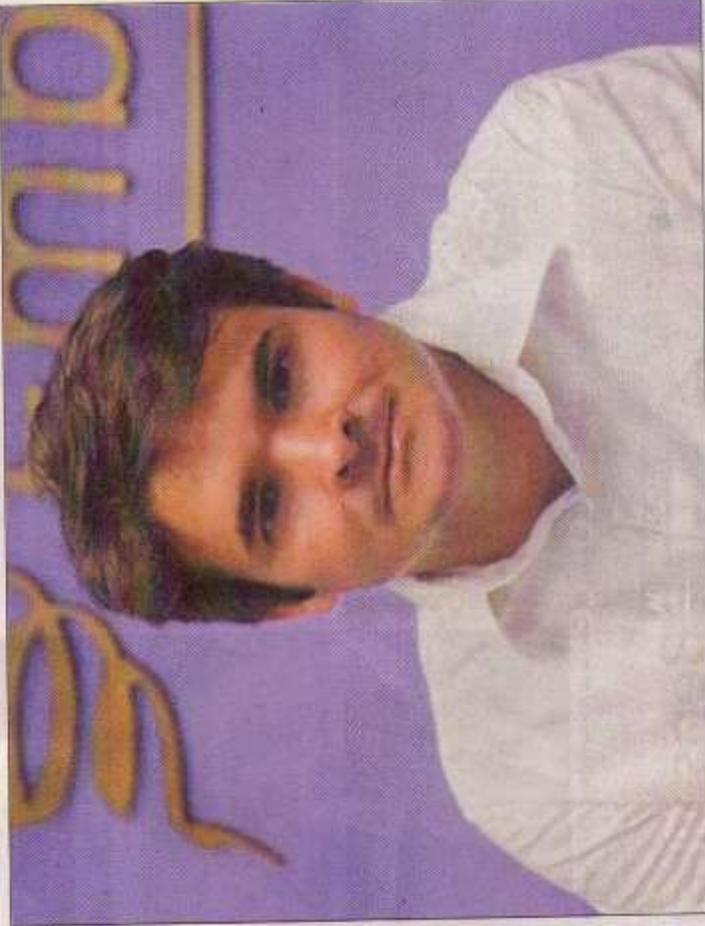
rou uma grande instituição no mercado.

— **Quais foram os melhores e piores momentos da empresa?**

— Tivemos grandes momentos como o lançamento do xampu de cavalo na década de 90. Observamos a novidade nos EUA e fomos os primeiros a lançar o produto no Brasil. O mesmo aconteceu com o recondicionamento técnico japonês, no início do ano 2000. Esse tratamento foi o início da escova progressiva. O momento mais difícil foi o período da inflação. Outro momento muito forte foi o início do Instituto Embeleze. Hoje, felizmente, não conheço uma rede no mundo que seja tão grande como a nossa.

— **Por que criar um instituto para formação de novos profissionais?**

— Observamos no mercado uma grande desinformação sobre aplicação e utilização de produtos. Ti-



JOMAR BELTRAME: "A Embeleze saiu da periferia e virou uma instituição no mercado"

fase, que deve terminar em janeiro, vamos fazer um balanço e buscar um novo espaço, que será na Baixada. Estamos avaliando inclusive a possibilidade de ir para o distrito (industrial de Queimados).

— **Quais são as novidades da Embelleze para o verão de 2012?**

— Acabamos de lançar o Novex Gourmet, que reúne produtos da culinária com os principais ativos da beleza. Lançamos na semana passada, o Color Shake. É uma coloração em forma de shake que transforma a cor em 15 minutos. É uma novidade com a cara do verão.

qualificada. Claro que algumas áreas muito especializadas a gente traz de fora, mas é bem raro.

— **Você falou sobre a pesquisa de produtos no exterior e o lançamento aqui no Brasil. Nessa equipe que pesquisa as novidades fora do país, há profissionais da Baixada?**

— Temos uma equipe de 30 analistas de pesquisa e desenvolvimento. Todos são da Baixada. Eles rodam o mundo inteiro, durante todo o ano.

— **Há alguma previsão de expansão da empresa na Baixada para 2012?**

— Estamos automatizando a nossa fábrica. Após essa

de 1800 funcionários. Mil são da Baixada. No instituto Embelleze temos 20 funcionários por franquia. Só na Baixada, são 200 empregados nos institutos.

— **Os profissionais especializados também são selecionados na região?**

— A Baixada mudou muito. Hoje você tem no grande centro o que tem na periferia. Tem mão-de-obra



Não há razão para sairmos da Baixada Fluminense, porque ali está a nossa raiz.

e fora dela.

— **Apesar da expansão da marca por todo o país, a Embelleze permanece na Baixada Fluminense. Por que esse vínculo?**

— A região hoje tem várias empresas. Já se formou uma cultura de mão-de-obra, logística, matéria-prima, embalagem. Criou-se ali uma área especializada em cosméticos. Isso ajuda para o mercado, cai o custo, tem mão-de-obra formada e especializada. Não há razão para sairmos da Baixada porque ali está a nossa raiz.

— **Quantos são os empregados na Baixada?**

— Na fábrica, temos cerca

Principalmente, no meio profissional. Tinha o Senac (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial), mas de forma muito limitada, ou tinham aqueles que aprendiam por curiosidade. Desenvolvemos o instituto para ensinar os cabeleireiros a utilizarem nossos produtos. Montamos 12 escolas próprias entre Rio e São Paulo e depois resolvemos fazer franquias dos negócios. Já formamos mais de 500 mil alunos e temos 260 escolas em funcionamento no Brasil. Em oito meses, devem abrir mais 40 para atender a este mercado cada vez maior na região da Baixada

ANEXO 8 – Relação entre PIB e IDH dos municípios da Região Metropolitana e

Baixada Fluminense*.

Municípios	PIB(2003) Per Capita	PIB Ranking Nacional	IDH(2000) RanKing Estadual	IDH (2000) Ranking Nacional
Rio de Janeiro	18 289	2°	2°	60°
Belford Roxo*	3 961	88°	60°	2106°
Duque de Caxias*	17 237	6°	52°	1796°
Guapimirim*	5 129	*	63°	2174°
Itaboraí*	3 294	*	67°	2243°
Itaguaí*	12 653	*	42°	1376°
Japeri*	2 145	*	77°	2531°
Magé*	3 542	*	57°	1977°
Nilópolis*	4 539	*	16	864°
Niterói	12 449	51°	1°	3°
Nova Iguaçu*	4 639	54°	45°	1526°
Paracambi*	4 981	*	39°	1304°
Queimados*	4 742	*	73°	2372°
São Gonçalo	4 486	36°	23°	1012°
São João de Meriti*	3 767	*	35°	1213°
Seropédica*	4 572	*	47°	1609°
Tanguá	3 521	*	82°	2582°
Mesquita*	4 620	*	*	*
Região metropolitana	13 135	-	-	-

Organizado pelo autor. Fonte: IBGE(2000)e CEPERJ (2003)

ANEXO 8 - Queimados vai ganhar seu primeiro Apart-Hotel



O Município de Queimados terá seu primeiro Apart-Hotel. O empreendimento será construído pela empresa Zoneng Engenharia e começa a ser edificado ano que vem com previsão de entrega das obras para 2016. O investimento gira em torno de R\$ 45 milhões e conta com 156 unidades hoteleiras, que têm como público alvo o setor de gerências das grandes empresas, que estão se instalando ao longo do Arco Metropolitano e do Distrito Industrial da cidade, que conta atualmente com 22 Fábricas instaladas e 18 em fase de implantação. Serão gerados cerca de 100 empregos na obra e 30 quando o Apart-Hotel estiver em funcionamento.

De acordo com o Prefeito Max Lemos, a chegada do primeiro Apart-Hotel no Município veio para atender uma necessidade que será provocada com a construção do arco metropolitano, sem contar com o número de Fábricas localizadas no Distrito Industrial da cidade, que já gerou uma demanda no setor. “Estamos com uma grande procura por empresas de vários setores que encontram em nosso município, que está localizado numa posição estratégica, segurança para investir em empreendimentos imobiliários nos ramos residencial, comercial, industrial e logística. A



chegada do primeiro Apart-Hotel representa que Queimados entrou de vez na era do desenvolvimento”, enfatizou Max.

Planejamento precede desenvolvimento

Para a chegada do Apart-Hotel, foi preciso que a cidade de Queimados instituisse o seu novo Código de Zoneamento, Uso e Ocupação do Solo Urbano, que está despertando os olhares de investidores no segmento da construção civil. Com essa medida, o Município definiu regras mais claras para a construção de empreendimentos acima de quatro andares. O objetivo do novo código foi de estabelecer parâmetros de uso do solo e índices urbanísticos entre outras questões urbanas, de acordo com o macrozoneamento estabelecido no Plano diretor da cidade.

De acordo com o Secretário Municipal de Urbanismo, André Bianche, o novo código de zoneamento de Queimados segue a premissa básica do urbanismo mundial. “O planejamento precede o desenvolvimento. Com base nisso o nosso código de zoneamento pretende ir de acordo com os novos vetores de crescimento aplicando conceitos estabelecidos por estudos já consolidados em cidades do mundo inteiro, além de incluir instrumentos previstos no Estatuto da Cidade. A ideia é incentivar a verticalização com responsabilidade ambiental. A mudança no nosso código de zoneamento foi fundamental para a chegada do primeiro Apart-hotel no município”, finalizou Bianche.

Disponível em: < <http://queimados-rj.blogspot.com.br/2013/09/queimados-vai-ganhar-seu-primeiro-apart.html>>. Data do Acesso: 17/12/2013.

ANEXO 9 – Conjuntos de Slides que formaram parte da propaganda do empreendimento *Premier Flat*, lançado em setembro de 2013 em Queimados.



Slide 1.

Queimados

- A **população** estimada pelo **IBGE** em **2009** foi de 139.378 habitantes.
- Ocupa uma **área** de de 76,921 km², integrando a **Região Metropolitana do Rio de Janeiro**



Slide 2.

Queimados comemora crescimento econômico

- Município recebeu R\$ 1 bilhão em investimentos em quatro anos. Previsão é a aplicação de mais R\$ 500 milhões até 2016 "Maxi Lemos".
- Com 22 indústrias em funcionamento e outras 18 em processo de instalação, Queimados comemora ascensão econômica jamais vista.
- Há quatro anos, o município contava com apenas sete fábricas em seu Distrito Industrial. Hoje, são 40. O complexo fica às margens da Rodovia Presidente Dutra e a seis quilômetros do traçado do Arco, que ligará o Porto de Itaguaí ao Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (Comperj), em Itaboraí.



Slide 3.

Queimados comemora crescimento econômico

- O prefeito de Queimados, Max Lemos, assinou no Palácio Guanabara, um protocolo de intenções com o presidente do MRS, Eduardo Parente e o governador do Rio, Sérgio Cabral, para a construção do primeiro complexo ferroviário logístico do estado.
- A previsão é que o polo seja construído a oito quilômetros da Rodovia Presidente Dutra e a dois quilômetros do Arco Rodoviário Metropolitano. O investimento será de R\$ 100 milhões. O projeto prevê ainda a criação de 400 empregos diretos. A nova malha ferroviária começa a ser construída em 2014, com previsão de inauguração em 2015.



Slide 4.

Revolução Industrial



Slide 5.

Empresas Distrito Industrial

- <http://www.asdq.org.br/associados.htm>



Slide 6

Investimento em Apart-Hotel

- Trata-se de uma modalidade de investimento imobiliário, que nos últimos anos vêm ganhando forças no Brasil, com destaque para região sul, sudeste e centro-oeste. A idéia é que o pequeno e médio investidor adquira uma ou mais unidades em um lançamento Hoteleiro ou Apart-hotel e a empresa de administração hoteleira do empreendimento, disponibiliza esta(s) unidade(s) para locação nas modalidades curta, média ou longa temporada. O lucro se dá através do faturamento mensal, com distribuição proporcional por investidor descontadas as despesas.

Slide 7

Por que investir um Flat?

- Pode ser adquirido para moradia e para investimento pessoal ou empresarial. As vantagens da aquisição de um flat, tanto para moradia quanto para investimento são inúmeras. **Investimento com retorno superior ao aluguel residencial.** O proprietário de Flat pode optar por colocar a sua unidade como integrante do sistema de administração hoteleira conhecida como "pool hoteleiro", ou administrar a locação diretamente. Neste caso são conhecidas como unidades "fora do pool".
- Um flat tem rentabilidade superior ao aluguel residencial convencional, e isenta tanto o investidor quanto o usuário de problemas característicos da lei do inquilinato, observando que os flats são regidos pelas normas da hotelaria.

Slide 8

Por que Investir em Queimados?

- Cidade que mas cresce na Baixada.
- Arco Metropolitano
- Criação do Maior Porto Seco da América Latina
- Queimados ganhará Polo Intermodal Ferroviário
- Mas de 40 industrias no Polo Industrial
- Próximo Ao Polo Industrial de Japeri
- Previsão de mais de R\$ 500milhões de recursos do governo do estado.

Slide 9

Perspectiva de Fachada



Slide 10

Dados do Projeto

- 156 unidades
- 10 Unidades por Andar
- Metragem de 23,13 a 25,11
- 13 andares
- Adm. Promenade
- Estimativa do M² 7.942
- Tabela Diferencial no Lançamento

Slide 11

Linha de Tabela

- R\$ 185.306,00
- Ato 13.000,00
- 30 Parcelas R\$ 700,00
- 4 Semestrais R\$ 2.500,00
- Chaves R\$ 11.600,00

Slide 12

ANEXO 10 – Reportagem do Jornal O Extra- Baixada Fluminense atrai investimentos e ganha estabelecimentos de luxo

Fernando Torres – Jornal O Extra

RIO - Para ser chique, não é preciso ir para a Zona Sul do Rio ou a Barra. A Baixada Fluminense está recheada de opções luxuosas, da hospedagem ao vestuário, sem deixar de lado a boa comida e até o happy hour. O alto poder aquisitivo de bairros emergentes da região resultou na procura por qualidade, acompanhada pela disposição para abrir a carteira. Agora, quem tiver grana pode ter ao alcance da mão as maravilhas que o dinheiro pode pagar.

Empresários do mundo inteiro, que oferecem produtos e serviços para um público selecionado, passaram a investir pesado nos municípios da Baixada. Nos menos de dois quilômetros da Avenida Doutor Mário Guimarães, no Centro de Nova Iguaçu, foram construídos sete empreendimentos de luxo nos últimos cinco anos. A explosão imobiliária conta com uma aposta da Rede Accor, mesma administradora de hotéis internacionais como Sofitel e Ibis. O conglomerado está investindo R\$ 20 milhões no Mercure, um prédio com 154 apartamentos. O mais básico custa R\$ 160 mil.

Apart em Nova Iguaçu

- A região está crescendo muito, e a presença de executivos é forte. A chegada de outros empreendimentos nos obriga a aumentar a qualidade - explica Aluísio Chambarelli, de 23 anos, gerente do Mont Blanc, onde a diária econômica sai por R\$ 218.

O preço não impede a ocupação de 100% durante a semana. A professora de dança Julia Nogueira e a farmacêutica Thaís Sodré são frequentadoras do Mont Blanc: as duas aprovam a piscina e a vista da cobertura do hotel.

Prato feito chique em Nova Iguaçu

Bons restaurantes, bares e pizzarias? A Baixada tem. Duque de Caxias vem com Mestre Jorge, Kuca's e Adega Barril. Já Nova Iguaçu chega com Akira Sushibar, O Mexicano e Papo Fiado Botequim, inaugurado há três meses.

O tradicional estilo boteco é explorado com requinte no Papo Fiado. O estabelecimento fica aberto das 10h às 5h do dia seguinte, e recebe cerca de 600 pessoas, diariamente, no happy hour. São seis manobristas, áreas climatizadas, drinques tropicais e uísques a R\$ 795. No cardápio, os destaques ficam por conta do prato especial camarão na moranga e do PF Xique, que, apesar do nome, tem um preço quase popular: R\$ 16,90.

De acordo como o gerente da casa, Paulo Carlos Gonçalves, 38 anos, foram investidos R\$ 500 mil só nas instalações físicas do botequim. Ao lado de duas adegas, uma para vinho tinto e outra para branco, são promovidas apresentações de violão e voz, de quinta-feira a domingo.

Festas com muito luxo

Aparentemente distantes dessa realidade, as classes menos favorecidas também fazem questão de entrar no mundo dos privilegiados. Enquanto observava uma carta de vinhos importados, o representante comercial Paulo Werneck, de 65 anos, disse ter muitos clientes de baixo poder aquisitivo. Ele negocia tecidos de luxo para vestir móveis em festas.

- A Baixada tem 196 salões, e os maiores são alugados por pessoas humildes. A população exige o melhor porque promover encontros é um comportamento considerado fashion - explicou.

Roupas exportadas para Portugal

As boutiques de grandes marcas estacionaram nas ruas de Nova Iguaçu e Duque de Caxias, mostrando que a alta costura não existe somente nos shoppings e bairros chiques da capital.

A loja Azul Maria, criada há oito anos em Nova Iguaçu, tem grife e confecção próprias. Suas roupas artesanais custam entre R\$ 30 a R\$ 700, preço de uma peça exclusiva. Uma blusa com paetês nas cores da bandeira do Brasil chega a sair por R\$ 740. O estilo 100% Baixada não ficou restrito à região: invadiu Ipanema, Leblon e a Europa. Segundo Cristina Baroni, o trabalho de suas costureiras foi visto nos desfiles realizados em Portugal.

- Dividimos a passarela com marcas internacionais. Nossa clientela tem bom gosto, quer receber elogios e não se importa em pagar por isso - contou a dona da loja, de 47 anos.

Madames na área

No bairro K-11, está a boutique Bertaí Sartório, que vende roupas, calçados e acessórios para mulheres. É na rua, mas tem clima e preço de shopping: vestidos e sapatos a R\$ 400 e R\$ 180, respectivamente.

E a clientela desse comércio vai aumentar nos próximos meses. O Residencial Ibiza, em construção, terá uma cobertura a R\$ 500 mil, com direito a ofurô. O preço de um apartamento no Heli Top Iguaçu ainda não está definido, mas baterá a casa do milhão de reais. O prédio na Rua Dom Walmor terá um heliponto.

Disponível em <: <http://extra.globo.com/noticias/rio/baixada-fluminense-atrai-investimentos-ganha-estabelecimentos-de-luxo-229802.html#ixzz2od6iKzXk>> data do Acesso: 17/03/2013.

ANEXO 11 – Reportagem/propaganda do empreendimento Rossi Multi em Duque de Caxias na Revista da Bolsa de Gêneros Alimentícios do Rio de Janeiro.

LANÇAMENTO

Rossi lança projeto inédito em Duque de Caxias



Rossi Multi, um projeto inovador

A construtora Rossi, uma das maiores do Brasil, está com um projeto inédito que será lançado em Duque de Caxias, Baixada Fluminense do Rio. O **Rossi Multi** oferecerá hotel, prédio comercial e condomínio residencial em um único lugar, localizado em frente ao Caxias Shopping, na Rodovia Washington Luís. Este megaprojeto ainda engloba a construção de uma passarela no local, que vai beneficiar moradores, hóspedes e trabalhadores da área, além da população em geral. O lançamento de vendas vai ser realizado no dia 12 de julho e a previsão de entrega dos imóveis é para 2015.

O motivo do investimento na área, segundo a construtora, é o crescimento acelerado de Duque de Caxias, que tem um PIB de aproximadamente R\$ 20,125 bilhões – o 8º maior no ranking nacional e o 2º maior PIB no Rio de Janeiro. O município também está recebendo obras de infraestrutura, e novas empresas estão se instalando na região, além de hotéis, uma unidade do Colégio Pedro II, projetos imobiliários e a

expansão do Caxias Shopping. São ações que pretendem atender a 2,1 milhões de habitantes da Região Baixada II (Duque de Caxias, São João de Meriti, Belford Roxo, Magé, Guapimirim, Miguel Pereira e Paty do Alferes), de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

A idéia é que, com o Rossi Multi, os empresários e trabalhadores do local possam desfrutar de um complexo que oferecerá toda uma comodidade em serviços e moradias, antes só encontrados na Zona Sul ou Zona Oeste do Rio. O complexo vai contar com entradas independentes, segurança, modernidade, praticidade, conforto e otimização de custos para quem deseja morar ou investir no empreendimento.

Duque de Caxias: um lugar em ascensão

A escala econômica de sucesso da cidade começou com a instalação da



O gerente de vendas da Rossi Vendas RJ, Arthur Luiz.

Refinaria Duque de Caxias (REDUC), que foi inaugurada em 1961, no distrito de Campos Eliseos. Hoje, ela é a mais completa refinaria do sistema Petrobrás, além de produzir uma linha de 52 produtos, entre eles, lubrificantes, gasolina, óleo diesel, querosene de avião, e GPL, entre muitos outros. A refinaria é responsável por boa parte da geração de empregos da região.

Na área também encontram-se a fábrica da Ciferal, o Parque Gráfico do Jornal O Globo, o Depósito Central da rede Casas Bahia, o Carvalhão, além do polo moveleiro.

Segundo o estudo de Decisão Rio, realizado pela Firjan, a Baixada Fluminense deve receber, entre 2011 e 2013, um investimento de R\$ 14,5 bilhões.

A região também oferece várias áreas de turismo e cultura: Museu Vivo de São Bento, Museu Duque de Caxias, Parque Municipal Natural da Taquara, Parque Municipal Natural da Caixa D'Água, Reserva Biológica do Tinguá, Igreja N. S. do Pilar, Igreja Santa Terezinha no Parque Lafaiete, Capela Santa Rita da Posse,

De acordo com o gerente de vendas da Rossi Vendas RJ, Arthur Luiz, o cliente que adquirir um imóvel na área contará com uma valorização futura. "A importância do investimento na região de Duque de Caxias é pegar justamente uma área que está em crescimento, que futuramente estará ainda mais valorizada; e ter um ganho de médio prazo (03 a 05 anos). O mesmo já não acontece em locais como a Barra da Tijuca e Zona Sul do Rio, porque já tiveram o seu período de expansão, os imóveis estão mais caros e o ganho, no mesmo período de tempo, não será o mesmo", afirmou.

Centro Cultural Oscar Niemayer, Teatro Municipal Armando Melo, Teatro Procópio Ferreira e a Casa Brasil.

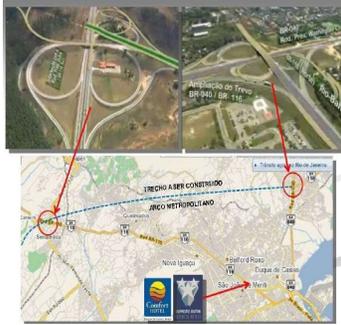
O município possui uma boa localização, estando próximo ao aeroporto internacional Tom Jobim, na Ilha do Governador, das vias expressas, linhas Amarela e Vermelha – que encurtam as distâncias entre o local e o Centro do Rio, Barra da Tijuca – além da Av. Brasil.

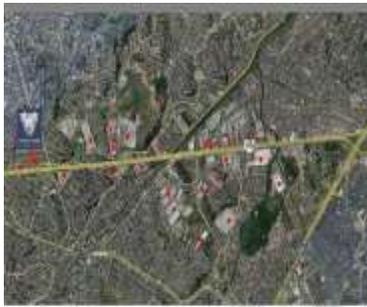
Rossi Multi: um projeto inovador

O projeto inclui o **Rossi Multi Business** - área do terreno: 9.702, 46m² (lote comercial), com salas comerciais e lojas térreas, tendo 409 unidades, sendo 17 lojas no Mall, 08 lojas embaixo da torre comercial e 384 salas comerciais, com 20,89 m² a 28,61 m² e garagem com 246 vagas. **Rossi Multi Mall** – lojas térreas dando possibilidades de mezanino, mais conforto e muito mais aproveitamento dos espaços. **Rossi Multi Hotel** – facilidade muito conveniente para atender quem faz negócios ou visita a região. **Rossi Multi Residencial** – apartamentos de 02 e 03 quartos com condomínio independente, portarias e área de lazer.

Os interessados em mais esta novidade da Rossi podem procurar o gerente de vendas da Rossi Vendas RJ, Arthur Luiz, pelos telefones: 21 7704-9478 / 21 3433-8000. E-mail: arthurluiz.rj@rossivendas.com.br. End.: Av. Américas, 500 – Bloco 10 – sala 203.

ANEXO 12 – Slides de Apresentação do Empreendimento Supreme Dutra. Elaborado pela Construtora NEP. S/A.

 <p>Slide 1</p>	<p>NEP INCORPORAÇÕES S/A busca excelência em seus negócios, para isso, desenvolve e realiza produtos focados na qualidade e rentabilidade, contando com parceiros sólidos e comprometidos.</p> <p>Seu principal parceiro, atualmente, é a rede Atlântica Hotels International, que está presente em todo Brasil e é reconhecida como uma das empresas líderes em franquias e administração hoteleira internacional, alcançando constantemente os melhores retornos para os clientes, investidores e acionistas.</p> <p>Slide 2</p>	 <p>Slide 3</p>
 <p>Slide 4</p>	 <p>Slide 5</p>	 <p>Slide 6</p>
<p>CONCEITO</p> <p>SUPREME DUTRA BUSINESS HOTELS é um empreendimento imobiliário HOTELEIRO, na Rodovia Presidente DUTRA, localizado em uma região que remete ao que há de melhor em potencial econômico já consolidado, e o mais importante: “altamente deficitário em nosso segmento”.</p> <p>As três estrelas representam as empresas precursoras neste segmento: NEP S.A, ATLANTICA HOTELS e BRASCOP, que juntas simbolizam transparência e liderança.</p> <p>O complemento para o nome principal é Business Hotels, expressando ser um ótimo investimento.</p> <p>Slide 7</p>	<p>INFORMAÇÕES IMPORTANTES</p> <p>Arco Rodoviário</p> <p>Rodovias Interligadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Rio-Vitória (BR-101 Norte) - Rio-Teresopolis (BR-116 Norte) - Washington Luis (BR-040) - Via Dutra (BR-116 Sul) - BR-465 - Rio-Santos (BR-101) <p>O objetivo é desafogar o tráfego na Região Metropolitana e aumentar o movimento no Porto de Itaguai</p> <p>Slide 8</p>	<p>INFORMAÇÕES IMPORTANTES</p> <p>Arco Rodoviário – Empreend. & Investimento</p> <ul style="list-style-type: none"> - DURA DE R\$ 1,1 bilhão - 148 Km de extensão <p>É um eixo vital, permitindo a conexão adequada de cargas no Porto de Itaguai com toda a malha rodoviária do país, através de cinco grandes vias rodoviárias que serão conectadas pelo projeto e que convergem para o Rio de Janeiro. Ele ligará também os dois maiores empreendimentos do Estado, CSA, CSH e Camargó, passando pelo o site portuário de Duque de Caxias.</p> <p>Slide 9</p>
 <p>Slide 10</p>	<p>INFORMAÇÕES IMPORTANTES</p> <p>Empregos & Investimentos</p> <ul style="list-style-type: none"> 2011 – 5º Jogos Mundiais Militares (5 mil pessoas) 2012 – 3ª Cúpula da Terra (Rio+20) 2013 – Copa das Confederações 2014 – Copa do Mundo de Futebol 2015 – 460 anos da Cidade 2016 – Olimpíadas <p>Slide 11</p>	<p>INFORMAÇÕES IMPORTANTES</p> <p>HOTELARIA, setor das maiores participações para a Copa 2014 (2014/2015) - http://www.fundacao.com.br/destaques/destaques/monetizacao</p> <p>“O empreendimento do setor de hospedagem tem como principal objetivo a oferta de leitos em regime estratégico para a Copa do Mundo de 2014. Para a Associação Brasileira das Indústrias de Hotelaria (ABIH- Nacional), a situação é muito preocupante no Rio de Janeiro e em cidades da Região Centro-Oeste, principalmente em Brasília, sendo a oferta de vagas já o menor que se viu durante. O Rio tem praticamente a mesma quantidade de leitos – 40 mil – que todo o estado do Rio Grande do Norte, com a demanda é muito maior.”</p> <p>Deficit de produtos hoteleiros no Grande Rio</p> <p>DÉFICIT</p> <p>Slide 12</p>



Slide 13



Slide 14

Economia

- Localizado numa região com 2,4 milhões de habitantes;
- Com intensa atividade económica, no coração da rodovia mais movimentada do país;
- A região possui um grande comércio varejista;
- Um pólo industrial às margens da rodovia;
- Com um dos maiores centros de distribuição de empresas como: UNILEVER, SOUZA CRUZ, RICARDO ELETRO, PONTO FRIO, BRASPRESS, SCHWAB, entre outros.

Slide 15

Próximo ao Shopping GRANDE RIO e da Dutra Volpe;

Está sendo construído um Centro de Convenções para 2.000 pessoas, investimento de R\$12 milhões;

- A prefeitura está investindo mais de R\$ 400 milhões em melhorias em todo o município.

Slide 16

PRODUTO

Slide 17



Slide 18

DESCRITIVO

- * 1 Torre em "L" com 10 pavimentos tipo;
- * Lobby e Recepção;
- * Restaurantes;
- * 3 Salões de convenções;
- * 3 elevadores;
- * 240 suítes hotelísticas (área total de 18.300m² de área privativa);
- * Foyer
- * Sala de reuniões;
- * Business Center;
- * Fitness com Inverdig Machines;
- * Fitness;
- * Sauna com área de repouso;

Slide 19



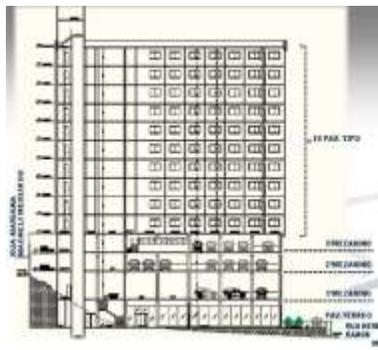
Slide 20



Slide 21



Slide 22



Slide 23



Slide 24



Slide 25



Slide 26



LOBBY DE ACESSO E RECEPÇÃO

Slide 27



RESTAURANTE

Slide 28



SALÃO DE CONVENÇÕES

Slide 29



FOYER DAS SALAS DE CONVENÇÕES

Slide 30



BUSINESS CENTER

Slide 31



SALA DE REUNIÕES

Slide 32



SALA DE REPOUSO

SAUNA

FITNESS CENTER

Slide 33



PISCINA

Slide 34



FACHADA

Slide 35

ALGUNS EXEMPLOS ATUAIS DE RETORNO MENSAL

	MEDIA MENSAL DE 2009	
NOVA PAULISTA	R\$ 1.418,19	178 unidades
BRASILIA	R\$ 1.881,06	243 unidades
FLANBOYANT	R\$ 1.240,67	142 unidades
NACAE	R\$ 1.609,59	129 unidades
OSCAR FREIRE SP	R\$ 1.095,47	204 unidades
NANAUS	R\$ 1.507,00	132 unidades

Slide 36

ENTENDO O POOL DE LOCAÇÃO

O POOL Locative é formado pela a união de proprietários das unidades autônomas, visando à locação de apartamentos por uma política de comercialização de diárias e serviços, administrado por uma empresa especializada.

Para isso é indispensável a padronização em todos os âmbitos.

Per meio do POOL, a administração é otimizada, com receitas e despesas rateadas entre os participantes, ou seja, aumenta a performance de lucratividade pela locação.

A responsabilidade de administração, segurança, manutenção, conservação e locação das unidades é da Administradora.

Slide 38

A marca Comfort desperta reações positivas entre aqueles que a conhecem → valoriza o empreendimento apresentado
(muitos entrevistados não tem conhecimento da marca)

Transmite segurança
Presença Internacional
Referência de qualidade

"Acto que dá segurança no investimento. Tanto uma **bandeira forte transmite mais segurança**"

"Eu falei do tamanho da **bandeira**, que eu conheço por viajar. Pelo menos, nos Estados Unidos, é **muito forte**"

"Você não investe só no imóvel. Você também investe num **meio negócio**. Ele se tornou um negócio para você também. Trata-se desse **bandeira** e é o que eu estou dizendo: **impossível não ter retorno...** Já me hospedei nesta rede nos Estados Unidos e é uma rede que tem **credibilidade**"

AGOSTO 2010

IBOPE
inteligência

Slide 37

ENTENDO O POOL DE LOCAÇÃO

Hoje no Rio, existem muitos empreendimentos chamados "Residencial com Serviços". Estes criam uma situação de adaptação ineficiente, principalmente no que diz respeito à administração e retorno financeiro, e nisso está ligado diretamente o tamanho das unidades que são maiores e pela a opção de muitos "não" colocarem sua unidade no Pool. Dessa forma acaba não sendo viável manter uma variedade de serviços de governança, concierge, lazer, mordomia, segurança, bar e restaurante, manutenção e outros, sem onerar demais os custos, reduzindo assim consideravelmente o retorno financeiro.

Com o POOL, o imóvel é administrado por uma empresa em hotelaria, com experiência na comercialização dos apartamentos hoteleiro, garantindo um alto padrão de atendimento e serviços oferecidos ao mercado.

Desta maneira, trata-se de um investimento em negócio hoteleiro em que todas as receitas e despesas são rateadas entre os participantes do POOL, tornando menor a inadimplência e fortalecendo o POOL na captação de receitas ao longo de todo o ano.

Slide 39

PRESEÇA

A MAIOR ADMINISTRADORA MULTIMARCAS DO BRASIL



Após o sucesso com o lançamento do Supreme Dutra, o NEP S.A. lançou o Supreme Duxis, administrado pela Atlantic Hotels Internacional. Não se trata apenas de um imóvel, mas de uma excelente oportunidade de aplicar seu dinheiro com total segurança e tranquilidade. Você se torna protagonista de um empreendimento imobiliário e ganha duas vezes: na valorização natural do imóvel e com a rentabilidade mensal através de um pool de locação. Isso é a oportunidade de você fazer um grande negócio por um imóvel, um investimento rentável e ainda ficar com nenhum outro investidor, trabalho, tranqui- lidade.

Supreme Dutra. Para você investir seu dinheiro, não o seu tempo.

Ataque algo a mais

Slide 40

FONTE: NEP S./A.. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/italolyra/supreme-dutra>> Data de Acesso: 08/11/2012.

ANEXO 14 – Release de ação do Grupo Mercure em Nova Iguaçu.



Press Release

São Paulo, 19 de julho de 2012

Com investimento de mais de R\$ 23 milhões, rede Mercure inaugura hotel em Nova Iguaçu

Empreendimento é o número 66 da rede na América Latina. Unidade atenderá a crescente demanda do turismo corporativo da região

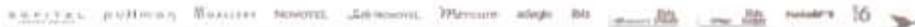
A rede **Mercure**, líder no segmento de hospedagem *midscale* da América Latina, anuncia a abertura de mais uma unidade no Brasil. O **Mercure Nova Iguaçu**, hotel número 63 da rede no País e 66 na América Latina, entra em operação hoje para atender à expressiva demanda do turismo, especialmente de negócios, da região metropolitana do Rio de Janeiro.

O empreendimento, que levou três anos para ser construído e recebeu investimento de mais de R\$ 23 milhões do grupo Accor através de parceiros na região, faz parte da estratégia de expansão da rede **Mercure** no Brasil, que prevê ainda a construção de outras três unidades até 2013. Uma das principais cidades do estado, distante apenas 43 km da capital, Nova Iguaçu é um importante destino de negócios, especialmente com a crescente economia da região, que concentra grandes empresas e indústrias dos segmentos como alimentício, têxtil e siderúrgico. Além disso, os reconhecidos patrimônios histórico e ambiental fazem da cidade de 800 mil habitantes um ótimo destino de lazer.

"Nova Iguaçu está inserida em uma região de expressivo crescimento econômico e, conseqüentemente, do turismo de negócios. A rede **Mercure** chega à cidade como uma opção de alta qualidade, conforto e excelente atendimento, característicos da marca em todo o mundo, a todos os turistas de negócios e de lazer que vêm à região", afirma Patrick Mendes, diretor de operações da marca **Mercure** para América Latina.

Em localização privilegiada no centro da cidade, a aproximadamente 35 minutos do aeroporto internacional Antônio Carlos Jobim e com fácil acesso à Rodovia Presidente Dutra, Avenida Brasil e Via Light, o hotel **Mercure Nova Iguaçu** oferece 200 excelentes apartamentos, que refletem o melhor estilo da marca, e área de lazer com piscina e equipado *fitness center*.

O novo **Mercure Nova Iguaçu** está localizado na Av. Dr. Mario Guimarães, 520, no centro de Nova Iguaçu. Reservas e informações pelo telefone (21) 3257-8500 e através do site www.mercure.com.



Maior rede *midscale* de hospedagem do mundo, a rede **Mercure** está presente em 50 países, somando 700 hotéis e mais de 85 mil apartamentos. Responsável pela criação de um novo conceito hoteleiro, a rede **Mercure** está classificada como uma marca da categoria de alto padrão que une o charme e a originalidade da hospedagem independente à segurança e a regularidade de uma rede reconhecida internacionalmente. A rede **Mercure** foi criada em 1973, com a implantação do

Fonte: Grupo Mercure/ Rede Accor. Disponível em <
http://www.accor.com/fileadmin/user_upload/Contenus_Accor/Presse/Country/America_Latina/Brasil/PR_2012_Brasil/120719_pr_mercure_nova_iguacu_lancamento.pdf> Data do Acesso.
 12/12/2012.

ANEXO 15- Sistema Firjan Discute o Futuro de Duque de Caxias.

SISTEMA FIRJAN DISCUTE FUTURO DE DUQUE DE CAXIAS

No dia 16 de setembro, a Representação Regional FIRJAN/CIRJ Baixada Fluminense - Área II promoveu encontro entre empresários e candidatos à Prefeitura de Duque de Caxias para discutir o futuro da região. Na ocasião, os candidatos receberam o documento "Visões de Futuro da Baixada Fluminense - área II", um prognóstico do desenvolvimento da região nos próximos cinco a 15 anos, elaborado pelo Sistema FIRJAN.

Para o presidente da Representação Regional FIRJAN/CIRJ na Baixada Fluminense II, Flávio Abreu, a proposta foi reunir o empresariado para debater o desenvolvimento de Duque de Caxias. "Foi uma oportunidade para a indústria apresentar suas demandas e formatar propostas para desenvolver a Baixada Fluminense", disse. Entre os pleitos dos empresários, destacou-se a necessidade de solucionar os gargalos na área de infraestrutura que impedem o crescimento da região.

Em resposta aos pleitos empresariais, os candidatos Alexandre Cardoso (PSB) e Washington Reis (PMDB) apresentaram propostas em comum de municipalizar o abastecimento de água, apontado como o principal problema do município, aumentar o número de estações de trem metropolitano e construir novos acessos e viadutos para a cidade.

Alexandre Cardoso propôs uma integração com as universidades instaladas na região. "Eu não conheço

nenhuma empresa de Duque de Caxias que tenha alguma interação com as universidades. Qual a empresa daqui que nos últimos 10 anos captou recursos e contratou universidade para fazer pesquisas ou desenvolver produtos?"

Washington Reis abordou a dificuldade no fornecimento de gás e na obtenção de licenças ambientais. "Criamos a lei ambiental do município, que permitiu 90% dos licenciamentos. A questão do gás é importantíssima para Duque de Caxias."

"Foi uma oportunidade para a indústria apresentar pleitos e propostas"

*Flávio Abreu
Presidente da Representação Regional
FIRJAN/CIRJ na Baixada II*

Elaborado entre julho de 2011 e agosto de 2012, o documento "Visões de Futuro" é o resultado da mobilização de mais de mil empresários, técnicos do Sistema FIRJAN e representantes do poder público e da sociedade organizada para definir caminhos possíveis, ou prováveis, que o estado do Rio

poderá seguir, conforme as particularidades regionais, estabelecendo os principais motores de crescimento, as oportunidades e os desafios.

Na avaliação do gerente regional da Representação Regional FIRJAN/CIRJ na Baixada Fluminense II, Jorge Migon, os empresários de Duque de Caxias tiveram a oportunidade de conhecer melhor as propostas dos candidatos. "Foi uma iniciativa fundamental para o desenvolvimento da cidade. Os empresários puderam apresentar ponderações a respeito do que a indústria espera do próximo prefeito", observou.



VI SEMINÁRIO DE EMPREENDEDORISMO IEL

Data: 13 de novembro

Público-alvo: estudantes, universitários, empresários

Local: Sede do Sistema FIRJAN

Inscrição: gratuita

CONECTA 2012

Data: 21 e 22 de novembro

Público-alvo: professores e profissionais de Educação

Local: Centro de Convenções SulAmérica

Inscrição: gratuita

Mais informações: www.firjan.org.br

0800 0231 231 | 4002 0231

ANEXO 16 - Decreto 27882/01 | Decreto nº 27.882 de 02 de Março de 2001

ALTERA A DENOMINAÇÃO DO PROGRAMA BAIXADA VIVA E OS ARTIGOS 2º, 3º E 4º DO DECRETO Nº 25.302, DE 21 DE MAIO DE 1999, COM A REDAÇÃO INTRODUZIDA PELO DECRETO Nº 26.289, DE 09 DE MAIO DE 2000.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, no uso de suas atribuições constitucionais e legais e tendo em vista o que consta do processo administrativo nº E-11/1164/00,

DECRETA:

Art. 1º - Fica alterada a denominação do Programa Baixada Viva - Urbanização de Bairros da Baixada Fluminense para PROGRAMA NOVA BAIXADA - URBANIZAÇÃO DE BAIRROS DA BAIXADA FLUMINENSE-PNB.

Art. 2º - Ficam alterados os arts. 2º, 3º e 4º do Decreto nº 25.302, de 21 de maio de 1999, com a redação introduzida pelo Decreto nº 26.289, de 09 de maio de 2000, que passam a ter a seguinte redação:

Art. 2º - A Comissão de Acompanhamento do PNB será constituída por representantes e respectivos suplentes dos seguintes órgãos e entidades:

I - Secretaria de Estado de Planejamento, Desenvolvimento Econômico e Turismo;

II - Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Cidadania;

III - Secretaria de Estado de Segurança Pública;

IV - Secretaria de Estado de Desenvolvimento da Baixada Fluminense;

V - Secretaria de Estado de Saneamento e Recursos Hídricos;

VI - Secretaria de Estado de Trabalho;

VII - Secretaria de Estado de Saúde;

VIII - Secretaria de Estado de Fazenda e Controle Geral;

IX - Fundação Departamento de Estradas de Rodagem do Estado do Rio de Janeiro - DER-RJ;

X - Fundação Centro de Informações e Dados do Estado do Rio de Janeiro - CIDE;

XI - Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente - FEEMA;

XII - Fundação Superintendência Estadual de Rios e Lagoas - SERLA;

XIII - Fundação Instituto Estadual de Florestas - IEF;

XIV - Companhia Estadual de Águas e Esgotos - CEDAE;

XV - Empresa de Obras Públicas do Estado do Rio de Janeiro - EMOP;

XVI - Assessoria de Execução - ADEG - do Programa de Despoluição da Baía de Guanabara - PDBG.

§ 1º - Poderão integrar, ainda, a Comissão de Acompanhamento, representantes e respectivos suplentes dos seguintes municípios e comunidades:

I - Município de São João de Meriti;

II - Município de Belford Roxo;

III - Município de Duque de Caxias;

IV - Município de Mesquita;

V - Município de Nova Iguaçu;

VI - Comunidades Beneficiadas.

§ 2º - Os representantes e respectivos suplentes serão indicados diretamente ao Secretário de Estado de Planejamento, Desenvolvimento Econômico e Turismo, que formalizará, em ato próprio, a composição da Comissão de Acompanhamento prevista neste artigo.

Art. 3º - Compete à Comissão de Acompanhamento do PNB:

I - fornecer informações para definição dos projetos e dos estudos necessários à negociação do Programa junto ao organismo internacional;

II - acompanhar o planejamento das diversas ações setoriais relativas ao Programa;

III - acompanhar, junto aos órgãos, entidades e Municípios, de acordo com as suas competências específicas, a aprovação dos respectivos Projetos do Programa;

IV - acompanhar a execução das obras e serviços dos diversos componentes do Programa, de acordo com seus cronogramas físico e financeiro.

Art. 4º - Para efeitos deste Decreto compete:

I - À Secretaria de Estado de Planejamento, Desenvolvimento Econômico e Turismo:

a) a responsabilidade, como unidade executora, pelo planejamento e controle da execução física e financeira do Programa, bem como a coordenação geral da Comissão de Acompanhamento;

b) a consolidação dos relatórios de Acompanhamento Técnico e Financeiro e remetê-los ao BID;

c) a licitação e contratação de empresas para o desenvolvimento de projetos básicos e executivos, com a assessoria técnica do DER, a fim de submetê-los à apreciação do BID e dos demais órgãos competentes e mantendo a Comissão informada a respeito;

d) as providências, junto aos Municípios, das desapropriações necessárias à implantação de Creches, Postos de Saúde, Postos de Apoio à Limpeza Urbana, Unidades de Armazenamento de Lixo Reciclável, praças e reassentamento de famílias, este último segundo as diretrizes do Plano de Reassentamento do Programa.

II - A Secretaria de Estado de Segurança Pública, através do Grupo Executivo do PROGRAMA DELEGACIA LEGAL, instituído pelo Decreto nº 25.599/99:

a) licitar e contratar as empresas para execução das obras de implantação das Delegacias Legais, das Delegacias Especiais de Atendimento à Mulher (DEAM's) e da Casa-Abrigo para mulheres vítimas de violência doméstica, execução dos serviços das respectivas montagens e manutenção, bem como aquisição de materiais e equipamentos necessários;

b) fiscalizar a execução das obras e serviços a que se refere a alínea a, atestando as medições e faturas emitidas e dando por aceita sua conclusão;

c) responsabilizar-se pela contratação e capacitação do pessoal necessário à operacionalização das Delegacias Legais, das Delegacias Especiais de Atendimento à Mulher (DEAM's) e da Casa-Abrigo para mulheres vítimas de violência doméstica;

d) encaminhar, à Secretaria de Estado de Planejamento, Desenvolvimento Econômico e Turismo, as medições e faturas emitidas, objetivando consolidar os Relatórios de Acompanhamento Técnico e Financeiro a serem encaminhados ao BID.

III - À Fundação Departamento de Estradas de Rodagem do Estado do Rio de Janeiro - DER-RJ: **a)** licitar e contratar as empresas para o desenvolvimento da Supervisão e execução das obras;

b) fiscalizar as obras, atestar as medições e faturas emitidas e dar por aceita a conclusão das obras; **c)** encaminhar, à Secretaria de Estado de Planejamento, Desenvolvimento Econômico e Turismo, as medições e faturas emitidas para que se consolidem os Relatórios de Acompanhamento Técnico e Financeiro que são remetidos ao BID;

d) providenciar os atos necessários às desapropriações, visando a implantação das obras de Infra-estrutura Complementar previstas no Contrato de Empréstimo com o BID: Centros Comunitários de Defesa da Cidadania,

Abrigo para Mulheres vítimas de Violência, Reservatórios de Água, Estações de Tratamento de Esgoto, dentre outros;

e) formalizar, junto aos órgãos competentes, a entrega das obras, para efeito de operação e manutenção.

IV - À Companhia Estadual de Águas e Esgotos - CEDAE:

a) aprovar os projetos básicos e executivos relativos às obras de abastecimento de água, esgotamento sanitário e as obras complementares aos dois sistemas;

b) acompanhar a execução das obras, bem como a integração e complementação dos sistemas executados com aqueles já existentes na área de influência do Programa.

V - À Fundação Superintendência Estadual de Rios e Lagoas - SERLA:

a) aprovar os projetos básicos e executivos relativos às obras de macrodrenagem;

b) acompanhar a execução das obras, assim como a integração e complementação do sistema executado com o sistema existente na área de influência do Programa.

VI - À Secretaria de Estado de saúde:

a) assessorar as Secretarias Municipais de Saúde na implantação do Programa Saúde da Família - PSF e do Programa de Agentes Comunitários de Saúde - PACS;

b) promover, junto aos Municípios, o processo de seleção, capacitação e supervisão das equipes do PSF e do PACS;

c) dar suporte técnico ao PNB nos procedimentos licitatórios destinados à aquisição de equipamentos para as Unidades Mistas de Saúde e Postos de Saúde;

d) garantir a distribuição de medicamentos e insumos necessários ao funcionamento dos Postos de Saúde.

VII - À Secretaria de Estado de Ação Social e Cidadania:

a) indicar os serviços a serem implantados nos Centros Comunitários de Defesa da Cidadania - CCDC's;

b) responsabilizar-se pela implantação dos serviços no CCDC's;

c) coordenar os CCDC's, a partir do 7º mês de sua implantação.

VIII - Aos Municípios, nos termos do Protocolo de Intenções, firmado em 07 de agosto de 1997, e dos Termos de Compromisso firmados em 28 de julho de 1999, compete promover as ações necessárias à implementação do Programa, através de seus três Componentes: Melhoramento de Bairros, Infra-estrutura Complementar e Desenvolvimento Institucional, à desapropriação de imóveis e ao custeio e manutenção dos projetos sociais (Creches, Postos de Saúde, Unidades Mistas de Saúde, Postos de Apoio à Limpeza Urbana e Unidades de Armazenamento de Lixo Reciclável).

Parágrafo Único - Compete aos demais órgãos e entidades integrantes da Comissão responder, sempre que necessário, às demandas do Programa no que diz respeito às suas competências e atribuições

Art. 3º - Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Rio de Janeiro,

Fonte: Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: < <http://gov-rj.jusbrasil.com.br/legislacao/226459/decreto-27882-01>>. Data do Acesso: 14/07/2013

ANEXO 17 – Entrevista realizada com o subsecretário de governo de Belford Roxo.

André: Vamos começar a entrevista para pesquisa de doutorado sobre a baixada fluminense com o subsecretário de governo de Belford Roxo, Marcelo.

Como a prefeitura de Belford Roxo vem atuando no contexto da baixada fluminense? De que forma ela vem se articulando politicamente, economicamente? Enfim

Subsecretário: Primeiramente já existem algumas instituições próprias como o CISBAF (consórcio intermunicipal de saúde da baixada fluminense), além disso a associação de prefeitos que foi agora recentemente refeita, a direção. Inclusive um representante daqui da baixada fluminense que é o Max lemos, que é o prefeito de Queimados e também o nosso prefeito foi eleito na semana passada como diretor de indústria e comercio. Então acho que esse aspecto da questão indústria e comercio é interessante por conta do arco metropolitano que é uma grande obra que passa por vários municípios da baixada fluminense, e a nossa cidade já também pensando nessa questão de logística, pretende implantar um polo industrial bem próximo da região que passa o arco metropolitana, 2km da nossa cidade. Acho que isso para o prefeito vai ser interessante fazer parte dessa comissão, pois o desenvolvimento comercial da nossa cidade e industrial que possibilitará a fomentar as questões das novas oportunidades de emprego, de arrecadação do município que é muito deficitária nessa parte.

André: Me explica uma coisa, essa diretoria de indústria e comercia faz parte, é uma subárea da associação de prefeitos?

Subsecretário: Isso, a associação de prefeito tem várias divisões e foca cada perfil que os prefeitos se identificam e aí desenvolvem com propostas coletivas através de consórcios e outras questões. Eu esqueci de cita que o nosso município já faz parte do consórcio de resíduos sólidos da baixada fluminense, que são as produções de RCC (Resíduos de construção civil) que acabam indo para as ruas e causando o entupimento de vias de aguas fluvias, indo pro rios etc. Então foi feita uma proposta pelo INEA, no qual fazem parte vários municípios e Belford Roxo é uma município que tá fazendo parte como associado. Que vai ser implantado agora nesse ano várias estações de tratamento desse resíduo que vai ser reaproveitado na construção civil.

André: Interessante, deixa eu fazer uma pergunta, ainda falando sobre a associação de prefeitos, Vocês sabe quais são subáreas que compõe?

Subsecretário: Especificamente eu não participei da reunião, mas acredito que são várias áreas temáticas e são escolhidas aleatoriamente. É uma informação que eu não sei se tem no site da associação, talvez tenha. O prefeito focou muito nessa questão da indústria e comercio, pois é uma necessidade da baixada como uma todo especificamente com Belford roxo e a vinculação com arco metropolitano. Que é vital importância para as vias de locomoção de carga.

André: Nesse sentido do arco você acredita que haverá uma nova cara para baixada fluminense?

Subsecretário: Sem sombra de dúvida. Nós de certa forma não fomos prejudicados, mas o arco não passa em nossa cidade, o limite da nossa cidade até o arco é em média 2km. Mas estamos dialogando com a secretaria de obras do Estado para fazer um acesso até o arco, para desenvolver uma ponta do nosso município. E é onde queremos implantar o parque industrial, pois aqui próximo do centro da Bayer está devassado. E está área que queremos implementar, não tem muitas residências e ficaria próximo de arco, principalmente para empresas de logística, ou desenvolvimento de outras tecnologias essa área seria muito propícia. E também nessa região se encontra um aterro sanitário, autorizado pelo INEA, é interessante esse fomento do destino final dos resíduos sólidos que hoje ainda é um grande problema.

André: Você sabe dizer se existe algo estatuto na associação de prefeitos, ou ele é só uma articulação política?

Subsecretário: O que acontece, a associação de prefeitos da baixada sempre foi muito forte, hoje o atual vice-governador foi presidente durante um longo tempo, porém houve posteriormente uma desarticulação. A proposta agora é rearticular as redes, que são os prefeitos, observar as demandas e dialogar com o Estado de forma positiva. Pois existe a demanda de muitos recursos que as cidades não conseguem com a arrecadação própria. E assim discutir com os prefeitos as realidades de cada município. O interessante é o fortalecimento dos consórcios, o CISBAF precisa ser fortalecido, por que a gente tem a questão da saúde, o SAMU que é regulado pelo CISBAF e o atendimento na posse no hospital de Saracuruna. Acompanhando as necessidades de cada município.

André: Só para acompanhar, hoje o representante do CISBAF é o secretário de saúde?

Subsecretário: Sim, geralmente é o secretário de saúde ou o prefeito. É aconselhável que seja o secretário de saúde pois esse conhece mais a área. O piso salarial dos médicos foi discutido no CISBAF, Baixada Fluminense paga um salário muito baixo e a capital por ter mais recursos aumentou o salário dos médicos, gerando uma dificuldade para os municípios menores. Ou seja os médicos não querem vir trabalhar na baixada. Os municípios da região estão se adequando a essa questão, combinando quantos pagaram de salários.

André: Quais são os benefícios que essas articulações e consórcios produziram para Belford roxo e para a baixada como um todo? Em obras, reformas de hospitais.

Subsecretário: O grande benefício que foi trazido por esse tipo de consórcio para Belford roxo particularmente e eu digo até para baixada fluminense foi o projeto Iguazu, que é uma obra do governo federal em parceria com o governo estadual, que foi executado pelo INEA e supervisionado por todas as prefeituras que correspondem as três rios, os maiores rios que passam pela baixada fluminense, que são os rios: Sarapuí, botas e Iguazu. Não se limitando somente a Nova Iguazu, mas acompanhado o rio Iguazu que também cortar Belford roxo e Caxias até chegar na Baía de Guanabara. Ainda está em execução, pois só feita a primeira parte na ordem de R\$ 240 milhões e desse projeto nasceu um outro grande projeto que ainda está em fase de elaboração. Tivemos um audiência pública a pouco tempo em nossa cidade, que é a transbaixada que vai ser para nossa cidade de fundamental importância porque vai desafogar as nossas vias internas, principalmente a Joaquim da Costa Lima que corta o município e liga a Avenida presidente Kennedy e em consequência a rodovia Washington Luiz a Dutra por dentro do município cortando aí uns 13 km. E nós faremos esse trajeto quando o projeto estiver pronto. Desafogando o transito na Dutra e na Washington Luiz e nas vias internas da baixada fluminense. Para nós ela vai ser de fundamental importância também no desenvolvimento social e também econômico.

André: De quem surge a proposta transbaixada do Estado ou foi uma demanda dos municípios para o Estado?

Subsecretário: Todo esse projeto tanto o projeto Iguazu quanto o transbaixada nasce pela sociedade civil dos grandes movimentos como reconstrução rio, renova baixada e tudo isso só executado a partir do governos lula que consegue viabilizar recurso: PAC. A partir da limpeza do rio e foi vista a possibilidade da construção da rodovia se conquistou. É um conjunto de ações, é uma necessidade. Mas a principal necessidade veio com a retirada dos ribeirinhos que foi o motivador dessas obras, pois estes viviam de forma degradada e assim construir vias no lugar para que as pessoas não voltassem a morar lá. Ou seja, não só limpar mas remover construções irregulares nos leitos do rio. Que acaba transformando o rio em um depósito, foram tirados mais

de 5 mil pneus. O mais importante foi a parceria entre governo federal e estadual e hoje nós do governo municipal queremos continuar a trazer recursos de grandes obras para a nossa cidade.

André: Você falou aí desses 2 grandes benefícios. Falando do consórcio CISBAF o que você tem a dizer? O que ele trouxe de benefício que você se lembra?

Subsecretário: Pode-se dizer benefício e falta de ajuste que é constante. A rede SAMU veio através do CISBAF, toda regulação de pacientes é feita também pelo CISBAF. O paciente está aqui no nosso hospital e as vezes o nosso hospital não tem aquela especialidade, por exemplo ortopedia é um grande problema não só em Belford Roxo e mas em toda baixada. Aí a pessoa que está passando por uma situação dessa e através da central de regulação que é administrada pelo CISBAF você consegue uma vaga no hospital de Saracuruna, no Getúlio Vargas. Isso é um ganho antes a pessoa do hospital que ficava ligando de hospital para hospital para ver se havia vaga. Lógico que todo sistema precisa ser aprimorado. A rede SAMU da mesma forma, a ambulância não pode sair sem autorização, a central de regulação avalia qual dos chamados é o mais prioritário. O principal desafio que a associação de prefeitos e o CISBAF vão ter é o diálogo com o governo federal e estadual as necessidade de implantação de novos hospitais na região, desafia para os novos prefeitos que assumirem e a secretaria de saúde de cada município é dialogar com o Estado e com a união como ter mais recurso para implantar aqui novas unidades de saúde. Vide o exemplo do hospital de Queimados que está em obra, em fase de conclusão, o hospital da posse que precisa ser melhorado o atendimento, o prefeito de Nova Iguaçu tem tomado algumas atitudes, mas precisa do apoio da associação de prefeitos e do CISBAF . O hospital Saracuruna atende bem essa região aqui mas precisa de mais unidades. Em Caxias tá sendo construído pelo governo do Estado com apoio federal um hospital de trauma, ali na altura da Washington Luiz, pois a muitos acidentes nessas rodovias e uma hospital especializado em ortopedia seria bom, até mesmo para desafogar HTO. Esse é a possibilidade do CISBAF ajudar nessa questão juntamente com a associação de prefeitos.

André: Para concluir então, eu acho que a fala foi muito interessante. A pergunta que a gente sempre faz é, a Baixada Fluminense sempre teve uma representação de pobreza e violência etc e tal. A pergunta é de que forma a prefeitura por exemplo tenta olhar para a baixada? ainda é a continuação dessa forma de representação ou de fato já perspectivas de melhoras dessa imagem da Baixada Fluminense?

Subsecretário: É de arrepiar, eu sou crescido e criado aqui e a autoestima do povo e a principal força que a gente tem que resgatar, e o prefeito tá nesse entusiasmo. Ele me disse certa vez que gostaria de ensinar moral e cívica para resgatar alguns valores. Olhar para nossas crianças e elas terem o prazer de morar em Belford roxo, de serem da baixada fluminense, infelizmente nossa realidade não é essa. A gente vê no dia a dia nas manchetes de jornal só vê notícias ruins, nos de Belford Roxo tínhamos um estigma ruim, que hoje já mudou. Mas nos traz preocupação toda essa movimentação das UPPs no Rio. A questão da violência em Belford Roxo já foi considerada anos atrás a cidade mais violenta do mundo, e agora a gente existe um êxito da do foco das UPPs na capital mas estamos tendo problemas aqui, coisas que a gente não via, estamos vendo ou ouvindo que está acontecendo na nossa cidade. Já estamos dialogando com o Estado sobre essa questão, o mais importante é resgatar o valor humano, o cidadão. Podemos ser pobres sim mais temos orgulho de sermos cidadãos, de lutar e conquistar nossos direitos. Se a gente conseguir fornecer oportunidade de 500 mil pessoas exercerem sua cidadania já teríamos um bom governo, estamos buscando construir isso. Sabemos da dificuldade, principalmente a nível de recurso e aplicação dos recursos que a gente tem e se aplicarmos bem teremos retornos significativos. É essa visão que particularmente eu tenho e acredito que o prefeito compartilhe, eu aprendi muita coisa com

ele. Uma ordem que ele deu aqui foi não desconsiderar ninguém desde um faxineiro ao governador, a dignidade do atendimento ao cidadão.

André: Eu vou improvisar uma pergunta, acho que vai ser interessante para a pesquisa. Pensar como você chegou a ser subsecretário de governo. Você morou em Belford Roxo? Qual foi a tua trajetória? Você estudou o que?

Subsecretário: Eu sou nascido e criado em Belford Roxo, apesar de não ter maternidade em Belford Roxo. Eu nasci em São João de Meriti que na época era distrito de Nova Iguaçu. Escola pública até o segundo grau, eu estudei no Monteiro Lobato, havia na época poucas chances de disputar uma vaga em universidades federais. Comecei a trabalhar com 17 anos para ajudar em casa, a família. Só conseguir fazer a faculdade 5 ou 6 anos depois aí na já foi faculdade particular. Trabalhava de boy durante o dia e pagava a ABEU a noite, fiz contabilidade mas eu sempre fui de militância política, porque vim da Igreja católica, dos movimentos sociais da Igreja Católica. Sou filiado ao Partido dos Trabalhadores desde 1997, 19 anos e despertei nesse grupo. Algumas pessoas me indicaram para ser candidato, fui candidato em 2004 em 2008 quase ganhei para ser vereador faltou 42 votos, fiquei na primeira suplência. Em 2009 assumi a câmara de vereadores na condição de suplente, uma substituição a pessoa virou secretário E aqui eu sou subsecretário porque gostei da proposta, não é pelo dinheiro. Eu sou empresário, tenho uma empresa de material hospitalar. Eu não vendo aqui no posto, não vendo em Belford Roxo só vendo em órgãos federais. Eu topei o desafio de fazer uma proposta diferente, um governo diferente, levar uma visão diferente para cidade. Até ao momento eu tenho conseguido isso, o governo tem se mostrado dessa forma e eu acho é dessa forma que tem que ser feita a política, as pessoas que são eleitas tem que trabalhar para o povo e não para o bolso. Infelizmente o governo anterior teve essas divergências, a gente sabe que o Brasil tem algumas peculiaridades, mas eu espero que esse governo possa mostrar para o que veio e fazer diferente e mostrar para a cidade que é possível ser morador de Belford Roxo, ser político sem ser ladrão. É uma peste, se você é político você é ladrão, tem pessoas diferenciadas, tem pessoas que podem fazer um trabalho descente, mostra qualidade e atender bem a população. E essa é a proposta que me encantou no Denis, não a pessoa mas aquilo que ele fala, que ele tenta fazer a visão que ele tem para o governo. Mostrar que é possível governar uma cidade como a nossa com tantos problemas sem fazer determinadas coisas que eram feitas pelos governos anteriores.

André: Entendi, Marcelo realmente muito obrigado, gostaria de agradecer desde já as entrevistas até porque as respostas foram muito interessantes a respeito da Baixada fluminense. Enfim, acho que encerramos aqui as entrevistas e a gente vai para segunda etapa depois na escrita eu te passo para te dar ciência para ver se você aceita ou não a publicação. É isso, obrigado.

ANEXO 18 – Entrevista com Rosangela Bello – Secretária executiva do CISBAF – Consórcio Intermunicipal de Saúde da Baixada Fluminense.

André: O CISBAF está relacionada a Associação de Prefeitos? Como essa Associação funciona?

Rosangela Bello: Quando nós começamos, na verdade, a decisão dos grandes projeto, conseguir captar recurso de emenda, ela é feita pelos prefeitos. Nos, nós já funcionamos antes, muito, muito ligados a Associação, né! Quando você reúne o conselho de municípios [*Saúde*] você está reunindo o conjunto de prefeitos. O que acontece é que a Associação foi muito esvaziada, nos últimos seis anos ele ficou totalmente esvaziada, né!

Esse ano ele [*prefeitos*] tem como decisão reativar. A Associação nem tem sede, ela teve essa sede quando, em 2000, quando eu comecei a participar, era em São João, depois a sede dela foi aqui na Dutra, aonde funcionava a secretaria de governo do Estado, aqui onde é agora essa concessionária da Ford, ali funcionou. E...é a associação ficou esvaziada, né[...]Os prefeitos nos últimos dois mandatos eles não tiveram uma forte presença regional, né! Eles encaminhavam mais individualmente seus pleitos. Esse ano, eles deliberaram. O prefeito Max agora é o presidente da Associação Estadual de Prefeitos – APREMERJ e eles vão fazer uma nova eleição para associação de Prefeitos da Baixada.

André: Atualmente não existe então...

Rosangela Bello: atualmente ela não está reativada.

André: Iniciaram com quem lá? Antonio de Carvalho, Jorge Gama? Existe uma espécie de vazio histórico, sobre de fato a essência desta Associação.

Rosangela Bello: A Associação foi presidida pelo prefeito Antônio, depois do prefeito Antônio ela passou para o prefeito de Mesquita, é..E depois ela ficou com Washington Reis. É...depois eu não tenho certeza se o Zito foi presidente. Acho...Teve uma época que o Lindberg

André: Lindberg...

Rosangela: Lindberg foi presidente da Associação de Prefeitos. Depois ela veio se esvaziando. Eu não sei dizer depois que foi, na realidade o CISBAF que passou a ser o espaço que juntava os prefeitos. Só que a demandas dos prefeitos era muito maior que só a questão da saúde, né! Os prefeitos tem muito mais coisas em comum pra tratar, né!

Acho que hoje eles identificam que a Associação faz muita falta, eu acho que seria interessante você conversar com isso, acho que aí o prefeito Bournier vai poder te falar melhor sobre esta movimentação que eles tem com a Associação de prefeitos. O prefeito Sandro Mattos, também é um prefeito que tem muito interesse na reativação da Associação. Acho que, talvez, ele possa conversar com você sobre isso, né!?... Mas ela, ela, foi esvaziada, nos últimos dois mandatos eu não via nenhum movimento de reativação, ela ficou sem sede, e aí por ficar sem sede ficou sem um espaço específico.

O estado [governo estadual] ele era muito importante nisso, porque ele tinha um braço da secretaria de governo aqui na Baixada. Ali os prefeitos se reuniam. E como, foi também, foi desativado então eu acho que não teve mais continuidade. Aí eu Não saberia te dizer – deveria conversar mesmo com o prefeito Bournier ou com o prefeito Sandro, talvez eles te informem melhor sobre isto.

André: Entendi, um dúvida que eu tenho, pra concluir a conversa, A respeito da institucionalidade, por exemplo a CISBAF diante de sua fala existe uma institucionalidade, com papel, regimento, forma de organicidade, hierarquias, pleitos. É... Sobre a Associação de Prefeitos da Baixada, por “alto”, você acredita que existiu essa institucionalização ou apenas uma relação de aproximação, na qual a CISBAF faz hoje esse *link* mais forte?

Rosangela Bello: Eu acho exatamente isto! Por exemplo do CONIMA –proposta para o Meio ambiente acabou. Por exatamente isto! Né?! O fato do CISBAF, é..continuar existindo foi exatamente porque a gente teve, acho que...não só o cuidado, mas também por observar que nacionalmente os consórcios têm essa..., tiveram, esse cuidado de ter uma lei na câmara aprovada, por ter uma relação com os conselhos municipais de saúde, estar sempre discutindo, né!. De estar oficializando.

O Consórcio é uma personalidade jurídica reconhecida pelo Ministério da Saúde...O ministro..., ele vai dizer que o consórcio da Baixada, é o maior em termos de extensão territorial do Brasil, tá certo! Que já fez.. Pra gente construir o Hospital de Queimados, a gente fez um convênio de 13 milhões, prestou contas ao ministério da Saúde, e recebeu OK da prestações de contas. Então, pra que você tenha essa vida administrativa, você têm que ter um setor jurídico, um controle interno, você tem que ter um CNPJ. Tá certo!? Eu Acho que realmente....E depois como agente se tornou um Consórcio...Nós somos uma autarquia. Hoje tem uma responsabilidade Civil, que conta aí. Então ach que essa é uma razão, faz com que, é...agente se mantenha.

Eu acho assim, tem duas questões: tem a questão política e a questão administrativa. Acho que a gente cumpriu com a questão administrativa, por mais que a gente tenha tido bastante dificuldade nos dois últimos mandatos, com os prefeitos muito mais voltados para resolver individualmente, seus problemas, coisas que a gente sabe que não se resolve. O decreto 7508 da presidente que foi editado em junho de 2011, ele regulamenta a Lei do SUS, e ele diz o seguinte: ele reconhece a existência de 5500 municípios no Brasil, mas diz que o Ministério trabalhará com as 500 regiões. Exatamente por esta razão, de que é impossível que um município sozinho dê conta de todas as ações de saúde. Ele precisa fazer parceria! Ele tem que pactuar! Essa é uma característica do modelo de saúde no Brasil, isso não existe em nenhum outro país.

Aqui você tem que estar articulado com estados, municípios e união tem que estar juntos. Isto força que você faça essa parceria e institucionalize esta parceria. Têm espaço de captação, têm deliberações, sai publicado em diário oficial. Então é assim, você tem a questão administrativa e tem a questão política.

Eu acho que pra associação de prefeitos da Baixada voltar a funcionar têm que ter o desejo político de todos de serem unidos, né?! ...E posso te afirmar que não são as questões partidárias que afastam os prefeitos daqui. Eles [os prefeitos] mesmo tendo diferentes partidos, eu sempre vivi isso, na questão da saúde eles sempre se uniram. A gente foi mais de uma vez com todos os prefeitos à Brasília.(...) Num tem(...) tem um ano e pouco, pra conversar com o Ministro Padilha, todos os prefeitos da Baixada e o prefeito de Paracambi, Tarcísio, pra pedir três questões: pedir que o hospital de Queimados fosse concluído; pedir para melhorar o custeio da Posse e do Moacir do Carmo; e pedir para melhorar o custeio das UPA's. Então, tinha alguns pleitos ali que não atingiam a todos diretamente, né? Não tinha nada diretamente pro prefeito de Japeri, mas ele estava lá. Por que ele sabia que o Hospital da Posse funcionando beneficia o seu município. Então, eu acho que essa é uma coisa muito interessante. Essa dinâmica né, político institucional o que "é não ter o entrave partidário afastando. Você sabe que nessas macro-políticas, essa coisa não pode ser mais forte.

André – Deixa eu fazer uma pergunta. Eu acho que é um pouco do meu anseio, enquanto pesquisador. Até que ponto o papel do técnico? Me parece pela própria formação da senhora, do papel das pessoas que estão envolvidas - técnico e acadêmico – nesta empreitada de consórcios e lutas regionais, elas tem o papel importante nesta consolidação. Você acredita que no caso do CISBAF tem ganhado importância por conta dos papeis dos “técnicos”?

Rosangela Bello – Eu acho que é muito importante. Eu estou aqui, eu que estou aqui nesses 12 anos, 13 anos...Já podia ter sido substituída! Na verdade todo ano eu chego(...)moro no Rio de Janeiro, sou cedida pela prefeitura do Rio, né!. Mas eu acho que, assim que os Secretários, todos, eles têm tidos muito ganhos quando ele está de frente para o seu problema. Uma coisa é fazer o discurso, outra coisa é você sentar na cadeira o Secretário, ter um orçamento finito e ter a população aí em volta! Você sabe que tem x gestantes pra atender a cada mês, que lá têm x bebês(...) você sabe o medicamento que têm que comprar e o dinheiro é finito. Então, você tem que fazer projeto. Você precisa...os Secretários se ajudam muito: “olha acabou minha dipirona, tô licitando, você pode me ajudar” – então, essa solidariedade, ela existe os prefeitos se apoiam muito nos seus secretários para resolver.

Uma coisa muito interessante, eu acho que o vigor, também, dessa proposta vem da demanda da população. Nesta última eleição, por questão todos os prefeitos vieram com gastos fortes na área da saúde. Tiveram que discutir a questão (....) Quem perdeu, perdeu muitas vezes, porque...não sei se foi muito leniente, foi porque não conseguiu apresentar pra população um trabalho na área da saúde condizente. Então os Prefeitos saíram dessa eleição assim, muito focados, sabendo o seguinte se eu não fizer o dever de casa, eu vou ter problema daqui a quatro anos. E é uma política que não pode faltar...

Estava, falando do déficit. Nós temos um déficit de seis mil leitos (...) O estado está gora com a expansão de camas em cinco grandes hospitais, pelo menos, o estado tá vindo, né, agora está em Queimados e tal. Então os prefeitos se juntam com os secretários de saúde, até queriam construir um hospital, mas nós temos uma demanda forte pra ser montada.

Na sexta feira nos inauguramos o sistema de emergência da Posse. Pra ela funcionar é preciso que os municípios, segurem, tratem preventivamente os seus hipertensos para que eles não cheguem em crise lá, para que essas unidades novas só atinjam as complicações graves. Agira agente está num projeto grande. No dia 2 temos uma reunião com todos os prefeitos e secretários para tratar das questões de saúde da família. Esse é o principal dever de casa.

André: Quando será?

Rosangela Bello: 2 de abril, semana que vem.

Então, precisamos segurar essa demanda, pra que esse paciente... e a saúde da família, têm uma grande particularidade. A profissional, que precisa ser bem formado, precisa ser melhor remunerado, o posto pra funcionar o dia todo. A ideia dos prefeitos criar clinicas da família, que o rio de janeiro montou. Então a gente está numa discussão forte sobre isto, né?! E é muito interessante você ver os prefeitos discutindo, essa questão, né!

Então é claro que os técnicos têm um papel muito importante, muito importante, inclusive os secretários de saúde, são vitais aqui nessa engenharia, nessa capilaridade que o Consócio precisa ter. Não dá pra enfrentar sozinho, “a vamos resolver minha vida”, Não resolve, não resolve!

André: Eu acredito que a fala da senhora tenha esclarecido demais as nossas perguntas Agradeço as respostas prestadas

ANEXO 19 – Carta de Lindberg Farias à uma Moradora de Nova Iguaçu, durante sua campanha para o Senado em 2010.

0190001 / 21 100001-1/02
IVANISE LIMA
 R OLIVIA SANTOS PEIXOTO, nº 176
 RIACHAO



Nova Iguaçu, agosto de 2010.

Prezados IVANISE, MARCOS, MARCOS, MARIANE, MATHEUS, MICHAEL,

Espero que esta minha carta encontre a família de vocês bem, com muita saúde. Sempre serei grato a Nova Iguaçu pela forma como fui recebido pelo povo, pela oportunidade que vocês me deram para fazer e mostrar o meu trabalho. E a melhor forma que tenho para agradecer é trabalhar ainda mais por essa cidade.

Em 6 anos na prefeitura, lutei muito para que cada família daqui tivesse melhores condições de vida. Fiz muitas obras, a cidade melhorou bastante, mas sei que ainda tem muita coisa pra fazer.

Por isso, sou candidato a Senador nestas eleições. Fiz muito como prefeito, mas estou convencido de que como Senador vou fazer muito mais. O Senador é que tem força para conseguir verbas em Brasília para obras e investimentos.

Podem estar certos, **IVANISE, MARCOS, MARCOS, MARIANE, MATHEUS, MICHAEL,** de que vou buscar os recursos que Nova Iguaçu precisa e merece.

Mas estou escrevendo a vocês também porque soube que a IVANISE tem uma avaliação negativa de meu trabalho na Prefeitura. Eu respeito a crítica dela, mas gostaria de lembrar que Nova Iguaçu é uma cidade grande, com muitos problemas, e que não tinha nenhuma capacidade de investimento quando entrei na prefeitura. Levei um bom tempo para sanear as contas do município. Só assim consegui recursos para as obras. Não deu pra fazer tudo, mas fizemos muita coisa.

Sei que tem gente dizendo que eu não fiz as obras. Se você quiser ter certeza que fiz, pergunte aos moradores ou ir aos bairros de Cabuçu, Nova Brasília, Miguel Couto, Cacua-Austin, Bela Vista, Caiçara, Cerâmica, Jacutinga, Jardim Roma, Marapicu e muitos outros, mais de 80 bairros. Foram 400 km de saneamento e 1.388 ruas asfaltadas. Na Educação, também avançamos muito. Trouxemos a Universidade Federal, criamos os cursos pré-vestibular e aumentamos a remuneração dos professores. Hoje, o piso salarial dos professores de Nova Iguaçu é o maior do Estado.

Meu futuro político depende de Nova Iguaçu. Como senador, vou ter que trazer muitos recursos para cá. Preciso que Nova Iguaçu se transforme em um exemplo para o estado do Rio de Janeiro.

Nunca houve um Senador de Nova Iguaçu, ou da Baixada Fluminense. Chegou a hora. Quero ser a sua voz, quero ser a voz de sua família no Senado.

Por isso peço a sua ajuda e peço o seu voto. Gostaria que vocês levassem essa mensagem a todos os amigos e parentes. Digam a eles que Nova Iguaçu vai ganhar muito com a minha eleição para Senador. **Abraços para todos!!**


Lindberg/Farias

P.S.: Minha esposa Maria Antônia manda um beijo para a IVANISE.



www.lindbergnarede.com.br





Quero ser a sua voz.

ANEXO 20 – Evolução do IDHM dos Municípios da Baixada Fluminense de 1991- 2010.

Município	Ranking IDHM 1991	Ranking IDHM 2000	Ranking IDHM 2010
Nova Iguaçu (RJ)	751	1623	1514
Paracambi (RJ)	1133	1275	1301
Seropédica (RJ)	1287	1844	1514
Belford Roxo (RJ)	1302	2160	2332
Nilópolis (RJ)	134	549	488
Duque de Caxias (RJ)	697	1545	1574
São João de Meriti (RJ)	590	1173	1331
Magé (RJ)	1513	2085	1638
Guapimirim (RJ)	2402	2111	1969
Queimados (RJ)	1636	2497	2439
Japeri (RJ)	2151	2825	2924
Mesquita (RJ)	293	908	850
Itaguaí (RJ)	1059	1774	1454

Organizado pelo autor. Fonte: PNUD 2013. Disponível em:

<http://www.pnud.org.br/IDH/Atlas2013.aspx?indiceAccordion=1&li=li Atlas2013>